ALMANACH
DO "O TICO-TICO"
1922
PREÇO 4$000
PELO CORREIO 4$500

Artigos para homens

Artigos para rapazes e meninos

Artigos para Sport

Artigos para escoteiros

Uniformes e enxovaes completos para collegiaes

VILLA DE PARIS

RUAS:

OURIVES, 35

BUENOS AIRES, 76-78

A casa que melhor serve e mais barato vende

MAYER, SANTOS & C.

Representantes dos afamados productos:

Dyfoam

TINGE

Corpos de vestidos, blusas, cortinas, meias, espartilhos, vestidos de bébé, camisolas, roupas interiores, golas, saiotes e todas as sêdas, setins, lãs, flanellas, musselinas, algodões, linho, artigos mesclados, etc.

Attenção:

"DYFOAM"—Póde ser usado como sabão ordinario e tingirá
"DYFOAM"—os seus vestidos na côr que desejarem dentro de
"DYFOAM"—poucos minutos. Ajudal-as-hão a irmanar qual-
"DYFOAM"—quer dos seus vestidos em 14 côres lindas e fir-
"DYFOAM"—mes das quaes pódem produzir 50 côres differen-
"DYFOAM"—tes, combinando umas com as outras. E' mani-
"DYFOAM"—pulado nas seguintes côres:

Preto, azul escuro, encarnado, azul ferrete, rosa, azul claro, verde claro, vermelho, castanho, amarello, cinzento, verde escuro, alfazema, côr de carne.

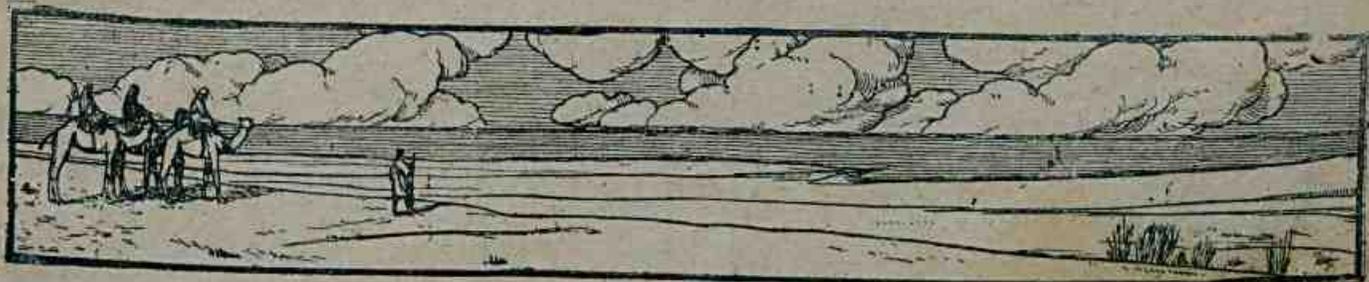
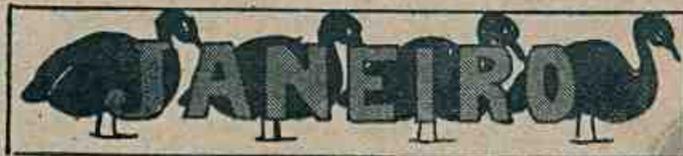
Deposito Geral: Rua S. Jorge, 7--Caixa Postal 869--Rio de Janeiro--Brasil

ANUNCIO DE VADIA
CONDENSED MILK
MILKMAID BRAND
Only Medal
Paris 1867
Seule Medaille
Paris 1867
Prepared for Export
TRADE MARK
(Registered)
ANGLO-SWISS CONDENSED MILK Co
CHAM, Switzerland; and LONDON.

O

Almanach d'O Tico-Tico

SAUDA OS SEUS AMAVEIS LEITORES, AUGURANDO-LHES AS MELHORES "BOAS FESTAS" E FELICIDADES NO DECORRER DO "ANNO NOVO", QUE DEVE SER APROVEITADO NO ESTUDO E NO TRABALHO PARA O APERFEIÇOAMENTO DE CADA UM E — — — — ENGRANDECIMENTO DO BRASIL. — — — —

ALBUM
CINEMATOGRAPHICO
DO
"Para-todos"
J.C
A mais luxuosa publicação no genero.
A sahir em Dezembro.
Preço 5$000-Pelo correio 5$500.

SANTOS REIS

S. ANTÃO, abbade

Devoção do mez: A SANTA INFANCIA DE JESUS DE JESUS CHRISTO

Primeiro mez — 31 dias — *Signo: AQUARIO*

1—DOMINGO — *Fraternidade Universal (Feriado)* — *Circumcisão do Senhor. (Dia Santo)*
2—Segunda-feira — São Isidro
3—Terça-feira — S. Antero
4—Quarta-feira — S. Gregorio
5—Quinta-feira — S. Simeão
6—Sexta-feira — *Santos Reis* — (Epiphania). S. Frederico. (*Dia Santo*)
7—Sabbado — S. Theodoro
8—DOMINGO — S. Luciano
9—Segunda-feira — S. Julião
10—Terça-feira — S. Guilherme
11—Quarta-feira — Santa Hortencia
12—Quinta-feira — S. Satyro
13—Sexta-feira — S. Hilario
14—Sabbado — S. Felix de Nola
15—DOMINGO — Santo Amaro
16—Segunda-feira — S. Marcello, papa
17—Terça-feira — S. Antão, abbade
18—Quarta-feira — Santa Prisca
19—Quinta-feira — S. Sulpicio
20—Sexta-feira — S. Sebastião — *Fundação da cidade do Rio de Janeiro — Feriado Municipal*
21—Sabbado — S. Ignez
22—DOMINGO — S. Vicente
23—Segunda-feira — Desp. de N. Senhora. S. Raymundo de Pennafort
24—Terça-feira — N. S. da Paz
25—Quarta-feira — Conversão de S. Paulo
26—Quinta-feira — S. Polycarpo
27—Sexta-feira — S. João Chrisostomo
28—Sabbado — S. Cyrillo
29—DOMINGO — S. Francisco de Salles. Oração de N. Senhora
30—Segunda-feira — Santa Martina
31—Terça-feira — S. Pedro Nolasco

HISTORIA DE UM PARDAL

(Do Conde Leão Tolstoi)

Em nossa casa, atraz das venezianas, um pardal fez seu ninho, e poz cinco ovos. Nós olhavamos, minha mãe e eu o pardal trazer o *duret* e a palha necessaria para a construcção do ninho. Nós nos alegramos muito quando vimos que tinha ovos.

O pardal não trazia mais nem pennas nem palhas, mas deitava-se sobre os ovos.

Um outro passaro, que nos disseram ser o marido, trazia á sua mulher insectos para a sustentar.

Alguns dias depois, ouvimos piar, e olhamos o que se passava no ninho.

Havia cinco passarinhos, todos despidos, sem azas, sem pennas; o seu biquinho estava molle, e a cabeça era muito grande.

Nós os achamos muito feios e não nos alegrava vel-os mais; no emtanto prestavamos sempre attenção ao que elles faziam.

A mãezinha ia sempre buscar sustento para elles, e quando voltava, os pardaeszinhos davam gritinhos, e abriam o bico, então a mãe distribuia-lhes pedaços de insectos.

Oito dias depois, os passarinhos, mais crescidos cobriam-se de plumas e embellezavam rapidamente o que fazia com que os olhassemos mais vezes.

Uma manhã, perto da janella, achamos o velho pardal morto, debaixo da veneziana; imaginamos que tivesse alli pousado, e que ao fecharem a veneziana o tivessem esmagado.

Jogamos o velho pardal sobre a gramma; os pequeninos gritavam e picavam abrindo muito os bicos, mas já não havia ninguem para lhes dar de comer.

Nossa irmã mais velha disse:

— Ahi está, agora já não têm quem lhes dê de comer, tomemos conta delles.

E tomamos, alegres, uma caixinha que enchemos de algodão para collocar o ninho e os cinco passarinhos que levamos para o quarto. Foi preciso procurar insectos e molhar pão em leite para sustentar nossos pequeninos famintos.

Comiam bem, sacudindo as cabecinhas pequenas e limpando os biquinhos nas beiras da caixa; eram tão alegres!

Comiam assim todo o dia e ficavamos satisfeitas vendo-os.

No dia seguinte indo olhar a caixa achamos o menorzinho morto, as patas emmaranhadas no algodão.

Retiramos logo o algodão para evitar este perigo aos outros e o substituimos por musgo. Mas á noite dois outros pardaes abriram o bico e morreram tambem.

Dois dias depois o quarto morreu; não nos restava senão um.

Asseguramos-nos que lhes tinhamos dado de comer demais.

Minha irmã chorava, e encarregou-se de crear sozinha o ultimo.

E nós, só tinhamos a permissão de olhal-o.

O ultimo pardal estava esperto, e alegre, vivinho, mesmo; demos-lhe o nome de *Jivetchik*, que quer dizer vivente.

Vivia tanto que já começava a voar, e a dar pelo nome.

Quando minha irmã o chamava: *Jivetchik! Jivetchik!* Vinha e pousava no seu hombro, na cabeça ou na mão, e ella dava-lhe de comer.

Emfim fez-se forte e poude comer sozinho; vivia no nosso quarto e ás vezes sahia pela janella, mas sempre voltava para a sua caixa, á noite, para dormir.

Uma manhã ficou na caixa; suas pennas molharam-se e eriçaram-se, como as dos irmãos quando estavam para morrer.

Minha irmã não deixava mais *Jivetchik* e cuidava delle, mas o passaro não comia nem bebia mais.

Esteve assim doente tres dias e ao quarto morreu.

Quando o vimos morto, de costas, suas patinhas encolhidas, choramos tanto que a nossa mãe veiu ver qual a causa da nossa dor.

Vendo o passaro morto, comprehendeu a nossa tristeza.

Durante muitos dias minha irmã mais velha não poude brincar nem comer pois chorava sem cessar.

Embrulhamos *Jivetchik* no que tinhamos de mais lindo em retalhos; e o puzemos em uma caixinha de madeira que enterramos no jardim.

Sobre o seu tumulo puzemos uma pedra, e plantamos um salgueiro.

GALERIA DA INFANCIA

Lucinda, mimosa filhinha do Sr. Francisco Lavrador.

PRIMEIRA COMMUNHÃO

Odila Gomes de Castro, nossa intelligente leitora, residente em Uruguayana, Estado do Rio Grande do Sul.

A CÔR VERMELHA E OS PEIXES

Depois de ter feito algumas experiencias, um sabio russo constatou que os peixes distinguem as côres e que preferem a vermelha; é sabido que uma rã é facilmente attrahida por um panno vermelho.

S. GILLES

S. BRAZ

Devoção do mez: AS DORES DA VIRGEM MARIA

Segundo mez — 28 dias — *Signo: PEIXES*

1—Quarta-feira — Santa Brigida
2—Quinta-feira — *Purificação de N. Senhora.* S. Cornelio
3—Sexta-feira — S. Anatolio
4—Sabbado — S. André Corsini
5—DOMINGO — Santa Agueda
6—Segunda-feira — S. Tito
7—Terça-feira — S. Gilles
8—Quarta-feira — S. João da Matta
9—Quinta-feira — S. Cyrillo de Alexandria
10—Sexta-feira — S. Guilherme
11—Sabbado — S. Adolpho
12—DOMINGO — S. Julião Hospitaleiro. *Septuagesima*
13—Segunda-feira — S. Gilberto
14—Terça-feira — S. Valentim
15—Quarta-feira — S. Faustino
16—Quinta-feira — Santa Juliana
17—Sexta-feira — S. Theodulo
18—Sabbado — S. Simeão
19—DOMINGO — S. Conrado
20—Segunda-feira — S. Sylvano
21—Terça-feira — S. Felix Metz
22—Quarta-feira — Santa Margarida
23—Quinta-feira — Santa Martha
24—Sexta-feira — S. Mathias. *Promulgação da Constituição da Republica dos E. U. do Brasil (Feriado)*
25—Sabbado — S. Leandro
26—DOMINGO — S. Nestor. *Quinquagesima — Carnaval.*
27—Segunda-feira — Santa Honorina — *Carnaval*
28—Terça-feira — S. Romão — *Carnaval*

Grandes personagens

ALICE	9 annos
SUZANNA	8 annos
LILI	10 annos
MISS	30 annos
A GOVERNANTE	35 annos

Num parque, verão; Miss e a Governante fazem trabalhos de agulha. A alguns passos dellas, as tres pequenas estão sentadas em cadeiras de jardim.

SUZANNA — Então, está entendido, brincaremos como no Rio?
ALICE — Sim, faremos visitas.
SUZANNA — De quem é o dia?
LILI — Meu.
ALICE — Ah! não! E' meu.
SUZANNA — Cada uma por sua vez. Para começar vae ser o meu. E' o meu dia. (*Senta-se na cadeira*). Quem vem me visitar primeiro?
LILI — Eu.
ALICE — E eu?
SUZANNA — Tu, tu já chegaste, comprehendes? Senta-te aqui em frente. Faz de conta que já chegaste ha uma hora e que te eternisas. (*A' Lili*). Vamos! prepara-te, Lili. Espera primeiro que estejamos, eu e Alice, bem entretidas na conversa, para fazeres uma entrada.

SUZANNA

LILI — Então, eu vou para a ante-camara?
SUZANNA — Isto. (*A' Alice*). Sobre que estaremos falando quando ella chegar?
ALICE — Senhora...
SUZANNA — Procuremos algum assumpto.
ALICE — Falemos em gulodices.
SUZANNA — Si queres. (*Com maneiras*). E que gulodice prefere a senhora?
ALICE — Ballas de massa, minha amiga.
LILI — Posso entrar?
SUZANNA — Agora mesmo.
ALICE — E' muito cedo. (*A' Suzanna*). Gosto muito tambem de "esquecidos".
SUZANNA — O doutor prohibiu-m'os, por causa da minha gotta! (*A' Lili*). Pódes entrar agora. Que preferes fazer? Papel de moça ou de velha?
LILI — Oh! de velha!
SUZANNA — Pois bem, boneca, faze de velha. Imita a dona Mathilde.
LILI — Boa tarde. (*Ri ás gargalhadas*).
ALICE — Oh! não rias. Si tu te fazes de tola, não brincaremos mais!

ALICE

SUZANNA — Então, ri-se em visita, vejamos?
LILI — Boa... tarde... (*Continua a rir*).
SUZANNA — Sae dahi, não sabes. Não se póde nunca brincar comtigo.
LILI — Prefiro fazer a senhora que já chegou. Para a que chega, não sou ainda bastante grande... E' muito difficil para mim.
ALICE — Bem, vou eu fazel-a.
SUZANNA — Sim. Farás muito melhor do que ella.
ALICE — Boa tarde, bel'a e boa amiga...
SUZANNA, *á parte* — Tão cedo! (*Alto*). Que boa a senhora é, vir com este máo tempo!
LILI — Mas não chove... Ha sol!
SUZANNA — Bem sabemos, mas suppõe-se... Isto faz parte da visita. E's tola!
ALICE — Ella não comprehende nada.
SUZANNA — Como vae o seu horroroso marido?
ALICE — As eleições fatigaram-n'o muito. E aqui, por sua casa?
SUZANNA — Docemente, mesquinhamente, minha querida.
ALICE — Os seus lindos filhos?
SUZANNA — Não me fale. O ar do campo os enerva.
ALICE — Como os meus, querida, uns demonios!
LILI — Eu, ao contrario, minhas amigas, vivo encantada com a minha pequena Lili. E' um amorzinho! Terminou as suas obrigações das férias...
SUZANNA, *á Lili* — Cala-te. Porque dizes isto?
ALICE, *á Lili* — Não se fala na gente. Tu te elogias!
LILI — Faço como tu e Suzanna, faço visita. Si nada posso dizer, então, prefiro ir conversar com a minha boneca.
SUZANNA — Absolutamente. Fica, mas de bocca fechada.
LILI — Não é delicado.
ALICE — Ao contrario. Significa que tu nos escutas tanto quanto possivel.
LILI — Está bem. Escutarei.
ALICE, *á Suzanna* — Minha amiga, tens projectos para depois do verão?
SUZANNA — Sim.
ALICE — Quaes?
SUZANNA — Não sabemos ainda.
ALICE — Acontece assim comnosco. Mas, temos...
LILI — Eu não mandarei mais a minha pequena Lili para o collegio das irmãs.
SUZANNA — Ainda? Recomeças a dizer cousas de ti?
LILI — Mas...
ALICE — Arranja outro nome que não seja o teu.
LILI — *Bouffette*, o nome da minha boneca, que só tem uma perna?
SUZANNA — Póde ser.
ALICE, *á Suzanna* — Gosta muito ainda de theatro?
SUZANNA — Muito, sobretudo a Opera. E além disso, meu marido adora a dansa! Pretendemos mudar no anno proximo.
ALICE — Ah! sim. Por que?
SUZANNA — Para ficarmos mais perto dos *guignol*, por causa das creanças.

LILI

ANNUN. N. SRA.

Devoção: do mez: S. JOSE', PATRONO DA IGREJA UNIVERSAL

Terceiro mez — 31 dias — *Signo*: *CARNEIRO*

S. JOSE'

1—Quarta-feira — S. Adrião — *Cinzas*
2—Quinta-feira — S. Simplicio
3—Sexta-feira — S. Martinho
4—Sabbado — S. Casimiro
5—DOMINGO — S. Pulcherio
6—Segunda-feira — Santa Colleta
7—Terça-feira — S. Thomaz de Aquino
8—Quarta-feira — S. João de Deus
9—Quinta-feira — Santa Francisca
10—Sexta-feira — S. Militão e 39 companheiros
11—Sabbado — S. Constantino
12—DOMINGO — S. Gregorio I
13—Segunda-feira — S. Rodrigo
14—Terça-feira — S. Mathilde
15—Quarta-feira — S. Henrique
16—Quinta-feira — S. Cyriaco
17—Sexta-feira — Santo Agricola.
18—Sabbado — O Archanjo Gabriel
19—DOMINGO — S. José
20—Segunda-feira — S. Gilberto
21—Terça-feira — S. Bento
22—Quarta-feira — S. Octaviano
23—Quinta-feira — S. Liberato
24—Sexta-feira — S. Agapito
25—Sabbado — *Annunciação de N. Senhora*
26—DOMINGO — S. Braulio
27—Segunda-feira — Santo Alexandre
28—Terça-feira — Santa Dorothéa
29—Quarta-feira — S. Victorino
30—Quinta-feira — S. João Climaco
31—Sexta-feira — S. Benjamin

ALICE — Vamos morar na rua Senador Vergueiro. Teremos o *guignol* a dois passos.
SUZANNA — E a linda praia...
ALICE — E' bem commodo.
SUZANNA — Oh! não ha nada como o Rio!
ALICE — Está satisfeita com os seus empregados?
SUZANNA — Assim, assim! Sou bem roubada e mal servida...
LILI — Permittem?... Eu desejo dizer alguma cousa... ao menos uma phrase?
SUZANNA — Pois bem! diga depressa uma phrase, para te distrahires.
ALICE — Uma só.
LILI — Eu me aborreço.
ALICE — Que falta de delicadeza!

(*Adaptação do francez*).

NOSSO ALBUM

O gorducho Adalberto, filho do Dr. Carlos de Macedo Guimarães, clinico em Itapagipe, Bahia.

Os Sagas scandinavos contam que o heróe Frithgot, não só deslisava sobre o espelho das aguas como tambem traçava, em arabescos, rimas e o nome querido de Ingebord.

A sciencia descobriu, perto de Spandan, patins datando de tres mil annos; são formados de ossos de cavallos, cortados e perfurados, que os antigos patinadores seguravam nas suas sandalias.

Os archeologos encontraram desses patins na Inglaterra e em Berlim, no leito do Spree. Concluiram dahi que a zona de patinação prehistorica estendia-se da Grã Bretanha á Finlandia, da Norega a Hungria.

✣ ✣ ✣

As unhas da mão direita crescem sensivelmente muito mais depressa que as da esquerda.

O BRASIL DE AMANHÃ

Denio Dolce, um gaucho que estima deveras "O Tico-Tico".

OS ALFINETES

O que é um alfinete? Uma cousa a tôa. Entretanto que falta faria se de repente não se fabricasse mais.

Antes de terem o feitio de hoje os alfinetes foram fabricados com ossos de peixe, com espinhos de arvores e mais tarde em bronze, prata e ouro. Em 1690 eram de latão e finalmente de aço.

Em 1692 existiam em Paris 10 fabricantes de alfinetes.

Hoje, só a cidade de Birmingham fabrica 37 milhões por dia e as outras fabricas da Inglaterra produzem 16 milhões.

A França consome diariamente 30 milhões e só fabrica 12.

Da França, porém, exportam-se os alfinetes, ou antes os grampos de chapéos, na proporção de 100 milhões por anno, oriundos das fabricas de Vaise.

Em Laigle fabricam-se os alfinetes de luto.

A Allemanha e outros paizes europeus produzem 12 milhões por dia.

A origem da patinação

Uma chronica ingleza assevera que desde o seculo XII, a mocidade de Londres conhecia a arte de "voar sobre o gelo como o passaro no ar". A origem do patim é, porém, muito mais antiga.

NOSSOS AMIGUINHOS

Iracema Torres (Baby), uma das mais graciosas amiguinhas do "Chiquinho".

S. JORGE

ABRIL

Devoção do mez: JESUS, O BOM PASTOR

Quarto mez — 30 dias — *Signo*: *TOURO*

S. BENTO LABRE

1—Sabbado — S. Theodora
2—DOMINGO DA PAIXÃO — S. Francisco de Paula
3—Segunda-feira — S. Pancracio
4—Terça-feira — S. Isidro, patrono dos agricultores
5—Quarta-feira — S. Vicente Ferrer
6—Quinta-feira — S. Sixto
7—Sexta-feira — Santo Epiphanio
8—Sabbado — Santo Alberto
9—DOMINGO DE RAMOS — Santo Accacio
10—Segunda-feira — S. Macario
11—Terça-feira — S. Isacc
12—Quarta-feira — S. Victor
13—Quinta-feira — S. Hermenegildo
14—Sexta-feira — Jesus, o bom Pastor
15—Sabbado — Santa Anastacia
16—DOMINGO DE PASCHOA — São Bento Labre
17—Segunda-feira — Santo Aniceto
18—Terça-feira — S. Galdino
19—Quarta-feira — S. Hermogenes
20—Quinta-feira — N. S. dos Prazeres
21—Sexta-feira — Santo Anselmo — *Anniversario do supplicio de Tiradentes* (*Feriado*)
22—Sabbado — S. Caio
23—DOMINGO DA PASCHOELA — S. Jorge, patrono dos cavalheiros
24—Segunda-feira — S. Honorio
25—Terça-feira — S. Marcos, patrono dos vidraceiros
26—Quarta-feira — S. Cleto — *Patrocinio de S. José*
27—Quinta-feira — S. Tertuliano
28—Sexta-feira — S. Paulo da Cruz
29—Sabbado — S. Hugo
30—DOMINGO — Santo Eutropio

O ULTIMO DESEJO

LA', naquelle doce retiro, vivia o velho sertanejo. Fôra ali que passára a sua existencia. Lá, vira os filhos crescerem, os netos se crearem, e, por fim, todos os que amava o abandonarem lentamente! Nada conhecendo para além da montanha gigantesca, passava uma vida calma, venerando mais do que nunca a deliciosa paz, cuja doce intensidade só os passaros livres da floresta solitaria sabem gozar!...

Quando o sol surgia abandonava a rustica choupana, partindo em demanda da matta, onde a brisa fresca acariciava com suas setinosas azas a folhagem dos arvoredos, e as aguas murmurantes do regato crystalino!

Era, pois, raro o caminhante que durante o dia, ao atravessar a floresta, não topasse com o bom ancião, recostado sob a copa de uma secular arvore, que abrigava agora o antigo e laborioso bemfeitor daquellas terras florescentes! E, quando a primeira estrella apparecia, tremula, no firmamento, o preto velho benzia-se, ao melancolico som dos sinos, que annunciavam a noite, e com passo lento buscava seu humilde casebre, onde adormecendo sonhava com a profusão de folhas verdes da matta, com o canto querido dos passarinhos descuidados e com a adoravel brisa, que tão suavemente acariciava seus cabellos de neve!

Era assim portanto que Pae João gozava a vida, para uns tão odiosa e infeliz, devido á serie de nocivos e futeis prazeres que tão desgraçadamente perturbam a paz de uma boa alma.

Por uma radiosa madrugada o ancião descerrava lentamente os olhos! Sentia que as forças o abandonavam, e que a luz do dia, que surgia vagarosamente, se tornava em escuridão tenebrosa! Morrer! oh! desventura, longe da matta, do sol, dos passaros! E, desesperadamente acabrunhado, murmura: Oh Deus! não abandoneis este vosso humilde servo! Enchei seus ultimos momentos de um simples prazer por elle tão almejado! Fazei-o morrer, abraçado ao velho tronco da arvore querida, que tantas vezes o abrigou, quando elle implorava consolo e carinho, no ermo em que vivia! Quero que a vida me fuja, quando meu corpo fatigado repousar sobre a relva da matta! E, assim dizendo, é subitamente impellido por uma força extranha!

Ergue-se! Caminha, com firmeza até então desconhecida, para a matta, onde num fremito de quasi juvenil prazer, ouve a brisa que murmura e os passaros que cantam, cortando o espaço azul!...

Alcançara o bosquezinho querido! Como um louco abraça-se feliz ao tronco da velha arvore, cujas flores entreabriam-se timidamente, sob o fraco calor do sol que nascia!

E, finalmente, os primeiros ardentes raios de Phebo, que atravessando os copados arbustos enchiam de doce claridade o pequeno bosque, vieram encontrar o corpo inerte de Pae João, que, quando os passaros cantavam com mais vigor, e a brisa murmurava hymnos mais suaves, morrera cheio de felicidade!

Deus ouvira a angustiada prece daquelle que, pela primeira vez, pedira uma graça em seu favor.

EVANGELINA.

PELOS COLLEGIOS — Um interessante instantaneo onde se vêem muitos leitores d'"O Tico-Tico". E' uma aula de gymnastica no Collegio N. S. Apparecida e Escola Normal de Passa Quatro, Minas.

STA. JOANNA D'ARC

Devoção do mez: A SANTA VIRGEM MARIA

Quinto mez — 31 dias — *Signo: GEMEOS*

S. HONORIO

1—Segunda-feira — São Jacques — *Festa do Trabalho*
2—Terça-feira — Santo Athanasio
3—Quarta-feira — Santo Alexandre — *Descobrimento do Brasil (Feriado)*
4—Quinta-feira — S. Floriano — *Patrocinio de S. José*
5—Sexta-feira — S. Hilario
6—Sabbado — S. João Damasceno
7—DOMINGO — *Maternidade de N. Senhora*
8—Segunda-feira — Santo Hellodio
9—Terça-feira — S. Gregorio Nanzianzeno
10—Quarta-feira — S. Job
11—Quinta-feira — S. Florencio
12—Sexta-feira — Santo Achilles
13—Sabbado — S. Mucio — *Abolição da Escravatura (Feriado)*
14—DOMINGO — S. Bonifacio
15—Segunda-feira — S. Isidro
16—Terça-feira — S. Honorio
17—Quarta-feira — S. Pascal
18—Quinta-feira — S. Venancio
19—Sexta-feira — S. Yves
20—Sabbado — S. Bernardino de Sena
21—DOMINGO — S. Ubaldo
22—Segunda-feira — *Ladainhas* — Santa Rita de Cassia
23—Terça-feira — *Ladainhas* — S. Basileu
24—Quarta-feira — *Ladainhas* — N. Senhora Auxiliadora—*Batalha de Tuyuty*
25—Quinta-feira — *Ascenção do Senhor* — Santo Urbano
26—Sexta-feira — S. Felippe Nery
27—Sabbado — Santo Olivio
28—DOMINGO — S. Germano
29—Segunda-feira — S. Maximino
30—Terça-feira — Santa Joanna d'Arc
31—Quarta-feira — Santa Angela

TICO-TICO

Gosto de ti passarinho
Tico-tico mavioso,
Que delicado e bondoso
Cantas com amor e carinho!

Gosto de ti, do teu ninho
Macio, fofo e garboso,
Onde tens os teus filhinhos
O teu filhinho bondoso!

Gosto, mais ainda, amado,
De sem tocar, cautelosa,
Ver o teu ovo sagrado,

No teu ninho branco e lindo,
Entre a pelluge sedosa,
Sonhando e em sonho surgindo!

ANGELA ABRAMO.

GALERIA INFANTIL

Eurico Nazareth Nogueira França, nosso intelligente leitor.

EM CONTINENCIA!

Walter Montenegro, nosso amiguinho, residente em Campinas.

As enguias contêm tanto veneno como as viboras. Assim o diz, pelo menos, um doutor italiano. Affirma este que, nas suas investigações, comprovou que uma enguia do peso de quatro arrateis contém o veneno sufficiente para matar dez homens. A differença está, apenas, em a enguia não ter colmilhos para inocular o seu veneno. Além disto, este perde a sua nocividade, logo que a enguia é cozinhada.

CREANÇAS

Amar e proteger sempre as creanças,
Guial-as, ministrar-lhes bom ensino,
Ellas que são as nossas esperanças,
Como dizia o placido Rabbino:

E' praticar o bem que nos ufana,
Cumprindo esse dever o homem ascende
Até junto de Deus, onde resplende
Eternamente a gloria da alma humana.

LYRIO DO VALLE.

✣ ✣ ✣

Os peixes das grandes profundidades oceanias produzem, por phosphorescencia, a luz que precisam para ver, e são dotados de olhos telescopios.

NOSSA GALERIA

Aida e Amneris, graciosas filhinhas do Sr. Antonio Fragola.

SANTA CLOTILDE

AGNUS DEI

Devoção do mez: SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Sexto mez — 30 dias — *Signo*: *CARANGUEJO*

1—Quinta-feira — S. Fortunato
2—Serta-feira — Santa Blandina
3—Sabbado — Santa Clotilde — *Sagrado Coração de Jesus*
4—DOMINGO — *Espirito Santo*
5—Segunda-feira — S. Bonifacio
6—Terça-feira — S. Norberto
7—Quarta-feira — S. Gilberto
8—Quinta-feira — S. Severino
9—Sexta-feira — S. Primo e S. Feliciano
10—Sabbado — S. Getulio
11—DOMINGO — *Santissima Trindade* — S. Barnabé
12—Segunda-feira — S. Onofre
13—Terça-feira — *Santo Antonio*
14—Quarta-feira — S. Braulio, o Grande
15—Quinta-feira — *Corpo de Deus* — São Vito
16—Sexta-feira — N. S. do Soccorro
17—Sabbado — S. Ismael
18—DOMINGO — S. Marcellino
19—Segunda-feira — S. Protasio
20—Terça-feira — Santa Florentina de Sevilha
21—Quarta-feira — S. Luiz Gonzaga
22—Quinta-feira — S. Paulino
23—Sexta-feira — *Coração de Jesus* — Santa Agrippina
24—Sabbado — *S. João Baptista*
25—DOMINGO — S. Guilherme. Pureza de N. Senhora
26—Segunda-feira — Santo Antelmo
27—Terça-feira — S. Ladisláo
28—Quarta-feira — Santo Irineu
29—Quinta-feira — *São Pedro e São Paulo*
30—Sexta-feira — S. Marçal

O baile á fantasia

Eis meninos conquistadores e meninas heroinas. Pastoras mettidas em vestidos abarbatanados e grinaldas de rosas, e pastores com roupa de setim, que usam laços de fita nos cajadas. Oh! como devem ser brancos e lindos os carneiros desses pastores! Eis Alexandre e Zaira, e Pyrrho e Merope, Mahomet, Arlequin, Pierrot, Scapin, Braz e Isabel. Vieram de todos os cantos, da Grecia e de Roma, e dos paizes azues, para dansarem juntos. Que bella cousa um baile á fantasia e como é bom ser, por uma hora, um grande rei ou uma illustre princeza! Não ha inconvenientes. Não é necessario sustentar o disfarce pelos actos ou mesmo pelas palavras.

Não seriam divertidos os trajes de heróes, se fosse preciso ter delles, tambem, o coração. O coração dos heróes é dilacerado por todas as formas. Elles são, na maior parte, illustres pelas suas infelicidades. Se houvessem vivido felizes, não seriam distinguidos.

Merope não tinha desejo de dansar. Pyrrho foi morto cruelmente por Orestes, no momento em que ia se casar, e a innocente Zaira pereceu na mão de Turco, seu amigo, que, entretanto, era um Turco philosopho. Quanto a Braz e Isabel, a canção diz que elles padecem tristezas amorosas que duram eternamente.

Falei-lhes em Pierrot e Scapin? Vocês sabem como eu que são dois levianos e que se lhes puxou mais de uma vez a orelha. Não! a gloria custa muito caro, mesmo a gloria de Arlequin. Ao contrario é bem bom ser creança, e apresentar o aspecto de personagens. E' por isso que não ha prazer que valha ao de um baile á fantasia, quando as vestes são magnificas. Sente-se, a gente, valorosa só em vestil-as.

Vejam tambem como todos os gentis companheiros sabem ostentar com galhardia as suas plumas e os seus mantos; como têm o ar galante e altivo, como têm bella apparencia e as graças do bom velho tempo!

Sobre o estrado, num logar encoberto, os musicos, tristes e meigos, afinam os violinos. Uma quadrilha de grande estylo está alerta na estante. Ellês vão tocal-a. Aos primeiros accordes, nossos heróes e nossos mascarados começarão a dansar...

ANATOLE FRANCE.

NOSSOS LEITORES

Ruy, Raul, Ulysses e Lucia, graciosos filhinhos do Sr. Targinio Ribeiro.

VISITAÇÃO DE N. SRA.

JULHO

Devoção do mez: O PRECIOSO SANGUE DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO

Setimo mez — 31 dias — *Signo : LEÃO*

S. VICENTE DE PAULO

1—Sabbado — Precioso Sangue de N. S. Jesus Christo
2—DOMINGO — *Visitação de Nossa Senhora*
3—Segunda-feira — Santo Anatolio
4—Terça-feira — Santa Bertha
5—Quarta-feira — Santa Zoé
6—Quinta-feira — Santa Lucia
7—Sexta-feira — S. Firmino
8—Sabbado — S. Procopio
9—DOMINGO — Santa Veronica
10—Segunda-feira — S. Januario e seus companheiros
11—Terça-feira — N. S. do Patrocinio
12—Quarta-feira — S. João Gualberto
13—Quinta-feira — Santo Anacleto
14—Sexta-feira — S. Boaventura — *Tomada da Bastilha (Feriado)*
15—Sabbado — Santo Henrique
16—DOMINGO — N. S. do Carmo
17—Segunda-feira — Santo Aleixo
18—Terça-feira — S. Camillo de Lellis
19—Quarta-feira — S. Vicente de Paulo
20—Quinta-feira — Santo Elias
21—Sexta-feira — S. Claudio
22—Sabbado — Santa Maria Magdalena
23—DOMINGO — Santa Brigida
24—Segunda-feira — S. Bernardo
25—Terça-feira — S. Christovão
26—Quarta-feira — Santo Olympio — *Sant'Anna, mãe de N. Senhora*
27—Quinta-feira — S. Pantaleão
28—Sexta-feira — S. Celso
29—Sabbado — Santa Martha
30—DOMINGO — S. Olympio
31—Segunda-feira — S. Ignacio de Loyola

REALIDADE

A tarde declinava lentamente, e sob a sobra espessa de frondosa mangueira descansa o viandante.

Seus olhos estão fixos no azul do céo e seus labios murmuram uma prece; seu rosto tristonho denota uma immensa fadiga. Caminhara muito e exhausto de forças sentara-se ali.

Seus cabellos brancos, amarellados, no emtanto, pelo pó da estrada, estavam em desalinho; suas vestes rotas e sujas denunciavam uma grande miseria.

Caminhara muito naquelle dia, lutara mais que as suas forças e triste pensava nos annos que se foram, nos annos que fôra feliz.

Pela manhã tinha passado pela mesma estrada com o dia lindo, como são as nossas primeiras illusões; e o regato a correr tranquillo na limpidez serena de suas aguas. Que paz e que suavidade lhe inspirara a brisa fresca da manhã.

Elle caminhou até onde o levou o destino: nas portas esmolando e mal recebendo o pão com que suavisar a sua fome de mendigo. E ao meio dia o sol a pino abrazava a terra. Segue no emtanto o viandante com a fronte coberta de suor e o coração dilacerado de amargura. Volta até que a tarde, morrendo lentamente com a sombra da noite que se approxima, suavise a fadiga do corpo e tristeza dalma. De repente o céo se cobre de nuvens densas e carregadas; arma-se a tempestade, para cahir logo após. Ferindo o espaço os relampagos passam, para se ouvir depois o aterrador cahir de um raio. Eis que cae e decepa a agasalhadora arvore; e com ella tomba sem vida o pobre mendigo. Foi assim a sua vida, no principio cheia de sonhos e esperanças, illusões e contentamentos.

Ao meio dia annuira á dor, como a terra o ambiente abrazador; tivera a mesma sorte que o dia: não continuara a ser linda, nem declinara docemente, findara tetrico como elle. O raio fôra como as ultimas esperanças de sua vida; rapido. O pensamento em Deus e a alma n'Elle. Morreu, que importa? se a vida, não era mais vida e sim um calvario, de atrozes dores e lagrimas amargas; morreu em Deus, Deus o terá.

Assim, são todas as illusões do mundo. Triste daquelles que se deixam levar na estrada tortuosa desta vida, na esperança vã de encontrar a felicidade rosea que se esvae.

MARIA.

NOSSA GALERIA

Francisco Stormo Netto, nosso bom amiguinho.

✣ ✣ ✣

O AMOR DOS INGLEZES PELAS FLORES

Os inglezes têm um grande amor pelas flores e empregam a maxima solicitude na ornamentação das suas casas com plantas e flores.

O céo escuro, o ar enfumaçado contribuem certamente para tornar mais forte esse uso gentil, que nos dá ensinamentos praticos do modo de cultivar as flores em vasos, especialmente os lyrios. Estes ultimos são cultivados em vasos, de modo que não molhem nem sujem de terra os moveis sobre os quaes elles são collocados.

Para esse fim usam-se vasos sem furo para a sahida da agua, substituindo-se a terra por musgo finissimo, picado o mais possivel. Em tempo opportuno plantam-se cebolas dos lyrios num vaso de cerca de cinco centimetros de diametro; as cebolas são enterradas no musgo numa profundidade de cinco centimetros, aperta-se ligeiramente o musgo e, se estiver secco, humedece-se bem. Depois colloca-se o vaso num logar fresco e, depois de algumas semanas, renova-se a rega.

O *Lilium tigrinum fortune*, chamado *Gigante japonez*, é a variedade de lyrio preferivel para esse genero de cultura.

NOSSO ALBUM

A graciosa Laura, filhinha do Sr. Francisco Lavrador.

NOSSOS AMIGUINHOS

Flavio, galante filhinho do Dr. Ivo de Aquino, residente em Florianopolis.

ASSUMPÇÃO DE N. S.

S. LUIZ

Devoção do mez: SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA

Oitavo mez — 31 dias — *Signo: VIRGEM*

1—Terça-feira — S. Exuperio
2—Quarta-feira — Santo Affonso de Ligorio
3—Quinta-feira — S. Cassiano
4—Sexta-feira — S. Domingos
5—Sabbado — N. S. das Neves
6—DOMINGO — Transfiguração do Senhor
7—Segunda-feira — S. Caetano
8—Terça-feira — S. Cyriaco e seus companheiros
9—Quarta-feira — S. Romão
10—Quinta-feira — S. Lourenço
11—Sexta-feira — Santa Suzanna
12—Sabbado — Santa Clara
13—DOMINGO — Santa Aquila
14—Segunda-feira — N. S. da Boa Morte
15—Terça-feira — *Assumpção de N. Senhora*
16—Quarta-feira — S. Roque
17—Quinta-feira — S. Juliano
18—Sexta-feira — Santa Helena
19—Sabbado — S. Magno
20—DOMINGO — *S. Joaquim, pae de N. Senhora*
21—Segunda-feira — Santa Umbelina
22—Terça-feira — S. Symphronio
23—Quarta-feira — S. Donato
24—Quinta-feira — S. Bartholomeu
25—Sexta-feira — S. Luiz, rei de França
26—Sabbado — S.S. Coração de Maria
27—DOMINGO — S. José de Calazans
28—Segunda-feira — Santo Agostinho
29—Terça-feira — Degollação de S. João Baptista
30—Quarta-feira — S. Fiacrio
31—Quinta-feira — S. Raymundo Nonato

ANECDOTAS HISTORICAS

Para ter uma idéa da poderosa mente de Dante Alighieri, o immortal autor da *Divina Comedia*, basta ler o seguinte caso:

Um dia elle estava lendo um livro, sentado sobre uma pedra. Passa um camponez e pergunta-lhe qual era a melhor comida, e Dante, sem levantar os olhos do livro que tanto o interessava, responde:

— O ovo.

O camponez, ao chegar á sua aldeia, lembra-se de que se esqueceu de perguntar como se temperava o ovo.

Tempos depois volta ao mesmo logar e acha Dante sentado na mesma pedra, lendo um outro livro.

— Temperado com que? indaga elle.

— Com sal, responde o divino poeta.

✣ ✣ ✣

OS ANIMAES SOBRIOS

A sobriedade do camello é legendaria. Entretanto ella não póde afrontar certas comparações. Que direis do periquito do jardim zoologico de Londres, que viveu 52 annos, sem absorver a menor gotta de liquido?

Isto constitue uma excepção, pois os periquitos bebem.

A quem attribuir a medalha de temperança?

Segundo os naturalistas, haveria varias especies de animaes que nunca bebem. Taes são as lamas, estes mammiferos, de pés fendidos, da Patagonia, dos antilopes do Extremo Oriente, um bom numero de reptis, serpentes, lagartos, etc., uma especie de ratos vivendo nas planicies aridas da America occidental.

Para não falar, senão de coelhos, estes só absorvem como liquido o orvalho das folhas que comem.

Na França encontram-se na Lozère rebanhos de vaccas e ovelhas que não bebem senão muito raramente, o que não impede de fornecer o leite do qual se faz o famoso queijo de Roquefort.

No que diz respeito á especie humana, os que bebem menos são quasi sempre os que possuem melhor saude.

✣ ✣ ✣

CURIOSIDADES DO CALENDARIO

Nenhum seculo póde começar em *quarta-feira, sexta-feira* ou *sabbado*. O mez de Outubro principia sempre no mesmo dia da semana que Janeiro; Abril no mesmo dia que Julho; Dezembro no mesmo dia que Setembro; Fevereiro, Março e Novembro começam no mesmo dia da semana, emquanto Maio, Junho e Agosto principiam em dias diversos entre si e diversos dos outros mezes do anno. Estas regras não têm applicação nos annos bissextos. O anno ordinario acaba no mesmo dia da semana em que principiou. Por ultimo, os annos repetem-se, isto é, têm o mesmo calendário cada vinte e oito annos.

NOSSOS LEITORES — Um lindo grupo de amiguinhos nossos, tomado no campo do Rio Cricket, por occasião da festa ali realisada em honra do Sr. Embaixador Inglez

NATIV. STA. VIRGEM

S. COSME E S. DAMIÃO

Devoção do mez: SÃO MIGUEL

Nono mez — 30 dias — *Signo: BALANÇA*

1—Sexta-feira — S. Guilherme
2—Sabbado — N. S. da Penha
3—DOMINGO — Santa Dorothéa
4—Segunda-feira — Santa Rosalia
5—Terça-feira — S. Bertino
6—Quarta-feira — S. Onesiphoro
7—Quinta-feira — Santo Anastacio — *Independencia do Brasil (Feriado Nacional) — 1º centenario da Independencia*
8—Sexta-feira — *Natividade da Santa Virgem*
9—Sabbado — S. Sergio
10—DOMINGO — *Santo Coração e Santo Nome de Maria* — Santa Pulcheria.
11—Segunda-feira — S. Didimo
12—Terça-feira — S. Juvencio
13—Quarta-feira — Santo Amado
14—Quinta-feira — Exaltação da Santa Cruz
15—Sexta-feira — N. S. das Dores
16—Sabbado — Santa Edith
17—DOMINGO — Dores de N. Senhora
18—Segunda-feira — S. José Cupertino
19—Terça-feira — Santa Pomposa
20—Quarta-feira — Santo Eustaquio (*Lei organica do Districto Federal*). (*Feriado municipal*)
21—Quinta-feira — S. Matheus
22—Sexta-feira — S. Thomaz
23—Sabbado — S. Luiz
24—DOMINGO — N. Senhora das Mercês
25—Segunda-feira — S. Firmino
26—Terça-feira — S. Cypriano e Santa Justina
27—Quarta-feira — S. Cosme e S. Damião
28—Quinta-feira — S. Wenceslão
29—Sexta-feira — S. Miguel Archanjo
30—Sabbado — S. Jeronymo

A LETRA K

Em todo o alphabeto não ha uma letra tão prestante, como o — K.

Pronunciando-o qualquer pessoa com — fé, — terá a principal fonte de riqueza do Brasil.

Ponham-n'o junto do — pote, — dará abrigo contra o frio. Transforme-o de preto em — loiro — verá o estudante novato.

Encoste-o a qualquer — lote — e terá o direito de não pagar dividas.

Vista-lhe uma — murça — tel-o-á macia e delicada.

Se lhe accrescer o — pello — será a mais honrosa conquista academica.

Basta que o ajunte a uma — bala — para ganhar uma eleição.

Unida a outras — sete — terá uma arma terrivel.

Ligado ao — bello — temol-o na cabeça.

Servindo de badalo a um — sino — será uma sociedade de baile.

Em frente do — lado — não dirá cousa alguma.

Pronuncie-se o K e relacione-se depois com antigas e distinctas familias, por exemplo:

Unido aos — Britos — é um infatigavel hervario; aos — Bessas — dirige os corpos; aos — Mellos — viaja nos desertos; aos — Leças — carrega a humanidade; etc.

NOSSOS LEITORES — Fernando, Haydêa, Elsa, Gerson e José Carlos, galantes filhinhos do Sr. Fernando Parodi e de D. Amandina Favilla Parodi.

✣ ✣ ✣

A MAIS VELHA ARVORE DO MUNDO

Existe na ilha de Cos, perto da costa da Asia Menor, uma arvore que é certamente um dos sêres vivos mais antigos que existem no mundo. Era á sombra desta arvore, segundo a tradicção, que Hippocrates, pae da medicina, dava aula aos seus discipulos. Isto nos leva ha mais de dois mil e setecentos annos atraz.

✣ ✣ ✣

O somno abundante é indispensavel ao desenvolvimento physico.

Aos meninos deve-se-lhes deixar dormir quanto quizerem, principalmente quando se criam em cidades.

O numero minimo de horas que se deve dormir é de 11, entre os 4 e os 7 annos; de 10 e meia, entre 7 e 10 annos; de 10 até aos 15, e de 9 até aos 20 annos.

✣ ✣ ✣

Em cada 13 millimetros de superficie temos 293 cabellos na cabeça, 39 na barba, 23 no antebraço, e 19 nas costas da mão.

✣ ✣ ✣

OS CAVALLOS SABEM LER?

A pequena Lili a sua mãe:

— Então, mamãe, os cavallos sabem ler?

— Ora que idéa! Onde viste isso?

— Ninguem; mas hontem, quando fomos, de carro, a casa do vovô, o cavallo parou justamente diante da casa, sem que lh'o dissesse antes o numero.

✣ ✣ ✣

Quando alguem tem motivos de queixa de um amigo deve separar-se delle gradualmente, e antes desatar do que romper os laços de amizade. — *Catão.*

SS. ANJOS

S. REMY

Devoção do mez: NOSSA SENHORA DO ROSARIO

Decimo mez — 31 dias — *Signo*: *ESCORPIÃO*

1—DOMINGO — N. S. do Rosario
2—Segunda-feira — Santo Eleuterio (*Festa da Creança*)
3—Terça-feira — Santa Romana
4—Quarta-feira — S. Francisco de Assis
5—Quinta-feira — S. Placido
6—Sexta-feira — S. Bruno
7—Sabbado — S. Julio
8—DOMINGO — Santa Brigida
9—Segunda-feira — S. Diniz e seus companheiros
10—Terça-feira — S. Francisco de Borgia
11—Quarta-feira — S. Nicacio
12—Quinta-feira — S. Seraphim — *Descoberta da America (Feriado Nacional)*
13—Sexta-feira — Santo Eduardo
14—Sabbado — S. Calixto
15—DOMINGO — *N. Senhora dos Remedios* — Santa Thereza de Jesus
16—Segunda-feira — S. Martino
17—Terça-feira — Santa Edwiges
18—Quarta-feira — S. Lucas
19—Quinta-feira — S. Pedro de Alcantara
20—Sexta-feira — S. João Cancio
21—Sabbado — Santa Ursula
22—DOMINGO — Santa Maria Salomé
23—Segunda-feira — S. Romão
24—Terça-feira — S. Raphael
25—Quarta-feira — S. Chrispim
26—Quinta-feira — Santo Evaristo
27—Sexta-feira — Santa Sabina
28—Sabbado — S. Simão
29—DOMINGO — S. Narciso
30—Segunda-feira — S. Marcello
31—Terça-feira — Santa Lucilia

Um amigo para quem desenha

Trata-se de um amigo que tem um perfil humano, mas que não é humano. Parece um enigma e é um meio engenhoso de auxiliar a quem desenha. A arte do desenho não é apenas instructiva, e mesmo quando assim é requer estudo e exercicio. Por esse motivo o apparelho — o nome, na verdade, é muito pomposo para um objecto tão simples — que é representado pela nossa primeira gravura, é util a todos os que desenham, seja para aperfeiçoar na arte do desenho, seja apenas por dilettantismo.

Para osprincipiantes, o fixar sobre o papel um perfil humano parece muito difficil, principalmente porque a vista, que ainda não está bastante exercitada, não consegue perceber com precisão as distancias e as posições dos diversos traços do perfil. Para remover esta difficuldade é preciso um modelo, que agora é fornecido pela nova invenção. Esta outra cousa não é sinão um pedaço de fio de ferro torcido de modo a formar curvas e angulos, formando o perfil de um rosto humano. O fio de ferro é fixado num pequeno pedestal de madeira, mas tambem póde ser livre, erguendo-o o desenhista com uma das mãos, durante o trabalho. Como se trabalha? Quem desenha colloca á sua frente a pessoa que serve de modelo e situa o fio de ferro de modo que se sobreponha, por assim dizer, ao perfil da pessoa.

Um apparelho muito simples e util.

O desenhista, então, fechando um olho, fixa bem os dois perfis e assim nota as differenças entre um e outro. Esta parte do trabalho é importantissima, mas apenas preparatoria. Trata-se depois de trabalhar sobre o papel. Sobre a folha se apoia o fio de ferro e traça-se a linha inteira com pontos feitos com carvão. Depois, retirado o fio de ferro, o desenhista fixa attentamente a pessoa que serve de modelo, e se esforça por desenhar sobre o perfil copiado, seguindo o fio de ferro o perfil do modelo vivo. Ou melhor, desenha realmente, tendo como guia um perfil já traçado. O exercicio feito primeiro com os olhos, fixando contemporaneamente os dois perfis, colloca o desenhista em grão de desenhar bem, estabelecendo com certa precisão todas as differenças existentes entre os dois modelos. Naturalmente, terminado o desenho, apaga-se o perfil copiado do fio de ferro.

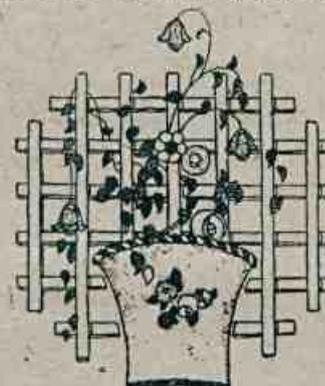
Como se sobrepõem no papel os dois perfis.

✣ ✣ ✣

OS CABELLOS DAS CREANÇAS

E' bom de vez em quando, ao menos uma vez por mez, refrescar a extremidade dos cabellos das creanças, cortando-os uns dois centimetros e banhando-os com a mistura de uma colher de oleo de ricino fresco e duas colheres de rhum. **E' uma applicação digna de ser aproveitada.**

UM BOM EXEMPLO A IMITAR

Lemos numa revista que ha tempos, foi fundada em Berlim, uma sociedade, chamada: *O paraiso das frutas*, cujo fim era crear grandes pomares em todos os suburbios da capital. Convencida de que a cultura das plantas frutiferas póde ser para os habitantes um dos mais sadios passatempos e um esplendido meio de reagir contra os funestos effeitos physicos e moraes da vida urbana, a sociedade convidou a collaborar todos os berlinenses, amantes deste genero de distracção, sob a direcção de directores intelligentes. Como retribuição do seu trabalho, os collaboradores tinham o direito de colher e comer quantas frutas quizessem. E como, por mais numerosas que fossem, não poderiam consumil-as todas, as que sobraram foram postas á disposição dos visitantes. Estes, naturalmente, deviam munir-se de bilhetes de ingresso validos por um dia (podendo tambem tomar assignatura) e podiam adquiril-os com os proprios collaboradores, a cada um dos quaes foi entregue um numero proporcional ao trabalho. A venda destes bilhetes lhes permittiu realisar um pequeno lucro.

E se todos nós, se vocês e todos os conhecidos se dispuzessem a imitar tão bello exemplo? Que bom seria.

✣ ✣ ✣

OS RELIGIOSOS DO MONTE S. BERNARDO

Os religiosos, como vocês sabem, amam com o mesmo enternecido amor as creaturas, todos os homens e todos os animaes. São todos, animaes e homens, filhos dilectos de Deus. Assim, os frades de S. Bernardo não soccorrem e hospedam sómente os viajantes perdidos na neve; dão hospedagem tambem aos passaros. Ha tempos um bando de andorinhas, num dia de tempestade, dirigiu-se para o hospital para nelle se refugiar. Logo os frades abriram as portas e as janellas. A neve cahia em pesados flocos. Num instante todas as salas ficaram repletas de andorinhas extenuadas pela fome e pela fadiga, tremendo de frio. Havia-as na capella e no refeitorio, havia-as até nas cellas dos frades que accenderam grandes fogueiras para aquecer as pobres aves. No dia seguinte, tendo voltado o bom tempo, o bando de andorinhas retomou o vôo para o Meio Dia. Mas parece que os soccorros não foram sufficientes, porque os frades encontraram no dia seguinte, nas vizinhanças do convento, **centenas de andorinhas mortas.**

TODOS OS SANTOS

NOVEMBRO

Devoção do mez: AS ALMAS

11° mez — 30 dias — *Signo*: *SAGITTARIO*

S. CECILIA

1—Quarta-feira — *Festa de Todos os Santos*
2—Quinta-feira — S. Victorino — *Finados (Feriado Nacional)*
3—Sexta-feira — Santa Sylvia
4—Sabbado — S. Carlos Borromeu
5—DOMINGO — Santa Bertilla
6—Segunda-feira — S. Leonardo
7—Terça-feira — S. Florencio
8—Quarta-feira — S. Godofredo
9—Quinta-feira — S. Theodoro
10—Sexta-feira — S. André Avelino
11—Sabbado — S. Martinho
12—DOMINGO — *Patrocinio de N. Senhora* — Santo Aurelio
13—Segunda-feira — Santo Eugenio
14—Terça-feira — S. Clementino
15—Quarta-feira — S. Ricardo — *Proclamação da Republica (Feriado Nacional)*
16—Quinta-feira — S. Edmundo
17—Sexta-feira — N. S. do Amparo
18—Sabbado — S. Odon
19—DOMINGO — Santa Isabel — *Festa da Bandeira*
20—Segunda-feira — S. Felix de Valois
21—Terça-feira — Apresentação de N. Senhora
22—Quarta-feira — Santa Cecilia, padroeira dos musicos
23—Quinta-feira — S. Clemente
24—Sexta-feira — S. Marinho
25—Sabbado — Santa Catharina
26—DOMINGO — Santa Delphina
27—Segunda-feira — S. Severino
28—Terça-feira — S. Gregorio
29—Quarta-feira — S. Saturnino
30—Quinta-feira — Santo André

DESMENTIR, NÃO CONFESSAR...

Dalva e Deyla, minhas manas,
Não têm bom comportamento;
Entre as duas, mil chicanas
Fazem bom alojamento.

Não sei bem qual eu prefira
Dessas duas songa-mongas;
Ambas fazem que a mentira
Tenha as pernas pouco longas.

Certo dia, a Dalva estava
Sem a outra sua irmã,
A brinquedos se entregava,
Quando: pan-tá-rá-tan-pan!!!

Bello vaso com begonia
Dalva fez que fosse ao chão,
E com toda santimonia
Põe-se a brincar num rincão...

Deyla chega e vê a planta
Entre cacos pelo solo,
Mas por pouco não se espanta;
Corre de mamãe ao collo

E lhe diz: "Mamãe querida,
A Dalva quebrou teu vaso
E se fez de distrahida,
Com cara de pouco caso".

Chamada á ré por aquillo,
Negou sua traquinagem,
E fez choro, mesmo estrillo,
Com fingimento e coragem.

A mamãe então lhe disse:
"Fala a verdade, pequena!
Si confessas a tolice,
Não mereces grande pena,

Que quem anda c'o a verdade,
Só perdão póde colher,
Sim, porque na tua idade,
Que mais pódes merecer?"

Viu-se a Dalva em bom seguro
E tal jura proferiu:
"A Deyla mente, eu te juro;
— Quando eu quebrei... ninguem viu..."

Oswaldo Walsh.

BÉBÉS

Arthurzinho, interessante filhinho do esculptor Arthur da Silva Imeck.

GALERIA DA INFANCIA

Cesar, filhinho do Sr. Dr. Mario Castilhos do Espirito Santo.

✣ ✣ ✣

A SOLIDEZ DUM FIO DE ARANHA

Muitos autores já verificaram a abundancia e a solidez dos fios de certas aranhas de Madagascar, cujos habitantes as denominam de *halake* e cujo nome scientifico é *nephila madagascariensis*. Os fios desta raça gigante, grandes e fortes, se assemelham á mais rica seda côr de laranja ou de ouro. Com estes fios, é possivel levantar um peso de 500 grammas, isto é, meio kilo. Afinal, em alguns logares da grande ilha Africana, como tambem no paiz dos Betsileos, o fio da *halake* é empregado pelos indigenas para a costura da roupa.

✣ ✣ ✣

Quando no arco-iris predomina a côr verde, considera-se como signal de vir chuva e frio; se predomina o encarnado, haverá chuva e vento.

✣ ✣ ✣

O cerebro de um idiota contem muito menos phosphoro do que o de uma pessoa de talento regular.

✣ ✣ ✣

Os olhos de um cameleão movem-se independente um do outro.

GALERIA INFANTIL

Angelica Storino, graciosa leitora do "O Tico-Tico".

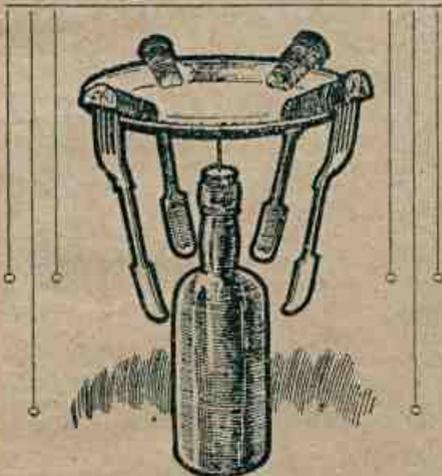
NATAL !

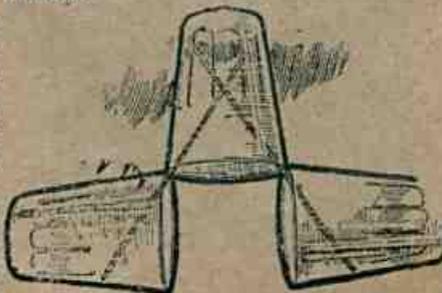
Devoção do mez: O SANTO ADVENTO

12º mez — 31 dias — *Signo* : *CAPRICORNIO*

N. S. DA CONCEIÇÃO

1—Sexta-feira — S. Eloy. S. Cassiano
2—Sabbado — Santa Bibiana
3—DOMINGO — S. Francisco Xavier
4—Segunda-feira — Santa Barbara
5—Terça-feira — S. Pelino
6—Quarta-feira — S. Nicolão
7—Quinta-feira — Santo Ambrosio
8—Sexta-feira — N. S. da Conceição
9—Sabbado — Santa Leocadia
10—DOMINGO — Santa Eulalia
11—Segunda-feira — S. Damaso
12—Terça-feira — S. Justino
13—Quarta-feira — S. Odila. S. Luzia
14—Quinta-feira — S. Nicacio
15—Sexta-feira — S. Faustino
16—Sabbado — Santa Adelaide
17—DOMINGO — São Lazaro
18—Segunda-feira — S. Basiliano
19—Terça-feira — S. Nemesio
20—Quarta-feira — S. Theophilo
21—Quinta-feira — S. Thomaz
22—Sexta-feira — S. Honorato
23—Sabbado — S. Servulo
24—DOMINGO — S. Gregorio
25—Segunda-feira — *Natal de Jesus* (*Dia Santo*)
26—Terça-feira — S. Estevão
27—Quarta-feira — S. Theophanes
28—Quinta-feira — S. Abel
29—Sexta-feira — S. Sabino
30—Sabbado — S. Liberio
31—DOMINGO — S. Silvestre

EQUILIBRIOS

Um prodigio de equilibrio que qualquer pessoa póde conseguir. Basta que tenha ao alcance das mãos uma garrafa, uma agulha, um prato, quatro garfos, quatro pedaços de cortiça e... muita paciencia.

Com tres garfos e uma argola de guardanapo póde-se fazer uma peanha de tres pés, util para sustentar um prato quente, á falta de outra cousa sobre o qual descansal-o.

Com o auxilio de dois lapis pódem dois copos equilibrar-se sobre um terceiro nesta extraordinaria posição. E' conveniente, no entanto, fazer a experiencia sobre um panno de mesa, bastante espesso, afim de que os copos não corram o perigo de se partirem.

A hygiene nas escolas americanas

O departamento de instrucção publica de New York preoccupa-se continuamente com os meios de aperfeiçoar a hygiene das escolas. Ultimamente fez proceder a uma curiosa experiencia. Na sala principal de uma escola fez tirar os vidros das janellas e substituil-os por pedaços de tecido de algodão muito transparente. A experiencia foi suggerida pela idéa de que o vidro, excellente vehiculo do calor, communica á sala a temperatura externa, mas não deixa entrar o ar. O algodão, ao contrario, proporciona uma aereação constante, sem correntes de ar, e, o que é melhor ainda, impede a entrada do pó que vem de fóra. Os alumnos ficam em uma temperatura mais igual. A experiencia feita em pedaços de algodão parece que deu excellentes resultados; os alumnos não soffreram mais de dores de cabeça nem de defluxos.

Judeu Errante

Quando Jesus subia o Calvario, cansadissimo, passou por uma casa rica. Na porta estava um homem com ar feroz, a quem Jesus falou: "Dae-me agua!" O homem respondeu: "Caminha! caminha!"

Jesus pediu ainda: "Deixa-me descansar no banco da tua porta!" E o homem responde: "Caminha! caminha!"

"Ajuda-me a levar a cruz?"

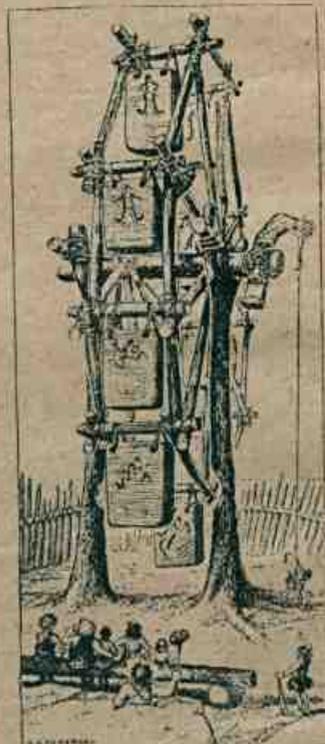
"Já te disse, caminha! caminha!" — trovejou o homem encolerisado.

Disse, então, Jesus: "Pedi tres cousas, não me consentiste! Dizes só caminha, caminha. Pois caminharás tambem e não terás mais descanso na vida! Não terás um logar de repouso no céo".

Para não ouvir as palavras do Nazareno, entrou o máo homem, cheio de terror, na casa e foi direito ao seu filhinho de tres mezes. Mas, debruçando-se no leito, o filho que não sabia falar, disse ao pae: "Caminha! caminha!" Foi ao leito de avó, ia pedir-lhe a benção, e a velhinha lhe disse: "Caminha! caminha!"

Cheio de remorso pensou ir ao pé da cruz e pedir perdão a Jesus-Christo; mas de todos os lados vozes diziam: "Caminha! caminha!" E o homem, julgando que morrendo encontraria alivio para sua pena, jogou-se no abysmo.

SYLVIO DE LIMA PEREIRA.

A origem do cinema

Foi este o primeiro cinema que appareceu no mundo. As *fitas* de então devem ser muito apreciadas e interessantes, a julgar pelo grande numero de assistentes. O bisavô do avô do Zé Macaco foi o inventor de tão bello apparelho.

Gosa mais de grandeza aquelle que sabe contemplal-a do que aquelle que póde possuil-a.

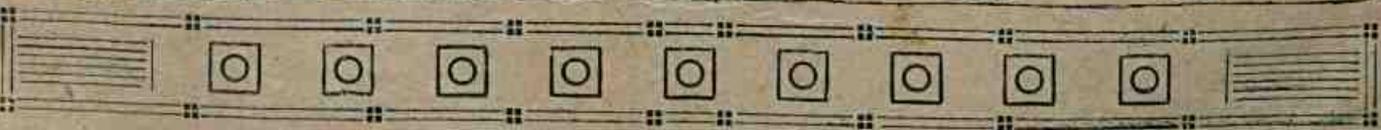
Natal dos Pobres

NAQUELLE dia, José, o carpinteiro, que abandonara a pequena Nazareth, na Galliléa, para salvar a vida do Doce Enlevo de Maria — o Divino Jesus — partira muito cedo, antes mesmo que os gallos saudassem o nascimento do sol.

✣ ✣ ✣ Ao lado do leito da Virgem, no catre humilde, o Menino dormia, sonhando talvez com a aurora dos dias tragicos do Golgotha.

A officina não se encheria, naquella manhã de luz, da musica rythmada dos martellos e do repassar das plainas sobre as taboas. O carpinteiro partira, em busca do pão, para fóra da aldeia, lá bem longe, onde, no emtanto, tambem se amava e venerava o Santo Nome de Deus.

✣ ✣ ✣ Jesus acorda. Levanta-se, volta-se para o leito da Virgem, beijando-a com o olhar cheio de meiguice. E desce suave, cauteloso, nas pontas dos pés, á officina de José, já então illuminada pelos primeiros raios do sol. De olhos fitos no céo, Jesus por longo tempo óra contricto. Depois, alentado pelos favores do Alto, toma as ferramentas e, habil como um mestre, aplaina a madeira, corta-a, dá-lhe fórmas diversas, ajusta-a, prega-a, burne-a.

Uma cohorte de anjos cerca o Filho de Deus, louvando-o e bemdizendo-o.

E Jesus prosegue sempre, cauteloso, quasi em silencio, para não perturbar o somno doce da Virgem...

✣ ✣ ✣ Era preciso, no emtanto, concluir a tarefa ainda áquella manhã. O que vira em sonhos tocara-lhe de todo o coração. Em muitos lares, onde não havia fogões que o aquecessem do frio que cortava, Noel não entrara. As meias que o bom velhinho levava deixara-as cahir só pelas chaminés de onde sahia a espiral de fumo alvo...

✣ ✣ ✣ E os pobreszinhos, em cujos lares não ardera o lume aquecedor nem houvera o velho sapato — salva recolhedora da offerta de Noel — confiantes tambem adormeceram cheios de esperança.

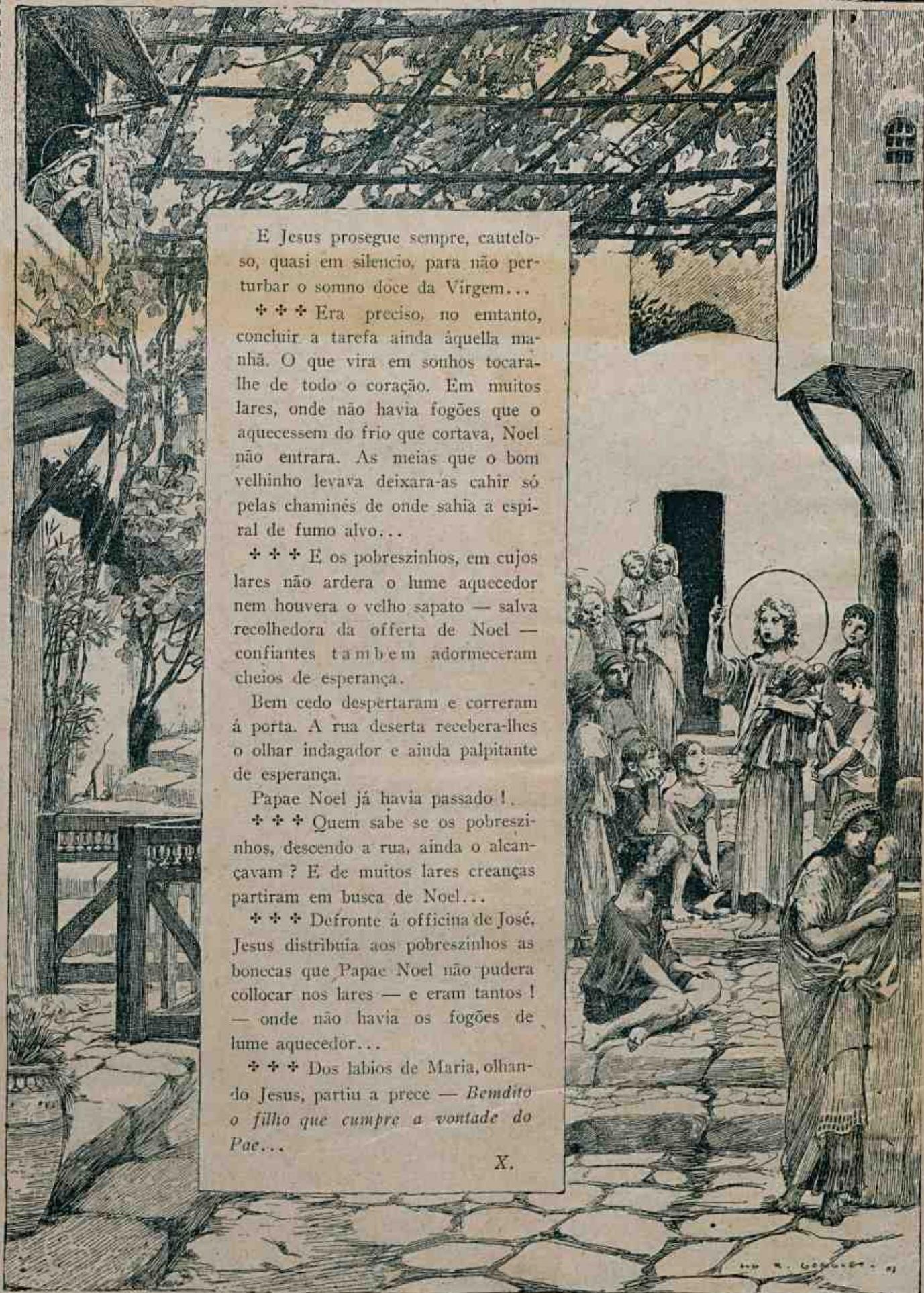
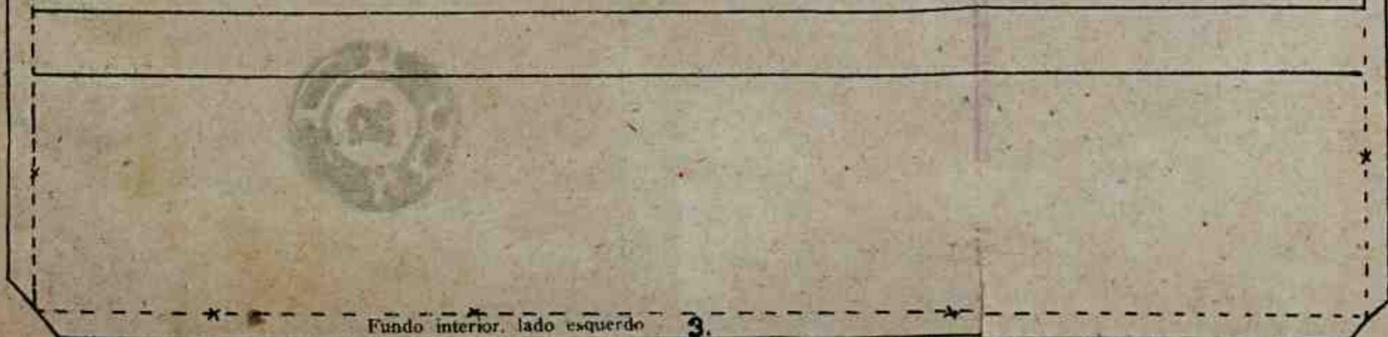
Bem cedo despertaram e correram á porta. A rua deserta recebera-lhes o olhar indagador e ainda palpitante de esperança.

Papae Noel já havia passado!..

✣ ✣ ✣ Quem sabe se os pobreszinhos, descendo a rua, ainda o alcançavam? E de muitos lares creanças partiram em busca de Noel...

✣ ✣ ✣ Defronte á officina de José, Jesus distribuia aos pobreszinhos as bonecas que Papae Noel não pudera collocar nos lares — e eram tantos! — onde não havia os fogões de lume aquecedor...

✣ ✣ ✣ Dos labios de Maria, olhando Jesus, partiu a prece — *Bemdito o filho que cumpre a vontade do Pae*...

X.

3
Parte do telhado, lado direito
Gradis lateraes do cercado
Telhado do pavilhão central
1.
Fundo interior, lado esquerdo
3.

O "MUQUE" DO CHICO BOIA

Tendo como "chauffeurs" *Mutt e Jeff, Chiquinho, Jagunço e Benjamin* foram dar um passeio de automovel pelo campo. A estrada era cheia de curvas e o automovel, que corria desabridamente, de repente teve um dos pneumaticos arrebentados, indo bater...

...de encontro a uma pedra. O choque foi tão violento, que todos os passageiros saltaram pelo ar, a grande altura. Mas o pessoal d'*O Tico-Tico* tem sorte: Felizmente *Chico Boia* vinha pela estrada e aparou nos seus roliços braços...

O bichão!

...todas as victimas do desastre, acariciando-as e confortando-as. A gratidão e a admiração do pessoal era immensa. Todos endeosavam o "muque" do *Chico Boia*, que foi elogiado até por um "tico-tico" que passou no momento.

JEFF, DOMADOR

Jeff fôra pedir o auxilio de Mutt e Garnizé, porque um gato selvagem o perseguia, quando elle atravessava uma pequena matta.

O gato era visto sempre, ora trepado ás arvores, caçando os pobres passarinhos, ora sobre as pedras, á cata de lagartixas. Era um senhor gato bem creado.

Uma vez perseguiu Jeff de tal forma que, se não fosse o soccorro de Garnizé e de *Duque* (o seu famoso cão) Jeff seria morto...

...pelo felino. Tempos depois, no emtanto, Garnizé e Mutt começaram a desconfiar de Jeff, que não falava mais no gato e mettia-se na matta, conduzindo cestas com comida.

No matto passava elle muitas horas. Por isso Garnizé e Mutt começaram a espreital-o, até que um dia encontraram Jeff a brincar com o gato, dando-lhe *cafunés*, como se fosse um simples gatinho.

Apuradas as cousas, souberam que Jeff conseguira amansar o bicho, dando cousas gostosas. Vejam os meninos que com docilidade e carinho até as feras se domesticam.

O CENTENARIO DA INDEPENDENCIA

O acontecimento que o Brasil inteiro commemora este anno, em meio de festas extraordinarias, é daquelles que enchem um povo de orgulho e alegria.

O Centenario da nossa Independencia — eis o motivo dessa commemoração; e nenhum outro póde ser mais grato á nossa intelligencia, ao nosso espirito, ao nosso coração.

Um seculo de vida autonoma, em cujo decorrer conquistámos as maiores victorias moraes, intellectuaes e materiaes; um seculo de lutas pela Liberdade, pelo Direito, pela Civilisação; um seculo de trabalho proveitoso a toda a Humanidade, e durante o qual sempre nos distinguimos pela força da nossa consciencia, pela benignidade do nosso caracter, pela generosidade do nosso coração — eis o conjuncto grandioso synthetisado nessa commemoração que nos servirá de insigne credencial perante todo o mundo civilisado.

D. Leopoldina

E, então, no meio dessas festas, andará sempre a lembrança dos herões e martyres que ha mais de dois seculos, desde a luta de 1708, travada entre Paulistas e "Emboabas", sonharam e se bateram por um Brasil independente e livre, affrontando a força e o interesse ambicioso da metropole, ciosa dos seus direitos, do seu despotismo coroado e das riquezas fabulosas da sua "colonia"...

Pela mente de todos os brasileiros patriotas passarão essas etapas da explosão do nosso nacionalismo — a Guerra dos Mascates, em Pernambuco, o Levante de Felippe dos Santos, em Minas, e, sobretudo, a Inconfidencia Mineira, de 1789, e a Revolução Pernambucana, em 1817. E de envolta com a recordação desses factos historicos brilharão os nomes dos martyres — Tiradentes, Frei Caneca, Padre Roma, João Ribeiro, Domingos Martins, Padre Miguelinho, Theotonio Jorge — e outros herões dessas pugnas pela liberdade do Brasil.

Mas o Centenario da Independencia recordará principalmente a formidavel agitação do Rio de Janeiro, após a partida de D. João VI para Lisboa, de onde viera, em 1808, fugindo á invasão napoleonica.

D. Pedro I

Aqui deixára elle seu filho, o principe D. Pedro, como Regente do Reino Unido, que então era o Brasil.

Duas correntes de agitação patriotica se distinguiam: uma capitaneada pelo bacharel Joaquim Gonçalves Ledo, que trabalhava pela emancipação do Brasil sob a fórma republicana; outra dirigida pelo capitão mór Joaquim José da Rocha, que pleiteava a independencia, conservando a fórma monarchica. D. Pedro, moço estouvado e ambicioso, mas, no fundo, cavalheiresco, facilmente se deixou seduzir por esta ultima corrente, a instigações do grande estadista José Bonifacio; de modo que, quando chegaram as noticias das hostilidades das côrtes de Lisboa contra o Brasil, encontraram o principe Regente mal disposto a toleral-as. José Bonifacio aproveitou essa circumstancia para aconselhar medidas de represalia, no que era secundado pela princeza D. Leopoldina, consorte de D. Pedro, que amava sinceramente o Brasil e esposava francamente a causa dos brasileiros.

As hostilidades do governo de Portugal augmentavam. Veiu uma ordem para que D. Pedro se retirasse para Lisboa, mas o regente desobedeceu, e, a pedido do povo, declarou que ficava no Brasil. Por sua vez os deputados brasileiros batiam-se como leões nas côrtes portuguezas, pelos direitos já outorgados á sua patria. Vendo, porém, D. João VI que seu filho teimava em lhe desobedecer, mandou que as côrtes rebaixassem o Reino Unido do Brasil á antiga cathegoria de colonia.

Quando aqui chegou essa noticia, acompanhada de uma segunda esquadra para levar D. Pedro, estava este em S. Paulo, onde fôra accommodar os ultimos écos de um movimento revolucionario. Para lá se dirigiu um emissario de confiança, levando a grave noticia e cartas decisivas da princeza D. Leopoldina e de José Bonifacio.

José Bonifacio de Andrada e Silva

O encontro do emissario com o principe Regente deu-se na tarde de 7 de Setembro de 1822, nas proximidades do Ypiranga.

D. Pedro leu avidamente a correspondencia e, cheio de emoção murmurou: — *E' tempo!* Em seguida partiu a incorporar-se á vanguarda da sua comitiva e da sua guarda de honra; deu-lhes sciencia do que acabava de saber, e, nervosamente, arrancou e atirou para longe o tope luzitano, desembainhou a espada, e, num gesto heroico, soltou o grito:

— *Independencia ou Morte!*

Enthusiasmados, todos os presentes secundaram o solemne desafio de D. Pedro, e juraram cumpril-o.

Estava definitivamente proclamada a Independencia do Brasil.

Estavam emfim realisados os anceios vehementes de todos os brasileiros.

O grito do Ypiranga — Quadro de Pedro Americo.

Alphabeto manual

Ha varios alphabetos manuaes. Os mudos quasi sempre conhecem todos elles. Damos aos nossos leitores um dos alphabetos usados por aquelles que não têm o dom da palavra, ou pelos que, por alguma conveniencia, querem conversar silenciosamente.

O hospede da noite de Natal

(CONCLUSÃO)

A pequenita despediu-se do Trasgozinho, subiu para um carro de marfim puxado por borboletas, e foi levada por ares e ventos até ao pinhal, que ficava ao pé da choupana do pae della. Apenas saltou para o chão, retomou o antigo tamanho e foi ter com o pae, a quem logo contou as suas aventuras. Pareciam, na verdade, tão extraordinarias, que o camponez julgou que a filha tinha estado sonhando, emquanto não viu a roda de fiar. Era a prova de que tudo era verdade.

Desde então correu tudo ás mil maravilhas para o camponez e para a filha. No jardim havia sempre abundancia de flores; as arvores do pomar nunca deixavam de estar carregadas de fructos, nem a horta de dar legumes e hortaliças em barda. Além disso as gallinhas punham ovos todos os dias e as vaccas davam leite á farta. Os annos foram correndo assim, e Edith tornou-se uma linda rapariga, com olhos de um azul mais bonito que o do myosote, e cabellos doirados como a flor do tojo, quando chega o outono.

Um dia passou na charneca um garboso e esbelto cavalleiro, e viu alongar-se pela encosta a esteira que marcavam os raios de sol e guiado por ella foi até junto da choupana. Viu sentada no seu jardim, ao pé da roda magica, a encantadora Edith, rodeada de passarinhos, de coelhos, de lebres, de toupeiras e de todos os seus amigos da floresta, que tinham ido aquecer-se aos raios doirados do sol, que ella fiava docemente. E um desses raios penetrou no coração do cavalleiro e abrazou-o de amor pela formosa rapariga. O cavalleiro pediu então a Edith que fosse sua mulher, e que fiasse raios de sol e alegria para elle e para o seu povo.

Ella, que tambem se tinha apaixonado logo pelo cavalleiro, casou com elle, autorisada pelo pae, que foi viver com o genro num grande castello situado no alto de uma montanha. Ao casamento assistiram todos os trasgos da charneca, e a antiphona foi cantada pelos passarichos dos bosques.

— Pio! Pio! — chilreou o Pintarroxo, que tinha envergado para a cerimonia o seu melhor collete encarnado e que, muito cheio de si, dizia com os seus botões: "Nunca isto succederia, se não fosse eu e o hospede da noite de Natal."

EVA ROGERS.

A GYMNASTICA DA CORDA

Este ramo da gymnastica tem poucos apaixonados. Porque para subir e descer por uma corda é preciso ser um gymnasta bem exercitado e possuir braços e pernas capazes de esforços musculares de uma certa importancia. E só porque, em geral, faltam essas qualidades, a gymnastica de subir e descer por uma corda não tem grande voga entre as pessoas que se dedicam a exercicios physicos. E é um erro e uma injustiça. Porque não só esta gymnastica é uma prova das optimas qualidades de quem a pratica, mas, além disso, é um exercicio continuo dos musculos das pernas, dos braços e de todo o corpo, porque se compõe de esforços que não se limitam aos membros em contacto com a corda. Mas, naturalmente, para bem fazel-o, é preciso saber como se haver nas provas e adquirir habilidade nas mãos. O principiante, antes de tudo, deve cuidar dos preliminares. A corda deve ser de espessura sufficiente a permittir ás mãos uma certa commodidade em agarral-a. E deve descer quasi até ao solo. Uma boa corda nunca será de comprimento inferior a oito metros. Além disso deve ser forte, resistente, presa solidamente a um tronco de arvore ou a uma barra, igual ás que se usam nas salas de gymnastica. Antes de iniciar os exercicios, pendurae-vos á extremidade da corda, afim de verificar se o nó ao alto é bastante resistente. E' necessario que as mãos estejam sempre seccas. Usa-se para isso de um pouco de magnesia.

Fig. 1

Fig. 2

Fig. 3

A SUBIDA COM OS BRAÇOS E AS PERNAS

Tomae a corda com ambas as mãos no ponto mais alto que puderdes alcançar. Collocae uma perna — como na figura 1 — de modo que o lado externo das pernas fique encostado á corda. Levantae os joelhos em posição horizontal, de modo que distendam a corda, a qual depois é presa solidamente pelos pés cruzados (fig. 2). Depois, elevando os joelhos mais para o alto, erguei todo o corpo e ajudae a ascenção, elevando as mãos ainda mais para o alto, com um esforço dos braços (fig. 3). Assim cada vez estareis mais alto. Repeti então os mesmos movimentos e pouco a pouco tereis feito a ascenção, cada vez mais facilmente.

Fig. 4

SUBIDA COM A MÃO

Este é um exercicio bem mais difficil do que o primeiro, mas praticamente possivel para quem dispuzer de braços robustos. Tomando a corda com ambas as mãos, levae ao alto primeiro a direita e depois a sinistra, com movimentos alternados. O esforço é grande porque sobre a resistencia de cada mão deve descansar o peso de todo o corpo. E' preciso, porém, acompanhar os movimentos das mãos com os das pernas, embora sem tocar na corda (fig. 4). Isso diminue o cansaço. Quando se começa este exercicio é bom subir com as mãos e as pernas, e só descansar nas mãos para a descida.

A VOLTA DA CORDA

Com este exercicio as difficuldades ainda são maiores. Só se consegue dar a volta á corda depois de muito exercicio, e quando as mãos já adquiriram uma grande robustez. Agarrando-vos solidamente com a mão direita, apoiae o pé direito contra a corda. Depois, servindo-vos do pé esquerdo, erguei a parte inferior da corda, de modo que possa ser agarrada pela mão esquerda conservada livre (fig. 5). Retirae, então, os pés e sempre com a mão esquerda, levae a extremidade da corda ao alto. Tereis dado assim uma volta á corda, sobre a qual o vosso corpo poderá descansar (fig. 6). Querendo, podereis fazer um nó, que tornará ainda mais seguro o vosso repouso. E' bom notar, comtudo, não ser de bom aviso tentar este exercicio antes de ter confiança nas proprias forças.

Fig. 5

Fig. 6

DESCIDA COM UMA DAS MÃOS LIVRE

Este exercicio é muito importante, porque póde succeder que se torne necessario delle se utilisar fóra do salão de gymnastica, talvez mesmo para salvar a propria vida e a de uma outra pessoa. Imaginae terdes de descer por uma corda da janella de uma casa em chammas, com uma creança no braço direito. Prendei bem a corda com os pés cruzados e com a mão livre (fig. 7). Depois começae a descida, afrouxando ligeiramente as pernas e os pés e baixando pouco a pouco a mão. Repetindo estes movimentos fareis a descida por toda a extensão da corda, sem precisar do auxilio da outra mão. Este exercicio, que póde ser executado apenas por quem tiver grande pratica dos exercicios precedentes, é, sem duvida, o mais util de todos.

Fig. 7

O PAPEL

O linho é de certo a melhor materia prima para a fabricação do papel; porém muitas outras substancias o substituem, taes como cevada, arroz, aveia, milho, ervilhas, feijões, agulhas de pinheiro, refugo de canna, musgo, algas, fumo, lichens, folhas e casca de arvores, acelgas, batatas... Todavia a maior parte do papel commum é feito da madeira de certas arvores. E assim como de tudo, por assim dizer, se póde fazer papel, tambem tudo ou quasi tudo se póde fazer de papel.

De papel comprimido fazem-se rodas, carris, canos, ferraduras, brunidores de joias, bicyclos, tubos aspaltados para gaz ou para fios electricos.

Com polpa de madeira e sulphato de zinco já se experimentou em Berlim fazer o calçamento das ruas... antes da guerra.

De igual maneira se fabricam telhas e manilhas para a agua. Ha postes de telegrapho feitos de folhas de papel enroladas, ôcos, mais leves que os de madeira, e resistindo melhor ao tempo.

No Japão fazem-se, do papel, vergas para as janellas, lanternas, guarda-soes, lenços, couro artificial, etc. A roupa branca do japonez, quando em campanha, é feita de papel, roupa que durante a guerra exportaram para os soldados alliados.

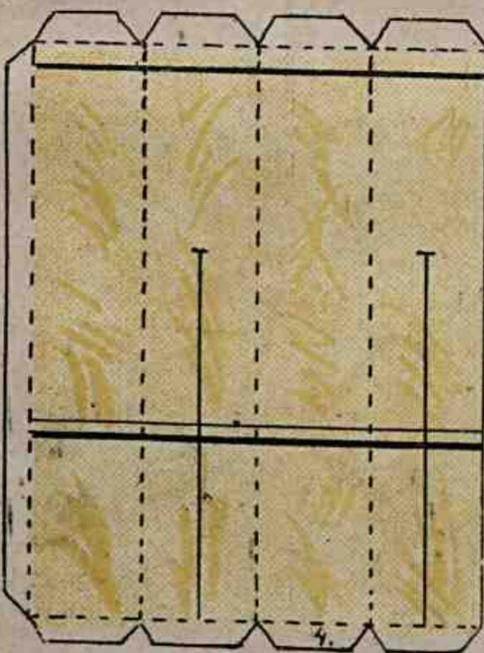
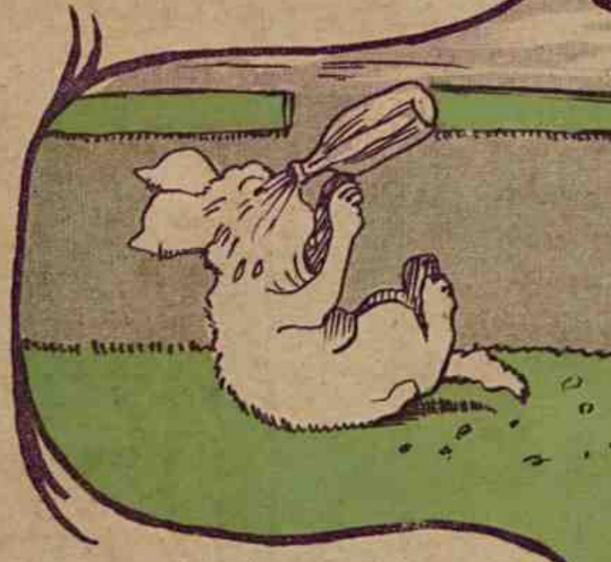
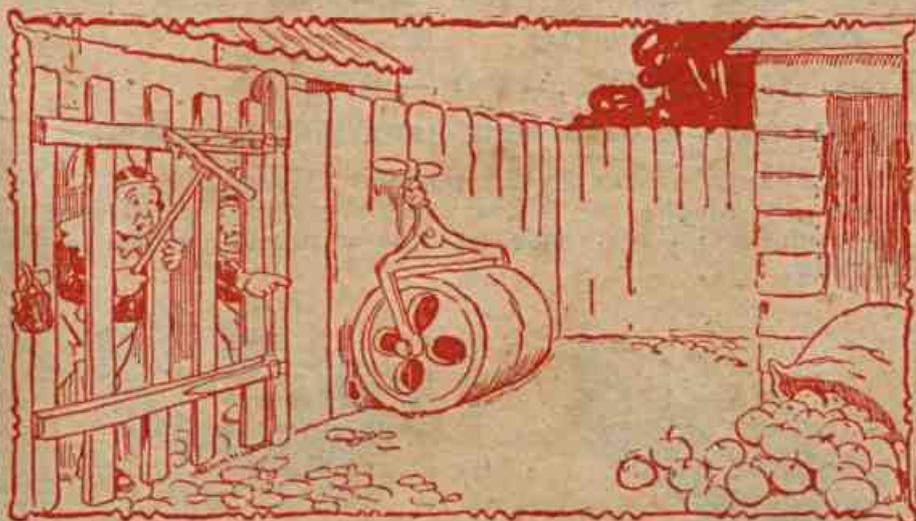
Compram-se hoje em dia chapéos de palha, nos quaes não entra... um atomo de palha ! São feitos de tiras estreitas de papel, tintas de amarello. Fazem-se esponjas artificiaes de cellulose ou de polpa de papel.

O uso do papel na industria póde estender-se indefinidamente. Emprega-se na imitação da porcellana, em balas, em sapatos, em pannos de bilhar, em velas de embarcações, em taboas para construcção, em saccos impermeaveis para cimento e outras substancias em pó; em barcos, em vasilhas para agua... Até já se fez um fogão de papel, o qual aguentou perfeitamente o calor !

Póde-se usar a cellulose para preparar um revestimento impermeavel que se applica como tinta. Tem-se construido casas completas de papel; na Noruega ha uma igreja com capacidade para mil pessoas, toda construida de papel — inclusive o campanario !...

GENTE DE CINEMA

O adoravel "Carlito". — (Photographia enviada ao "Chiquinho").

O JAGUAR
O MACACO
Columnas dos gradis do pavilhão das féras.
Grande Jardim Zoologico
DO
O TICO-TICO (Pagina de armar)
O AVESTRUZ
Columnas dos gradis do pavilhão das féras.
1 Forro da divisão central, lado direito
1. Divisão exterior do centro, lado direito

O curioso é sempre castigado
Totó viu um dia no campo um homem muito interessado a olhar por um binoculo. E desde então só teve uma idéa: olhar pelo orificio...
... de um tubo qualquer. Vendo a cafeteira na mesa de jantar Totó quer olhar pelo tubo da mesma. Como nada visse, quiz...
... segurar-e um jacto de café quente sahindo pelo bico da cafeteira foi queimar o nariz do curioso animal.
Ganindo de dores, com o nariz, os olhos e as orelhas queimadas, Totó fugiu jurando não mais ser curioso. Dias depois, porém, no...
... jardim. Totó viu um tubo como o que dias antes observara na mão do homem, no campo. E quiz olhar o que havia dentro do tubo.
E segurou-o, levando-o aos olhos. Mas fel-o de modo desastrado; abriu sem querer a torneira e recebeu em cheio no focinho um jacto de agua bem fria.
(Continúa adeante)
O curioso é sempre castigado (Continuação)
Totó, todo molhado correu para sua cazinha e esperou que seu pello seccasse. Depois foi passear e encontrou no caminho...
... uma garrafa. Não perdeu tempo: levou o orificio do gargalo aos olhos, abaixou-a, depois levantou-a e tanto fez que a garrafa, que continha agua mineral, ...
... desarrolhou-se e o liquido bateu-lhe com força nos olhos. Totó ficou tres dias quasi cego, mas não desistiu de vêr, em qualquer tubo que encontrasse, o que...
... o homem do campo estava tão interessado em observar, quando o curiso cãozinho o viu. E dias depois, Totó...
... Encontrou no campo uma espingarda carregada, cujo dono a deixara por instantes encostada a uma moita. Vendo o cano da arma, Totó levou-o aos olhos.
E, como cousa alguma visse, poz-se a bulir no gatilho. Uma detonação se fez ouvir e Tote cahiu no chão morto por uma carga de chumbo. Assim acabam todos os curiosos e buliçosos.

Cazuza, Bento e as tangerinas

Cazuza e Bento, dois meninos muito gulosos e incorrigiveis, viram no quintal do Sr. Anselmo, vendeiro da esquina, um sacco cheio de maduras e cheirosas tangerinas. O vendeiro não estava presente e Cazuza e seu companheiro não puderam reprimir o desejo de furtar alguns frutos. Armaram-se de um ancinho; mas este, por ter o cabo muito curto, não alcançava as tangerinas.

Que fizeram os dois peraltas? Tiveram uma idéa: amarraram ao *guidon* de um rolo de nivelar, que estava encostado ao muro do quintal do vendeiro, o ancinho e imprimiram um impulso. A idéa, não ha duvida, era genial, mas de todo reprovavel, porque ninguem deve se apoderar daquillo que não lhe pertence.

O *guidon* do rolo era empurrado, os dentes do ancinho cravavam-se nas tangerinas e as trazia para regalo dos petizes insubordinados. Toda má acção tem, porém, seu castigo: o vendeiro soube do caso e foi contal-o aos paes dos peraltas, que ficaram privados da sobremesa durante um mez.

PRONOMES CHINEZES

Quando uma creança chineza attinge a idade de um mez rapam-lhe, pela vez primeira, a cabeça e dão-lhe o seu primeiro nome. Este não é, realmente, senão um numero de ordem: *ayan*, numero um; *asans*, numero dois; *aluk*, numero tres; e assim por deante.

Aos seis annos, a creança começa a ir á escola; recebe, então, um segundo nome mais harmonioso: *Merito nascente, Escripta elegante, Tinta perfeita, Azeitona que vae amadurecer.* Terceiro nome lhe é dado por occasião do seu casamento; quarto se recebe nomeação de funccionario publico; quinto se se dedica ao commercio; sexto na hora da morte.

As mulheres são menos abundantemente providas. Designam-as até ao casamento pelos nomes de *Pedra preciosa, Pequena irmã*, e, depois de casadas, recebem poeticas designações: *Flor de jasmin, Lua prateada, Perfume suave*, etc. E' bonito.

O PESO E A ESTATURA

Tem-se procurado determinar a relação que deve existir normalmente entre a estatura e o peso do homem. Para isso, propuzeram-se muitas formulas; mas não foi possivel ainda encontrar uma geral.

A mais approximada para os adultos, cuja altura varie de 1,60 a 2 metros, é a de Mathieu. Um individuo deve pesar tantos kilos, menos cem, quantos os centimetros que tiver de estatura.

Por exemplo, um homem cuja altura seja de 1,80 metros, deve pesar 180 — 100 = 80 kilos.

✣ ✣ ✣

AS TRES VERDADES DO BARQUEIRO

Esta phrase encontra-se explicada no seguinte conto:

"Chegou um homem á margem de um rio, e não tendo dinheiro para pagar ao barqueiro, que havia de transportal-o para a margem opposta, combinou com este que elle o passasse na barca, mediante a relação das tres verdades do barqueiro, verdades que este ignorava. A meio da travessia, disse-lhe a primeira: *o pão duro, duro, duro, mais vale duro que nenhum;* passado um pedaço, disse-lhe a segunda, *sapato roto, roto roto, mais vale no pé, que na mão.*

— E a terceira? perguntou o barqueiro, quando o narrador acabou de desembarcar.

— A terceira, responde este, é: *se a todos passares pelo preço por que me passaste a mim, para que estás aqui?*

✣ ✣ ✣

Scena passada numa confeitaria:

— A como são estes biscoitos?

— A tostão a meia duzia.

— Seis por um tostão, isto é, por cinco vintens. Então, vem a ser, cinco por quatro vintens, quatro por tres, tres por dois, dois por um, e um de graça. Dê-me um!

✣ ✣ ✣

Ah! se eu fosse medalhinha,
No teu peito viveria,
E do teu coraçãozinho,
As pancadas contaria.

✣ ✣ ✣

Escrever com lapis é o mesmo que falar em voz baixa

CASA GUIOMAR

CALÇADO DADO

AVENIDA PASSOS, 120 — RIO

VENDAS POR ATACADO E A VAREJO — A CASA MAIS BARATEIRA DO BRASIL

Algumas marcas, para asquaes chamo a attenção dos senhores directores de collegios, das caixas escolares e doschefes de familia, por serem fabricadas sem papelão nem pregos, tornando-se portanto de muita resistencia, sendo por isso as unicas que têm resistido ás travessuras do **CHIQUINHO.**

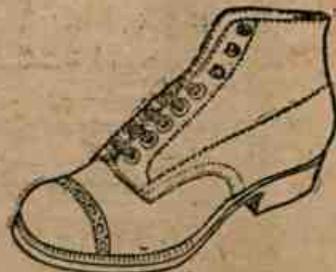
MODELO "TANK"

Fortissimos borzeguins em vaqueta escura, sola dupla, recommendados, pela sua extrema durabilidade, para collegiaes e para uso diario.

PREÇOS DE RECLAME

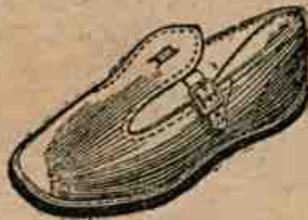
De 18 a 26 . . . . . 8$000
De 27 a 32 . . . . . . 9$000

CREAÇÃO DA NOSSA CASA

Pelo Correio mais 2$ por par

Calçado para homem

Fortissimos e impermeaveis borzeguins de "box-calf" de côr e preto, tres solas, forrados de couro, proprios para engenheiros, agricultores e pessôas cuja occupação os obriga a andar muito. Recommendamos este calçado pela sua grande durabilidade e conforto . . . . 30$000

O mesmo modelo em kangurú americano preto e de côr escura, tambem sola dupla, forro de panno, artigo muito resistente . . 25$000

Porte por par mais 2$500

MODELO "GUIOMAR"

Sapatinhos de vaqueta escura, artigo fortissimo, para casa e collegio, creação da casa. Este artigo tem tido muita acceitação pela sua extrema commodidade.

PREÇOS DE RECLAME

De 17 a 26 . . . . . . 4$500
De 27 a 32 . . . . . . 5$500
De 33 a 40 . . . . . . 7$500

Pelo Correio mais 2$ por par

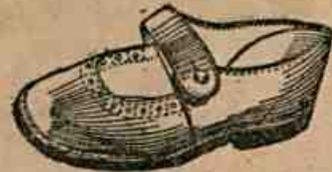
MODELO "LADY"

Sapatos em vaqueta amarella, artigo proprio para uso de collegios, chacaras e sports, recommendados por sua extrema durabilidade e conforto.

PREÇOS DE RECLAME

De 18 a 26 . . . . . . 7$000
De 27 a 32 . . . . . . 8$000

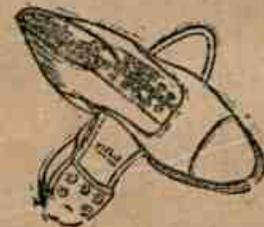
Creação exclusiva da Casa Guiomar

Pelo Correio mais 2$ por par

MODELO "ALTIVA"

Sapatos em kangurú preto e amarello, creação exclusiva da **Casa Guiomar**, recommendados para uso escolar e diario, pela sua extrema solidez e conforto.

PREÇOS DE RECLAME

De 17 a 26 . . . . . . 5$000
De 27 a 32 . . . . . 6$300
De 33 a 40 . . . . . . 8$000

Pelo Correio mais 2$ por par

Sapatos de kanguru' côr de vinho e pretos, solas e saltos "neolin", uma especialidade 35$000

O mesmo modelo, em buffalo branco, tambem com as solas e saltos "neolin" . . 40$000

O mesmo modelo em kangurú claro, sola "neolin" branca, artigo muito "chic" e superior . . . . 35$000

Ainda o mesmo modelo em vaqueta escura, côr de vinho, salto e sola "neolin", artigo de muita durabilidade 25$000

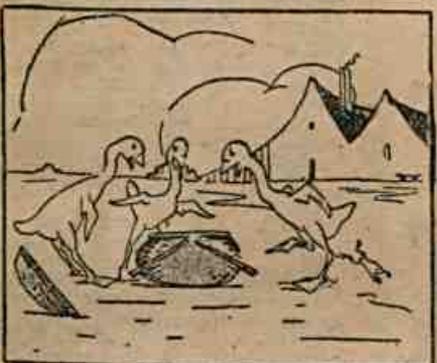
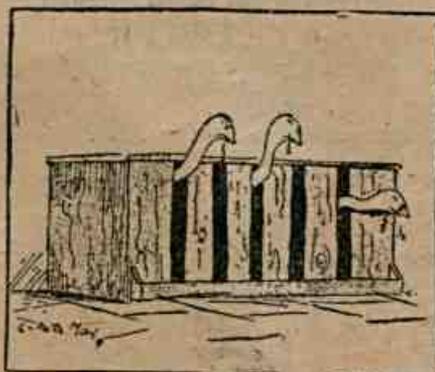
Porte por par mais 2$500

Compras superiores a 100$000 têm desconto de 5 %

Remettem-se catalogos illustrados, inteiramente gratis, a quem os solicitar, rogando-se toda a clareza nos endereços, para evitar extravios.

Os pedidos de calçados podem vir juntos com a importancia na mesma carta registrada com valor ou em vales do Correio e dirigidos á firma JULIO DE SOUZA.

AVENIDA PASSOS N. 120 - RIO

TRES GANSINHOS DESOBEDIENTES

A mamãe Gansa tinha tres filhos, tres gansinhos que eram, infelizmente, muito mal ouvidos. Um dia a mamãe foi ao mercado e fez uma recommendação aos filhos. "Vocês ouçam bem: não tirem a tampa deste cestinho!" Os tres gansinhos, mal a mamãe partira, curiosos e desobedientes, foram destampar o cestinho. Foi um susto immenso que os tres gansinhos tomaram. De dentro do cesto saltaram muitas rãs, que fugiram aos saltos. Os gansinhos, após commetterem a má acção de desobediencia, ficaram apprehensivos, pensando no que lhes ia acontecer quando mamãe chegasse. Pouco depois chegou a Gansa e vendo o cesto vazio ficou justamente zangada. "Corram já para casa — dizia ella — já para casa! Vão ser castigados!" E, de facto, os gansinhos, um a um, foram castigados, recebendo umas palmadas merecidas. O castigo, no emtanto, foi maior; durante uma semana os gansinhos ficaram privados de doce e de passear, presos numa gaiola, no fundo do gallinheiro.

Conselhos ás moças

Não ergas nunca os teus olhos, senão para olhar o céo.

Sê docil para com teus paes a tal extremo, que elles não tenham o incommodo de dizer-te com os labios o que bastaria dizerem-te com os olhos.

Não dês entrada ao orgulho na tua alma, porque o orgulho perde com mais segurança a mulher do que o homem, e a este perde-o sempre.

Colloca-te todos os dias na presença de Deus, sob pena de te esqueceres de que vives nella.

Sê caridosa com todos os pobres, com todas as miserias.

Não feches nunca o teu coração a tua mãe; deixa-a ler nelle como em livro aberto.

Usa vestidos brancos para harmonisarem com a tua consciencia e o teu coração.

No mundo não ha mulheres feias; o que ha é mulheres más e sem educação.

Se tens talento, esconde-o e se o não tens, esconde-te.

A mulher é formosa aos quinze annos; a bondade é-o aos quarenta.

O que revelam as unhas

As unhas compridas e afiladas querem dizer imaginação, poesia, amor ás artes e preguiça; compridas e planas, prudencia, gravidade e reflexão; largas e curtas, colera, genio brusco e espirito de opposição; bem coloridas, virtude, saude, generosidade e esplendidez; duras e iguaes, ira, crueldade, espirito combativo; recurvadas em fórma de gancho, hypocrisia, falsidade; brandas, debilidade de corpo e de espirito.

O jogo do xadrez

O jogo do xadrez foi inventado, segundo o dizer de alguns, durante o cerco de Troia: parece ser a imagem da guerra; mas é mais provavel que tenha sido inventado na India, cerca do seculo VI da nossa éra, e que dahi passasse á China e á Persia. Na Europa, parece que foi introduzido durante as cruzadas.

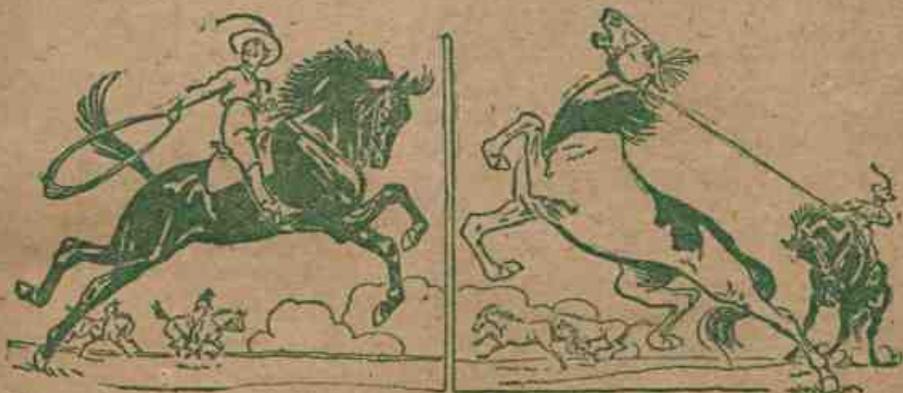
Na India, o seu nome é *tschaturanga*, isto é, as quatro partes de um exercito; com effeito, as peças são: 8 infantes, 2 carros, 2 cavalleiros, 2 elephantes, e para commandal-os, um generalissimo e o rei. A palavra xadrez vem do persa *xa* (*schah*), rei. Na Europa, as 16 peças de cada jogador soffreram modificações na sua denominação: 8 peões, 2 torres, 2 cavallos, 2 bispos (ou 2 bobos), 1 rainha, 1 rei.

As combinações deste jogo, relativas ao emprego mais rapido e mais efficaz das peças, constituem uma verdadeira sciencia, com a sua linguagem propria, os seus methodos, as suas escolas, a sua literatura. Em Roma, até já mesmo se poz em verso a arte de jogar o xadrez. Em quasi todos os paizes do mundo ha um grande numero de tratados sobre esta arte e jornaes especiaes, que são uma delicia da vida para os mathematicos e calculadores

O TITULO DE DOUTOR

O titulo de doutor foi instituido no seculo XII, quando se estabeleceram as primeiras universidades. A primeira pessoa a quem esse titulo foi conferido foi Bulgaro, professor de Direito-Romano da Universidade de Bolonha.

O PÃO DE ASSUCAR ERA O CHICO BOIA
Um dia *Chiquinho*, *Jagunço*, *Jujuba* e *Benjamin* viram passar um carro todo derreado, a dar estalos. — Que vae ali dentro? — perguntaram ao...
...cocheiro. — Vae o Pão de Assucar — respondeu elle. A resposta não agradou ao grupo, que sahiu a gritar, perseguindo o carro. Assustado, o cavallo dá um arranco forte e o carro se espatifa. Penalisados, os nossos heróes se approximaram...
...para prestar soccorros ao "Pão de Assucar". Este, que era o alegre *Chico Boia*, são e gaiato como sempre, os dispensou, agradecendo com um viva! ao *O Tico-Tico*.
A nobre missão de Flor de Lotus (Fim)
Infelizmente, *Mi-Zéria* não acertava e teve occasião de ver as moedas de ouro cahirem nas mãos de um compatriota mais instruido do que elle. Lamentou-se então muito o pobre camponez de não saber ler.
Compadecida, *Flor de Lotus* conduziu-o, com varios outros companheiros, ao bello jardim de seu palacio. Cada um dos canteiros que ornamentavam o jardim representava uma letra do alphabeto. *Flor de Lotus* disse aos...
...camponezes que a rodeavam que uma bolsa de dinheiro fôra enterrada no centro do canteiro que continha a letra A e que áquelle que conhecesse esta letra pertenceria a bolsa de dinheiro. *Mi-Zéria* correu, ao acaso, para um canteiro. Era infelizmente, o canteiro da letra C.
Os demais camponezes tambem se enganaram. *Flor de Lotus* disse-lhes então o nome da letra para a qual elles se dirigiram inconscientemente e renovou por vezes, a lição. *Mi-Zéria*, finalmente teve occasião de encontrar a bolsa de dinheiro.
As lições de *Flor de Lotus* foram renovadas varias vezes. *Mi-Zéria* conheceu todas as letras e aprendeu a ler. Os livros revelaram-lhe, bem como a seus compatriotas, thesouros preciosos, cuja existencia lhes era até então ignorada.
Flor de Lotus, na santa missão de instruir, gastou muito dinheiro, mas vive feliz, no seu castello na China, adorada por todos a quem instruiu e abriu horizontes de saber e de instrucção.

O sonho de Pedrinho

Uma noite, Pedrinho sonhou que era chefe de um grupo de ousados *cow-boys*, que corriam pelos campos, armados de pistolas e laços. E Pedrinho viu-se montado em fogoso animal...

... perseguindo uns cavallos selvagens. Em dado momento, teve Pedrinho a habilidade de atirar o laço e prender um raivoso *corcel*, que foi a presa valiosa do grupo. E o nosso Pedrinho proseguiu...

...em sonho, nas suas aventuras. Viu-se vestido de chefe dos *Pelles Vermelhas*, acompanhado de seus companheiros, atacando um comboio que atravessava a planicie e que se rendeu ao perigoso assaltante.

E Pedrinho acordou...

— Sou um heróe! — disse então. E tomando um laço, ostentando um chapéo de *cow-boy*, com ares de fanfarrão, Pedrinho sahiu de casa com a intenção de [illegible]ticar muitas bravatas.

No campo via uma cabrita que pastava tranquillamente. — E' agora! — disse Pedrinho, e preparou o laço para apanhar o animal. A cabrita, no emtanto, não era de brincadeiras e, baixando...

...a cabeça, deu formidavel marrada no menino. Pedrinho, medroso e maltratado, abandonou laço e chapeo, e renunciou para sempre ás aventuras perigosas, mesmo quando em sonhos... —

INVENÇÕES LUCRATIVAS

Nem sempre são as grandes invenções que dão os maiores lucros aos seus autores. Os patins de roda renderam mais de 15 milhões ao seu inventor. Harvey Kennedy ganhou 12 milhões por ter imaginado os cordões para os sapatos.

O primeiro fabricante do alfinete de segurança achou a sua idéa na reproducção de um frasco de Pompeia e realisou 50 milhões. Carlos Bourseul, que tinha descripto em 1855 o principio do telephone, morreu pobre, como pobre morreu o grande Pacinotti, inventor do dynamo. Tambem morreram na miseria Michaux, inventor da bicycleta de pedal e Frederico Sauvage, que fez uma revolução em todos os systemas de propulsão, inventando o helice.

A lista poderia continuar, assim como seria eloquente fazer o confronto dessa lista com a dos que enriqueceram com o genio inventivo dos outros.

O INGA'

A' minha mãe.

Nunca viste o Ingá formoso
Na sombra amena do rio,
No seu favo saboroso
Em linda manhã de Estio?

A canôa vae descendo
Da Villa p'ra o Rio Novo,
E já vem amanhecendo.
Para a missa segue o povo.

No arraial começa a vida
Doce e plena de poesia,
A villa é toda florida
Pois é o mez de Maria...

Passa um velho com a sacola
E o seu cajado na mão,
Elle vae pedindo esmola
Com a paz no coração...

E num chalet côr de rosa
Brincam quatro creancinhas,
Qual dellas a mais formosa
Deixando ver as perninhas.

Mimi, Julia e Lafayette
Washington, o pequenino,
Todos elles pintam o sete
E da infancia fazem um hymno...

O papae está trabalhando,
A mamã está cosendo,
O sabiá está cantando
Vem a lua apparecendo...

Desce a noite e o firmamento
Num manto todo estrellado,
Traz a paz ao pensamento
E ao arraial socegado...

Nunca viste o Ingá formoso
Na sombra amena do rio,
No seu favo saboroso
Em linda manhã de Estio?

JULIA CESAR DE MARCO.

Roma, Abril de 1921.

A MAIOR GALERIA SUBTERRANEA DO MUNDO

Nova York possue actualmente a maior galeria subterranea do mundo.

Trata-se do aqueducto subterraneo que deve alimentar quotidianamente New York com 25.500 milhões de litros d'agua fornecidos pelo grande reservatorio de Astrakan, distante da metropole Americana cerca de 145 kilometros.

Tal é de facto o comprimento da galeria subterranea escavada na rocha, a [illegible] metros abaixo do nivel do solo.

O custo desta gigantesca obra foi de um milhar.

Durante sete annos, 25.000 operarios trabalharam para executal-a.

Foi necessario destruir sete aldeias occupadas por 3.000 habitantes e mudar diversos cemiterios de logar, cujas 2800 tumbas foram transportadas para novas necropoles construidas mais longe, tudo á custa do municipio de Nova York.

Não cuspas ou escarres no chão, nem nas paredes, nem na pedra de tua ardosia.

INSTITUTO LA-FAYETTE

O Jardim da Infancia, no bosque destinado ás aulas ao ar livre, na séde do Instituto, á rua Haddock Lobo, 253.

Entre os nossos estabelecimentos de ensino, o que conquistou o coração da infancia e da mocidade foi incontestavelmente o Instituto La-Fayette, que conta hoje em suas aulas cerca de 1.000 alumnos, constituindo a maior organisação pedagogica do Brasil.

Frequentado por 71 alumnos em 1916, por 252 em 1917, por 407 em 1918, por 570 em 1919, por 960 em 1920 e possuindo em 1921 uma frequencia de mais de 1.000 alumnos, o notavel educandario constitue um caso de exito estupendo, fadado que está a cumprir uma alta missão educativa.

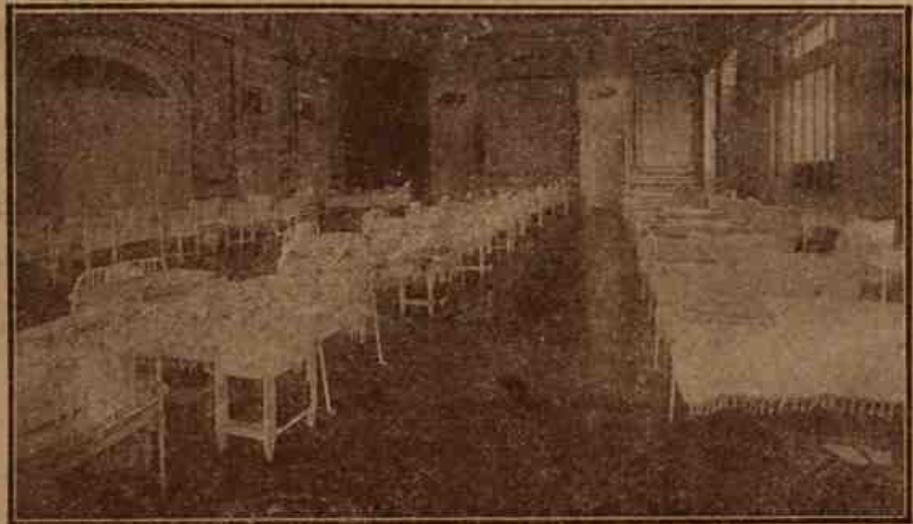
Depois de estar prestando os melhores serviços á educação da mocidade masculina em sua séde, á rua Haddock Lobo 253 e em sua succursal n. 1, em S. João Nepomuceno, Minas, lançou o Instituto La-Fayette o seu Departamento Feminino, á rua Conde de Bomfim, 188, cuja installação pedagogica e cujo programma honram verdadeiramente a nossa Patria.

Esse departamento Feminino, fundado a 1 de Março de 1921, foi tão avidamente procurado pelos paes de familia que terá brevemente de encerrar a sua matricula, cujo limite é de 450 alumnas.

O conforto que apresenta ahi o internato feminino não receia confronto com os melhores internatos europeus e norte-americanos. E a orientação educativa dessa bella creação do Instituto La-Fayette vae prestar os melhores serviços á nossa sociedade, educando a mulher dentro dos grandes principios da grande sciencia, inseparaveis da moral.

Assim se distribuem os cursos no Departamento Feminino do Instituto La-Fayette:

JARDIM DA INFANCIA

1º periodo—Linguagem—Calculo—Dons de Frœbel e de Montessori—Desenho—Canto—Trabalhos manuaes—Jogos gymnasticos — Jardinagem. **2º periodo** — Linguagem (leitura e escripta) — Calculo—Dons de Frœbel e de Montessori—Desenho — Geographia e Historia — Lições de Cousas — Canto — Trabalhos manuaes — Gymnastica — Jardinagem.

Parte do confortavel e magnifico dormitorio das maiores, onde impera o capricho e o bom gosto.

CURSO PRIMARIO

1ª Classe —Cultura Moral: — Canto — Asseio — Trabalho — Verdade — Justiça, etc. Cultura intellectual: — Portuguez — Calculo — Geometria e Desenho — Geographia e Historia do Brasil — Lições de cousas — Trabalhos manuaes. Cultura physica: — Gymnastica — Jardinagem. **2ª Classe** — Cultura Moral: — Canto — Asseio — Disciplina — Discreção — Altruismo — Trabalho — Verdade — Justiça, etc. Cultura intellectual: — Portuguez — Calculo — Geometria e Desenho — Geographia e Historia do Brasil — Lições de cousas — Calligraphia — Trabalhos manuaes (modelagem, trabalhos de agulha, etc.) Cultura physica: — Gymnastica — Jogos escolares — Jardinagem. **3ª Classe** — Cultura moral: — Canto — Civilidade — Modestia — Prudencia — Temperança — Dignidade — Coragem — Fidelidade — Civismo — Solidariedade etc. Cultura intellectual: — Portuguez — Francez (theorico e pratico) — Calculo — Geometria — Desenho — Geographia e Historia do Brasil — Lições de cousas — Musica (theoria — leitura de melodias e solfejo) — Calligraphia — Trabalhos manuaes (costura, bordados, cartonagem, etc.) — Cultura physica: — Gymnastica — Jogos escolares — Jardinagem.

CURSO COMPLEMENTAR

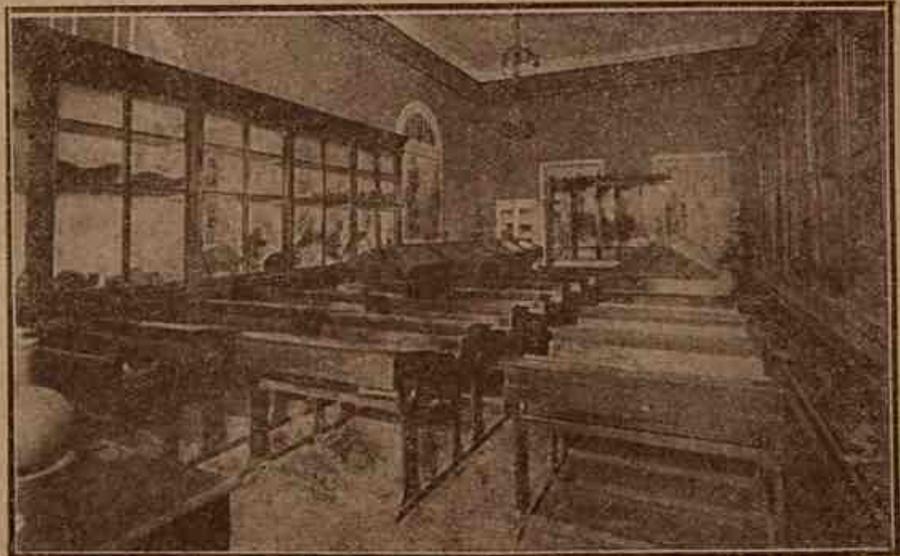
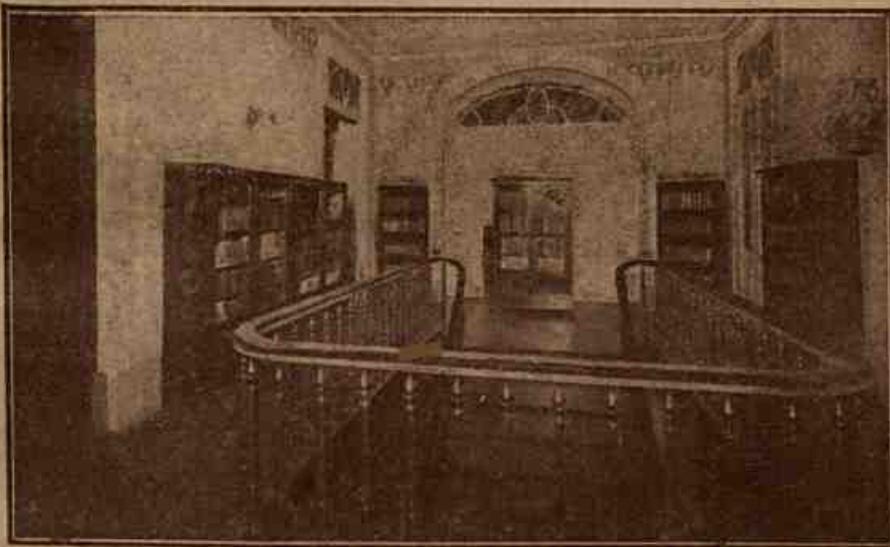
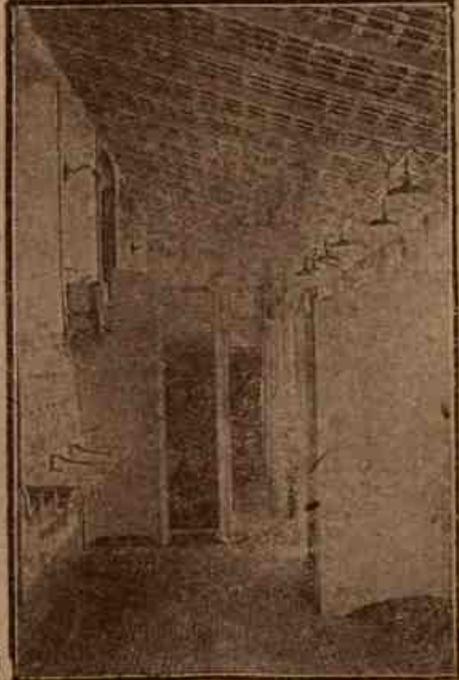
Cultura Moral: — Canto — Economia — Solidariedade — Trabalho — Verdade — Justiça etc. — Cultura intellectual — Portuguez — Francez (theorico e pratico) — Inglez (theorico e pratico) — Geometria — Desenho — Geographia e Historia Universal e do Brasil — Noções de Sciencias Physicas e Naturaes — Musica (theoria, leitura de melodias e solfejo) — Trabalhos manuaes (costura, bordados, fantasias, etc.) — Cultura physica: — Gymnastica — Jogos escolares.

CURSO GERAL SUPERIOR

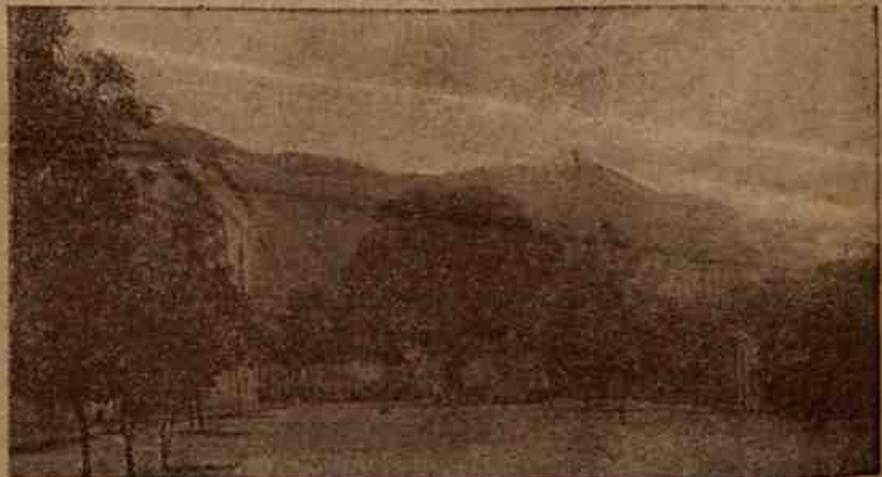
1º anno — Cultura moral: (segundo o programma do Instituto). — Cultura intellectual: — Portuguez — Francez (theorico e pratico) — Inglez (theorico e pratico) — Arithmetica (theorica e pratica) — Geographia e Historia Universal. Cultura esthetica: — Desenho artistico — Theoria musical — Solfejo — Canto coral — Artes applicadas. Cultura physica: — Gymnastica sueca — Jogos escolares — Pratica domestica. **2º anno** — Cultura moral (segundo o programma do Instituto). Cultura intellectual: — Portuguez — Francez (theorico e pratico) — Inglez (theorico e pratico) — Latim (estudo racional e pratico para a leitura original dos classicos) — Algebra — Geographia e Historia Universal — Chorographia e Historia do Brasil. Cultura esthetica: — Desenho (perspectiva e sombra) — Musicação de poesias nacionaes — Canto coral — Artes applicadas. Cultura physica: — Gymnastica sueca — Jogos escolares — Pratica domestica. **3º anno** — Cultura

Grupo de alumnas do Departamento Feminino, vendo-se parte da fachada do seu luxuoso palacete, á rua Conde de Bomfim, 188.

INSTITUTO LA-FAYETTE

moral: (segundo o programma do Instituto). Cultura intellectual: — Portuguez — Francez (pratico) — Inglez (theorico e pratico) — Latim (estudo pratico e racional para a leitura original dos classicos) — Geometria e Trigonometria — Astronomia, Hygiene. Cultura esthetica: — Modelagem de baixo relevo — Musicação de poesias faceis de autores estrangeiros — Canto coral — Artes applicadas. Cultura physica: — Gymnastica sueca — Jogos escolares. 4º anno — Cultura moral: (segundo o programma do Instituto. Cultura intellectual: — Literatura comparada — Francez (pratico) — Inglez (pratico) — Latim (estudo racional e pratico, para a leitura original dos classicos) — Physica e Chimica — Historia Natural — Physiologia — Hygiene e Historia da Phylosophia. Cultura esthetica: — Desenho e Esculptura (composição de objectos da veneração e predilecção da alumna) — Composição musical e canto coral. Cultura physica: — Gymnastica sueca e jogos escolares.

Um recanto do riquissimo museu de Historia Natural, talvez o mais completo que possuimos.

A seleccionada Bibliotheca do Departamento Feminino, composta de verdadeiras obras primas.

Departamento Feminino — Vista parcial dos banheiros de agua quente e fria, cuja installação é um primor de hygiene e conforto.

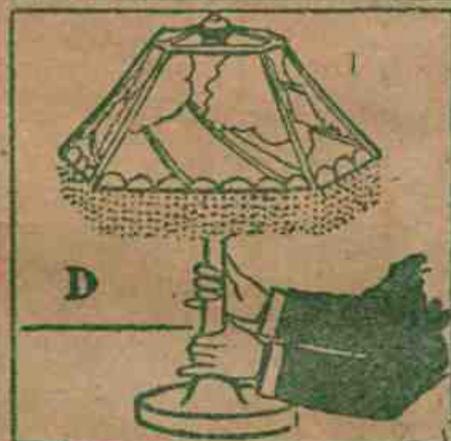
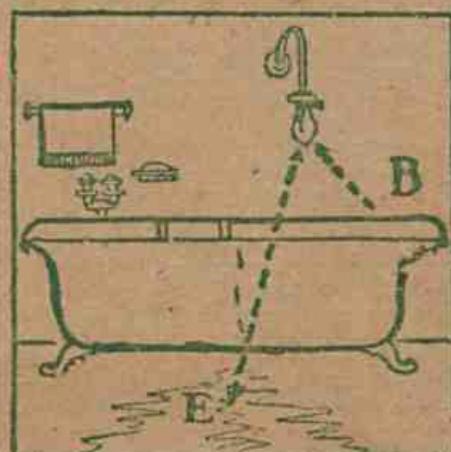
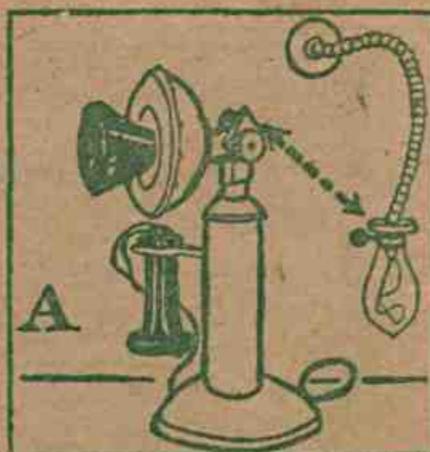
SECÇÃO COMMERCIAL

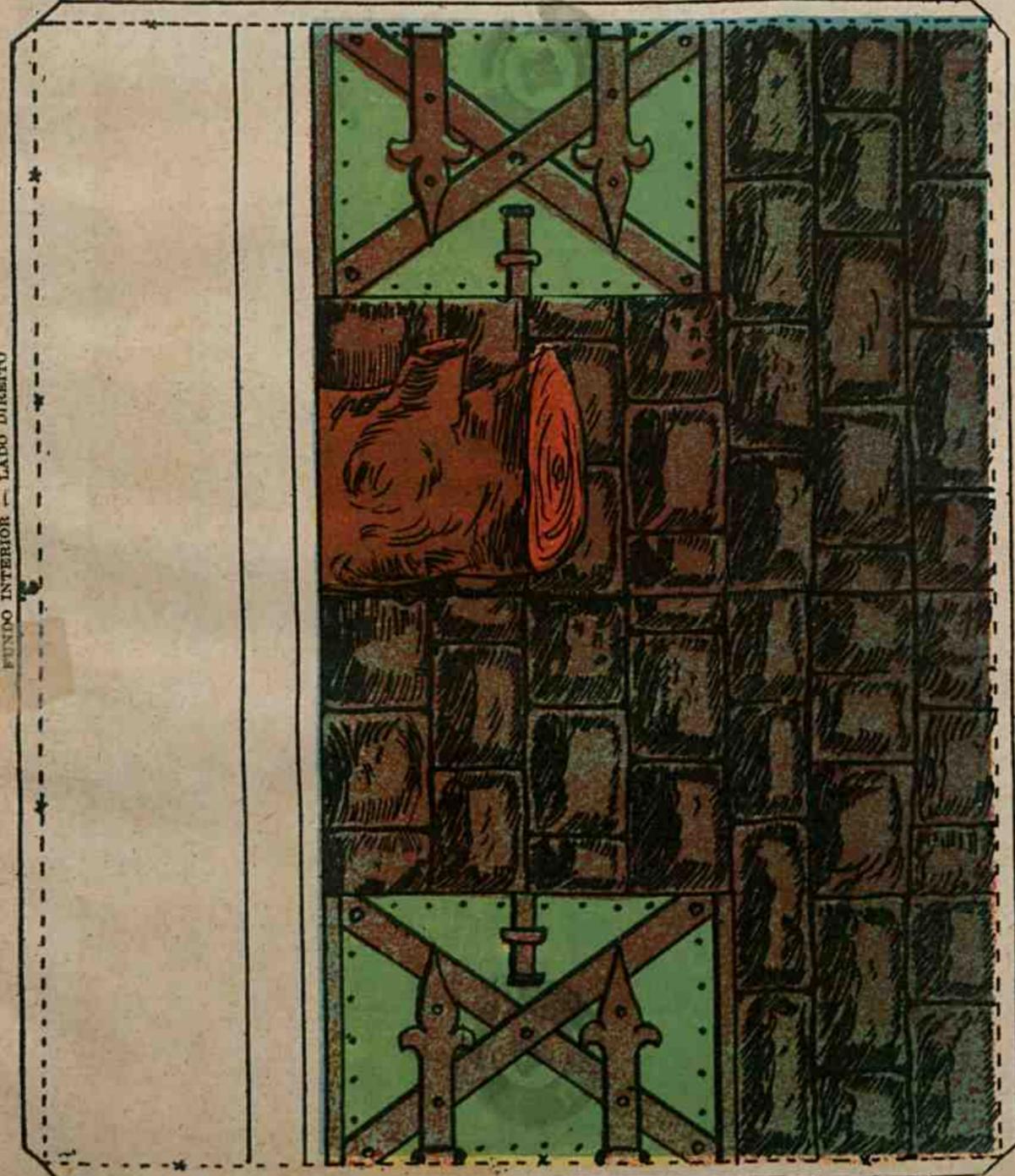
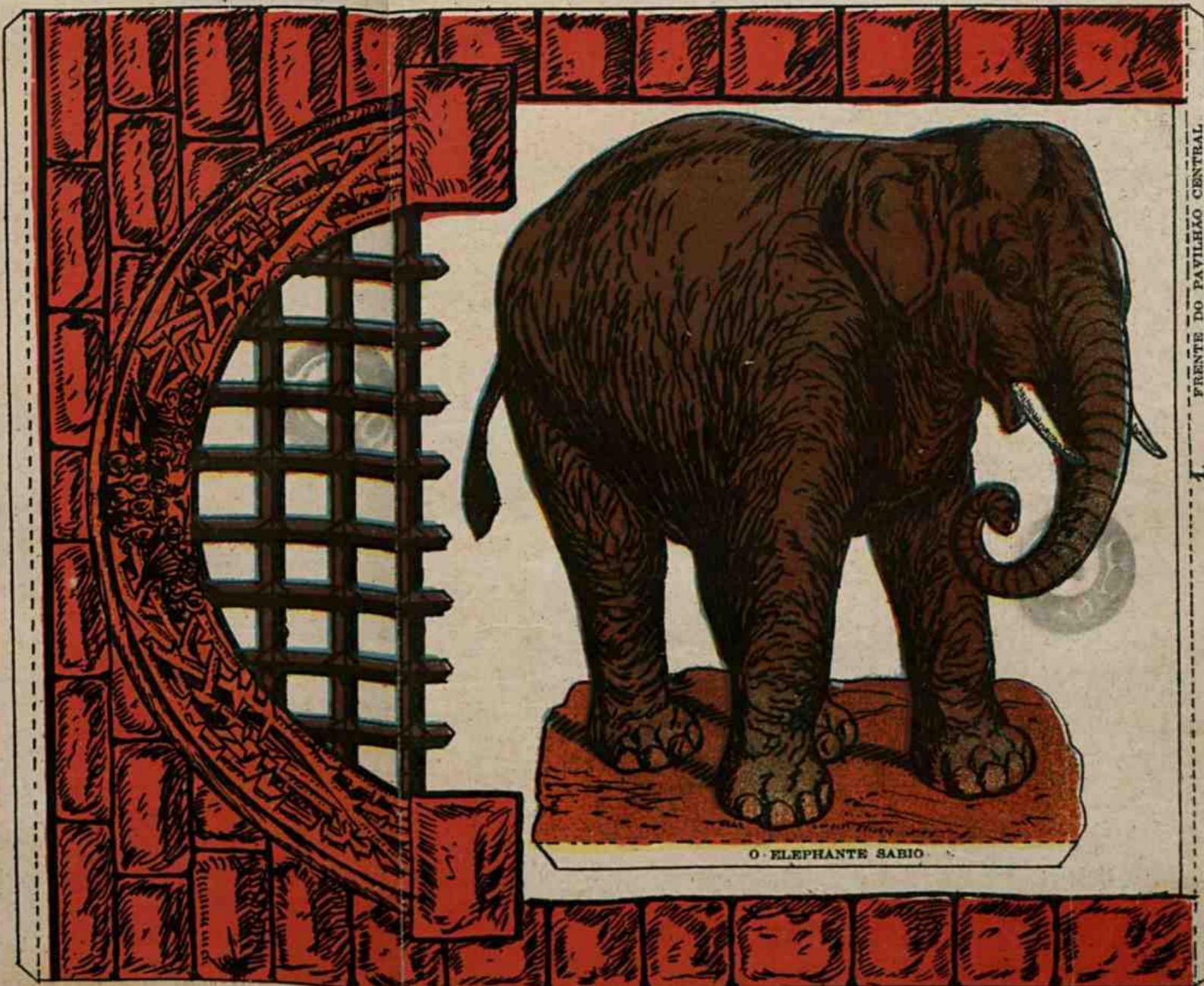
Curso livre de esteno-dactylographo (Em 8 mezes) — Dactylographia e Estenographia. Curso menor de commercio (Em 1 anno) — Portuguez — Francez (theorico e pratico) — Inglez (theorico e pratico) — Arithmetica — Escripturação mercantil (escriptorio modelo) — Calligraphia — Dactylographia. Curso medio de commercio (Em 3 annos) — 1º. anno: Consta do curso menor de commercio. — 2º. anno: Redacção commercial portugueza — Francez (theorico e pratico) — Inglez (theorico e pratico) — Contabilidade — Algebra — Escripturação mercantil (escriptorio modelo) — Estenographia. — 3º anno: Escripturação das especialidades (escriptorio modelo) — Calculo commercial e financeiro — Geographia Geral e Commercial — Economia Politica — Inglez (theorico e pratico) — Desenho geometrico. Curso superior de commercio (Em 4 annos) — 1º anno: Consta do curso menor de commercio. — 2º anno: Consta do 2º anno do curso medio de commercio. — 3º anno: Consta do 3º anno do curso medio de commercio. — 4º anno: Direito commercial — Alfandegas e repartições publicas — Historia do commercio — Sciencias physico-naturaes (orientação pratica) — Allemão — Merceologia — Desenho mecanico.

Aspecto do recreio das maiores, com o rink, o campo de tennis e o de "basket-ball", jogos que, alliados á gymnastica sueca, constituem a base da educação physica das alumnas.

Os perigos da electricidade

Não poucas vezes a electricidade faz pagar os seus innumeros beneficios com insidias que até podem custar a vida aos que della se utilisam. E não apenas nas officinas e logradouros publicos, onde as correntes são fortissimas e mais facilmente sujeitas a sahir dos reparos e coberturas que em geral a tornam inocua. Mesmo nas casas particulares, nos menores compartimentos, a electricidade está sempre prompta a destender os seus tentaculos, se se não tomar cautela com ella. E os que ignoram são em grande numero. Muitos conhecem os perigos de uma rua apinhada de gente, os de um curso d'agua e os do descer e subir num trem em movimento, mas são poucos os que sabem se comportar diante de um fio conductor de corrente electrica. Algumas precauções deviam ser tidas presentes por todos e os conselhos da gravura e mais outros merecem ser tomados de memoria.

Não toqueis nunca numa lampada ou num fio electrico com as mãos molhadas.

Não tenteis nunca soccorrer uma pessoa presa por corrente electrica, sem que antes tenhaes pensado em vos isolar da terra, trepando em dous pratos ou sobre um pedaço de páo apoiado sobre pratos ou garrafas.

A - Não toqueis nunca ao mesmo tempo numa lampada e num apparelho telephonico. B - Não toqueis nunca numa lampada, quando estiverdes no banho. — C - Não toqueis nunca ao mesmo tempo numa lampada e numa torneira d'agua. — D - Nunca tomeis uma lampada electrica com ambas as mãos. — E - Não toqueis nunca numa lampada com os pés descalços, principalmente se o chão estiver molhado.

A HYENA
ARARA
PARTE DO TELHADO—LADO DIREITO
3
FUNDO INTERIOR — LADO DIREITO
FRENTE DO PAVILHÃO CENTRAL
1
O ELEPHANTE SABIO

O PIC-NIC

Vão-se arrepender de levar Jujuba

Chiquinho mandou convidar Jujuba para um *pic-nic*. Carrapicho, depois de mil recommendações,...

...consentiu. Lá foram, assim, todos de automovel, levantando o pó da estrada e cantarolando.

De repente, Jujuba saltando do auto com um lenço vermelho de carrapicho, gritou: — Vou tourear aquella vacca! Jagunço saltou tambem, queria ser o *capinha*. A vacca, porém, não admittiu o desaforo e...

...avançou para Jagunço, que levou valente chifrada. E se não fosse o auxilio dos companheiros, Jujuba provaria a vocês que era um máo toureador, porque teria sido maltratado pelo animal a quem provocára. E' um perigo enfurecer os irracionaes.

Um capacete improvisado

O Brederodes alistou-se no corpo de granadeiros do rei. Faz *toilette* para entrar de serviço e pergunta á esposa se, de facto, não lhe fica bem a farda.

A mulher responde achal-o mais bonito com o capacete de pellos negros. — Pois irás ver-me no quartel, logo mais, quando o rei passar!

Brederodes parte e espera, impaciente, pela passagem do rei, que tarda bastante.

Da impaciencia ao canseço não ha muita distancia. Brederodes tira o capacete, deposita-o no chão e...

...vae assoar o nariz. Dois garotos se approximam e resolvem carregar com o capacete do Brederodes, sem que este veja.

Eis que o rei se approxima, Brederodes perfila-se e... não enconera o capacete! Neste momento, porém, chega a esposa e salva...

...Brederodes, emprestando-lhe o regalo, que substitue, num insttante, o capacete. Bred-rodes, perfilado, apresenta armas ao rei que passa.

Brederodes affirma que nunca na sua vida de granadeiro esteve tão elegante como quando ostentou na cabeça o regalo-capacete.

O vento, a agua, o fogo e a honra

Em certa occasião da antiguidade encontraram-se quatro bons amigos, para fazer uma longa viagem. Eram elles: o vento, o fogo, a agua e a honra, os quaes estiveram agradavelmente unidos, viajando juntos, percorrendo muitos e variados paizes; viram muitas regiões bellissimas, percorreram montanhas agrestes e campinas encantadoras. Conheceram povos das mais remotas e variadas regiões. Um dia, porém, chegaram ao termo de sua viagem e aconteceu o que a todos succede. Foi necessario que todos se separassem. O mais forte de todos, o vento, tomou a palavra e disse:

— Meus bons amigos, nós temos até aqui viajado juntos e mantido muito boa camaradagem e excellente amizade. E' justo pois que, na hora fatal e dolorosa da cruel separação, digamos todos onde, como e quando nos encontraremos juntos, para uma nova viagem. Por meu turno a cousa é facil. Cada vez que virdes as franças dos arvoredos agitadas violentamente, de um lado para outro — dizei sem medo de errar — ali existe vento. Tambem existe vento, quando os objectos existentes, mas principalmente papel e poeira, forem levados a grande altura ou sacudidos violentamente de um lado para outro. — Calou-se.

Tomou a palavra o fogo:

— Todas as vezes que virdes no horizonte grandes rolos de fumo negro, a principio azulado e depois grandes linguas vermelhas — dizei logo sem medo de errar — ali existe fogo.

Teve a palavra a agua:

— Quando nas campinas verdejantes desejardes, agua arrancae alguns arbustos e encontrareis agua em baixo. Nas cidades existe na pavimentação das ruas o lençol d'agua.

Sómente uma companheira nada dizia, jazia muda e chorava copiosamente.

Os demais companheiros, inquietos e pasmos, inquiriram attonitos: "Que houve? que fizemos nós?"

Essa companheira, por unica resposta, levanta para o céo os grandes olhos vermelhos. Enxuga as lagrimas e diz:

— Aquelle que me perde uma só vez não me encontra nunca mais.

Todo o ser humano só póde ser honrado uma vez.

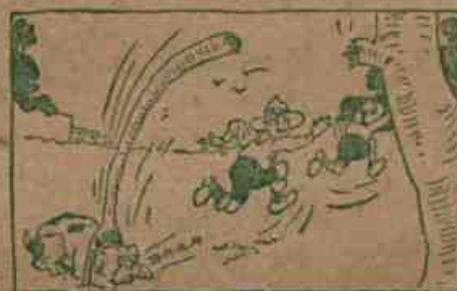
J. T.

A EDUCAÇÃO PHYSICA DA CREANÇA

Eis como devia ser a educação physica da creança, segundo o que resultou das discussões havidas num congresso internacional de educação physica. Theoricamente deve-se dividir a educação physica da creança, no ensinamento, em dois periodos, sob o ponto de vista da divisão dos exercicios. No primeiro periodo, dos sete aos treze annos, dar-se-á preferencia aos movimentos de gymnastica respiratoria e aos movimentos que se opponham ás deformações escolasticas. Para os jogos, devem ser preferidos os jogos recreativos, ou, de um modo especial, os jogos ao ar livre. Não devem ser esquecidos os exercicios physicos naturaes, a marcha, o alto, a corrida e, como exercicio de applicação, o movimento. No segundo periodo, que vae da puberdade á sahida do collegio, sem esquecer a gymnastica respiratoria, se poderá favorecer o desenvolvimento muscular: um pouco de gymnastica athletica para os atrazados. Devem-se desenvolver os exercicios physicos naturaes: corrida, marcha, salto. Os exercicios de applicação: o *box*, a esgrima, a luta. Os jogos sportivos pódem ser autorisados sem serem impostos. E' neste periodo que os trabalhos manuaes pódem prestar o maximo de serviços.

Toninho, Thomaz e o cão feroz

Toninho e Thomaz passeavam pelo campo, quando foram atacados por um cão bravo. Num momento os dois meninos subiram a uma arvore.

O cão não desistiu de atacal-os; ladrava, em baixo, ferozmente. O galho em que estavam trepados os dois meninos tinha a forma de uma forquilha.

Toninho e Thomaz tiveram então uma idéa: fizeram partir o galho e na queda prenderam ao chão de um modo original o cão feroz. E fugiram a bom correr.

A velocidade de "Mercurio" sobre sua orbita é de 47 kilometros por segundo; a da Terra é de 29 kilometros; e a de Neptuno, 5 kilometros, segundo o astronomo Hall.

✣ ✣ ✣

A chionomania, ou a loucura da neve, é uma doença que faz com que os que por ella são atacados se atirem, despidos, á neve e nella se rebolem.

TRABALHAR COM AS DUAS MÃOS

Muitas vezes se fala em acostumar as creanças a se servirem de uma ou de outra mão indifferentemente; os dois membros adquiririam assim igual poder, o que, á primeira vista, não parece apresentar senão vantagens. Ha quem bata esta tendencia e exponha as suas razões. Empregamos, geralmente, a mão esquerda para segurar pequenos objectos, o guarda-chuva, para guiar as creanças, em summa, para executar esforços musculares estaticos. A mão direita é reservada aos actos delicados, aos movimentos variados, rapidos, que exigem contracções musculares dynamicas. Emquanto a maior parte dos animaes que têm membros anteriores movediços faz uso de ambos igualmente, o homem usa mais um do que outro, porque pratica a divisão do trabalho. Querer fazel-o usar de ambos os membros igualmente seria ir de encontro a uma disposição muito acertada.

O AMERICANO E O IRLANDEZ

Um almirante americano visitava um dia as docas de Brooklyn, quando lhe foi entregue um telegramma urgente que pedia resposta. Não trazendo comsigo oculos, que esquecera em casa, o almirante chegou varias vezes aos olhos o despacho, sem conseguir lel-o. Em desespero de causa voltou-se para um marinheiro irlandez que lhe estava proximo e pediu:

— Lê esse despacho, camarada, por favor.

— Impossivel, almirante, respondeu o marinheiro, abanando a cabeça, sou tão ignorante como vós: não sei ler.

O elephante prehistorico descoberto no deserto de Fayum, perto do valle do Nilo, data de um milhão de annos atraz, segundo o professor Granger.

A locomotiva até bem pouco tempo era considerada o maior invento realisado pela humanidade.

✣ ✣ ✣

O guarda-nocturno da celebre abbadia de Westminster é um cachorro.

A ARTE DE RESPIRAR

Um dos povos que melhor cultiva a arte de respirar é o japonez. Uma das primeiras occupações dos japonezes ao levantarem-se é respirar o ar puro á janella aberta. Esse exercicio é mesmo mais importante do que o banho diario de agua quente que usam.

Quem respira bem deve sorver o ar, retel-o um pouco e expiral-o de modo que pareça um suspiro que se solta.

Os athletas japonezes são mestres na arte facil da respiração.

E' um dos seus segredos. Os indios praticam tambem processos notaveis de introduzir o ar nos pulmões.

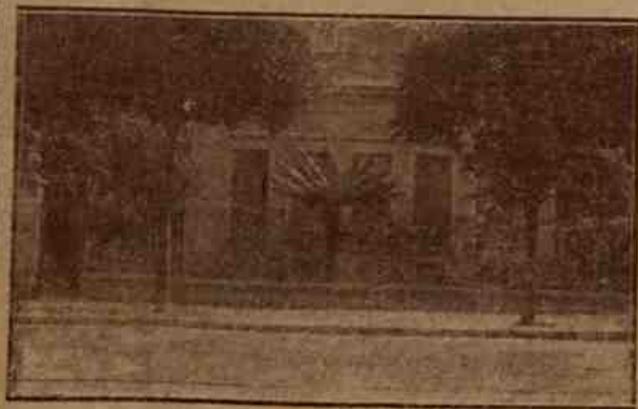
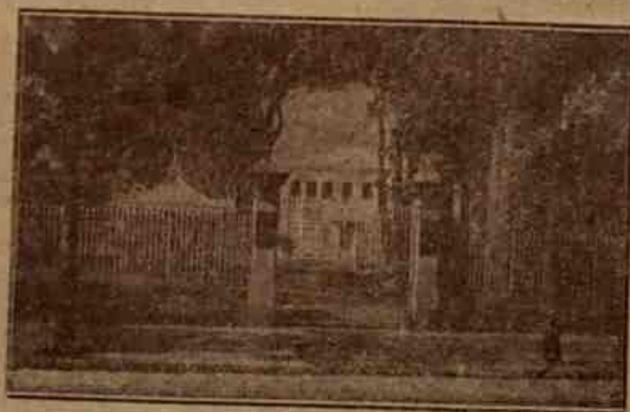
A seita dos Yorghis tem praticas proprias para desenvolver o thorax e armazenar o ar, o fluido vital nos pulmões, para operar-se a limpeza do sangue.

Renovemos pois continuamente o ar dos pulmões, se quizermos ter saude.

Collegio Baptista Americano-Brasileiro

EDIFICIO JUDSON-HALL.

Este collegio, que funcciona ha quatorze annos nesta capital, tem conquistado um logar bem na vanguarda dos estabelecimentos sérios deste paiz. Proporciona esta instituição o preparo primario e secundario em todas as suas phases. E' organisado nos moldes norte americanos, sendo composto o seu corpo docente de sessenta educadores, especialistas norte americanos e brasileiros. Ha tres collegios separados, sendo dois para o sexo feminino e um para o sexo masculino.

O collegio para o sexo masculino, situado maravilhosamente na grande chacara (Itacurussá), de

Externato para o sexo feminino — Rua Haddock Lobo n. 302.

Internato para o sexo feminino — Carver-Hall, Rua Conde Bomfim n. 743

110.000 metros quadrados, á rua Dr. José Hygino ns. 332 e 350, é accessivel e ao mesmo tempo isolado. Funcciona em quatro grandes edificios, dois dos quaes acabam de ser construidos para os fins proprios do ensino. A matricula attingiu em 1921 a quasi seiscentos alumnos. O Internato para o sexo feminino, situado á rua Conde de Bomfim n. 743, foi installado recentemente em predio proprio, em uma das chacaras mais bellas deste bairro. O Externato continua a funccionar á rua Haddock Lobo n. 302.

Grupo do Jardim da Infancia.

Esta instituição prepara alumnos de modo adequado, proporcionando um curso de preparatorios especialmente adoptado para facilitar a matricula em todas as diversas escolas superiores do paiz. Ao mesmo tempo visa um preparo mais largo que o necessario á matricula em qualquer escola. O seu ideal é o desenvolvimento de caracter no alumno.

Novo edificio para dormitorios para o sexo masculino, rua Dr. José Hygino 332.

Ha uma arte para estudar, — escreveu o mais amoravel dos philosophos, que foi um educador profundo da alma humana, — ha uma arte para estudar e todos dizemos que estudámos, na nossa juventude, mas nunca estudamos propriamente, nunca aprendemos a gerar idéas. Reter na memoria palavras, sentenças ou qualquer outra ordem de cousas não é aprender a pensar. E' apenas recordar, exercitar, educar uma parte da intelligencia. Se sobrecarregarmos a memoria com grande numero de palavras e de sentenças, o que fazemos é adestrar uma parte ou uma só funcção da mente e com isso nada mais teremos feito do que sobrecarregar inutilmente a nossa intelligencia... Palavras não são idéas. A maior parte do que aprendemos de memoria chega a converter-se em carga pesadissima para ella propria.

O Collegio Baptista comprehendeu bem isso. A instrucção que dá aos seus discipulos obriga-os, sem esforço, a meditar, a raciocinar, a adquirir opiniões individuaes, dentro de uma segura orientação. Um alumno do Collegio Baptista será, mais tarde, um homem de pensamento, de actividade proficua, de energia tranquilla e generosa; será uma força moral e intellectual aonde quer que vá.

Convidamos os paes que desejam um collegio que procure incutir o mais alto ideal no alumno a collocarem seus filhos neste collegio, que recebe internos, semi-internos e externos de ambos os sexos, cobrando sómente os nove mezes do anno lectivo, os preços mais modicos para o preparo mais solido. Peçam prospectos na secretaria á rua Dr. José Hygino n. 350, ou pela Caixa do Correio n. 828, ao

DR. J. W. SHEPARD

Director do Collegio.

Edificio Itacurussá — Dormitorio e refeitorio.

A BOTA FLUMINENSE

O Maior Deposito de Calçado

30$ e 32$000 — Chics e os mais modernos Sapatos em pellica preta envernizada ou bufalo branco com bonito laço no peito do pé, salto a Luiz XV, igual ao modelo ao lado.

22$ e 24$000 — Os mesmos feitios e qualidades, com salto de couro alto ou baixo, artigo forte. Pelo Correio mais 2$000 por par.

ALPERCATAS PAULISTAS — Artigo bom

de ns. 17 a 26	4$500
" " 27 a 32	5$500
" " 33 a 41	7$500

SAPATOS-ALPERCATAS, amarellos, com salto, proprios para casa e collegio,

de ns. 17 a 27	6$000
de ns. 28 a 33	7$000
" " 34 a 41	8$500

Pelo correio mais 1$500, em par de sapatos-alpercatas 1$000 — ALBERTO ANTONIO DE ARAUJO — Vendas por grosso e a varejo — 109, Rua Marechal Floriano, 109 — Canto da Avenida Passos, 123

Creanças pallidas, lymphaticas, escrofulosas, rachiticas ou anemicas

O JUGLANDINO DE GIFFONI é um excellente reconstituinte dos organismos enfraquecidos das creanças, *poderoso tonico depurativo e anti-escrofuloso*, que nunca folha no tratamento das molestias consumptivas acima apontadas. E' superior ao oleo de figado de bacalhão e suas emulsões, porque contêm em muito maior proporção o *iodo vegetalisado*, intimamente combinado ao *tannino da nogueira* (*Juglans Regia*) e o *Phosphoro Physiologico*, medicamento eminentemente vitalisador, sob uma fórma agradavel e inteiramente assimilavel.

E' um xarope saboroso, que não perturba o estomago e os intestinos, como frequentemente succede ao oleo e ás emulsões; dahi a preferencia dada ao JUGLANDINO pelos mais distinctos clinicos, que o receitam diariamente aos seus proprios filhos. — Para os adultos preparamos o VINHO IODO-TANNICO GLYCERO-PHOSPHATADO.

Encontram-se ambos nas boas drogarias e pharmacias desta cidade e dos Estados e no deposito geral:

Rua Primeiro de Março, 17 — Rio de Janeiro

MOLESTIAS BRONCHO-PULMONARES

O PHOSPHO-THIOCOL

Granulado de Giffoni é o melhor tonico reparador nas affecções dos bronchios e dos pulmões; elle actúa não só pelo *Gaiacol* como pelas *combinações sulfurosa e phospho-calcarea* que encerra e é muito efficaz na *fraqueza pulmonar*, nas *bronchites, bronchorréa, tosses rebeldes, tuberculose pulmonar* aguda e chronica, na *debilidade organica*, no *rachitismo*, nas *convalescenças* em geral e especialmente na *convalescença da influenza*, da *pneumonia*, da *coqueluche* e do *sarampo*. — Restaurador pulmonar de Grande valor, o PHOSPHO-THIOCOL de Giffoni tonifica o organismo de modo a fazel-o resistir á invasão do bacillo de Koch e extermina este quando já ha contaminação. Agradavel ao paladar, póde ser usado puro ou no leite, cujo sabor não altera.

RECEITADO DIARIAMENTE PELAS SUMMIDADES MEDICAS

Encontra-se nas boas pharmacias e drogarias desta cidade, dos Estados e no deposito:

Drogaria FRANCISCO GIFFONI — Rua Primeiro de Março, 17 — Rio de Janeiro

Tres verdades solemnes:

Para o corpo — Saude
Para a alma — Socego
Para o cabello — PILOGENIO

LEMBREM-SE DISTO:

A falta, a quéda, o enfraquecimento do cabello, as caspas, etc., só cedem com o poderoso tonico

PILOGENIO

ENCONTRA-SE NAS PHARMACIAS E PERFUMARIAS

JARDIM ZOOLOGICO
Pagina 2
Forro da divisão central, lado esquerdo
GORILLA
FAIZÃO
GAVIÃO-REI
Divisão central — parte externa — lado esquerdo
Gradis do cercado do pavilhão das féras

CARRAPICHO NÃO DA' PARA ATIRADOR

Carrapicho gosta muito de atirar ao alvo. Um dia, o velhote comprou uma pistola e foi experimental-a. Fez pontaria, fechou os olhos, e... Pum! Quando *Carrapicho* abriu os olhos ouviu um grito...

...e viu que o alvo *voava* para cima delle. E' que do lado opposto do alvo se achava *Carlito* que, para accender um cigarro, ali se havia abrigado do vento. *Jujuba* sahiu correndo, a gritar e *Carrapicho* ficou preso sob o tablado, com o contrapeso de *Carlito*, que dizia ir...

O Sr. é um moço tão bondoso...

...atirar-lhe em cima uma bomba de dynamite. *Carrapicho* tremia de medo e dizia palavras amaveis a *Carlito*, para ver se se escapava, Mas *Jujuba* salvou o velhote, chamando dois policiaes, que levaram *Carrapicho* e *Carlito* a descansar duas horas no xadrez.

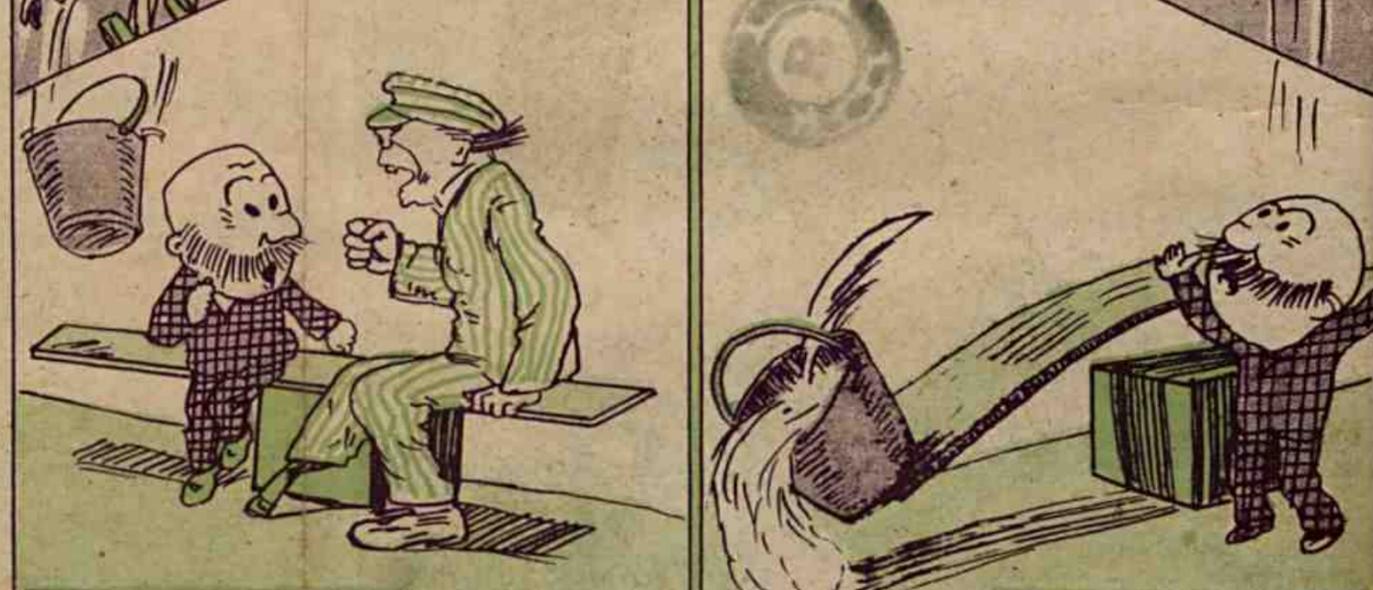
A. Rocha

MUTT NÃO GOSTA DE BRIGAS

Daqui não Saio

Jeff estava ajudando *Mutt* num pequeno trabalho. Cansado, sentou-se um pouco, quando chegou *Garnizé* e encarapitou-se no mesmo banco, sem pedir licença.

— Saia, "seu" *Garnizé* !
— Não saio !
Mutt, do outro lado, ouviu a contenda e puxando pelo bestunto achou uma idéa para pôr termo á discussão. Encheu d'agua um balde de trinta...

...litros e trepou na escada. Depois fez calculos, estudou bem a pontaria e...

...zás, soltou o balde de duas arrobas de peso na extremidade da taboa opposta áquella em que se achava *Garnizé*. O effeito foi completo: a taboa...

...desequilibrou-se e projectou *Garnizé* a uma boa altura, fazendo-o passar para o outro lado do muro, onde se achava *Mutt* esperando-o, naturalmente, para apresentar suas desculpas.

A. Rocha

CONTO PARA OS MENINOS FALADORES

Dois ouvidos e uma bocca

Um dia os innumeros ratinhos que habitavam uma formosa quinta abandonada pelos seus donos viram approximar-se-lhes uma ratinha muito joven, mas tão triste que parecia estar enferma. De onde viria a pobrezinha tão triste e tão só? Ninguem sabia.

Os ratinhos, que eram muito bons bichinhos, compadeceram-se da ratinha e resolveram protegel-a, considerando-a daquelle dia em diante como filha. Deram-lhe o nome de *Esmeralda*, porque seus olhos eram de um verde lindo e attrahente.

Cresceu a ratinha contente e feliz em sua nova familia, correspondendo ao carinho de todos e particularmente ao da mais idosa de todas as ratazanas, chamada *Vòvózona*, bichinha tão velha que, diziam os ratos, já era avó de mil ratos.

Esmeralda, que era muito estimada, tinha porém um defeito não pequeno: falava de mais, contava tudo o que ouvia, não podia guardar segredo algum. Em compensação tinha a virtude de tudo querer saber para se instruir e educar. A todo instante inquiria a *Vòvózona*:

— Para que servem, minha avó, os olhos?

— Para ver, minha neta.

— E os ouvidos?

— Para ouvir.

— E porque possuimos uma só bocca e dois ouvidos?

— Porque devemos falar menos e ouvir muito. De tudo que entra pelos nossos ouvidos deve sahir pela bocca só a metade. Não esqueças este conselho.

— Não o esquecerei, avó.

Tal promessa porém não era cumprida. E a prova têm vocês no que aconteceu:

O dono da quinta enviou colonos a habital-a e tal facto alarmou, como era de prever, os ratos e ratazanas.

— Não podemos consentir que os colonos para aqui venham, dizia um.

— Fujamos — propunha outro.

— Eu soube que elles trazem comsigo um gato — exclamou um terceiro.

A revelação alarmou a assembléa. Todos gritavam, todos propunham alvitres, ninguem se entendia. Mas, quando *Vòvózona* appareceu e ia falar, todos se tranquillisaram. A velha rata propoz:

— Vocês são muitos e o gato é um só. Por que, pois, não se atiram a elle e não lhe dão cabo do pello?

— Muito bem! Muito bem! — exclamaram todos.

Vòvózona expoz minuciosamente seu plano. No dia seguinte pol-o-iam em pratica.

Esmeralda ouviu tudo e passeava de um lado para outro, dizendo:

— Não direi nada a ninguem! Não direi nada a ninguem!

Horas depois, passeando distrahida, chegou a um salão grande. Seu assombro foi enorme ao ver sobre uma mesa varios assados que rescendiam um aroma appetitoso.

Dispunha-se *Esmeralda* a entrar no banquete, tendo já subido á mesa, quando lhe surgiu frente a frente um gatão malhado, o gato dos colonos, cujo apparecimento fizera tão grande sarilho nos quartos da quinta onde morava sua familia.

— Boas tardes, ratinha! — miou docemente o gato.

— Boas... tardes... — gemeu medrosa *Esmeralda*, procurando fugir.

— Não tenhas medo, ratinha. Acabei de almoçar agora e não tenho fome. Quero apenas conversar comtigo.

— Não direi nada do que sei, não direi nada...

— De que não dirás nada?

— Minha avó me aconselhou. Não direi nada...

— Quem é tua avó?

— E' a avó de todos os ratos que hoje se reuniram... não direi mais nada...

— De que modo se reuniram?

— Em assembléa. Não direi mais nada.

— E reuniram-se todos os ratos?

— A metade só. Nada direi mais...

— E de que falaram elles, ratinha?

— De muitas coisas.

— Diz-me o que fizeram elles, ratinha, e dar-te-ei este queijo do Rheno.

— Combinaram que esta noite a metade dos ratos occupará a metade da sala. Porão na porta meio rato para que você o veja e tente apanhal-o. Apenas você chegue na sala o meio rato escapará por um buraco e a metade de nós, sem que você o veja, fechará meia porta e deixará você preso sem poder sahir da sala.

— Muito bem. E' um plano bem architectado.

— Mas não é só — continuou a ratinha. Preso você, a metade dos ratos fechará a metade da fechadura e esconderá a metade da chave para que ninguem possa soccorrer você.

— Bellas idéas, não ha duvida — philosophou o esperto gatão.

... ...

Esmeralda voltou contentissima para a quinta, carregando o queijo, que era uma grande fortuna para os ratos e ratazanas.

Todos rodearam-n'a, fazendo-lhe caricias; mas a *Vòvózona*, suspeitando alguma cousa, começou a fazer perguntas a *Esmeralda* até que esta confessou tudo que fizera, isto é como desvendara ao inimigo gato os planos dos ratos. Reprehendida severamente, a ratinha procurou justificar-se allegando:

— Eu segui o teu conselho, avó. Não me aconselhaste que falasse só a metade do que ouvisse? Pois só disse ao gato as cousas pela metade. Metade de um rato, metade da porta, metade da chave...

— Bonito modo de entender as cousas, minha filha! Agora ouve: — sabes porque temos uma só bocca e dois olhos?

— Não...

— Para quando formos faladores sermos castigados, recebendo só a metade do que vemos. Teu castigo vae ser este: durante dois dias não comerás senão a metade do que vires.

O castigo foi deveras proveitoso: a ratinha corrigiu-se e hoje é discreta e obediente.

O castigo entra no coração do homem, desde que este commette um crime. — *Hesiodo.*

No seculo X, em muitos paizes da Europa, o anno começava em 25 de Março.

NATAL!

(CÔRO INFANTIL)

I

Chega o Natal;
Repica o sino,
O Deus Menino
Já vae nascer.
Não tem rival
A noite linda
De luz infinda
No alvorecer.

Nessa noite assim tão bella
Toca o sino da capella :
Dlin don dlin, don dlin don dlin. (*Bis*).
E o seu toque acompanhando,
Vamos nós tambem cantando :
Dlin don dlin, don dlin don dlin,
Dlin don dlin, don dlin don don...

II

Desde manhã
Não descansamos
E só pensamos
No anoitecer.
De alma louçã,
Vamos, quietinhos,
Os sapatinhos
Logo esconder.

Nessa noite assim tão bella, etc.

III

A' missa, emfim,
Nós nunca vamos,
Porque já estamos
A dormitar.
Mas, mesmo assim,
Num sonho lindo,
Vamos ouvindo
Sinos tocar...

Nessa noite assim tão bella, etc.

IV

Ao despontar
Do alegre dia,
Em correria
Vae o tropél
A procurar,
— Brinquedo ou doce, —
O que nos trouxe
Papae Noël...

Nessa noite assim tão bella, etc.

Recife — XI — 1920.

E. WANDERLEY.

Para melhor effeito seria bom arranjar tres sinetas afinadas com as notas *sol, si, ré*; ou, na falta, tres garrafas com agua, para a mesma afinação, imitando o toque de sinos.

E. W.

PLANTAS DEFORMADAS

Todo o sudoeste da America do Norte, principalmente a região da California, é a zona dos *cactus* gigantescos. Na California foi encontrada uma planta que mereceu a honra de ser commentada nas revistas de curiosidades. Trata-se da deformação de um *cactus cereus*, gigante, encontrado no valle de Rincon, a 18 milhas de Tenessee — Arizona. Muitos botanicos americanos o estudaram, e não acharam explicação para o caso. Alguns sabios acreditam que a deformação foi provocada pela intervenção de insectos, que depuzeram ovos nas fendas produzidas na extremidade superior do *cactus* pelo bico de algum passarinho. Isto fez que parasse o desenvolvimento da planta, em altura, e provocou uma especie de ramificação em leque, que deu ao *cactus* o aspecto de um enorme ciborio ou hostiario. Para comprovar a hypothese, isto é, para verificar a verdade da explicação, fôra preciso decepar a excrescencia, retalhal-a, dissecal-a, e examinar intimamente os tecidos, cousa que os habitantes da região, ciosos do seu phenomeno, não consentiram, tanto mais quanto o cactus ciborio leva para alli muitos *touristes*, que lhes dão lucro.

Além disto, pretendem os camponezes dali que os insectos nada têm com o caso, cuja responsabilidade unica é do raio, que feriu em tempo o vertice da planta, suspendeu a subida da seiva e provocou a deformação. Ainda que o phenomeno seja unico, verificam-se, por toda a parte onde florescem os *cactus*, deformações não menos curiosas: ora, é um ramo que se desenvolve um espiral, emquanto o tronco mantém a fórma normal; ora, são grupos de ramos dispostos de modo symetrico sobre a haste, uns dirigidos para o céo, outros voltados para a terra, e que dão á arvore a apparencia de um lampadario colossal. Estes *cactus cereus* attingem ás vezes dimensões extraordinarias. No valle do Gila encontrou-se um que media 18 metros de altura. Lá, como aqui, o seu fructo é muito estimado: comem-n'o crú ou cozido. Os indios fazem até uma especie de doce, da polpa desse fructo com rapadura, e o vendem.

Dizem que a propria madeira do *cactus* se aproveita ali. E' que ha, talvez, muita falta de madeira...

QUADROS VIVOS

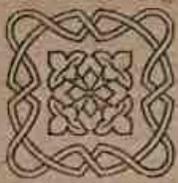
A respeitavel familia Pelicano, passeando, num domingo, no Campo de Sant'Anna.

Um medico, na segunda visita a um doente, disse :

— Vejo que seguiu a minha receita.

— Não, Sr. doutor, si a seguisse teria quebrado os ossos.

— Porque ?

— Porque a atirei pela janella.

CORO INFANTIL

MUSICA E VERSOS DE E. VANDERLEY

All.° f.

Fim. Chega o Na_tal Re_pi_ca o si_no O Deus Me_ni_no Já vae nas_cer Não tem ri_val A noi_te linda De luz in_fin_da No alva_re_cer p

Nessa noite assim tão bel_la Toca o si_no da ca_pel_la Dlin_don dlin_don dlin don dlin Dlin don dlin don dlin don dlin... f.

E o seu lo_que acompa_nhando Va_mos nós tam_bem can_

PRENDAS FEMININAS

CESTINHAS ORNADAS

Arte domestica

Offerecemos nesta pagina uns encantadores trabalhosinhos que muito irão agradar ás nossas pequeninas leitoras. São dedicados exclusivamente aquellas que gostam de guardar os seus utensilios de costura, os seus retalhos uteis, os seus restos de fitas.

O que offerecemos, nesta pagina, são seis modelos, cada qual mais lindo e mais interessante, e cada qual com uma utilidade particular. A's nossas leitoras bastará examinar os modelos para os executarem, porque as gravuras são bastante explicativas.

Examinemos a figura 1. E' um cesto-bolsa proprio para guardar trabalhos de agulha. Em primeiro logar faz-se a bolsa para depois collocal-a no cesto, cobrindo o logar da juncção com uma fita estreita, que deve condizer com a côr da fazenda com que se fez a bolsa.

Como ornato, numa das faces, cose-se um cachinho de fructas feitas com fitas de diversas côres. Os dois arcos, que dão muita graça ao trabalho, podem ser de celluloide ou madeira envernizada.

A figura 2 é uma cesta sem tampa.

Obtida a cesta, que póde ser de vime, taquara ou qualquer palha, colloca-se por dentro um forro de seda, unido ao forro interior, que é de outro tecido mais grosseiro. Começa-se o forro pelo centro, formando uma almofadinha de algodão. Franze-se a tule ao redor della. Para cobrir o forro, na parte alta, põe-se uma elegante guarnição, que produza bastante effeito.

A figura 3 representa um cestinho redondo, para o qual se póde aproveitar a copa de um chapéo de palha. Combina-se a palha com a seda. No logar de juncção colloca-se uma grinalda de flores, em dois tons. A figura 4 é um cestinho japonez cor de turqueza. Confecciona-se em fórma de bolsa. Cobre-se com dois volantes a parte da palha. No centro colloca-se um bolsinho. A figura 5 é um cesto de vime que se orna com fitas entrelaçadas. Serve para collocar dentro um vaso de avencas. E' de um effeito bastante original. O ultimo modelo, o da figura 6, é forrado de seda de côr viva e é muito proprio para guardar doces finos e *bonbons*.

Figura 2

Figura 4

Figura 6

Figura 5

Figura 1

Figura 3

Grande Jardim Zoologico d'O TICO-TICO

Pagina 7

A nobre missão de Flor de Lotus

Houve, ha muitos annos, na China uma nobre dama chamada *Flor de Lotus*, que vivia muito triste por ver que era grande o numero de analphabetos existentes no paiz. Como era bastante rica, resolveu instruir os camponezes que habitavam as cercanias de seu palacio. Os pobres camponezes,...

...com effeito, cultivavam a terra, mas, como nada haviam aprendido, trabalhavam sem methodo e suas terras produziam apenas uma quarte parte daquillo que seriam capazes de dar. Era este o caso que se dava com ..

...um infeliz camponez chamado *Mi-Zéria*. As escolas existiam na China, mas as creanças não as frequentavam porque os paes preferiam empregal-as no serviço domestico, de onde, julgavam, tirariam mais proveito.

Um dia *Flor de Lotus* dirigiu-se para um grupo de camponezes apresentando-lhes um quadro onde estavam escriptas algumas palavras. Os camponezes não sabiam o...

...que estava escripto no quadro. Entre elles, no emtanto, estava um mandarim culto, que leu em voz alta a inscripção e recebeu as moedas de ouro promettidas. No dia seguinte, *Flor de Lotus* proseguiu...

...na nobre missão. *Mi-Zéria*, que decorara as palavras ditas na vespera pelo mandarim, julgou serem ainda o mesmo quadro e a mesma inscripção, e as repetiu.

(*Continúa*)

CHICO PIPA RECLAMISTA

O *Chico Pipa* era o homem mais preguiçoso que se conhecia. Preguiçoso e dorminhoco. Um dia estava elle a fazer a sésta, sentado num bloco de pedra, quando surgiram na esquina *Chiquinho*, *Jujuba*, *Benjamin* e *Jagunço*.

— Dormir, assim, na rua é uma cousa que não fica bem... — pensaram os meninos, e approximaram-se do *Chico Pipa*...

...dispostos a pregar-lhe uma peça. *Benjamin* encarregou-se de executar uma idéa que nascera no cerebro inventivo de *Chiquinho*. Todos, cautelosamente, recommendando silencio, agiam.

Momentos depois, *Chico Pipa*, satisfeito de dormir, espreguiça-se, boceja e parte para seus affazeres diarios. Foi então que a gargalhada estrugiu do grupo dos levados meninos.

Chico Pipa levava preso ás costas um enorme reclame do *Album Cinematographico do Para todos*... a luxuosa publicação, já á venda, que é o grande successo deste anno.

CONTO PARA OS MENINOS MAOS

ENTRE LOBOS E MASTINS

LEÃO era um joven cão, pertencente, como outros de sua raça, a um bando de pastores. Ao contrario de seus paes e seus irmãos, que eram valentes e resolutos, *Leão* tinha um medo pavoroso dos lobos. Fóra disso, era vingativo e até rancoroso.

Um dia, estando *Leão* admirando o descambar do sol do alto de um monte, apresentou-se-lhe, frente a frente, um grande lobo:

— Gosta de ver o sol deitar-se, amigo?

Leão, estarrecido de espanto, não respondeu.

— Não me olhe com cara tão espantada, senhor cão; sou lobo, é verdade, e poderia, se quizesse, devoral-o neste momento. Mas não o quero; é outro meu intento.

— Pois fale, então, senhor lobo.

— Quero propor-lhe um negocio. Como você sabe, se nós, lobos, perdemos na luta com os mastins é porque vocês trazem colleiras de pregos. Ora, você bem podia, esta noite, emquanto os cães dormissem, furtar-lhes as colleiras e m'as entregar. Saberei pagar generosamente tal serviço, podendo você pedir-me o que quizer.

— E para que quer você essas colleiras?

— Para que nós lobos, as ponhamos fóra. Nunca nos armaremos com tão vis armas, póde crer, querido cão.

— E que me dará você em troca desse favor?

— O que você pedir.

Leão pediu uma porção de cousas e o pacto foi firmado entre os dois.

O lobo desappareceu e o miseravel cão voltou para a matilha, dizendo pelo caminho: — Vou, emfim, vingar-me dos máos companheiros. Mas, como não me fio em ninguem, ficarei com uma colleira para mim. Se houver uma luta entre os lobos e os meus companheiros, serei eu o mais valente, porque nenhum apparecerá armado como eu.

. . . .

Tinham os cães dos pastores, vêem vocês, um trahidor entre elles — *Leão*. Mas os lobos tambem possuiam seu trahidor — uma fera carrancuda, conhecida entre elles pelo nome de *Vilão*, cuja covardia corria parelhas com a de *Leão*.

Nutria, como o mão cão, odio pelos irmãos e se apavorava deante dos cães.

Inteirado de um plano concertado pelos lobos, *Vilão* pensou em desvendal-o aos cães. E partiu, sorrateiro, ao encontro da matilha.

A uma volta de caminho encontrou-se com um grande cão, de ar bravio, insolente e, tremendo de medo, saudou-o:

— Boas tardes, senhor cão!

Por um pouco que o cão não respondeu a tão asquerosa saudação com um dentaço. *Vilão* foi ligeiro em salvar-se, dizendo:

— Venho em missão de paz trazer-lhe uma noticia. Esta noite, meus irmãos, os lobos, vão atacar o aprisco das suas ovelhas e virão armados de colleiras de pregos ponteagudos.

— Estás falando a verdade?

— Juro-o, senhor! Se quizer, no entanto, pagar-me, comprometto-me a tirar as colleiras de pregos de meus irmãos e trazel-as aqui.

— De nada nos servirão ellas, pois possuimos as nossas.

— Escondel-as-hei então onde o senhor quizer.

E foi ajustado um preço para aquella nova trahição.

Horas depois, *Leão* entregava as colleiras de pregos aos lobos. Instantes após, *Vilão* tomava aquellas mesmas colleiras e caladamente corria a escondel-as.

Leão ficára com uma das taes colleiras para si e *Vilão* fez o mesmo, pensando da mesma maneira que o seu companheiro de trahição.

A noite passou.

Na manhã seguinte os cães estavam assombrados, porque suas colleiras, suas terriveis armas, tinham desapparecido; os lobos, por sua vez, não sabiam como explicar o desapparecimento das colleiras defensivas, que haviam comprado com o preço da trahição.

Leão era o que mais extranhava o facto:

— Como, possuindo colleiras e sabendo que nós não as tinhamos, não nos atacaram esta noite?

Durante todo o dia os cães andaram mal humorados e pediram mesmo aos pastores que lhes dessem outras defesas como as que possuiam. Para irem á cidade compral-as precisavam os pastores pelo menos de dois dias.

Se os lobos não os atacassem aquella noite, nem na seguinte, tudo estaria salvo.

Leão estava inquieto e queria saber o que occorrera no campo inimigo.

Afastando-se dos seus, atravessou mattagaes e esbarrou com um lobo, a quem docilmente interrogou:

— Queres dizer-me por que, tendo vocês colleiras de defesa, não atacaram esta noite os nossos apriscos?

— Então eram de vocês as colleiras que eu?...

— Que você que?

— Nada, nada, ia dizer outra cousa. Mas não sei como explicar-te. Naturalmente as colleiras estão com o nosso chefe, o grande lobo, que as distribuirá. Emquanto tal não acontecer, nada podemos fazer nem dizer.

— Pois é melhor que vocês se apressem, porque amanhã já teremos colleiras novas.

— Vou dizer-lhe uma cousa, amigo. Nossas colleiras desappareceram, sem se saber como. Sem duvida, houve, entre nós, um trahidor.

Um momento depois, o cão e o lobo, que não era outro senão *Vilão*, se despediram como bons amigos, como bons trahidores.

Leão voltou ao canil e pensou:

— Chegou o momento de demonstrar que não sou um covarde. Esta noite, como só eu possuo uma colleira de pregos, a unica, bem posso atacar um lobo qualquer, desde que esteja elle só. Vencel-o-ei e todos me chamarão de valente e destemido.

E assim pensando, assim o fez.

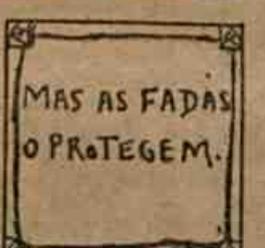
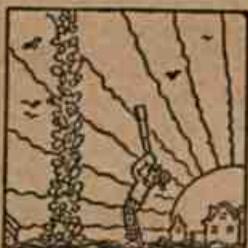
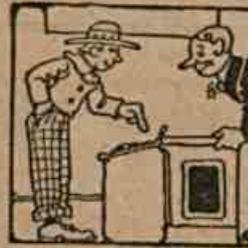
A' meia-noite sahiu para o campo e não demorou em divisar a silhueta de um inimigo, que caminhava só em direcção a elle. Rapido como um raio atirou-se ao lobo, cravou-lhe os dentes na garganta e... uma porção de pregos agudissimos vararam-lhe o céo da bocca. O lobo tambem possuia uma colleira de defesa: era *Vilão*, que tivera a mesma idéa que *Leão*.

Cada um dos trahidores suppozera não existir entre os lobos e os cães outra colleira senão a sua.

A luta entre *Leão* e *Vilão* foi longa, tenaz, porfiadissima, terrivel. Na manhã seguinte o sol illuminou os cadaveres ensanguentados dos estranhos combatentes.

Um e outro receberam o justo castigo, o pagamento que mereceram a sua trahição e a sua maldade.

CINEMA TICO-TICO

UMA VIAGEM A' LUA

A gazella de ouro

HAVIA, no silencio da sombra e do mysterio, um antigo e magnifico palacio, coberto de folhas de ouro, scintillantes, que a crendice popular dizia encantado.

Mas, um dia, como ao raiar de um novo sol e de uma nova aurora, aquella sombra negra, que cobria o palacio de mysterios, dissipou-se para sempre, deixando a luz do mundo e da vida penetrar nas janellas diamantinas, que a tanto tempo se conservam fechadas.

... ...

O palacio, um castello dourado, era lendario, atravez dos seculos e seculos que se passaram para sempre...

Um joven ambicioso e rico fidalgo, sabedor da existencia do castello e da sua fabulosa riqueza, resolveu, secretamente, passar uma noite nas alamedas negras que abeiravam o palacio. E, confiante no deus Allah, foi. Chegando ás proximidades do castello sentou-se, lentamente, em um dos banquinhos, junto a uma arvore, e ficou pensativo, de ouvido alerta... E, de repente, como num extase tremendo, lhe appareceu uma visão branca... branca como uma virgem casta, com as vestes tremulando suavemente, que lhe falou com a voz severa: — "Senhor, eu sou o genio da vida. Fui eu quem encantou a este castello que vês, onde as noites de luares passam silenciosamente. Sou bom, mas como conheço a tua desmedida ambição, vou castigar-te para sempre"; e dizendo isto desappareceu.

O joven ficou quasi louco; mas, como a sua ambição era muita e o dominava, disse: "Ora... estou ficando parvo, pois não creio em espiritos sobrenaturaes. Como estou com receio? — Que vá tudo para os diabos!..." e blasphemava...

Dahi a instante, como por um verdadeiro encanto, uma doce imagem lhe appareceu e, docemente, cantava, empunhando uma lyra de cordas que brilhavam admiravelmente:

— "O' fidalgo, ambicioso,
Tu serás uma gazela
De dura e singela pedra,
A' frente dessa janella... .

... ...

Essa fina voz, melancolicamente, fez tremer o coração do fidalgo ambicioso, que já se arrependia, mas já era tarde, porque outro, um coração granitico, já não lhe pulsava mais: — estava metamorphoseado em gazela de pedra, como cantou a imagem apparecida.

... ...

Daquella noite em diante o castello ficou desencantado para sempre, e, como a gazela de pedra brilhava muito e era amarellada como o pallor da lua, o povo a alcunhou de "A gazela de ouro". Era a seguinte a lenda que determinou uma fada para o desencanto do palacio:

"Para desencantar o castello aureo é preciso o sacrificio de uma pessoa que tenha bastante ambição e riqueza". E para o que determinou a fada foram precisos seculos e seculos. Hoje, o castello está completamente desencantado e livre: o sol o illumina todo; e elle fulgura como "Que os diamantes de Ophir ou de Golgonda", como disse o poeta.

Luiz Jorge Morato

Pitanguy — Minas.

ENTRE FORMIGAS

— Corre, mamãe! *Chiquinha* perdeu-se no bosque e não posso encontral-a.

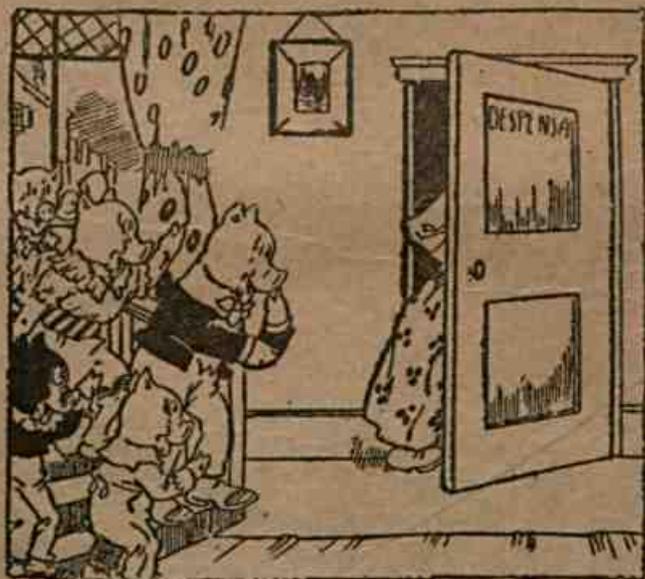
O literato e o medico

Uma amizade generosa e terna unia um medico a um literato. Enfermou aquelle e de prompto o literato veiu visital-o.

— Oh! amigo, disse o medico, conheço que minha enfermidade é contagiosa e ninguem deve entrar em meu quarto, a não seres tu.

Almas sublimes! Almas admiraveis! Não se sabe qual dos dois levava mais alto o heroismo da amizade, se o que podia usar aquella linguagem ou o que se fizera digno de ouvil-a.

Tres vantagens tem a ordem: ajuda a memoria, economisa o tempo e conserva as cousas.

D. PORCALHONA E SEUS FILHINHOS

Os filhinhos de D. Porcalhona ficaram contentissimos ao ver que sua mamã, depois de chamal-os todos, entrava sorridente na despensa. — Vae nos dar mais caramellos, iguaes aos que chupámos hontem — diziam elles, estalando as linguinhas.

Mas todos ficaram desapontados quando a mamãe reappareceu com a garrafa de oleo de ricino. — Venham, meninos, venham. Chuparam hontem muitos caramellos e precisam hoje de um purgante! E cada um bebeu a sua colherada, fazendo caretas horriveis.

CONTOS EMPOLGANTES

O URSO GULOSO

Foi numa tarde esplendida do mez de Agosto, na aldeia de Burgos, proximo da Serra chamada Villa do Pinar. Os homens voltavam para casa, depois de recolher os feixes das madeiras cortadas, e as mulheres tagarelando volviam do mercado, quando o som de um pandeiro, despertando-lhes a curiosidade, os ajuntou na grande praça.

— E' o urso ! E' o urso ! — gritavam todos. Era de facto um urso, um animal bonito, não só pela sua corpulencia, pelo seu talhe, verdadeiramente enormes, como pela formosura do pello lustroso e macio. E devia ser muito feroz, o animal, porque, além da argola que lhe atravessava as narinas, levava forte colleira, de onde pendia grossa corrente de ferro.

O hungaro que o conduzia, um saltimbanco de rua, quando viu que havia bastante gente agglomerada, traçou com um pau um grande circulo no chão e dirigiu, aos gritos, a palavra á multidão :

— O urso vae trabalhar ! O urso que tendes diante de vós não é um urso como os outros, que andam por ahi ! E' um urso de valor, é o urso *Belzebú*, o mais intelligente e o mais feroz de todos os ursos da terra !

Ao ouvir a palavra "feroz", a multidão recuou prudentemente.

— Não ha motivo para temor, meus senhores ! — continuou o hungaro. O urso está preso e é obediente. Quando está solto, no emtanto, é terrivel, é ferocissimo, capaz de devorar todos os habitantes desta aldeia em dois dias ! Uma vez, numa cidade hespanhola, deixei-o solto por alguns minutos, emquanto fui beber um refresco, e a féra engoliu quatorze pessoas !...

Mas, attenção, senhores, *Belzebú* vae trabalhar !

Foi realmente um trabalho admiravel. *Belzebú* dansou, saltou, andou em dois pés, deitou-se, levantou-se e por fim, com o pandeiro entre as mãos, pediu dinheiro ao povo.

A multidão estava enthusiasmada. Todos queriam que o urso continuasse a exhibir suas habilidades ; mas o hungaro deu por terminado o espectaculo.

— *Belzebú* andou muito, está com fome e precisa descansar ! Amanhã, domingo, haverá grande funcção !

O povo dispersou-se, anciando que chegasse o domingo.

No dia seguinte, quando todos se dirigiam para a missa, tiveram a grave noticia : o hungaro, afflicto, no meio da praça, gesticulava, a gritar :

— *Belzebú* fugiu ! *Belzebú* fugiu ! A porta da jaula estava mal fechada, o urso abriu-a e fugiu ! Ha grande perigo porque a fera está sem alimento !

Tal revelação produziu na multidão indescriptivel horror. Mulheres e creanças, a correr, recolheram-se á casa, fechando cautelosamente as portas. Os homens, dispostos, reuniram-se no Paço e, após longa discussão, resolveram armar-se como pudessem e dar caça ao urso, que, sem duvida, tinha fugido para os morros. O hungaro, quando soube dessa decisão, arrancava os cabellos, desesperado :

— Não o matem, pelo amor de Deus ! — dizia o pobre homem, soluçando. Se o matarem ficarei na miseria, sem meios para ganhar a vida ! Não o matem, agarrem-n'o vivo ; elle é manso como um cordeiro ! Não faz mal a ninguem !

Como, porém, na vespera dissera que o urso era feroz e sanguinario, ninguem, agora, acreditava em suas palavras.

— Darei dez duros a quem me trouxer *Belzebú* vivo.

Apezar da offerta ser tentadora ninguem se julgou com coragem para acceitar a condição. Todos estavam medrosos e tristes, porque a fuga do urso retinha presa em casa toda a povoação.

Dentre os mais tristes havia o Cypriano, filho da Tia Prudencia. Cypriano descobrira dias antes, no vão de um tronco carcomido, uma colmeia silvestre e acariciava o sonho de se apoderar do mel para vender. Deixára para apanhal-a no domingo, dia que não iria á escola, e o urso agora impedia a realisação dos seus projectos. — Quem seria capaz de subir ao morro, estando o urso lá ? — perguntava o rapaz a si mesmo. Mas, se elle não fosse os homens, á cata da féra, descobririam a colmeia e então adeus mel !

E no cerebro de Cypriano havia uma luta tremenda entre o medo do urso e o appetite do mel. A gula, por fim, venceu o temor.

— Seja o que Deus quizer ! — disse o menino decidido.

E partiu para o monte.

Muito habilidoso e pratico nessa especie de tarefa, Cypriano ia preparado com uma mascara de papelão, para evitar as mordidelas das abelhas, um ramo de hervas seccas para queimar e fazer fumaça e um cestinho para guardar os favos. A operação foi rapida e correu ás mil maravilhas. O rapaz apanhou quatro grandes pedaços de favos de mel.

Satisfeitissimo, regalando-se de antemão com o producto da venda do mel, Cypriano regressava ao povoado, quando, ao dobrar uma volta do caminho, encontrou-se frente a frente com o urso.

O pobre rapaz ficou estarrecido. Occorreu então um facto extraordinario e assombroso. O urso dirigiu-se lentamente para elle, começou a cheiral-o e, sem lhe causar o menor damno, metteu o focinho no cestinho e tirou um pedaço dos favos, pondo-se a comer tranquillamente.

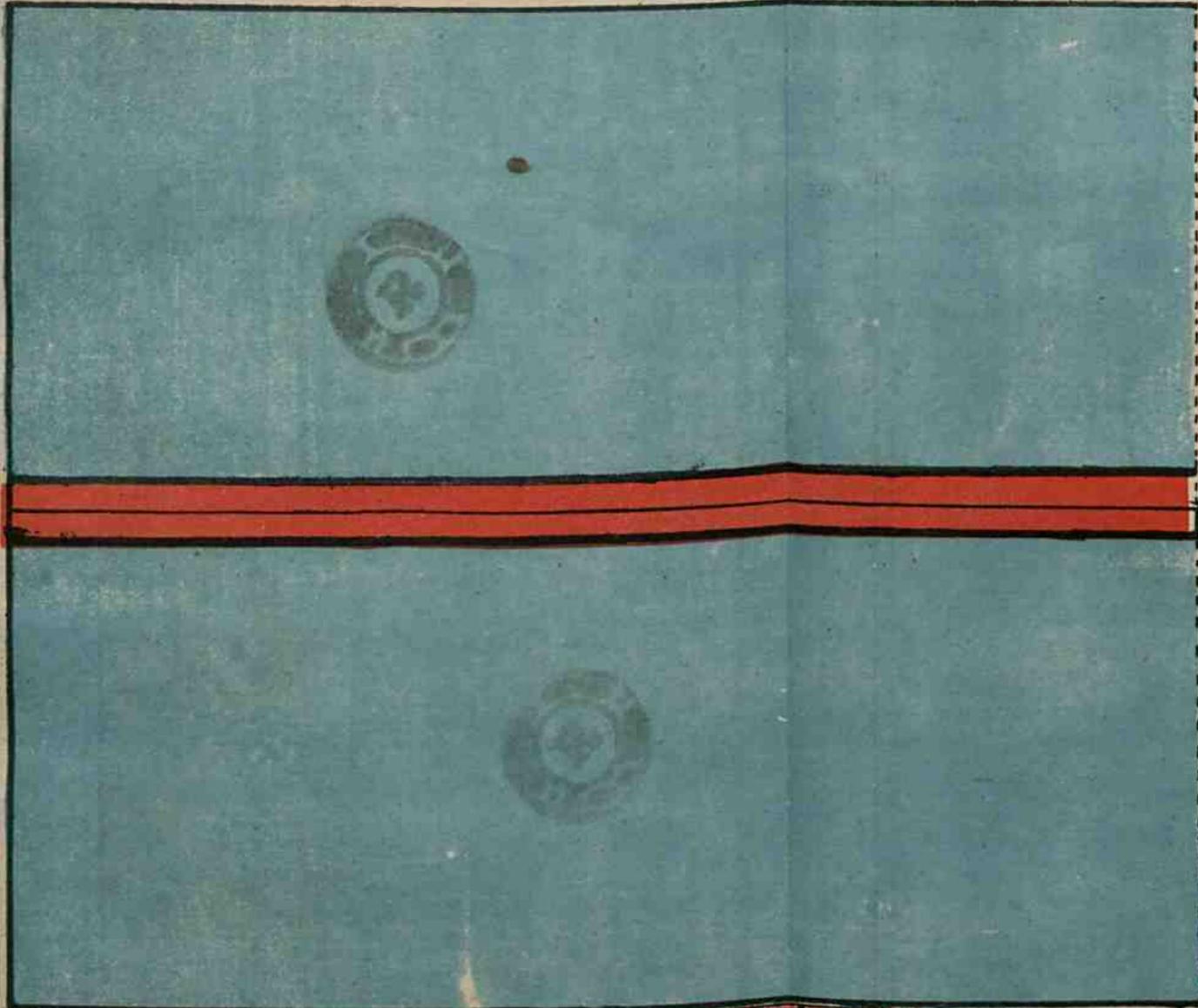
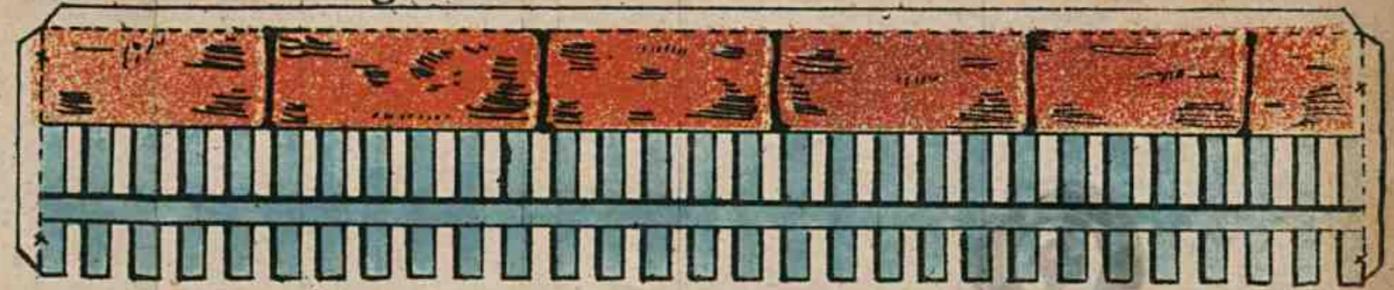
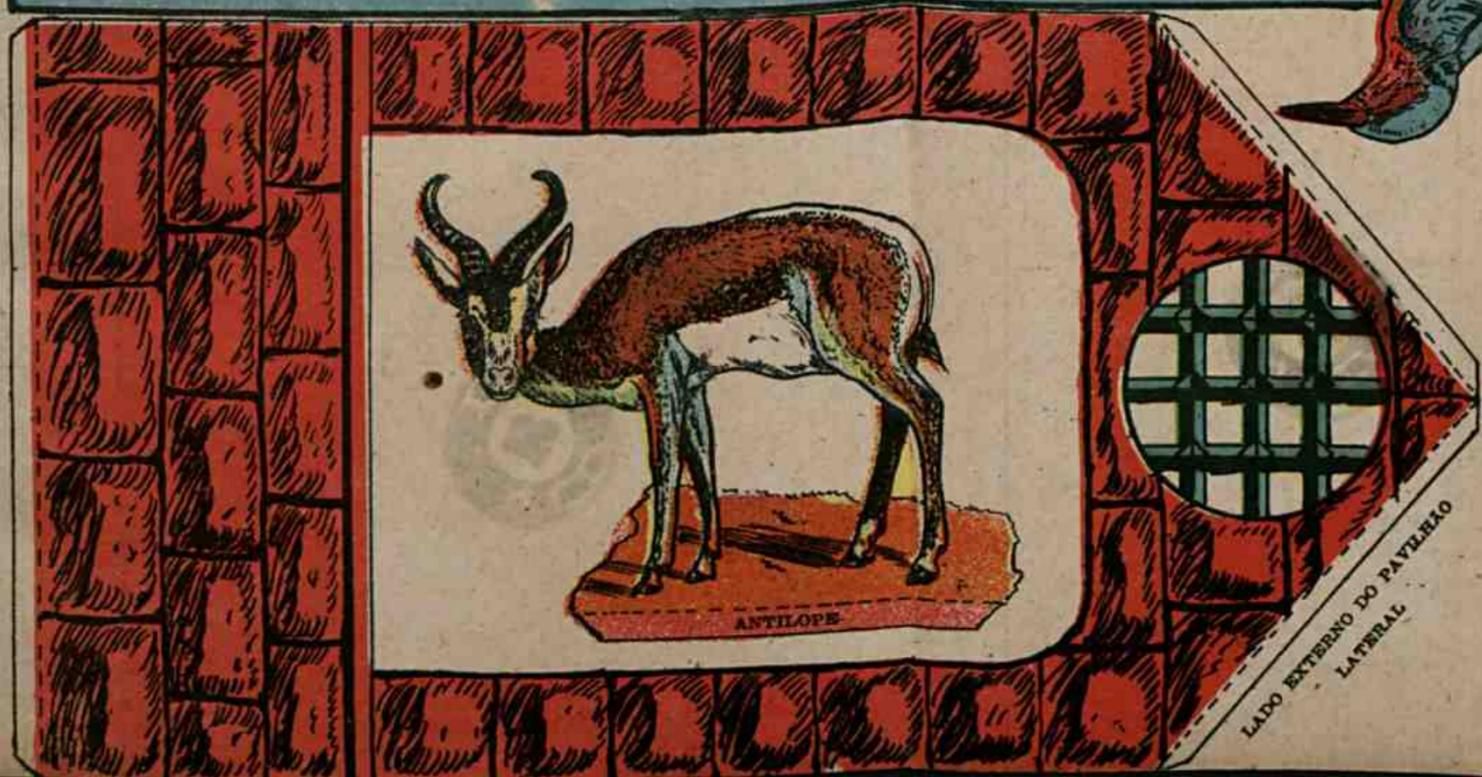
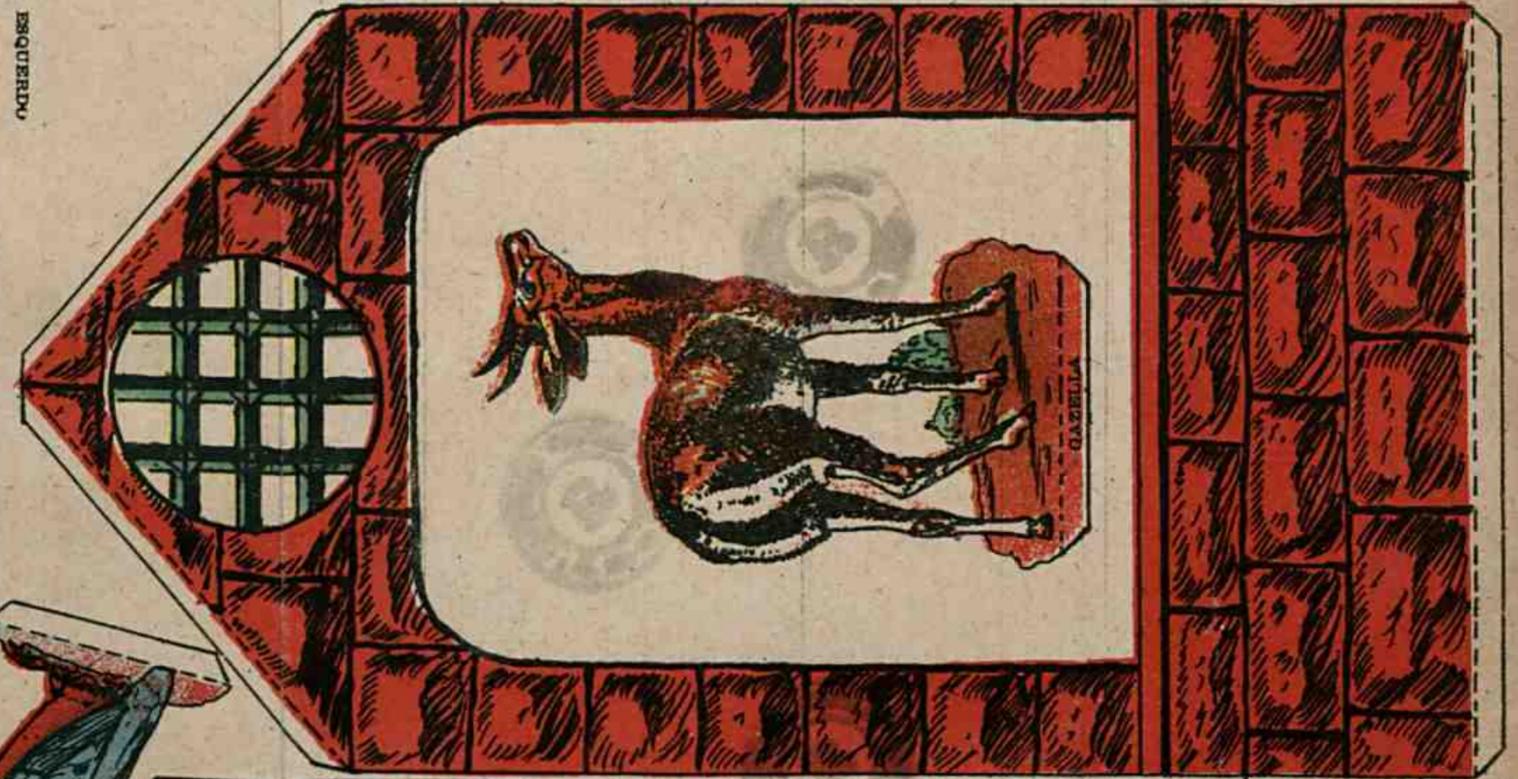
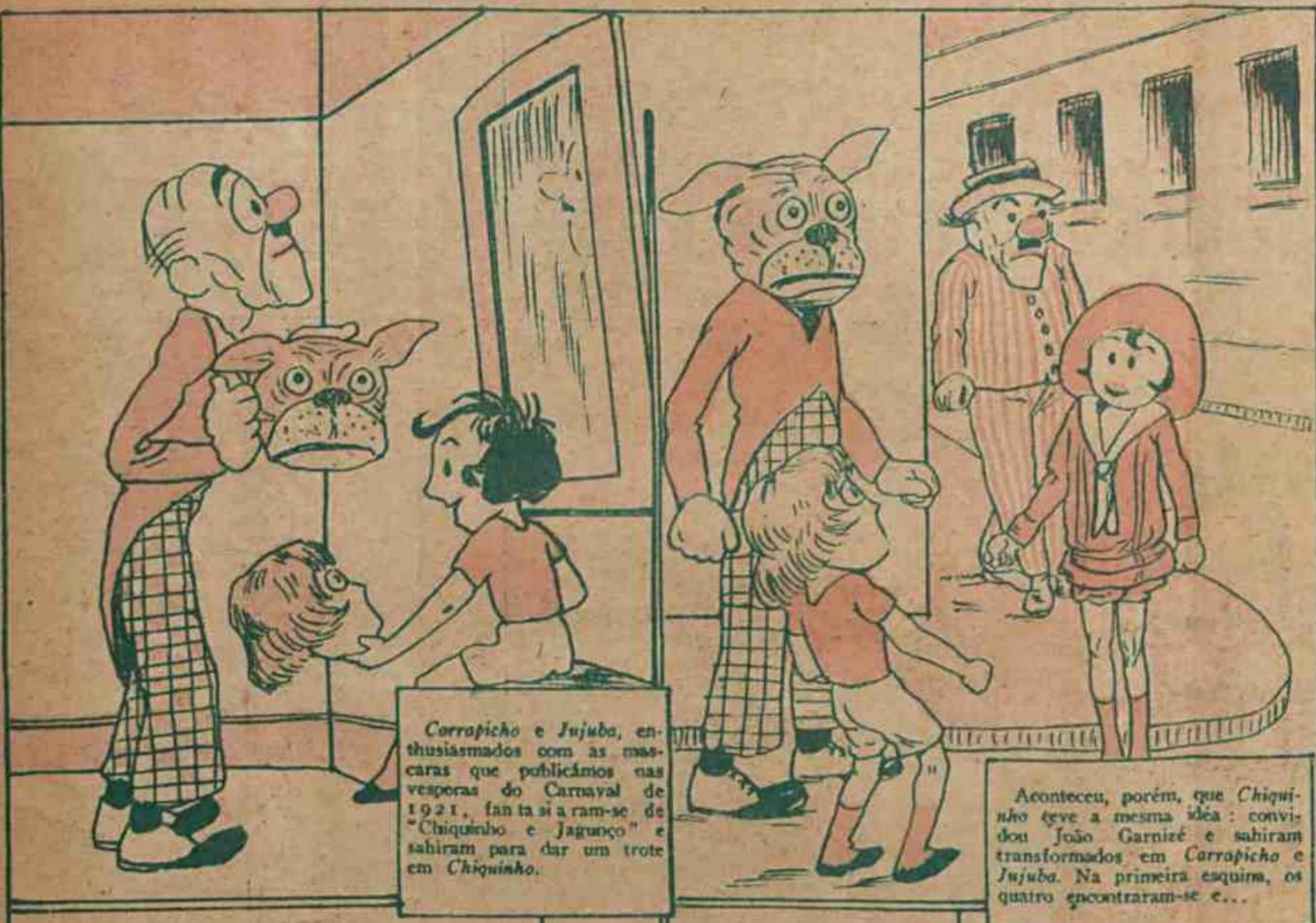
Cypriano, creando animo, fugiu em carreira louca.

Qual não foi a sua surpresa, quando, um momento depois, ouviu as pisadas do urso que vinha galopando em sua perseguição !

Ah ! meu Deus, vou morrer ! — pensou o rapazinho.

O urso, porém, como antes fizera, poz-se de novo a cheiral-o, metteu o focinho no cesto e levou outro pedaço de favo.

Cypriano voltou de novo a fugir, correndo. E o urso, acabando de comer, perseguiu-o novamente. Desta vez Cypriano não esperou que o urso chegasse perto. Metteu a mão no cesto, tirou, elle proprio, um pedaço de favo que o urso abocanhou. E assim, tirando pedacinhos de favo e dando-os ao urso, Cypriano chegou á praça acompanhado de *Belzebú*, ante a estupefacção de todas as pessoas. O rapaz perdera todo o mel e offerecia ainda os dedos a lamber pelo urso, dando-lhe palmadinhas no lombo. *Belzebú* correspondia a taes manifestações de affecto com grunhidos de agradecimento, bamboleando-se todo, satisfeito.

No cestinho do rapaz não ficou nem uma só gotta de mel. O urso comera tudo. Cypriano, porém, ganhara dez duros ! Ganhara o dinheiro e passara á vista de toda a povoação como um valente caçador de ursos !

GRADIS DO PAVILHÃO
TELHADO ESQUERDO
LADO EXTERNO DO PAVILHÃO LATERAL
ANTILOPE
LADO EXTERNO DO PAVILHÃO LATERAL
CHÃO — LADO ESQUERDO

Brigas... de mascarados

Carrapicho e *Jujuba*, enthusiasmados com as mascaras que publicámos nas vesporas do Carnaval de 1921, fantasiaram-se de "Chiquinho e Jagunço" e sahiram para dar um trote em *Chiquinho*.

Aconteceu, porém, que *Chiquinho* teve a mesma idéa: convidou João Garnizé e sahiram transformados em *Carrapicho* e *Jujuba*. Na primeira esquina, os quatro encontraram-se e...

...escandalisados, mediram-se de alto a baixo, empenhando-se numa luta corporal. Esmurraram-se a valer. *Garnizé* e *Jujuba* foram as victimas.

Dei pancada á bessa

E EU APANHEI P'RA BURRO!

Victoriosos sahiram *Carrapicho* e *Chiquinho*. Este ultimo, depois da luta, não poz o pé fóra de casa durante tres dias, envergonhado por ter brigado na rua.

A. Rocha

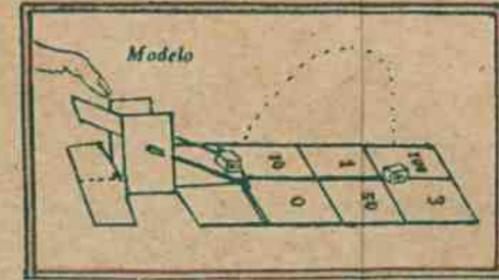
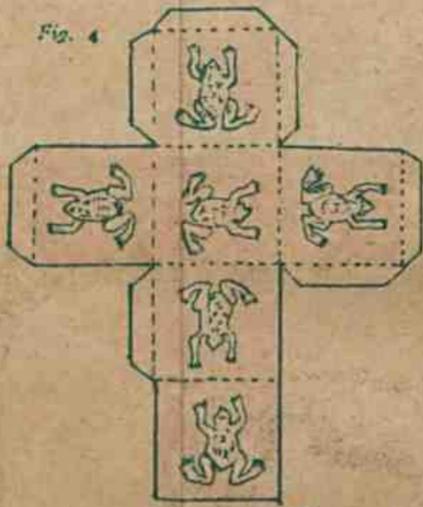
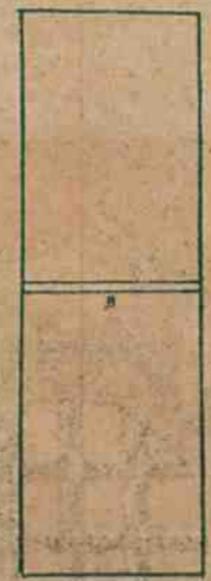
A rã saltadôra

Aqui têm vocês um jogo muito interessante e facil: a rã saltadora.

Para construir o apparelho, que se acha no canto superior e esquerdo da gravura, comecem fazendo o dado onde se encontra a rã. Este dado tem nas suas seis faces a mesma rã. Para fazel-o observem bem a fig. 4, dobrando-a pelas linhas pontuadas e collando os bordos livres sobre as linguetas em branco marcadas com a letra X. Feito o dado decalquem toda a figura onde se encontram os numeros e circumdada por um friso preto. Uma vez decalcada, cortem pelas linhas pontuadas as partes A A, mas só no sentido longitudinal, de maneira a poder levantal-as como no modelo prompto.

Feito isto falta sómente fazer o trampolim que deve atirar a rã. Isto é facil; uma vez levantadas as partes A A prendam a fig. 2 sobre um palito, como vêem em 3

Agora para terminar o apparelho atravessem as partes A A com o palito e o papelão fig. 2 funccionará como uma gangorra.

Para jogar a *rã saltadora* colloquem o dado com a rã na extremidade do trampolim e calquem a extremidade opposta; ella será atirada como no modelo (no sentido da linha pontuada), indo cahir num dos numeros. Conforme o numero em que cahir, o jogador ganhará ou não.

O NETO DO FAROLEIRO

O farol ficava situado no alto de uma pequena colina sobranceira ao mar. A' frente da casa da guarda, que era envidraçada de todos os lados, erguia-se um grande mastro com duas vergas, e, como das extremidades das vergas desciam as adriças e do meio do mastro os cabos que iam prender-se em argolas chumbadas no parapeito de pedra que cercava a casa, o mastro e as cordas davam ao farol um aspecto de navio, cuja prôa fosse avançando sobre o mar — como um navio prompto a largar do estaleiro.

Subia-se para o arol por uma estreita vereda aberta em zig-zag na ladeira da colina que era eriçada de matto espesso e bravo. E nessa vereda passavam apenas o faroleiro que por ali se dirigia ao romper da manhã e ali passava depois ao cahir da noite, e a filha do faroleiro, que subia a encosta duas vezes ao dia, com uma cesta pendente do braço, a primeira vez com o almoço e a segunda com o jantar do pae. O faroleiro passava pois, todo o dia mettido na casa da guarda, a vigiar o horizonte, e só sahia ao terraço, quando tinha de falar aos navios, que transpunham a barra, içando nas adriças os variados signaes com que se relacionavam com as embarcações. Tão experimentado estava já naquella profissão, que, apenas no horizonte longinquo se avistava uma pequena mancha, como uma ligeira nuvem dispersa no espaço, e que mal se enxergava a olho nú, logo elle dizia se era navio de véla ou vapor, designando até as milhas a que o barco estava distante da costa. Depois, assestava o oculo, e descobria a nacionalidade da embarcação.

— E' um vapor inglez, e deve ser um que se espera de Liverpool.

Não errava nunca.

O habito de viver só, ali, no alto daquella colina, tendo por unico espectaculo o céo, ora todo azul, ora carregado de nuvens, e o mar vasto, umas vezes murmuroso e manso e outras agitado e bramidor, tornára-o taciturno e triste.

Naquelle dia, dia de sol tepido de começos de outono, a filha, ao entregar-lhe a cesta do almoço, disse-lhe:

— Pae, o Macario teima em ir hoje ao mar.

O faroleiro fitou um instante a filha, e encolheu vagamente os hombros, num gesto de resignação.

Elle não tinha querido que o neto seguisse a vida do mar. E como havia de querer!

O filho morrêra-lhe aos dezoito annos, afogado numa volta de mar, quando mettido com outros numa lancha de pesca, tentára, por uma tempestuosa manhã de inverno, entrar a barra. Dois annos depois, morreu-lhe o genro, quando era piloto da galera *Santa Isabel*, que, numa noite de cerração se despedaçou de encontro aos rochedos, nas costas da Inglaterra.

O faroleiro então, viuvo, sem filho e sem genro, ficou sendo o unico amparo da filha e dos dois netos, o mais velho de sete annos e o outro apenas recemnascido.

Depois daquellas duas desgraças, começou a odiar espavorido o mar, como a um inimigo rancoroso, perseguidor e implacavel, de que era preciso fugir constantemente. Dispoz tudo para que o neto seguisse outro modo de vida. Enviou-o á escola, para o destinar ao commercio; mas o rapaz mostrava pouca disposição para o estudo, e corria para a praia com os outros, saltando de rochedo em rochedo, com a destemida ligeireza de um gamo.

Um dia pediu á mãe que o deixasse partir numa lancha de pescadores.

Misericordia! A mãe ficou aterrada, e oppoz-se. O avô, ao chegar á noite a casa, informado do pedido do rapaz, falou-lhe com severidade, como se o reprehendesse por uma falta commettida.

Não; não iria ao mar. O mar para a familia tinha sido sempre a desgraça! Repetiu-lhe mais uma vez a dolorosa narrativa do naufragio, em que perdera o filho. Descrevia a agitação do mar, que, sob um céo côr de chumbo, bramia de longe, galgando os rochedos da costa com estrepito. Perdida no meio do oceano, a pobre lancha lutava em vão com as violencias da tempestade, umas vezes desapparecendo de todo, como se houvesse sido tragada pelos vagalhões que a cercavam, outras vezes emergindo, quasi vertical, na crista das ondas, navegando á tôa com o mastro partido, sem leme e sem rumo, acossada pelo vendaval, com os pescadores aferrados á amurada e implorando em altos brados a misericordia divina. E elle — façam idéa! — elle a assistir da costa aos horrores do naufragio, sem poder acudir ao filho, que lhe acenava de longe, com os braços estendidos para terra, como se o quizesse apertar no derradeiro adeus! E ainda as lagrimas lhe corriam dos olhos e a commoção lhe tremia na voz, cada vez que recordava as angustias daquella manhã sinistra.

— Não — terminou o faroleiro depois de enxugar os olhos — com o meu consentimento não segues a vida do mar.

Mas, decorridos alguns annos, decidiu o Macario ser pescador. Havia muito que tinha abandonado os estudos.

— Ou vou já para o mar — disse elle á mãe — ou, em chegando a minha vez, assento praça e vou servir na armada.

A mãe chorou, e foi referir ao faroleiro a teimosia do filho.

Não havia opposição a fazer.

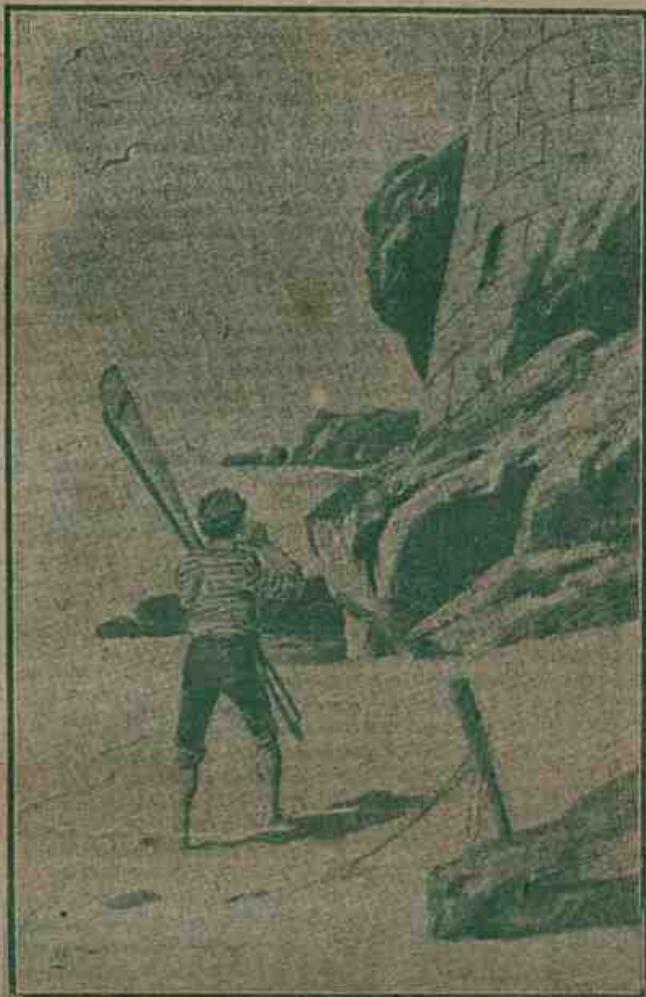
Qualquer sabio lido em Darwin e em Lamarck, explicaria a insistencia do rapaz pelo phenomeno da hereditariedade, phenomeno que não é, afinal de contas, mais do que a confirmação scientifica dos antigos proloquios populares, que affirmam saber nadar o filho do peixe e nascer com dentes o filho do lobo. Justifica-se assim a inabalavel resolução do Macario. As tendencias innatas venciam nelle todas as considerações ditadas pelo affecto carinhoso da mãe e do avô. Era aquella a sua sorte: tinha de ser pescador, e havia de sel-o.

Foi dessa vez que o faroleiro encolheu vagamente os hombros, num gesto de resignação. Depois da filha lhe repetir a declaração terminante do rapaz, o faroleiro perguntou:

— Mas sabe elle ao menos remar?

— Sabe — respondeu a filha — lá remar sabe.

E contou então que Macario, desde que fôra para a esco-

la, muitas vezes dali sahira em rancho com outros rapazes, indo todos á praia para metterem ao mar qualquer barco que encontrassem abandonado sobre a areia. Era elle até o [illegible] passava por ser mais dextro e mais arrojado.

O faroleiro, ao [illegible] longo silencio [illegible], encarou a filha [illegible] observou sentenciosamente:

— O que tem que ser tem muita força. Quer ser pescador? Que seja pescador.

Quando a filha ia já a descer a vereda da encosta, com a cesta do almoço pendente do braço, o faroleiro sahiu ao terraço e chamou-a. A filha retrocedeu.

— Diz ao rapaz — recommendou elle — que peça emprestado um escaler ao José Piloto, que o traga para perto do farol, e que entre nelle sózinho, á minha vista.

— E a que horas, pae?

— Ahi pela volta das quatro horas.

— E eu venho com elle?

— Não, deixa-o vir só.

A filha partiu. E o faroleiro, dirigindo-se para a casa da guarda, cabisbaixo e pensativo, ia dizendo de si para si:

— Sempre quero ver se o rapaz é o tal marinheiro que dizem!

* * *

Pouco depois das tres horas, em diversos pontos do horizonte começaram a apparecer umas pequenas nuvens brancas, como flocos de algodão em rama, e que pouco a pouco se iam avolumando. O mar, que toda a manhã se conservára de um azul claro de turqueza, e cuja superficie levemente ondeada, a luz do sol mosqueava de scintillações, principiava a agitar-se no longe.

O faroleiro, depois de observar detidamente o aspecto do mar, ergueu os olhos para a ventoinha do mastro, representando um peixe dourado. O peixe mudava constantemente de direcção, apontando já o norte, já o sul, girando de um para o outro lado, como se fosse um animal vivo, nervoso, irrequieto, presentindo a approximação do perigo.

— Mudou o tempo — observou o faroleiro.

Entrou na casa da guarda e applicou o oculo.

Umas lanchas de pesca, que tinham sahido a barra duas horas antes, affastavam-se apressadamente da costa. As nuvens, que appareciam agora a noroeste, eram já côr de chumbo e, impellidas pelo vento, estendiam-se pouco a pouco no firmamento, como um enorme velario escuro, que de longe se viesse desenrolando no espaço, encobrindo o azul claro do céo. O ar, que até então se espraiava com um doce e lento murmurio no areal da costa, começava a bater com fragor de encontro aos penhascos.

O faroleiro estava inquieto.

Naquella estação do anno — a passagem do equinoxio — os temporaes levantam-se de surpresa: umas vezes são tufões que passam rapidamente ao longo da costa, acompanhados de fortes aguaceiros, que rebentam como trombas d'agua; outras vezes são os temporaes menos violentos, porém mais prolongados, e conservam o mar bravo, durante dias e noites consecutivos.

Passeiando de um para o outro lado do terraço e fitando o horizonte, começava o faroleiro a arrepender-se do consentimento que dera, quando ouviu a voz do neto que o chamava do sopé da colina.

— Avô! meu avô!

Era a hora aprazada, e ali estava elle prompto para embarcar, com uma gôrra de pelle de coelho, mettida até ás orelhas, uma grossa camisola de lã branca listada de azul, as calças arrepanhadas até aos joelhos, deixando ver os pés fortes e musculosos habituados a palmilhar na areia e a trepar pelas saliencias dos rochedos. O barco, que fôra trazido da barraca do José Piloto por seis homens, lá o esperava á beira do mar, a balouçar nas ondas, preso por um cabo a um espigão de ferro espetado na areia.

Como o avô não apparecia, Macario impaciente subiu a ladeira. Ao ver o neto, o faroleiro carregou o sobrolho, e perguntou-lhe:

— Sempre queres ir ao mar?

— Já lá está o escaler do José Piloto.

— Mas olha que sopra noroeste rijo, e o mar não está hoje para brincadeiras.

Macario sorriu, mostrando que o não amedrontava o temporal. Elle ia ser pescador, e não havia de ir ao mar unicamente quando o tempo estivesse bom.

— Ainda ha pouco partiram cinco lanchas — disse elle, citando o facto para desatemorizar o avô.

— Partiram; bem sei que partiram — retorquiu o faroleiro — mas vejo-as agora a fugir da costa.

Macario estava cada vez mais impaciente. Para dissipar as hesitações do avô, affirmava-lhe que não se affastaria muito da praia. O que elle [illegible] queria era mostrar [illegible] que sabia remar e aguentar-se no [illegible] mar como qualquer outro pescador.

— Fique socegado. Se o mar crescer mais, remo para terra.

Insistiu com o avô, quasi supplicante, tirando-lhe pela manga do jaquetão, para que viesse vel-o largar da praia. O faroleiro não resistiu mais. Foi seguindo o neto sem proferir palavra.

— Tinha que rir — observava o rapaz ao descer a encosta — tinha que rir, se eu estivesse agora com medo do mar!

Chegaram á praia. Era uma curta faixa de areia reentrante, formando enseada, entre grandes e altos rochedos, que só em dias de grande temporal as ondas conseguiam galgar.

Macario, apenas ali chegou, correu para o barco. Saltou de um pulo para dentro; e, deitando-se de bruços, com o busto fóra da prôa, estendeu o braço e arrancou da areia o espigão a que estava preso o cabo, collocando-o no fundo da embarcação. Sentou-se em seguida no banco do meio, deitando a mão aos remos. O barco, ao largar, oscillou um pouco, batido pelo mar. Macario, com duas remadas valentes, affastou-o da areia.

— Cá vou, meu avô.

O faroleiro voltou para o terraço, e dahi esteve a observar o neto.

O céo estava mais carregado e o mar roncava mais forte. O barco tinha ido para o largo, com a prôa virada contra o vento, balouçando-se á mercê das ondas. O faroleiro continuava inquieto, a observar o céo e os movimentos rapidos da ventoinha.

Tudo annunciava temporal. De repente, estendeu-se ao longe sobre o mar uma nevoa densa, que encobria a linha do horizonte.

— E' chuva — pensou o faroleiro.

Houve uma rajada forte, que fez estremecer o mastro do farol. A nevoa veiu se approximando e alargando sobre todo o oceano; e, ao cabo de alguns minutos, uma chuva torrencial, batida pelo noroeste, cahiu sobre toda a costa. Do terraço do farol nada se podia enxergar, como se no mar houvesse cerração. Logo que o aguaceiro passou, o faroleiro procurou no mar o escaler em que andava o neto. Não estava muito distante. Apenas o avistou, collocou as mãos em tubo junto da bocca, e gritou com toda a força:

— Macario, volta. Volta depressa.

O rapaz devia ter ouvido, porque, tirando os remos com força, aproou para terra. Vinha se dirigindo para o areal; mas, ao passar proximo dos rochedos, a ressaca, que ali era forte, impelliu de repente o barco para o largo. O faroleiro desceu apressadamente da colina e veiu para a praia.

Trepou para a ponta de um rochedo, e, com o braço estendido, começou a indicar ao neto por onde devia trazer o barco.

— Ao sul — gritava elle, acenando — ao sul. O escaler seguia na direcção do sul.

O faroleiro não tirava os olhos do barco, que navegava á espera de occasião para não encontrar a ressaca. Macario, a cada instante, voltava a cabeça para traz, esperando que uma vaga o levasse na direcção da praia. Duas vezes tentou ser impellido, mas a onda levantou no dorso o escaler, e deixou-o ficar no mesmo sitio. O faroleiro praguejava afflicto:

— Raios partam o mar!

E elevando a voz, recommendava ao neto:

— Tem cautella! Espera a monção.

Desceu do rochedo e voltou para a praia.

Quando uma vaga, que vinha ondeando de longe, se approximou do barco, Macario, ao voltar-se para traz, deixou escapar da mão o remo. Tentou apanhal-o; mas, erguendo-se de repente, desiquilibrou o barco, e o remo, saltando fóra da forqueta, cahiu á agua e affastou-se para longe. O faroleiro ergueu os braços tremulos num gesto de afflicção, e exclamou:

— Lá vae um remo! Está perdido!

Subiu rapidamente a praia até ao sopé da encosta, esperando ancioso que passasse alguem que fosse chamar soccorro. A estrada estava deserta. Voltou logo para a beira do mar. O barco continuava no mesmo sitio, sacudido pelas ondas. Macario tinha abandonado o remo que lhe restava, e, com as mãos aferradas ás amuradas, esperava que uma vaga mais forte impellisse o barco para o areial. De longe, e em diagonal com a costa, vinha ondeando o mar num vagalhão escumoso, que roncava ameaçador. Era o lance decisivo. Ou aquella vaga trazia o barco para terra, ou o deixava ali, em risco de ser tragado pelo redemoinho da ressaca. O faroleiro, com a respiração suspensa, não desviava os olhos arregala-

dos do barco, fitando-o com a fixidez angustiosa de quem prevê uma grande desgraça.

Chegou a vaga, ergueu no seu dorso o barco, pondo fóra d'agua uma parte da quilha, fel-o dar uma volta rapida, e arremessou-o violentamente de encontro aos rochedos.

O faroleiro levou de repente as mãos ao peito, como se sentisse subitamente estrangulado, soltou um grito rouco, e cahiu redondo, ficando estendido na areia, parallelo ao mar!

* * *

Quando cahiu a noite, já no céo brilhavam as estrellas. Tinha amainado o vento, e o murmurio doce do mar parecia o arfar compassado e lento de um gigante, que acabasse de sustentar uma luta formidavel.

A filha do faroleiro, vendo que nem o pae nem Macario appareciam, sahiu de casa sobresaltada. Foi direita ao farol, e ficou espantada de o ver ás escuras, quando, áquella hora, devia já estar com as lanternas accesas. A porta da casa da guarda estava aberta.

— Meu pae — gritou ella.

Ninguem respondeu. Desceu a correr a encosta, e foi á barraca do José Piloto. Contou de afogadilho o que se passava. Nem José Piloto, nem nenhum dos marinheiros que ali estavam, tinham visto o faroleiro. A pobre mulher desatou a chorar afflicta, supplicando em soluços que a ajudassem a procurar o pae e o filho. Sahiram todos da barraca.

— Não se affiija — dizia o José Piloto para a consolar — não se affiija, que elles hão de apparecer. Vamos em busca delles.

A alguns passos da barraca, parou e considerou:

— Pelos modos, como se não avistava nada ao longe, o faroleiro embarcou com o neto; e, como o mar era muito, em vez de voltarem por onde havia rochedos, foram saltar em qualquer sitio que não tivesse pedra.

— Não foi outra cousa — obtemperou um dos freguezes da barraca.

— O melhor, por isso — resolveu o José Piloto — é irmos em dois ranchos, um que vae pelo norte, e outro pelo sul.

Separaram-se em dois grupos, seguindo um para o norte com José Piloto, á frente, e outro para o sul com a filha do faroleiro.

* * *

Andavam correndo toda a costa com archotes accesos. A cada passo, por entre o marulho brando das ondas, ouviam-se estes gritos, que partiam, umas vezes dum, outras vezes dontro grupo:

— O' meu pa...ae!

— O' farolei... eiro!

E estes gritos, repetidos a cada instante, prolongavam-se na vastidão silenciosa da costa, ecoando, como um lamento, nas anfractuosidades dos rochedos. O clarão dos archotes, ora apparecia no alto da penedia, seguindo os accidentes escabrosos, ora baixava ao areial; e, de longe, na penumbra fumacenta que se espalhava em torno da chamma, destacavam-se as figuras do grupo, marchando e gesticulando como sombras sinistras.

— O' meu pa... ae!

— O' farolei... eiro!

* * *

Foi o grupo do José Piloto o que primeiro chegou á praia, onde embarcou Macario. O homem, que caminhava á frente, com o archote erguido ao alto, ao saltar da rocha para a areia, estacou de repente, e exclamou:

— Cá estão elles!

Desceram os outros precipitadamente.

E lá estavam! Lá estavam estendidos na areia, á borda do mar, o faroleiro e Macario, um chegado ao outro, como se uma onda carinhosa houvesse trazido o corpo do neto para o juntar ao corpo do avô. Acercaram-se todos em torno dos dois mortos, contemplando-os silenciosos e consternados. E, como a noite estava serena e a maré vinha subindo lentamente, as ondas, que se espraiavam na areia, cobriam o faroleiro e o neto com um manto de espuma branca, como se fosse o mesmo lençol de linho a amortalhar os dois cadaveres!

ALBERTO BRAGA.

Um ovo... que era um porco

— Olha, mamãe, que lindo ovo. Por que não vaes chocal-o?

A boa senhora, que é muito condescendente para os filhos, fez o que estes pediam.

Minutos depois o colossal ovo começou a dar signaes de vida.

— Não era um ovo — gritaram os corvozinhos ao ver que um porco sahia correndo aos saltos.

UM PRECURSOR DE MARCONI

Se os documentos que se estão colhendo são veridicos, é a telegraphia sem fio uma descoberta italiana de 1852. Nesse anno um sacerdote — um frade — dirigiu-se a Roma e, apresentando-se ao Papa, offereceu-lhe a invenção do telegrapho sem fio. Nesse anno o telegrapho dava os seus primeiros passos, especialmente no Estado Pontificio e a descoberta do frade Bortone foi recebida com muita incredulidade... Pio IX a comprehendeu melhor, e nomeou uma Commissão de professores de Universidades, que convidaram Bortone a lhes revelar o seu segredo. O frade recusou-se, ou pelo menos exigiu um milhão em compensação. Accusado de feitiçaria, para defender-se, dirigiu uma pergunta á Commissão:

— Revelarei o meu segredo a quem souber dizer e explicar porque todas as agulhas magneticas se voltam para o pólo.

Parece que ninguem soube responder, pelo que Bortone indignado, disse:

— Como posso então revelar o meu segredo a quem nem mesmo me sabe dar a explicação de uma cousa tão simples?

Este incidente fez com que se desse parecer contrario ao frade.

Mais tarde uma das pessoas, que fazia parte da Commissão, fez algumas tentativas. A experiencia deu bons resultados, mas considerou-se a invenção sem utilidade publica alguma!

* * *

Não cuspas ou escarres sinão nas escarradeiras, nas latrinas, nos mictorios, nos ralos de esgoto.

A BONECA FALANTE

Trata-se de uma nova boneca muito differente das que se tem visto até hoje. Foi inventada por um norte americano e não se limita a pronunciar as costumadas syballas, mas faz discurso, diz com clareza e simplicidade as cousas mais difficeis.

O mecanismo de tal boneca é simples e de pequenas dimensões, estando contido numa caixa de cinco, seis e oito centimetros de altura. Trata-se de uma especie de gramophone. O diaphragma, que deve dar o som, opera sobre uma caixinha circular de aluminio á qual se applicam discos cylindricos, cada um dos quaes tem a sua phrase ou discurso especial.

Os discos são de celluloide, praticos e indestructiveis. E, para fazer funccionar o apparelho, basta uma simples mola regular que faz mover os varios discos e um botão.

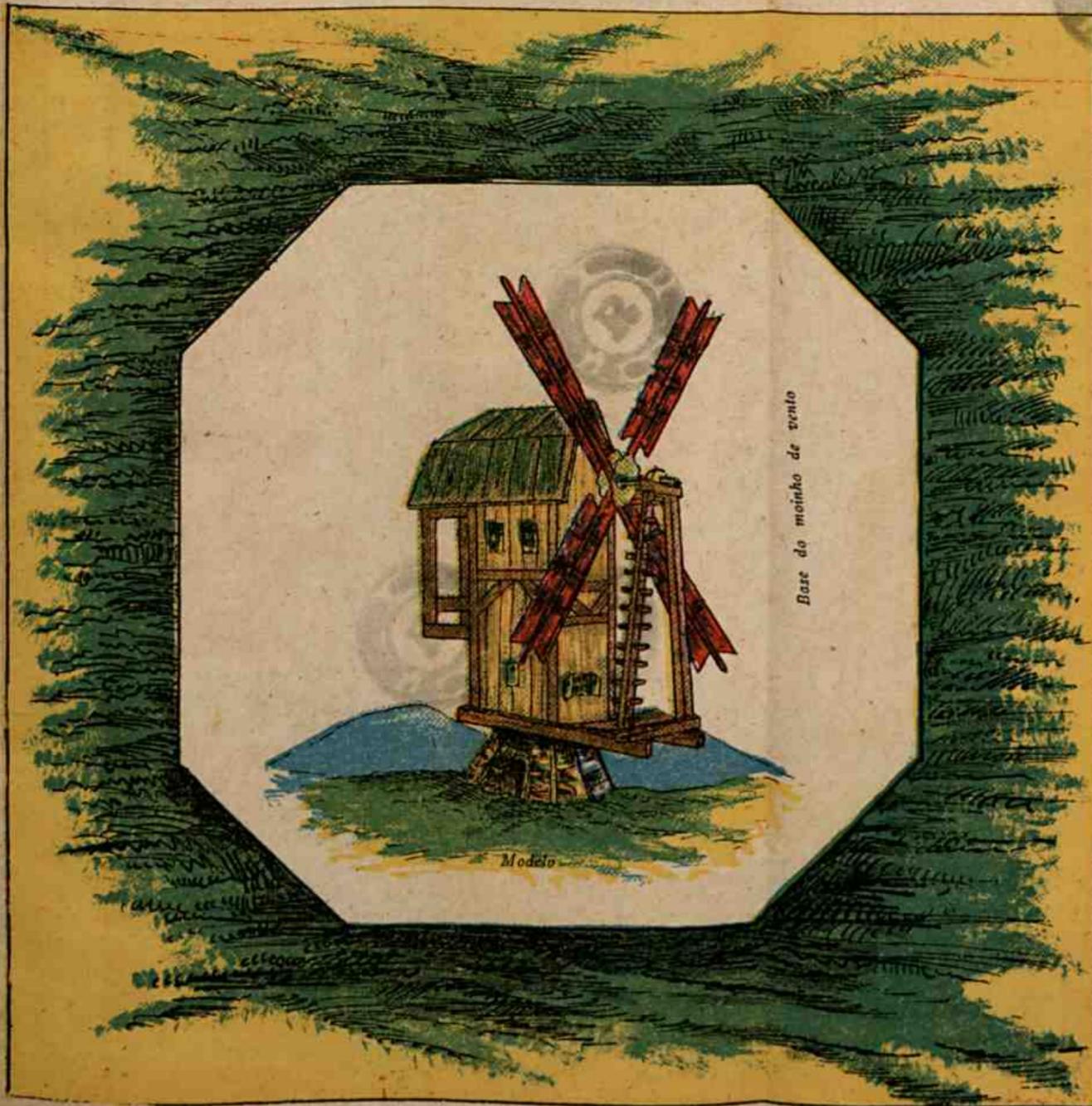
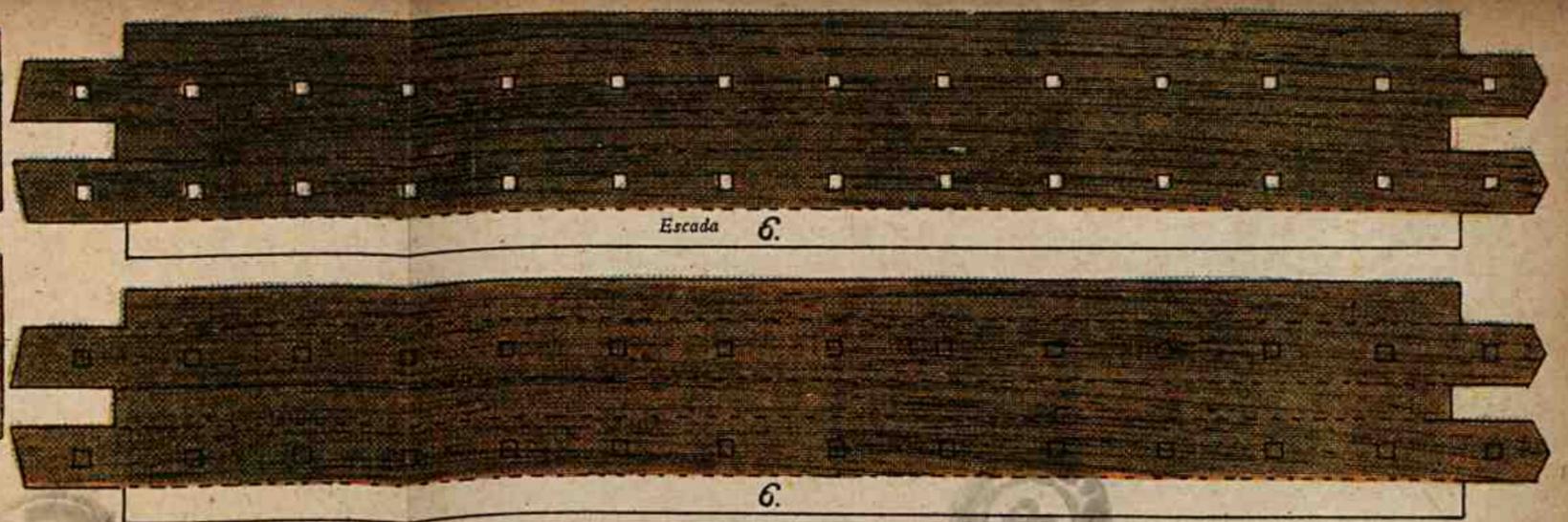
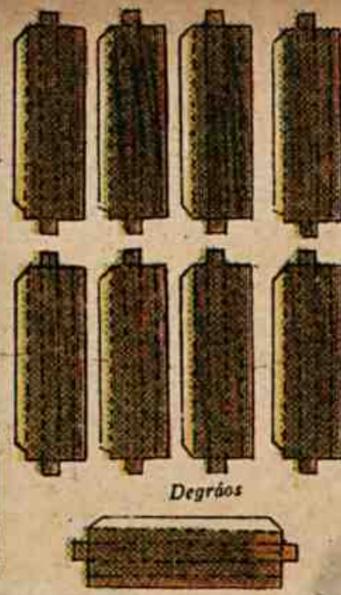
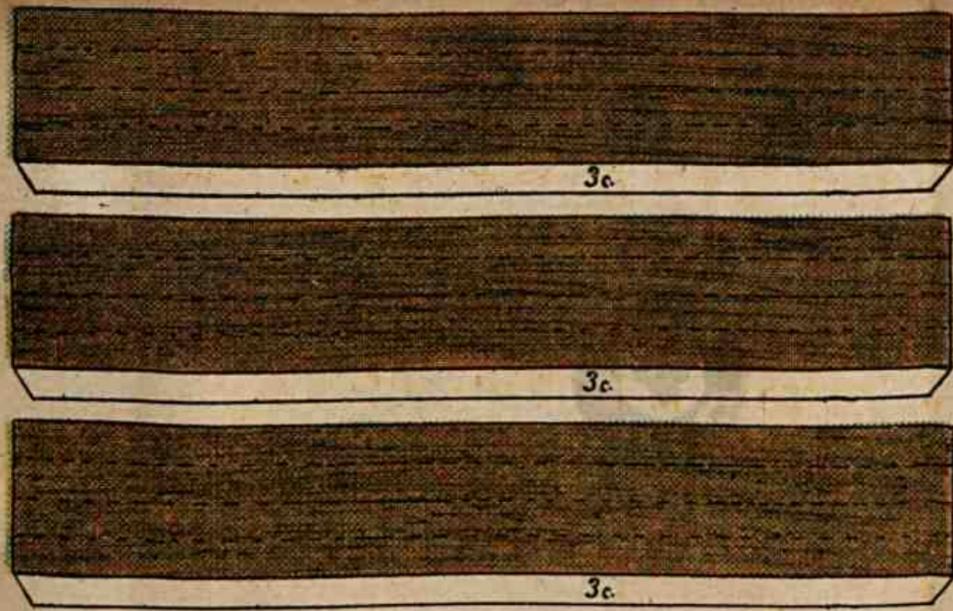
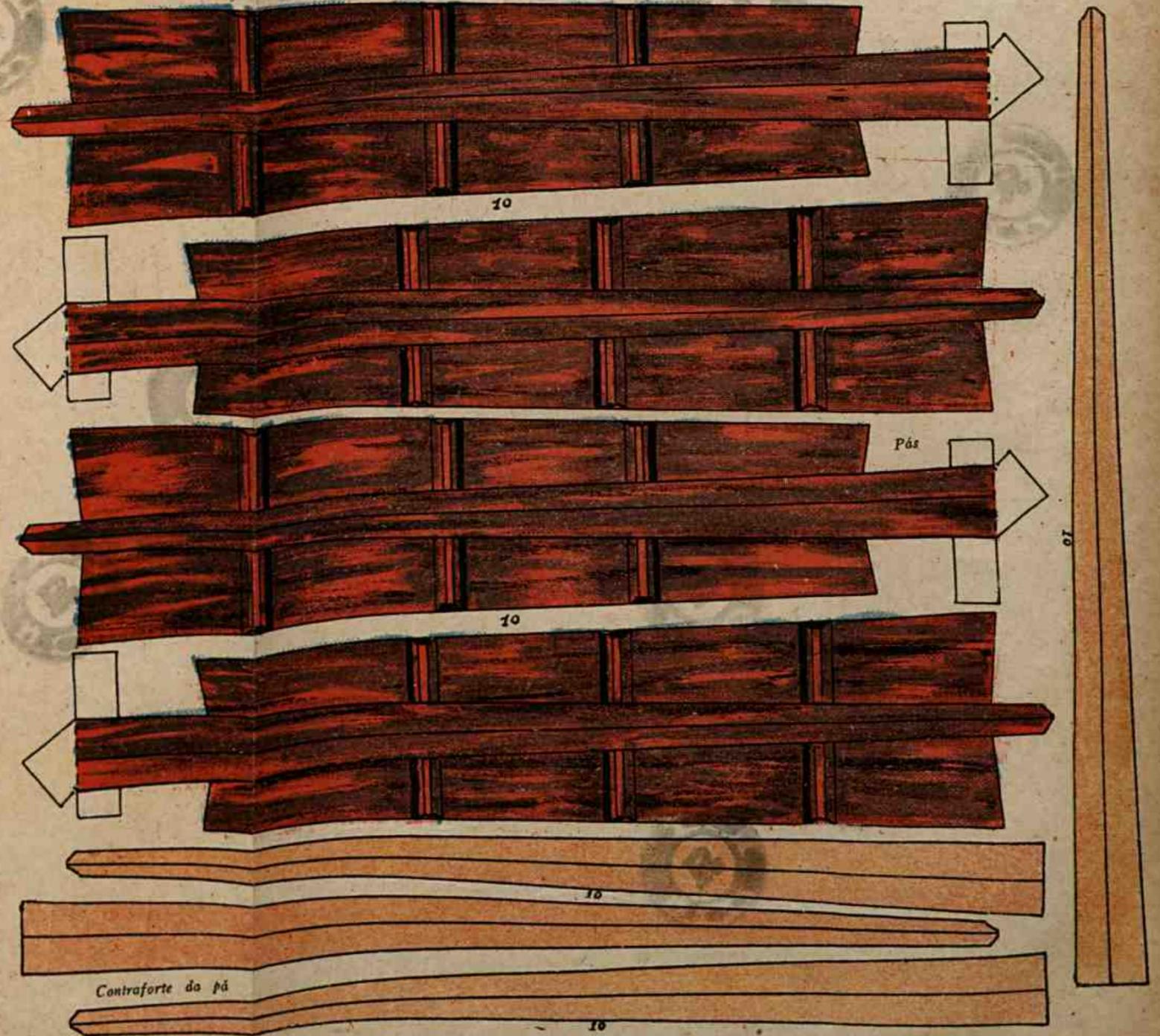
São os discos em geral de quatro centimetros de largura, e pódem conter quarenta e uma palavras cada um.

O inventor dessas bonecas teve a idéa pratica de applicar tambem o seu apparelho ao corpo de brinquedos que representem animaes, como gatos e cães.

* *

OBSERVAÇÃO DAS CAMAS

De um interessante inquerito aberto por um *magazine* inglez entre os seus leitores resulta que a melhor maneira de collocar a cama, para ter um somno tranquillo e salutar é com a cabeceira para o norte.

3c.
3c.
3c.
Degráos
Escada 6.
6.
O MOINHO DE VENTO (Pagina de armar n. 3)
Base do moinho de vento
Modelo
10
10
Pás
10
10
Contraforte da pá
10

OS VEADOS E O BOM EREMITA

Ha muitas centenas de annos existiu num paiz longinquo um principe chamado Theodorico, que era muito malquisto no reinado de seu pae, pelos seus modos violentos e máos. Numa floresta desse mesmo paiz vivia um eremita, muito justo e de coração generoso, chamado São Benito, com alguns bondosos penitentes, tendo como companhia permanente um veado que não fazia mal a ninguem.

Ora, um dia, o cruel Theodorico foi caçar na floresta onde habitava o eremita para matar o veado. O perverso principe não se entregava aos prazeres da caça por necessidade, visto como as cozinhas do castello de seu pae eram fornidas e as refeições opiparas; o principe caçava para dar expansão aos seus desejos de matar.

Perseguido pelo caçador, acossado pela matilha numerosa na floresta sombria, o pobre veado desappareceu de repente numa gruta. O principe Theodorico quiz entrar na gruta para matar o veado. Mas nesse momento appareceu a figura salvadora de S. Benito, que, de braços abertos, vedou o accesso ao principe.

Theodorico, embora raivoso, não ousou tocar no santo eremita. Mas para se vingar praticou uma das suas maldades: apoderou-se de uns bois que pertenciam ao santo e os levou para o seu castello.

O pobre eremita e seus companheiros lamentaram bastante o mal que o principe acabava de lhes fazer. — Quem ha de puxar a nossa charrua amanhã? — indagavam elles. E um milagre, um gesto de gratidão então se verificou. Na manhã seguinte o eremita e seus companheiros, quando chegaram ao campo, viram atrelados á charrua, em logar dos bois, dois fortes veados que lavravam a terra.

AVENTURAS DE CHIQUINHO

Chiquinho e Benjamin foram visitar Lili e, não podendo levar Jagunço, recommendaram-lhe que ficasse quietinho, pois não se demorariam. Jagunço não se conformou com a ordem.

Sabia que lá havia uma "pomerania" a quem, certamente Chiquinho...

...faria festas. Saltando a janella, ganhou a rua.

Chiquinho, muito tranquillo, encaminhou-se para a casa de Lili e, lá chegando, fez a apresentação de...

...Benjamin: O meu maior amigo depois de Jagunço! Espero que será nesta casa tratado como me tratam. Depois Lili foi...

...mostrar a casa: — Este, disse ella, é o retrato da mãe de papae que vae ser retocado! Chiquinho aproveita e...

...apresenta Benjamin como habil restaurador de quadros e filho de um genial artista. Benjamin, empunhando a brocha...

...entrou em acção. No melhor da festa foi interrompido pelo pae de Lili, que de punhos cerrados gritava: — Miseravel! Ha de te custar caro! Hei de porte na cadeia. Benjamin estava aterrado...

Do interior de um guarda casacas, um barulho infernal, acompanhado de uivos e latidos, poz termo á gritaria. Todos fugiram. Chiquinho e Benjamin, porém...

VIRAM? se não fosse eu, vocês

...conheceram o "truc". Abriram o armario e encontraram lá dentro Jagunço, que os tinha precedido na visita.

De deserto arenoso e quente a grande mar

Sonhos da engenharia moderna

Entre todos os desertos do mundo (os da Arabia e da Persia, da Mesopotamia e do Afghanistan, as esteppes da Grande Tartaria, os Pampas, as Savanas da America) o deserto do Sahara é sem duvida o maior.

Por um effeito de deslocamento das camadas terrestres, pelo qual ás vezes se abysmam paizes inteiros e outros levantam-se grandes altitudes, numa época relativamente recente, isto é, a que precedeu de pouco o apparecimento do homem sobre a Terra, o Sahara sahiu das aguas marinhas.

Pois bem: os antigos pensaram em unir o Mediterraneo ao Mar Vermelho, por meio de um canal que desviasse as aguas do Nilo... o genio de Lesseps realisou esse projecto de um modo mais pratico com o corte do isthmo de Suez; surge

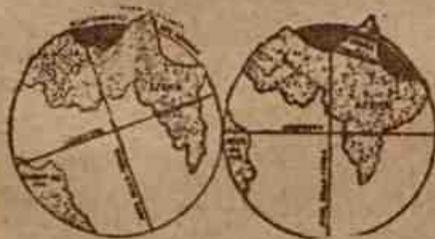



Figura da deslocação do eixo terrestre em consequencia do alagamento do Sahara com as aguas do mar.

agora — ou antes resurge porque já havia sido apresentado antes — o projecto de pôr de novo o deserto de Sahara debaixo d'agua e de transformal-o num lago!

Os jornaes norte americanos mostraram-se estupefactos com essa proposta que, entretanto, parece um... *americanismo*, mas não o é. Trata-se ainda de um francez, que tem em mira facilitar, por tal meio, as communicações entre as colonias da Africa Septentrional e o Sul do continente negro. E ainda mais, é a immensa, colossal empreza recommendada, apoiada por uma graciosa moça.

O professor Edmundo Etchegoyen, um dos mais distinctos engenheiros francezes e sua filha Mlle. Liane Etchegoyen, são

Os actuaes e os futuros "navios do deserto" sobre as ondas de areia das dunas e sobre as ondas do novo mar.

os heroes desta empreza, diante da qual o canal de Suez, o de Panamá, o tunel sob a Mancha e a ponte suspensa entre Scylla e Charybdes fariam má figura!

Mas alguns jornaes dos Estados Unidos estão positivamente assustados com as consequencias que poderia ter a realisação desse projecto.

O Sahara apresenta-se como uma immensa depressão do continente africano, abaixo do nivel do mar. E' uma continua ameaça para a vida de quem o deve percorrer e um obstaculo para o commercio. Muito perto do equador, baixo, varrido pelos ventos frescos do norte, vindos das montanhas de Atlante, tem um clima insupportavel.

Parece que, fazendo-o voltar ao que era antigamente, isto é, transformando-o num mar, os logares que o circumdam ficarão com um clima moderado, semelhante, talvez, ao das costas da Africa septentrional; as correspondencias entre as partes desse continente, para as quaes estabeleceria mais rapidos e mais seguros meios de communicação, tornar-se-iam muito faceis, como é de ver.

Esse lago ou mar interior, segundo o projecto Etchegoyen, seria formado pelo corte de um canal de cincoenta milhas que o Mediterraneo atravessaria uma parte das colonias francezas.

O Sahara constitue de facto uma boa parte das possessões da França, a qual poderia fazer invadir o deserto pelo Atlantico e não pelo Mediterraneo, por meio de um grande canal que partiria da costa occidental da Africa.

A Inglaterra combate o projecto receando que o novo mar do Sahara possa mudar de um modo funesto o clima de toda a Europa, e os Estados Unidos vão ainda além, receando que essa grande mudança possa deslocar o eixo terrestre e causar a destruição da vida do nosso globo.

Os Anglos-Saxões baseam-se no principio indicado por dois illustres europeus: Camille Flammarion, de Paris, e Bruckner, de Vienna.

Estes homens de sciencia affirmam que os alluviões e os gelos que invadiram a Europa recentemente foram causados pelas roçadas das mattas na America.

Que succederia aos dois hemispherios com a deslocação de uma tão consideravel massa d'agua, que tomaria o caminho do Polo Sul, da Africa Meridional para o Sul da America.

Em consequencia disso o clima do Canadá arctico tornar-se-ia temperado, e o professor Mollendorf, de Monaco, affirma que o resultado do alagamento do Sahara seria fatal á Inglaterra, á Belgica e á Dinamarca, que se tornariam inhabitaveis, e tambem a uma parte da Allemanha e da França, que ficariam sendo paizes de urso, bebendo azeite de phoca e comendo espermacete.

E os ursos polares desceriam á procura de presas entre as galerias, onde agora estão as esplendorosas cidades de Londres, de Edimburgo e de Bruxellas.

Os jornaes dos Estados Unidos accrescentam que com esse terrivel projecto muito se impressionaram os Mouros, os Kalybas, os Riffs e outras tribus selvagens do deserto.

E proponho — com Mollendorf — que se beneficie o deserto com irrigação e não cobrindo-o todo d'agua, como um lago ao alcance dos Germanos.

A questão é muitissimo interessante, comquanto... "prematura" — mas eu

Mudança do clima da Europa pela deslocação do eixo terrestre.

quizera perguntar aos sabios: como era a Europa, como se achavam o Canadá e outros paizes — talvez os geologos o saibam — antes que o Sahara, na época antecedente á nossa, surgisse, como Venus, das salsas ondas marinhas?... Porque parece que os collegas norte americanos disso se esqueceram!

O medico — Repugna-lhe o remedio? Tome-o pensando que é cerveja.

O doente — E' melhor, doutor, tomar a cerveja, pensando que é o remedio.

Não vivas vida de porco: faze exercicio, trabalha, brinca e fica ao ar livre todos os dias, o mais tempo possivel.

COLLEGIO RAMPI WILLIAMS

PARA MENINAS — FUNDADO EM 1893 **Internato — Semi-Internato — Externato**

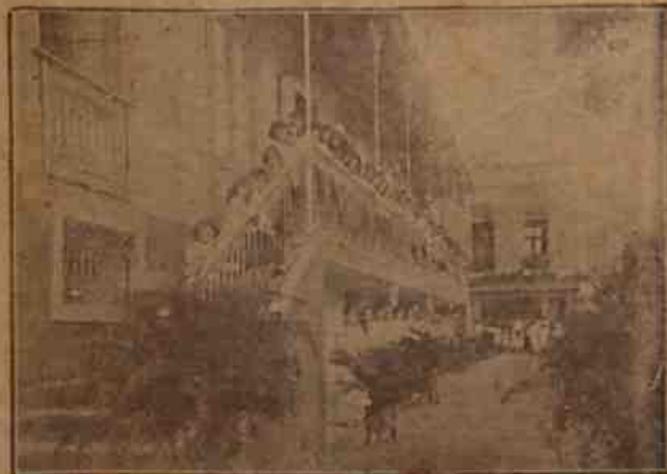
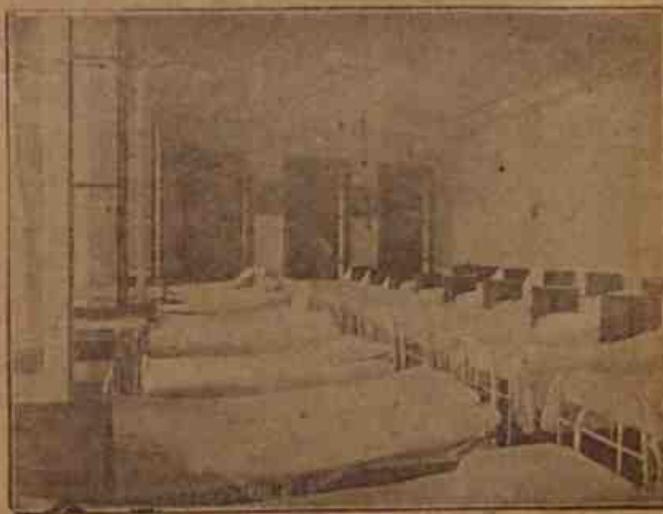
RUA VOLUNTARIOS DA PATRIA, 66 — BOTAFOGO (EDIFICIO PROPRIO)

A Directora : EMILIA RAMPI WILLIAMS

O EDIFICIO DO COLLEGIO VISTO DE FRENTE

MME. EMILIA RAMPI WILLIAMS
DIRECTORA DO COLLEGIO

Está installado o Collegio Rampi Williams em um vasto predio, situado em uma das principaes ruas do arrabalde de Botafogo, onde reune todas as condições de hygiene e commodidade. *O ensino é de accordo com a nova reforma*, habilitando-se alumnas nos preparatorios para admissão em todas as Faculdades, sendo os exames feitos parcelladamente, no *Collegio Pedro II*. Preparam-se tambem candidatas a exames na *Escola Normal* e no *Instituto Nacional de Musica*. Estão funccionando as aulas. Ha cursos especiaes para moças.

Prospectos no *Grão-Turco*, rua do Ouvidor n. 96 e no estabelecimento. Telephone 1239 Sul. *O curso do collegio é composto das seguintes materias* : Portuguez, Francez, Inglez, Allemão, Italiano, Arithmetica, Dactylographia, Stenographia, Geometria, Geographia, Historia do Brasil, Historia Natural, Historia Universal, Piano, Canto, Dansa, Violino, Mandolino, Harpa, Desenho, Religião, Trabalhos de Agulheta e Costura.

O EDIFICIO DO COLLEGIO VISTO DE LADO

UM CONFORTAVEL DORMITORIO

A galvanoplastia ao alcance de todos

Gravura 1
A pilha de Bunzen

Antes de tratarmos, verdadeiramente, da parte pratica do assumpto, julgamos de toda opportunidade explicar aos nossos jovens leitores o que se entende por "galvanoplastia". Não daremos aqui mais do que o sufficiente, para que os nossos leitores possam obter em metal a reproducção, relativamente facil, de um determinado objecto.

Um pouco da historia de tão interessante industria é tambem perfeitamente cabivel neste estudo.

Em 1789 foi, por Luiz Galvani, descoberta a corrente galvanica, calcada em conhecidas experiencias sobre o cobre; tal descoberta conduziu Alexandre Volta, em 1799, á descoberta da pilha. Em 1801, depois de pesquizas, que deram logar á descoberta da electrolyse da agua, Wollaston descobre que a immersão de um pedaço de prata, em contacto com o zinco, em uma solução de sulfato de cobre, produzia um forte deposito de cobre sobre a prata.

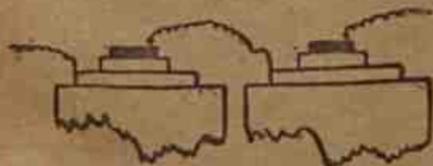
Poucos annos mais tarde, em 1803, Cruishauska encontra o caminho para a electrolyse das soluções metallicas, e em 1805 Brugnatelli consegue dourar uma medalha de prata com o auxilio da pilha de Volta, unindo a medalha ao polo negativo, (—) immersa em uma solução de cyanureto de ouro, e o polo positivo (+) livremente mergulhado na mesma solução.

Trinta annos approximadamente esteve a galvanoplastia sem apresentar novos progressos; em 1838, Jacoby, de S. Petersburgo, communica á Academia de Sciencias da sua cidade natal que, mediante a corrente galvanica, era perfeitamente possivel a reproducção de pequenos objectos; os inglezes Spencer e Jordan, mezes depois, provocando escandalo, tentam furtar a primazia da descoberta, pelas columnas do jornal *The Athenoeum*.

Depois de prolongadas pesquizas ficou constatada a primazia de Jacoby, sendo por isso considerado o "pae da galvanoplastia".

Dois annos depois, em 1840, o inglez Murray completava a obra de Jacoby, descobrindo a maneira de *metallisar* os objectos não metallicos e não conductores de corrente electrica. Em 1841, Wright consegue, depois de grandes pesquizas, formar depositos de prata e ouro de qualquer espessura. Em 1824, Bottger descobre a nickelagem de sulphato de nickel ammoniacal. No mesmo anno, Montgomery leva para a Europa a gutta-percha, por ser tal materia considerada uma das melhores para a reproducção plastica. Até 1860 seguiu a Galvanoplastia uma marcha lenta, quando Pacinotti e Siemens (1866) introduziram verdadeiras maravilhas de ordem technica, como sejam: o aperfeiçoamento das machinas dynamo-electricas e applicação da Galvanoplastia no terreno industrial.

Hoje em dia, em virtude de taes aperfeiçoamentos, grandes fabricas existem, unicamente, para a exploração da especialidade em cobre, nickel, prata, platina e ouro. A imprensa, a gravura das medalhas, a photo-mecanica, a photo-esculptura, etc. encontram campo vasto em tão util industria, assim como as decorações dos edificios, dos moveis, dos monumentos e dos utensilios de uso pratico.

Agora, que os nossos jovens leitores conhecem mais ou menos as "demarches" de tão interessante applicação industrial, tratemos propriamente da sua execução.

Gravura 2 — *Ligação das pilhas*

AS PILHAS

Na galvanoplastia podemos empregar maneiras distinctas de proceder, algumas das quaes muito complexas; por esse motivo estudaremos unicamente o processo das pilhas, mais ao alcance de qualquer dos nossos jovens leitores.

Gravura 4
O voltemetro

Muitas pilhas existem; porém as mais indicadas são as de Bunzen e as de bichromato. As installações por meio de pilhas só podem servir aos pequenos laboratorios e aos amadores, dado o seu preço relativamente economico e pequeno espaço a occupar.

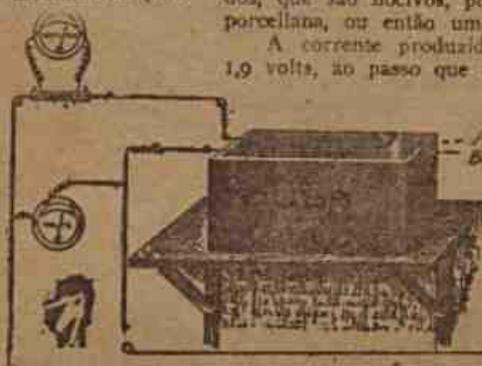
A pilha de Bunzen é composta de um vaso de vidro contendo um cylindro de zinco, que é o polo negativo da pilha; no centro desse cylindro colloca-se um vaso poroso, identico aos empregados na pilha de Daniell e dentro desse vaso uma lamina de carvão de cornuta; no interior do vaso de vidro colloca-se uma solução de acido sulfurico na seguinte proporção: 1 parte de acido para nove de agua.

Dentro do vaso poroso colloca-se acido nitrico commercial ou acido azotico (esta operação deve ser feita com o maximo cuidado); o acido deve attingir a mesma altura da solução de acido sulfurico. De tal fórma está montada a pilha e prompta para funccionar.

Para evitarmos o desprendimento dos vapores dos acidos, que são nocivos, podemos empregar a tampa de vidro, porcellana, ou então um lençol de oleo.

A corrente produzida por uma pilha de Bunzen é de 1,9 volts, ao passo que as outras attingem um volt, salvo a de bichromato, em que é de 2,1 volts.

Dada a pouca duração das pilhas de Bunzen (5 a 6 1/2 horas), podemos com facilidade transformal-as em pilhas de bichromato. A operação é simples: basta substituir a solução de acido azotico do vaso poroso pela seguinte:

Agua . . . . . 100 grammas

Gravura 3 — *Installação*

Bichromato de potassa 12 grs.
Acido sulfurico...... 25 grs.

Com a alteração, a pilha adquire uma força electromotora mais forte, pois se torna de 2,1 volts, em vez de 1,9 volts; outrosim, consegue-se uma duração longa, sendo facil conhecer quando a pilha está esgotada, pois o liquido se transforma de vermelho carmezin (que deve ser a sua côr normal) em vermelho escuro, pendendo em seguida para o verde.

Já conhecem os nossos pequenos leitores a origem e qual a pilha que mais convem. Tratemos pois da

INSTALLAÇÃO

Tomemos tres pilhas de Bunzen, transformadas em pilhas de bichromato e liguemol-as entre si, da seguinte forma: polo positivo (+) ao polo negativo (—), como indica a gravura numero 2.

Da gravura numero 3 temos, perfeitamente delineada, a installação propriamente dita; as pilhas, são ligadas á cuba pelos fios conductores + e —, passando o fio + por um ampéremetro; um voltemetro é collocado em derivação entre os fios. Occorrem-nos, porém, para a execução de um trabalho os

ACCESSORIOS

Entre os accessorios precisos a um bom resultado, temos: O voltemetro (gravura 4) que serve para medir a differença de potencial de

Gravura 5
Amperemetro

nos pontos de um circulo electrico activo; o amperemetro (gravura 5), que é um apparelho de medir a intensidade das correntes electricas.

A cuba é destinada a receber o banho metallico, dentro da qual se immerge a fórma destinada a receber o deposito metallico, podendo ser de vidro, gutta-percha, porcellana ou madeira impermeabilisada.

Uma vez conhecidos os detalhes anteriores, tratemos do funccionamento da nossa pequena officina galvanoplastica e das tabellas de tempo e superficie.

Gravura 6 — *A cuba*

Em primeiro logar enche-se a cuba com uma solução de sulfato de cobre, cuja proporção não é determinada. Devemos dissolver a maior quantidade de sulfato que fôr possivel na agua da cuba e, para manter a mesma efficiencia, collocam-se pequenos saccos de panno ou peneiras, contendo crystaes de cobre, dependurados no interior da cuba, como indica a gravura 6.

Atravessando a cuba, em qualquer sentido, por cima das paredes, (A e B da gravura 3) duas barras de cobre, que são ligadas aos polos positivo e negativo da installação; na barra correspondente ao polo negativo, dependuramos a fórma destinada a receber o deposito metallico e na que corresponde ao polo positivo dependuramos uma placa de cobre do tamanho da fórma; essa placa recebe o nome de anodo, que é sempre o do metal que desejamos para o deposito. Tudo terminado, estabelecemos o contacto e temos a nossa operação principiada.

TABELLAS

Tabella de massas metallicas depositadas nas fórmas:

INTENSIDADE da corrente em *ampères*	TEMPO de PASSAGEM	MASSA DEPOSITADA EM GRAMMAS	NATUREZA do METAL
1,6	1 segundo	0,000336	Cobre
1,6	1 minuto	0,01957	Cobre
1,6	1 hora	1,1739	Cobre
151,8	1 hora	1000	Cobre
1,0	1 hora	4,025	Prata
248,4	1 hora	1000	Prata
1	1 hora	2,441	Ouro
409,7	1 hora	1000	Ouro
1	1 hora	1,099	Nickel
910,0	1 hora	1000	Nickel

Tabella da densidade de corrente:

METAES	AMPÈRES POR DECIMETRO QUADRADO
Cobre de boa qualidade, deposito tenaz.	0,2 a 0,6
— clichés.	0,6 a 1,5
— deposito solido.	1,5 a 4
— — — granuloso nas estremidades	4 a 6
— granuloso e saponaceo.	8 a 15
— Banho de cyanuro.	0,3 a 0,5
Zinco Refinação.	0,3 a 0,5
Prata	0,15 a 0,5
Ouro	0,07 a 0,15
Latão	0,4 a 0,5
Ferro	0,15 a 0,45
Nickel	0,15 a 0,3

Tabella da natureza dos banhos

METAES	TENSÃO EM VOLTS
Deposito de cobre, banho acido.	0,5 a 1,5
" " " " de cyanuro	3 a 5
" " prata.	0,5 a 1
" " latão.	3 a 4
" " ouro	1 a 1,3
" " platina.	1 a 6

METALLISAÇÃO

Muitas vezes temos que recorrer ás fórmas não conductoras de correntes electricas, tornando-se mister metallisal-as; para tal operação, empregamos a plombagina. Antes, porém, da metallisação, temos a impermeabilisação dos moldes; quando de madeira, podemos empregar um verniz qualquer; no gesso, que é a materia mais empregada, usa-se a stearina em estado liquido; mergulha-se a fórma até que ella deixe de produzir bolhas, depois fricciona-se a plombagina com o auxilio de um pincel macio, afim de não estragar o referido molde, que em seguida é ligado ao polo respectivo e mergulhado no banho do sulfato de cobre. Assim procedendo, teremos os objectos de gesso, madeira, etc. transportados para o metal que entendermos, com a vantagem de serem feitos por nós mesmos, o que sempre representa uma grande satisfação.

ADALBERTO MATTOS

O VALOR DO VERMELHO

O vermelho é a côr usada geralmente para indicar perigo, porque se enxerga a uma distancia maior que qualquer outra côr. Segundo os competentes na materia, o vermelho é a côr que attrahe a attenção, excita a curiosidade e até infunde energia.

O verde é a côr complementar do vermelho e póde ser vista á mesma distancia, mas é a côr que a natureza applica mais vulgarmente em qualquer parte e por isso o signal verde enxerga-se menos que o vermelho, porque o primeiro póde ser confundido pelo ambiente circumstante, ao contrario do outro, sempre em contraste com o que o circumda. Por isso, a côr verde é sempre usada em alguns postos em logares pelos quaes é impossivel cahir em engano. De noite a côr mais usada nos signaes de perigo é o vermelho. De facto as lanternas vermelhas são collocadas nas curvas perigosas das ruas, nos pontos obstruidos, os quaes indicam com segurança ás sahidas dos theatros, das officinas, dos hoteis, e mesmo varios automoveis usam a luz vermelha.

Segundo um conhecido e culto inglez, em condições atmosphericas normaes, e'as as cifras que indicam até que distancia podem ser visiveis as principaes côres: o vermelho, de tres a tres milhas e meia; o amarello, de uma a uma milha e meia; o azul é visivel de meia milha a tres quartos; a violeta, á mesma distancia; e o luar de duas milhas a duas milhas e meia.

O vermelho, qualquer que seja a distancia, é sempre vermelho, o que não acontece com as outras côres. O amarello, por exemplo, vê-se a grande distancia, mas póde ser confundido com as luzes que sahem das janellas das casas.

O luar, que é um branco pallido, tem a tendencia para o azul e é usado para indicar as curvas das grandes estradas. Póde ser facilmente distinguido a uma distancia maior da do amarello e difficilmente é confundido com as luzes casuaes que se acham em torno delle.

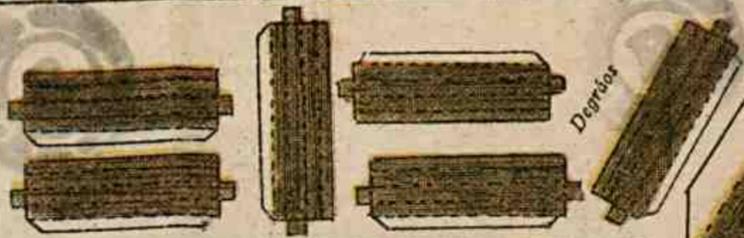
Naturalmente, cada systema de signaes luminosos é obrigado a servir-se de outras côres menos adaptadas do que o vermelho, para obter as variações e as distancias necessarias e combinar os alphabetos e as phrases.

Mas o vermelho será sempre o preferido, quando se precisar de uma só côr, sem necessidade de outras, porque elle reune todas as qualidades para fazer com a maxima segurança e graça, sem provocar equivocos nem incertezas.

DIALOGO ENTRE FORMIGAS

— Aquella lagarta se jogasse "football" derrotaria sósinha um "team" inteiro

— Por que?

— Não vês quantos pés tem ella? Todos elles a jogar...

O MOINHO DE VENTO (Pagina de armar n. 1)

O grande moinho de vento que publicamos neste Almanach é um brinquedo de armar que, depois de prompto, apresentará um bellissimo effeito.

Todas as peças devem ser colladas em cartolina e cuidadosamente recortadas. Para a construcção devem os nossos leitores seguir o modelo que se vê no centro da base, na pagina 3. As peças marcadas com o n. 10 são as pás e contrafortes das pás. Todas as peças são numeradas e juntando-as, numero a numero, olhando sempre o modelo, podem os nossos leitores armar o bello moinho de vento.

Os 3 Talismans

A chuva e a geada estragaram toda a plantação do tio João, que estava na miseria. Sua mulher aconselhou-o a visitar Deus, que sempre soccorre os infelizes.

Tio João foi ao céo e encontrou S. Pedro folheando um grande livro:
— Que queres, João?
— A miseria está em meu lar, bom santo, e eu venho pedir uma esmola.

— Como és um bom christão, disse S. Pedro, vou dar-te uma esmola. Leva este folle e todas as vezes que estiveres em aperto dirás — "Folle amigo, mostra teu talento", e elle te dará moedas de ouro! João agradeceu e se foi embora.

Pouco depois tio João quiz ver o valor do folle: — "Folle, mostra teu talento!" E moedas de ouro se espalharam pelo chão.

Tio João, contente, dirigiu-se a um botequim para beber um copito e contar o dinheiro que o folle lhe dera. Antes, porém, recommendara á logista: — Não mande o meu folle mostrar seu talento!

Marianna, a logista, encheu-se de curiosidade e, sem ser vista, apanhou o folle e ficou deveras surpresa, vendo que delle sahiam muitas moedas de ouro.

— Isto é um thesouro, disse ella. Vou guardal-o! E, aproveitando-se de uns cochilos do tio João, trocou o folle milagroso por um outro que possuia. João, acordando, levantou-se e sahiu, levando o folle que não era o seu.

Chegado á casa, fala á mulher: — Olha, mulher, o que S. Pedro me deu. "Folle, mostra teu talento!"
E o folle, em vez de moedas de ouro, deitava vento. João ficou intrigado com o facto.

E voltou a falar com S. Pedro, que lhe deu outra esmola. Desta vez era uma mesa que, desde que se mandasse, cobria-se de iguarias appetitosas. Mas a mesa era pesada, o tempo bastante quente e João tornou a entrar no botequim para tomar um copito.

— Que vaé tomar? — perguntou Marianna a João.
— Nada. Minha mesa me servirá de tudo. "Mesa, dá-me comida!" E immediatamente um bello *lunch* appareceu. João comeu bem e bebeu melhor e,...

...para fazer a digestão, dormiu um bocado. Marianna, encorajada pelo successo do primeiro *truc*, trocou tambem a mesa por uma outra.

Uma hora depois, João entrava em casa, muito contente: — Mulher, nunca mais passaremos fome! Vaes ver. Mesa, faz o teu dever.? Mas, com grande surpresa sua, nada appareceu. João, apezar de sua boa fé, suspeitou de Marianna. E pela terceira vez procurou S. Pedro.

O santo deu-lhe uma frigideira. Na volta, João entrou ainda no botequim. — Trazes hoje uma frigideira? — E famosa — respondeu João, que ordenou: — Frigideira, cumpre tua missão! A frigideira saltou no nariz de Marianna...

...dando-lhe uma merecida lição. — Perdão! Perdão! — gritou ella. Mas João só mandou que a frigideira socegasse, depois que a logista lhe restituisse o folle e a mesa encantados.

E muito contente chegou á casa com os tres talismans. O folle e a mesa encheram o lar do tio João de felicidade. A frigideira ficou inactiva, mas tio João a guarda sempre, porque ha muitas pessoas capazes de fazer o que fez a Marianna do botequim.

Brinquedos da nossa infancia

Passeando pela floresta
Emquanto o lobo não está ahi.

Adivinha, meu céguinho,
Adivinha quem te deu!

Os brinquedos da nossa infancia! São tantos, são tão bonitos, que todos nós sempre os amamos. Qual de nós se esquece da *roda*, tão grande, com tantos meninos, a cantar:

O' ciranda, cirandinha
Vamos todos cirandar...?

Nenhum de nós, nenhum de vocês, nenhum dos seus papás e de suas mamás. A *ciranda*, o *chicote queimado*, a *cabra céga* são passatempos velhos, que são novos em todas as idades, em todos os seculos.

E por serem sempre novos é que nós vamos dar a vocês hoje dois delles: o

Passeando pela floresta
Emquanto o lobo não está ahi.

Muito interessante e facil para realisal-o, basta que haja mais de tres pessoas. Dentre ellas uma será o lobo, outra o pastor e a terceira ou as demais serão as ovelhas. Estas collocam-se uma atraz da outra, formando uma fila encabeçada pelo pastor. O lobo é collocado á distancia. Move-se a fila, rondando o lobo a cantar:

Passeando pela floresta
Emquanto o lobo não está ahi.

e passando perto do lobo pergunta: — *O lobo está ahi?* O lobo deve então rosnar e o pastor perguntará de novo: — *O que está fazendo o lobo?* E o lobo dá uma serie de respostas fantasiosas — *Está se lavando, Está se calçando, Está se vestindo*, até o momento em que se precipita contra as ovelhas, que são defendidas valentemente pelo pastor. A ovelha apanhada pelo lobo fica fóra do jogo, que termina quando o lobo apanhou todas ellas.

Outro divertimento muito interessante é o do *céguinho*. Basta que haja mais de tres creanças. Uma dellas senta-se num banco, num logar qualquer e esconde entre os joelhos a cabeça de uma outra que é o céguinho e que deve ficar com a mão aberta sobre as costas. Todos as demais então, cada uma por sua vez, é claro, dá bolos no céguinho, perguntando-lhe:

Adivinha, meu céguinho,
Adivinha quem te deu!

A que o céguinho adivinhar o nome tomará o seu logar entre os joelhos do jogador, que fica sentado e que representa o papel de fiscal do céguinho.

O pinheiro mais velho do mundo

Querem os leitores saber qual é o pinheiro mais velho do mundo, pelo menos dentre aquelles pinheiros que, como os homens illustres, pódem gloriar-se de ter uma historia? Cabem as honras ao Japão: é o pinheiro de Karasaki, situado á borda do lago Biwa, a curta distancia de Kyoto, no meio de uma pittoresca paizagem campestre. Conta perto de 1.500 annos de idade, pois foi plantado em tempos do imperador Jomei, que reinou nos annos 629-641 da nossa era.

A extraordinaria arvore tem 72 pés de altura, a circumferencia do seu tronco principal é de 37 pés, o diametro da circumferencia que envolve a rama dos seus mil braços é de 288 pés. O seu aspecto incute veneração, mesmo a extranhos, e é adorado como santo pelos naturaes, encontrando-se perto de um pequeno templo que lhe é dedicado, mui concorrido de fieis. Tem os troncos escamosos, lavrados de lichens, lembrando a pelle de um mendigo macrobio, que passou a existencia á beira dos caminhos; antigas mazellas, golpes profundos, alguem os tem coberto piedosamente com argamassas, á maneira de unguentos.

Apoia os membros, para não cahir, a vigorosos bordões; mas, como tem muitos braços, são 380 os bordões que aguentam suspensa do sólo a velha carcassa carcomida. E, no emtanto, dos extremos anemicos da maravilhosa arvore ainda espigam, em pennachos verdejantes, as suas folhinhas estreitas, lineares, fasciculadas, e aqui e além pendem pinhas de fructos, revelando que o colosso ainda sente commoções de seiva, ainda palpita em amores serodios, aos raios vivificantes do sol primaveril.

Ditoso velho I...

GENTE DE CINEMA

O famoso Douglas Fairbanks cumprimentando o "Carrapicho".

BANDEIRAS DE GUERRA

Estados Unidos — 13 listas horizontaes alternadas branco e vermelho.

Belgica — 3 partes verticaes: preto, vermelho e amarello.

França — 3 partes verticaes: azul, branco e vermelho.

Allemanha — Branca com 16 linhas vermelhas em fórma de raios, indo até a margem.

Noruega — Vermelha com cruz azul e margem branca.

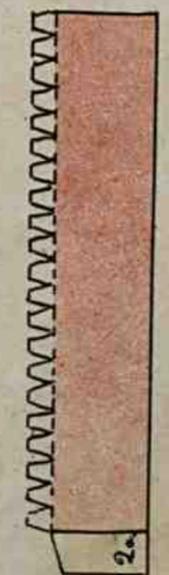
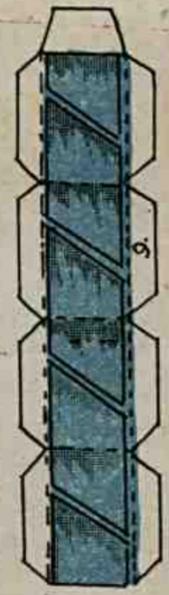
Persia — Branca com margem verde e um leão sobre fundo vermelho.

Russia — Branca com a cruz de Santo André azul.

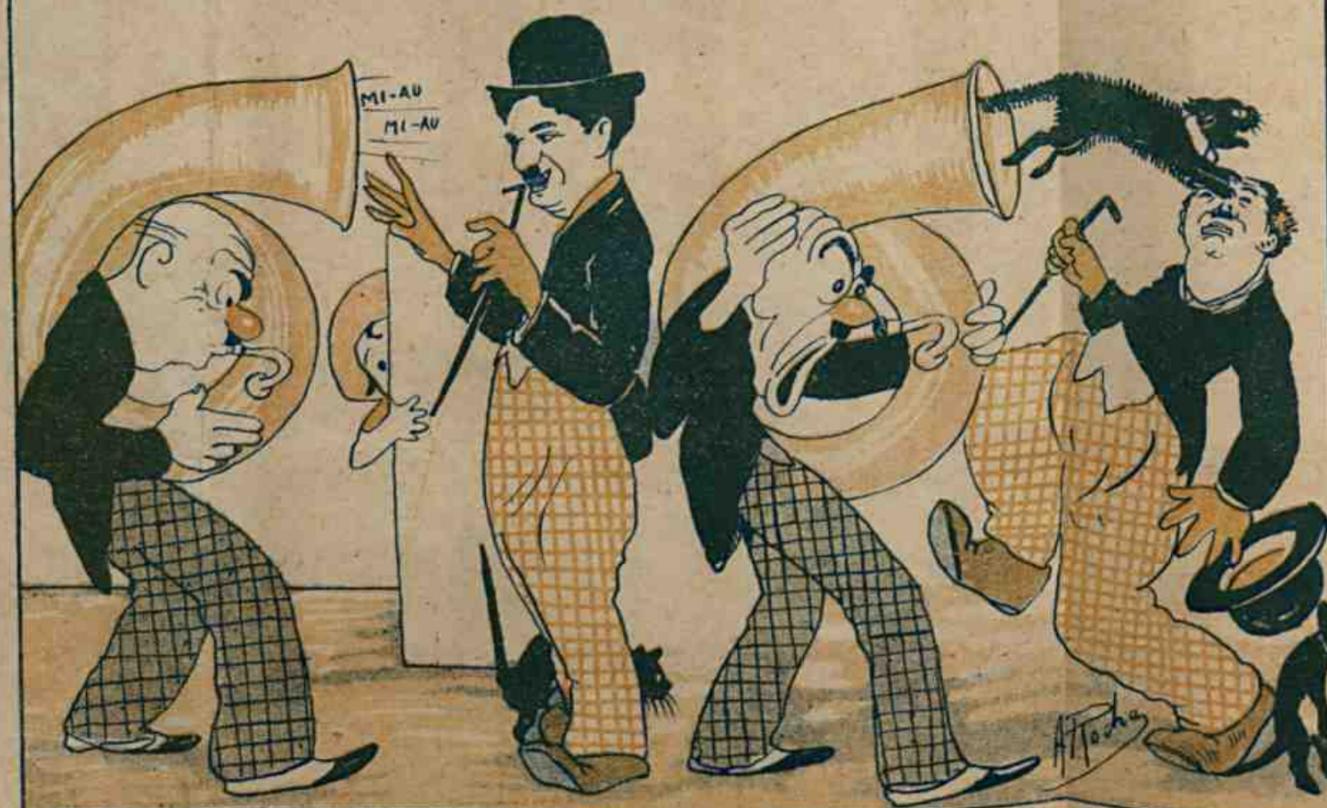
Hespanha — 3 tiras horizontaes: vermelho, amarello e vermelho.

Italia — 3 partes verticaes: verde, branca e vermelha.

Turquia — Vermelha com lua verde.

5.
9b.
9b.
Centro das pás
9a.
3a.
9a.
3b.
O MOINHO DE VENTO (Pagina de armar n. 4)
2b.
Telhado
3d.
9.
Saliencia da casa do moinho
3b.

O TROMBONE DO CARRAPICHO

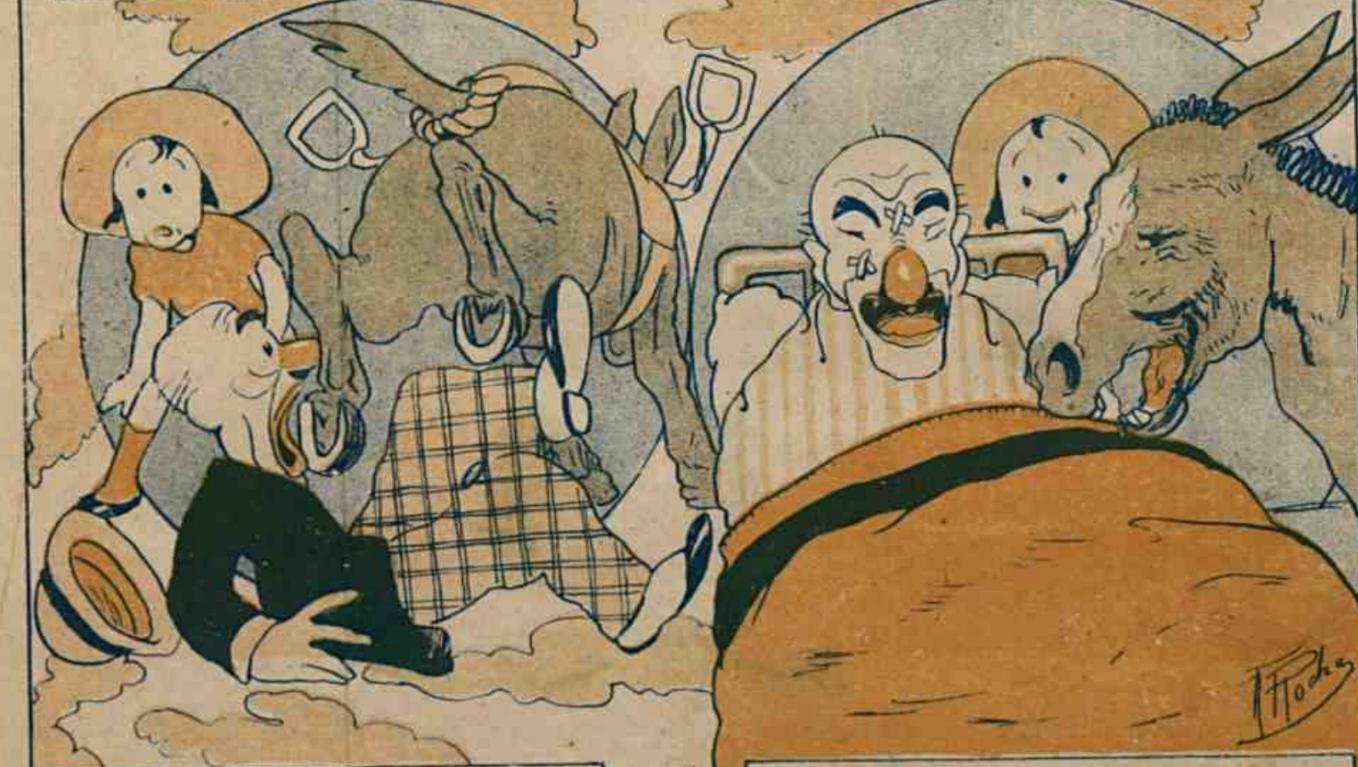
O sonho dourado do *Carrapicho* era aprender a tocar trombone; mas não encontrava um mestre. Um dia *Carlito* foi visitar *Carrapicho* e tendo conhecimento dos desejos do pae de Jujubinha offereceu-se logo para professor. *Carrapicho* acceitou e recebeu logo a primeira lição. *Carlito*...

...regeu a valsa *Mimosa*, que *Carrapicho* assassinou no *trombone*. *Carlito* sahiu por momentos, e *Carrapicho* foi logo estudar um trecho de musica. *Jujuba* achou azada a occasião para uma travessura, e metteu no trombone um camondongo, que foi logo...

...perseguido pelo Mimi, gatão preto que dorme aos pés de *Carrapicho*. Quando *Carlito* voltou, *Carrapicho* pegou o trombone, soprou, soprou e no fim de algum tempo em vez da nota soprada, o trombone emittiu uns miados de gato. *Carlito*, a principio sorriu, achando graça na ...

...voz do instrumento; mas de repente o trombone atirou no rosto do *Carlito* uma *nota desafinada*, um gato furioso, que deixou a testa do professor em petição de miseria. *Jujuba* ainda está na casa do vizinho.

UM CARRAPICHO NO RABICHO

O *Batuta*, burro do *Carrapicho*, scismou um dia que não devia andar. *Jujuba*, que estava ao lado, gritou de repente: — Desce, papae, porque eu sei porque o *Batuta* não anda! Elle tem...

...carrapicho no rabicho e está zangado. O velhote apeou-se e viu que, de facto, havia preso no rabicho do *Batuta* um carrapicho do matto. Mas *Carrapicho* não tem medo de carrapicho e...

...desastradamente agarrou o rabicho do *Batuta* e tirou o carrapicho. *Batuta*, tanta dor sentiu que mandou as duas patas no rosto do *Carrapicho*. O velho perdeu dois dentes e...

...ganhou dois pontos falsos. Em compensação, teve durante alguns dias a visita do *Batuta*, que era amavel e risonho e nunca se esquecia de pedir desculpas a seu amo.

Fabulas do Afghanistan

Como outros povos do mundo, os afghans usam de fabulas passadas entre animaes, para dellas extrahir uma moralidade e illustrar regras de proceder. E' possivel que a moral nem sempre esteja muito de accordo com as convenções do Occidente, e que os methodos applaudidos não sejam ás vezes os mais aptos para se popularisarem num meio civilisado. Mas que querem? As caracteristicas de uma raça é que dão côr á sua literatura, e quanto mais comezinha é a literatura, tanto mais vivo é o colorido. Succede por isso que as fabulas do Afghanistan reflectem frequentemente a admiração respeitosa concedida ao exercicio bem logrado da manha e da fraude, qualidades em que são afamados os habitantes daquelle paiz.

O VIAJANTE, A COBRA E A RAPOSA

Quem conhece os habitos afghans de guerra aprecia bem a verdade da maxima, fornecida pela fabula seguinte:

Um homem, viajando no seu camello, passou por um sitio em que havia incendio no juncal. Estava uma cobra no meio das chammas, que desatou a pedir soccorro. O homem, sem fazer caso do odio da cobra á raça humana e attendendo apenas ao seu perigo imminente, consentiu em salval-a. Poz o alforge no chão, e a cobra, enrolando-se dentro delle, foi levada para logar de salvamento. Então o homem abriu o alforge e disse á cobra que se fosse embora, advertindo-a que dali por deante se portasse melhor para com os homens. A cobra deu a seguinte resposta:

"Emquanto não te morder a ti e ao teu camello, não me vou embora".

— Emquanto não te morder a ti e ao teu camello, não me vou embora.

O homem, magoado por tão negra ingratidão, poz em relevo o serviço que acabava de prestar. A cobra reconheceu a sua divida, mas mostrou ao homem o disparate que tinha feito em a salvar, visto a inimizade hereditaria existente entre as cobras e os homens. Continuou entre os dois a discussão em termos moderados. A cobra fazia finca-pé no costume que tinha a humanidade de pagar sempre o bem com o mal; e o homem, negando tal, concordou finalmente em se sujeitar á mordidella, se a cobra pudesse achar testemunha que corroborasse a verdade do seu acerto.

Encontraram uma testemunha na pessoa de uma vacca (rigorosamente, uma femea de bufalo). Examinada pela cobra, a vacca fez o summario da sua vida, e foi de opinião que o credo do homem era pagar sempre o bem com o mal. Assim, o seu dono, mal ella deixou de lhe dar leite, mandou-a para a engorda afim de a matar depois.

A cobra exigiu logo que se cumprisse o contracto. Mas o homem insistiu pela necessidade de duas testemunhas, e, por consentimento da cobra, foi chamada uma arvore para dar a sua opinião.

A arvore, em poucas palavras, recordou que durante um ror de annos ella tinha dado generosamente sombra a todos os homens que a reclamavam ás horas do calor; mas queixou-se de que elles, depois de se regalarem a descansar, levantavam os olhos para ella e, sempre que podiam, cortavam-lhe um ramo para cabo de enxada ou de machado. Chegaram ainda mais longe; houve tal que calculou quanto lhe poderia render a sua generosa protectora se acaso a reduzisse a taboas. Em summa, a arvore era completamente do parecer da vacca. O homem, perplexo e angustiado, estava a parafusar como poderia ganhar tempo, eis senão quando apparece uma raposa e pergunta com o seu ar sarcastico:

— Que beneficio fizeste tu a esta cobra, que está com tanta vontade de te fazer mal?

Contaram-lhe a historia toda, mas a raposa recusou-se a dar-lhe credito.

— O alforge é muito pequenino, disse ella. Uma cobra deste tamanho podia lá caber dentro!

A cobra, para a convencer, viu-se obrigada a provar-lhe com a pratica. A raposa abriu-lhe obsequiosamente o alforge, e quando a pilhou encafuada, entregou-a ao homem para que a matasse.

— Uma pessoa de juizo não deve acudir a um inimigo que pede soccorro. Aliás arrisca-se a alguma desgraça.

Esta moral suggestiva dos afghans está afinal substanciada no proverbio portuguez: Quem o seu inimigo poupa, ás mãos lhe morre.

O TIGRE, O LOBO E A RAPOSA

A raposa, como sempre, figura nas fabulas afghans como a personificação da astucia e da manha. No seguinte conto apparece ella cortezão discreto e sagaz.

Foram uma vez de companhia á caça o tigre, o lobo e a raposa. Mataram uma cabra montez, um veado e uma lebre, e levaram-nos para a cova do tigre, afim de se regalarem com o banquete. Sentaram-se todos, e o tigre ordenou ao lobo que repartisse as peças como mais conveniente lhe parecesse. Vae o lobo, distribuiu a cabra, que era a maior peça, ao tigre, reservou o veado para si e deu a lebre á raposa.

— E' espantoso que tu na minha presença ouses attribuir qualquer cousa a ti proprio! exclamou o tigre. Quem e que cousa és tu neste mundo, e que opinião formas tu de mim?

E levantou a temivel garra, e estendeu o lobo morto em terra.

Depois virou-se para a raposa e disse-lhe que fizesse a distribuição. A raposa replicou immediatamente que a cabra seria para o almoço de Sua Magestade, o veado lhe daria um bom jantar, e a lebre ficaria para a ceia de Sua Magestade. O tigre perguntou então, com fingida curiosidade:

"E' espantoso que tu na minha presença ouses attribuir qualquer cousa a ti proprio".

— Onde é que tu aprendeste essa maneira sagaz de fazer a distribuição?

A raposa respondeu que costumava tomar aviso no exemplo alheio. O tigre, que decerto não estava muito esfaimado, expoz então o que lhe parecia a justiça recta: que a sagaz raposa ficasse com todas as peças de caça, emquanto elle tigre iria apanhar outras para si.

— E d'ora ávante hei de seguir sempre os teus conselhos.

Por aqui se mostra como a força physica anda prudentemente, aproveitando a manha dos mais fracos. Voga entre as tribus da Africa septentrional uma fabula muito parecida com esta, mas em que o leão desempenha, como é natural, o papel aqui desempenhado pelo tigre.

O NEGOCIANTE E O PAPAGAIO

Um dos contos mais engenhosos é o do papagaio e seu dono, que serve para exemplificar a grande maxima dos afghans, que pela astucia se alcança o que não se alcança por outros meios.

Um certo negociante estava em vesperas de fazer uma viagem á India. Antes de partir, reuniu a familia e pediu a cada individuo que indicasse o presente que desejaria elle lhe trouxesse. Por ultimo fez identica pergunta ao papagaio, que era natural do Indostão. O papagaio pediu-lhe logo que fosse visitar uma certa floresta, onde provavelmente encontraria outros papagaios.

— Apresenta-lhes os meus cumprimentos, accrescentou elle, e dize-lhe que o seu amigo está engaiolado em tua casa, e lhes manda dizer isto: que é extranha esta amizade, estar eu aqui captivo, ao passo que elles não se importam commigo e andam a voar livremente de um para outro lado. Qualquer que seja a resposta, peço-te que m'a transmittas.

O negociante cumpriu pontualmente a promessa. Encontrou a floresta mais os papagaios, e deu o seu recado. Mas, grande foi o seu pasmo e a sua magua, ao ver que uma das aves ficara de tal modo impressionada que, depois de muito tremer e esvoaçar, cahiu sem vida no chão.

Quando voltou para a sua terra, o negociante distribuiu os presentes que trouxera para a familia. O papagaio perguntou-lhe se tinha alguma cousa para lhe dizer.

O homem tergiversou, com medo de desgostar o bicho, mas o papagaio enxofrou-se todo, de forma que o negociante não teve remedio senão narrar-lhe com muita tristeza as consequencias fataes do recado. Mal o papagaio soube da morte do amigo, desatou tambem a tremer e a esvoaçar e não tardou que tombasse do poleiro abaixo, morto tambem. O negociante fartou-se de chorar por elle, e com grande lastima tirou o cadaver de dentro da gaiola. Mas apenas o papagaio chegou ao chão, tornou de repente á vida e voou para o telhado da casa. O negociante, cheio de assombro, pediu-lhe explicações do caso. Então o papagaio expli-

Depois de muito tremer e esvoaçar, cahiu sem vida no chão.

cou o recado que lhe mandára o amigo: "Finge que estás morto, e ficarás livre."

— Ora eu, continuou o papagaio, percebi logo a significação do que me contaste, e assim recuperei a liberdade. Agora o que te peço, visto que me alimentei á tua custa (notem os melindres de cortezia de um papagaio criado em casas afghans), é que me perdoes. E adeus.

— Estás perdoado, disse o angustiado negociante. Deus te proteja.

E o papagaio safou-se gritando:

— A paz seja comtigo!

O TIGRE E O CHACAL

Como é de esperar num animal tão temido e detestado, o tigre nunca figura nas fabulas como heróe, mas sempre como um fanfarrão estupido e arrogante, logrado por qualquer bicho, embora fraco, que tenha um bocadinho de manha.

Bom exemplo é o conto do tigre e do chacal.

Um certo tigre, com uma liberdade de escolha desconhecida na historia natural, tinha tomado por companheira e governanta uma macaca. Um bello dia sahiu, ordenando á macaca que não puzesse pé fóra de casa e não deixasse entrar ninguem.

Dahi a pouco appareceu um chacal, com a esposa mais os filhos, que andavam

O tigre poz o ouvido á escuta e sentiu os berros dos pequenos chacaes.

á cata de casa. O amigo chacal ficou logo enthusiasmado com a bella residencia do tigre. Entrou por ali dentro e tomou posse da casa, sem se importar com os protestos e ameaças da governanta. A esposa ainda instou para que elle sahisse, mas o chacal não esteve por isso. Emquanto os dois estavam questionando, sentiu-se a approximação do tigre. A macaca foi a toda pressa ao seu encontro e contou-lhe o succedido. Mas o tigre não podia acreditar que o chacal fosse tão descarado e insolente que se atrevesse a apanhar-lhe a casa.

— Deve ser algum outro bicho, muito mais temivel, disse elle.

E por mais que a macaca protestasse que conhecia o chacal como os seus dedos, o tigre não lhe deu ouvidos. Entretanto o chacal tinha formado o seu plano. Quando o tigre se acercou da casa, ouviu os chacaeszinhos a bramir e a mãe a dizer para o marido:

— O que elles querem é carne de tigre.

E o chacal replicava:

— Ainda hontem matei um tigre de

O tigre deu ás de Villa Diogo, sem sequer ao menos olhar para traz.

bom tamanho. Já se lhe acabou a carne? Não póde ser.

A esposa insistiu que os filhos queriam carne fresca. Então o chacal disse aos filhos que esperassem um bocadinho.

— Não tarda que por ahi venha um tigre descommunal. Eu dou cabo delle, e já vocês têm carne fresca.

Apenas ouviu isto, o tigre desatou a fugir com medo; mas a macaca seguiu-o e tratou de lhe dissipar os terrores, explicando que os chacaes estavam a zombar delle, e convenceu-o a que voltasse. O tigre lá se aventurou outra vez, poz o ouvido á escuta e sentiu novamente os berros dos pequenos chacaes. E desta vez ouviu o chacal a dizer aos filhos, com toda a brandura:

— Aquella macaca, que é muito minha amiga, prometteu trazer-me hoje mesmo um tigre, sem falta.

O tigre não se deteve senão para dar cabo da desgraçada macaca. Depois do que, deu ás de Villa Diogo, sem sequer ao menos olhar para traz.

O TIGRE E A LEBRE

Noutra fabula, é o tigre victima da astucia da lebre, como expomos. O tigre manifesta um talento notavel no debate;

O tigre, transtornado de raiva, desata aos pulos.

discursa com eloquencia sobre a dignidade do trabalho, para justificar as suas devastações no juncal, e só depois de uma prolongada discussão com os outros animaes, é que elle accede á proposta destes: deixar-se ficar em casa, que elles lhe fornecerão uma victima por dia.

Durante algum tempo corre tudo ás mil maravilhas; até que chega a vez da lebre, que não está disposta a sacrificar-se e exclama:

— Quanto tempo durará esta pouca vergonha?

Os outros animaes revoltam-se contra ella por querer romper o contracto, mas ficam meio satisfeitos quando a lebre lhes insinua ter um plano para acabar com o tigre. Desejam conhecer o plano; mas a lebre, em resposta, cita-lhes um ditado do Afghanistan que põe bem a claro a falta de segurança da vida e da propriedade dos viajantes naquelle paiz.

— Tres cousas ha, recorda a lebre, que devem conservar-se em segredo: primeira, o dinheiro; segunda, a occasião da partida; terceira, o caminho que se tenciona seguir.

Numa palavra, a lebre, regulando-se apenas pelo seu bestunto, vae tão tarde para a cova do tigre, que este já está esfomeado e furioso com a demora do jantar. Apenas ella entra, toda esbaforida, o tigre dá-lhe uma descompostura tremenda e a muito custo ouve as suas justificações.

Ella então conta que, vindo de caminho para ali, em companhia de uma amiga sua, tinham sido ambas agarradas por outro tigre que as encontrou. A lebre preveniu o captor de que estava reservada para regalo do seu rei, mas o tigre adventicio redarguiu-lhe que faria o rei em postas. Até que afinal, a lebre conseguiu persuadir o captor a que lhe concedesse uma tregua para ella poder vir dar explicações sobre o caso; e assim fazia agora, tendo deixado a amiga nas garras do outro.

— Escusas de esperar mais victimas, concluiu ella. O tal tigre não deixa passar viva alma. Se não dispensas a tua ração quotidiana, o que tens a fazer é correr quanto antes, para desembaraçares o caminho.

Ao ouvir isto, o tigre, transtornado de raiva, desata aos pulos, ordenando á lebre que lhe mostre o sitio onde se acoita o seu rival. A lebre obedece. Chegam ambos á vista de um poço que fica ao pé da estrada.

Então a lebre deixa-se ficar para traz, e mostra-se assustadissima. O tigre não vê como ella está pallida? Não ha nada que a convença a chegar-se ao poço, porque está lá dentro o tigre, com a sua amiga nas unhas. O tigre insiste com ella para que se approxime e lhe mostre o outro tigre.

— Pois sim! accede a lebre. Mas com a condição de que Vossa Magestade me ha de ter bem agarrada.

Assim faz o tigre. Debruça-se no poço e vê na agua o reflexo dos dois. Então põe a lebre no chão, e, como uma féra que é, salta para dentro do poço para cahir sobre o inimigo, e afoga-se num prompto.

A RÃ E O RATO

Uma das historias mais familiares é a da amizade entre a rã e o rato. Tão intimamente se ligaram os dois animaes que já não podiam passar um sem o outro. O rato, sobretudo, lastimava-se de não poder ver a rã senão uma vez ao dia, e, como ella estava no regato, de não o poder ouvir quando elle a chamava. A rã, cuja amizade não lhe tinha obstruido de todo o bom senso natural, contestava que a affeição entre dois amigos crescia quando só se podiam ver uma vez por outra. A este argumento, embora innegavel, objectava o rato que, no caso presente, era indispensavel encontrar quaesquer meios para estabelecer mais intima communicação entre ambos.

"Se morrermos juntos, tanto melhor".

A rã convenceu-se. Combinaram os dois atar a uma das pernas de cada um delles os extremos de um cordel, de forma que, quando um quizesse falar ao outro, não tinha mais senão puxar pelo cordel. Acudiram outras rãs, que mostraram os inconvenientes obvios de dar ás suas ligações affectuosas o supplemento de um cordel; mas os dois não se importaram com o conselho.

— Assim mesmo é que é! disseram elles. Se morrermos juntos, tanto melhor.

E ficaram atados um ao outro, conforme se combinára.

Ora um dia precipitou-se um milhafre em cima do rato, o qual não poude fugir por estar preso ao cordel; e o milhafre, levando pelos ares o rato, levou tambem pendurada a rã. Os momentos supremos da rã foram amargurados com o côro de applausos com que os camponezes saudavam o milhafre, por conseguir apanhar rãs. A desgraçada bem sabia que a façanha não era devida á esperteza do milhafre, mas antes á sua propria toleima.

O TIGRE, A RAPOSA E O BURRO

Outra historia mostra o tigre, já velho e invalido, dependendo das manhas da raposa, sua humilde serva, para arranjar o sustento diario e insiste na estupidez do burro.

O tigre, já velho e invalido, dependendo das manhas da raposa...

Uma velha raposa, para saciar a propria fome, combina attrahir um boi ou qualquer outro animal ao alcance do tigre decrepito. Vae pelo caminho fóra e encontra um burro a pastar.

Chega-se a elle com respeitosa sympathia, perguntando-lhe porque é que elle se atira a tão pobre pasto.

O burro, que por signal fala pelos cotovellos, replica impingindo á raposa uma longa dissertação sobre a conveniencia de cada um se contentar com a sua sorte.

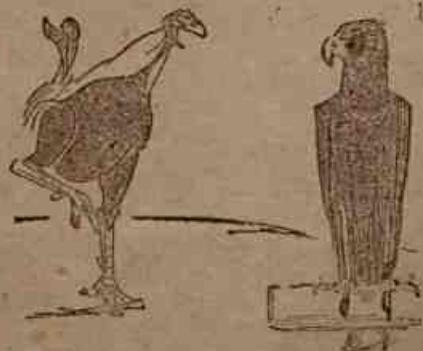
A raposa escuta-o com toda a pachorra e responde-lhe, á moda oriental, com uma breve parabola, cuja moralidade é que ninguem deve desperdiçar ensejo algum de se regalar com cousas boas. A parabola da raposa suggere ao burro outra parecida, mas muito mais comprida e levando a moral differente, toda cheia de pormenores e de incidentes. Depois de uma grande questão, a raposa perde a paciencia, lança em rosto ao burro a sua falta de resolução, e descreve-lhe com vivas côres os attractivos de uma certa pastagem que ella conhece.

A raposa farta-se de ralhar com o tigre.

O burro deixa-se tentar, perde toda a prudencia, e segue a raposa até que chegam á vista do tigre.

Como está morto de fome, o tigre não espera que o burro lhe chegue ao alcance das garras. Precipita-se antes de tempo, o jumento assusta-se e desata a fugir. A raposa fica naturalmente furiosa pelo mallogro causado á sua astucia pela soffreguidão do tigre, e farta-se de ralhar com este. O tigre pede desculpa. A raposa consente em renovar a tentativa, e de facto, tantos discursos faz ao pateta do burro que consegue leval-o ao patrão.

O GALLO E O FALCÃO

A fabula do gallo e do falcão envolve uma salutar advertencia para que não se fale em cousas de que não se entende. As duas aves eram muito amigas, e passavam juntas que tempos. Um dia o falcão to-

Quando o gallo ouviu isto, quasi que se escangalhou com riso.

mou ares de pedagogo e censurou o gallo pela escandalosa ingratidão da sua raça. Os homens sustentavam os habitantes da capoeira com saborosos manjares, tratavam delles carinhosamente, e no emtanto não havia gallinha nem frango nem pinto nem gallo, que não desatasse a fugir em se lhe approximando um homem. Por outro lado, o falcão pagava o captiveiro e as crueldades com uma dedicação extrema, apanhando e matando caça á vontade dos donos.

Quando o gallo ouviu isto, quasi que se escangalhou com riso. O falcão, um pouco estomagado, perguntou que graça achava o gallo ao que elle dizia. E, como o gallo lhe fizesse ver que os homens só engordavam os bichos da capoeira para os matarem e comerem, o falcão confessou que nunca lhe occorrera esse pormenor importantissimo.

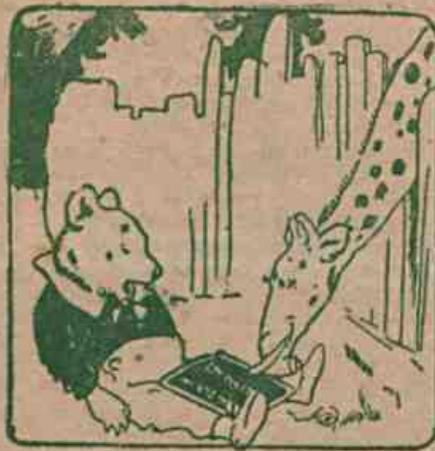
CARACTER GERAL DESTAS FABULAS

E' curioso observar que todas as fabulas de animaes, no Afghanistan, se distinguem pela mesma caracteristica de espirito sardonico, mas têm todas o grande merecimento de uma frizante moralidade, o que nem sempre succede ás fabulas do Occidente.

Se a fabula é um dramazinho completo, defendendo uma these de psychologia ou de moral, convem que essa these appareça nitida e frizante aos olhos do leitor, dispensando glosas e commentarios. Sob esse ponto de vista, parecem-nos realmente muito apreciaveis as fabulas do Afghanistan.

Muitas das fabulas classicas do Occidente, de Esopo, de Phedro, de la Fontaine, de Lessing, prestam-se a duvidosas e multiplas interpretações, o que se nos afigura não acontecer a estas outras, creadas pela imaginação oriental.

Suggestivas e luminosas, o seu interesse redobra pela mistura do elemento comico, de que o artista admiravelmente se compenetrou nas illustrações que apresentamos. E representam por esta forma uma lição efficaz e impressionante para creanças, e ainda para adultos.

A maldade da girafa

O ursinho dormia tranquillamente, depois de passar duas horas a fazer a conta de sommar que lhe coube como tarefa. A girafa pregou-lhe uma peça: apagou com a lingua toda a tarefa do ursinho.

Quando o ursinho acordou viu que a conta se evaporara. Quanto trabalho teve para fazel-a de novo!

No mundo ha muitos meninos capazes de reproduzir a má acção que a girafa praticou.

PERGUNTAS... DE BICHO

O pequeno — Colombo viu a America antes de descobril-a, mamãe?

A mãe — Não, meu filho.

O pequeno — Então como sabia onde ella estava?

Não tussas nem espirres jámais na cara de outra pessoa: volta o rosto para o lado ou colloca um lenço sobre a bocca e o nariz.

UM BEIJO MATERNAL

Benjamin West, insigne pintor norte americano, dizia: — "Um beijo de minha mãe tornou-me artista." — E contava que um dia em que o deixaram em casa, vigiando o irmãozinho que estava no berço, entreteve-se em retratal-o. Quando sua mãe voltou, Benjamin esperava ser reprehendido por ter, sem a devida permissão, se apoderado de um lapis e de uma folha de papel. A boa senhora, observando a semelhança do retrato, beijou, ternamente, a testa do filho. Animado por demonstração tão affectuosa, Benjamin dedicou-se á copia de flores e objectos de uso e continuou a estudar desenho, até que chegou a ser um dos mais illustres pintores do seu tempo.

Não faças pouco caso dos resfriados e defluxos: procura um medico para tratar-te.

A MELHOR RESPOSTA

Juca Cegonha estava um dia de máo humor. O collarinho apertava-lhe o pescoço e a gravata não ficava no logar. A primeira pessoa que *Juca Cegonha* encontrou no caminho foi o moleque *Corvo*, *Cegonha*, mal o *Corvo* a mirou, começou a insultal-o, chamando-o de feio.

O offendido não respondeu com outro insulto, como fazem muitos meninos conhecidos nossos, mas fechou-lhe a bocca, pousando em seu bico e o apertando fortemente. — Chama-me de feio agora, se és capaz! — dizia o *Corvo*, sem que *Juca Cegonha* pudesse responder uma palavra sequer.

O vento e a poeira

Certa manhã, via-se o vento rugir pelas ruas, levantando o pó que estava repousando no seu logar, dormindo em frio chão.

Em plena altura o pó convenceu-se de que era um rei, com orgulho immenso, fazendo pouco caso e destruindo tudo.

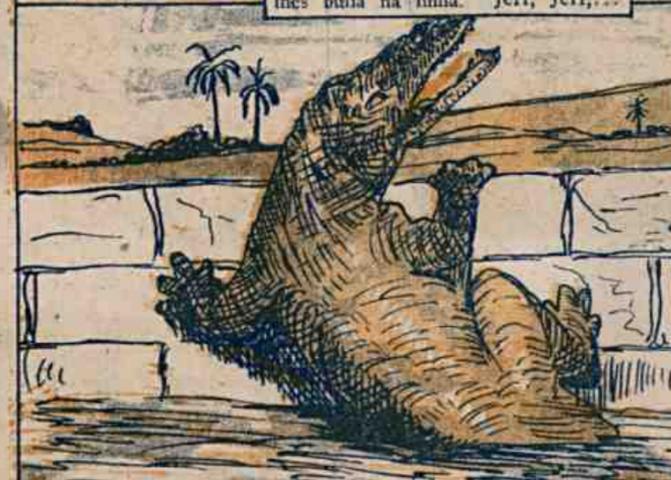
Momentos depois o vento cessou e então o pó cahiu com muita ligeireza em plena terra, onde transeuntes pisavam.

NOTA — Os que não têm valor proprio só se elevam á custa dos outros.

OSWALDO SOARES DE SOUZA.

Não rôas as unhas, nem ponhas os dedos na bocca, nem comas com as mãos sujas.

O MOINHO DE VENTO (Pagina de armar n. 2)
Pá
10
Degrãos
Pás
10
Pedestal do moinho
10
10
Contraforte da pá
10
Contraforte dos pés do moinho

COM JAGUNÇO NINGUEM BRINCA
Os nossos conhecidos traquinas acharam um burro, num campo, a pastar. Chiquinho, com uma corda...
...improvisou um cabresto e auxiliado por Benjamin arrastou o animal. Ambos montaram. O burro partiu num trote de arrancar largo. Jagunço, vendo que...
...era inevitavel a quéda de Chiquinho, avançou a dentadas na cavalgadura, que immediatamente poz-se a galopar, e aos saltos,...
...couces e poupadas atirou ao chão os dois peões improvisados. Entretanto, naquellas viravoltas o burro...
EU IA SÓ CHEIRAL-OS
...encaminhou-se para um lado do campo, onde havia uma vacca brava que, ao ver os pequenos no chão, investiu para elles;...
...mas, Jagunço ali estava e com os olhos injectados de raiva obrigou a vacca a pedir desculpas. Com Jagunço ninguem brinca.
EM QUE DEU A PESCARIA
Estavam pescando Mutt, Jeff e João Garnizé. Depois de algum tempo, Mutt sentiu que alguma cousa lhes bulia na linha. "Jeff, Jeff,...
...parece-me que peguei um peixe ! dizia Mutt". — Pois puxe a linha que o peixe vem! — respondeu-lhe Jeff. E começaram a puxar...
...a linha com grande esforço. João Garnizé, desconfiado, poz-se á distancia. De repente o pescado emergiu a cabeça; era um enorme jacaré. Mutt e Jeff não conversaram;...
...fugiram a bom correr, perseguidos pelo jacaré. Garnizé, porém, trepou a um poste de telegrapho e viu então que o jacaré arrastava a linha do anzol. Rapidamente desceu do poste, apanhou...
...a linha e amarrou o bicho á forte columna, de onde tinha descido. Reduziu assim o jacaré á immobilidade e como um heróe aguarda os applausos. Não tardou a apparecerem...
...Mutt e Jeff, commovidos, agradecendo ter lhes salvo as vidas e proclamando-o o mais corajoso caçador de jacarés.

OS APPARELHOS DE LOCOMOÇÃO

OS VAGÕES A VÉLA

A força do vento, actuando sobre as vélas, póde ser applicada tanto no mar para a direcção de um navio, como em terra para a de uma viatura qualquer — assim dizia o bispo Wilkins, no seu livro *Magia mathematica*, impresso em Londres no anno de 1648.

As viaturas a véla foram usadas na China em tempos immemoriaes, na Hespanha e na Hollanda, com grande successo, pelo correr do seculo XVII. Neste ultimo paiz as viaturas a véla, impulsionadas pelo vento favoravel, ultrapassavam em velocidade todos os navios no mar. Uma viatura a véla transportava 5 a 10 pessoas em tempo inferior ao que qualquer navio gastaria para o fazer por mar.

Além disso o manobreiro das vélas, nas viaturas de terra, não tinha os trabalhos incessantes e exhaustivos do seu collega do mar. As correntes maritimas desviam-se muito, o que não acontece com as de terra.

Uma viatura a véla, transportando 5 a 10 pessoas, vencia em poucas horas 150 a 200 kilometros. Essa velocidade de impulsão causou o espanto de muita gente e com toda a razão, porque uma viatura a véla hollandeza, construida como se vê na fig. 1, percorria 56 kilometros por hora. Tão grande numero de kilometros á hora era uma velocidade até então desconhecida, qualquer que fosse o meio de locomoção empregado. Homens correndo á frente dessa viatura pareceriam avançar em sentido contrario, tal a differença de velocidade entre elles e a viatura. Objectos situados a uma grande distancia eram attingidos num abrir e fechar d'olhos e logo deixados atraz na carreira do vehiculo a véla. Emquanto não se descobriram os caminhos de ferro, é evidente que foram as viaturas a vela o mais rapido de todos os meios de locomoção. Após a descoberta dos caminhos de ferro, a viatura a véla não morreu. Nas proprias estradas de ferro são ellas ainda hoje empregadas com muita vantagem no prolongamento dos trilhos. Com auxilio dellas atravessam os operarios extensas planicies descampadas do Oeste dos Estados Unidos e a velocidade dellas é igual á dos mais rapidos expressos. A photographia n. 2 é um vagão a véla, imaginado por um engenheiro americano e empregado no caminho de ferro de Kansas-Pacifico. Essa viatura faz cerca de 50 kilometros por hora com vento normal, e 64 com vento forte. Esta ultima velocidade foi obtida com vento forte impellindo o vagão em linha recta. Neste vagão são transportados no caminho de ferro acima objectos necessarios á reparação de linhas telegraphicas. Sua construcção é pouco dispendiosa e qualquer vagão a véla economisa o trabalho dos homens e o carvão ou a electricidade de qualquer machina.

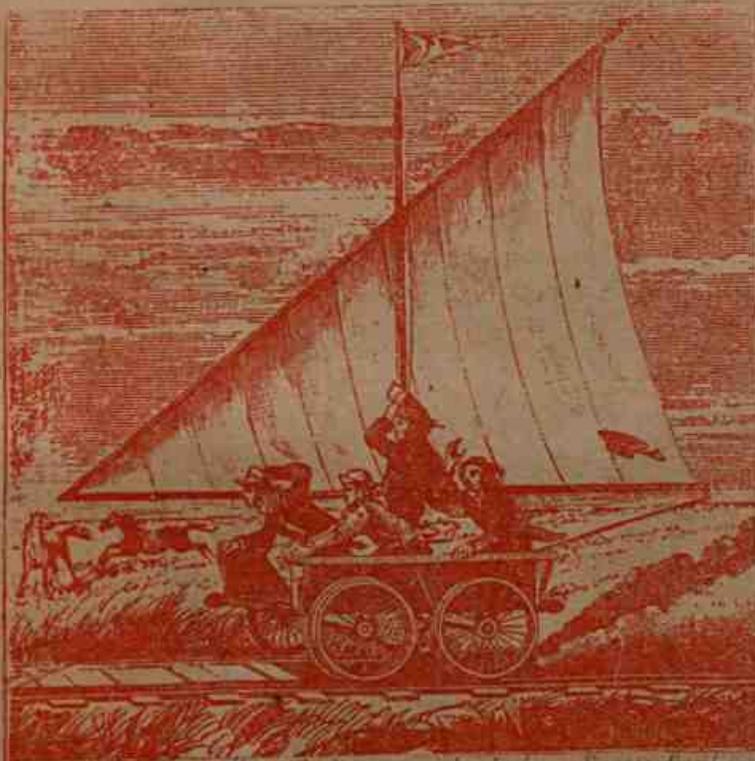



Fig. 1 — *Viatura a véla hollandeza, do seculo XVIII.*

Os meios de locomoção, caros leitores, são hoje innumeros e até interessantes, como o tremzinho de trilhos sem fim, puxado a cabritos, que existe no Jardim das Tulherias, de Paris.

Os trilhos sem fim podem se adaptar a qualquer especie de vehiculos. São pequenas pranchas, de 30 a 40 centimetros de comprimento cada uma, ligadas entre si, e sobre as quaes deslizam as rodas das viaturas, por meio de um systema especial de engate.

Este systema de locomoção, de trilhos sem fim, offerece grandes vantagens, entre as quaes a de poder um tremzinho, como vocês vêem na fig. 3, transportar o peso de cerca de trinta creanças, despendendo a força, relativamente pequena, que fazem os dois cabritinhos que o puxam.

Foi o aperfeiçoamento do systema dos trilhos sem fim que deu á engenharia militar, nos ultimos tempos da grande conflagração mundial, ensejo á invenção dos *tanks*, a terrivel arma de destruição que zombou de todos os artificios de defesa que o engenho guerreiro espalhou pelos campos de batalha.

Um motor de força relativamente pequena accionava e movimentava a colossal fortaleza de ferro que é um *tank*, levando-o morros acima, precipicios abaixo, destruindo as trincheiras, esmagando, semeando a morte e indifferente á saraivada de balas e gazes asphyxiantes.

Terminada a guerra, não só os *tanks* como ainda outros vehiculos mais aperfeiçoados prestaram e prestam optimos serviços á lavoura e ao commercio. O prospero Estado de Minas Geraes, passado o momento indescriptivel da guerra, viu nos terriveis engenhos de destruição dos campos de batalha um auxiliar poderoso, um elemento que absolutamente não podia ser desprezado nos trabalhos da paz, nos emprehendimentos da lavoura, nos trabalhos dos campos. E encommendou aos paizes que os possuiam varios *tanks*, já hoje utilisados com real proveito nos reductos agricolas. Nos campos de lavoura europeu, onde o aperfeiçoamento das machinas agricolas constitue a principal preoccupação da engenharia, todo vehiculo é em geral do systema dos trilhos sem fim. Os accidentes dos terrenos a lavrar não resistem aos trabalhos das machinas dos trilhos sem fim.

Nas fabricas de brinquedos do velho mundo, todos os carrinhos, todas as viaturas de movimento proprio, *de corda*, como nos chamamos, possuem o dispositivo motor dos *tanks*. E' que os industriaes europeus, no simples brinquedo, já incutem no espirito da creança a noção do aperfeiçoamento pratico, das vantagens das viaturas do genero de que vimos falando.

Fig. 2 — *Vagão a véla utilisado no caminho de ferro Kansas-Pacifico.*

São tantos os meios de locomoção existentes hoje, que o mundo alcança um estado de progresso intenso, que nem em todas as paginas do *Almanach* poderiam elles ser enumerados.

Falamos apenas dos mais antigos e muito originaes, não nutrindo a pretenção de nos referirmos, por falta de espaço, é claro, aos modernos.

O aeroplano, o hydroplano, aperfeiçoadissimo e util na paz como terrivel na guerra; o submarino, covarde na guerra, mas tão necessario á navegação commercial; os comboios electricos, os grandes transatlanticos, os automoveis e centenas de outros meios de locomoção são assumpto para milhares de paginas, que não podem, no nosso *Almanach*, tratar de um assumpto unico.

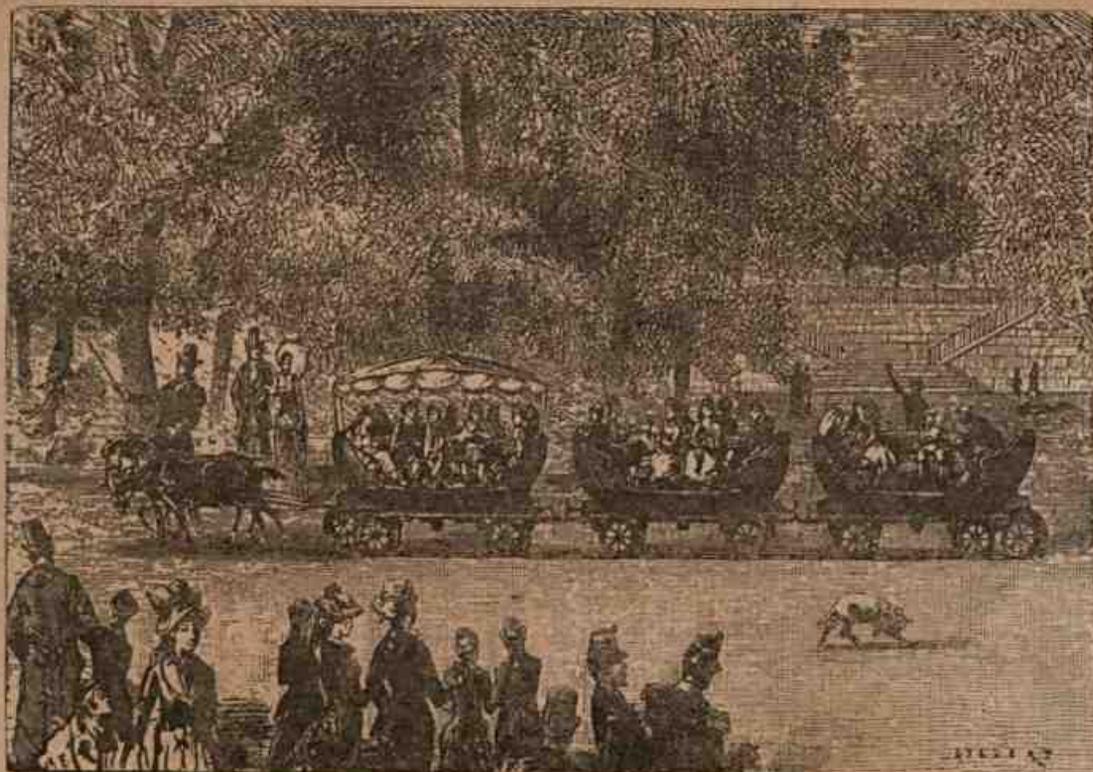



Fig. 3 — O tremzinho de trilhos sem fim do Jardim das Tulherias, em Paris.

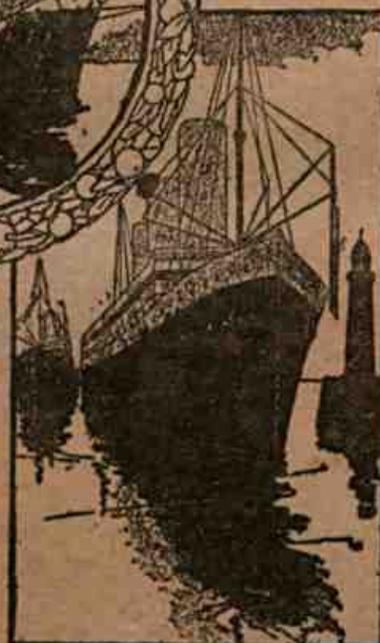
Sirva, no emtanto, de aviso para vocês, nestas linhas de simples recreio espiritual, as vantagens que offerece o emprego de certos meios de locomoção antigos. Aperfeiçoados cada vez mais, taes meios pódem chegar a um grão de perfectibilidade tal que os torne os primeiros entre os primeiros.

OS PROGRESSOS DA NAVEGAÇÃO

Não scandinava

Nave romana

A não "Santa Maria", de Cabral.

Navio do seculo XVIII

Transatlantico moderno

O GATINHO

A MEU PAE

I

Tenho um gatinho bonito
Que gosta do seu senhor,
Ando com elle na quinta,
Como um bicho de valor.

II

Elle ás vezes se machuca
E põe-se logo a miar,
Mas eu que sou carinhoso,
Apressado, o vou curar...

III

Esse gatinho que eu tenho
Vale muito pela côr,
E' preto, preto, sem malha;
Eu o acho mesmo um primor...

IV

Se o gato um dia morrer,
Eu desatarei em pranto
E vazio ha de ficar
No meu quartinho, — o seu canto.

V

Mas si o gato é bicho bom,
— Tem pello fino e sedoso,
Não póde ao homem vencer
Em ser bicho astucioso...

EURICO NAZARETH NOGUEIRA FRANÇA.

O DEFEITO DO PRINCIPE

Orphão com a idade de doze annos, Nadji teve a felicidade de arranjar o emprego de pagem do principe Moti, filho do Califa de Bagdad Mosul IV. Pouco mais moço do que o seu real amo, o joven teve ainda a sorte de se tornar o favorito dos pagens, posição que conseguiu não só por seu caracter docil e obediente como pelo seu engenho subtil e malicioso. Concedera-lhe a Natureza o dom de conhecer o defeito das pessoas e uma graça e perfeição em imital-as. Era assombroso quando começava a arremedar todo o mundo, a pôr em ridiculo nobres e plebeus, com grande contentamento do principe, que ria doidamente. Aos cortezãos, como era aliás de suppôr, não agradava de maneira alguma a mania de imitar do pagem; bastava no emtanto ser elle o favorito do principe para que, longe de se agastarem, fossem os primeiros a elogial-o e applaudil-o, quando se viam com tanta graça retratados.

Quando o principe Moti completou quinze annos, o Califa, que era um soberano zeloso e previdente, julgou opportuno mandar o filho correr o paiz, sob a guarda de um sabio preceptor. O principe partiu e Nadji ficou muito triste no palacio.

Pouco a pouco, porém, a tristeza se dissipára do seu semblante risonho e oito dias depois o pagem recomeçou suas habilidades para que seus companheiros vissem. Com tão pouca sorte, porém, que, havendo escolhido para modelo de suas graças o Grão Vizir, este o surprehendeu em flagrante, dando-lhe uns regulares puxões de orelhas e recommendando-lhe que não voltasse a repetir o gracejo, porque se expunha a um castigo mais severo.

Acovardado pela ameaça, Nadji supprimiu do seu repertorio o Grão Vizir, continuando a criticar os demais personagens da Côrte, taes como o Gran Iman, o generalissimo dos exercitos, os ministros, e até o chefe das cozinhas do Califa. Toda essa gente, caricaturada pelo pagem, indignou-se e fez mil ameaças a Nadji, que chegou mesmo a apanhar uns cascudos e foi recolhido á prisão.

Por esse tempo morreu o Califa. Organisou-se o funeral e mandaram-se emissarios para todos os pontos do reino em busca do principe, que devia regressar immediatamente a Bagdad. Nadji, já então em liberdade, que não se atrevia a sahir do seu quarto com medo de lograr novos cascudos, foi surprehendido com uma visita para elle muito desagradavel. Era o Grão Vizir, seu primeiro perseguidor e causador de todas as suas desditas. Desta vez, no emtanto, o chefe do governo vinha sorridente e amavel.

— Venho encarregar-te de uma missão que te assegurará um grande prazer — disse o Grão Vizir. Sei que tens grande vontade de ver o principe e vou proporcionar-te um meio de chegar junto a elle. Em troca deste favor quero que verifiques qual é o defeito que o nosso futuro soberano adquiriu em suas viagens pelo mundo e m'o digas quando voltar. Dirás unicamente a mim. Ouviste ? Vá, parte e conta com a minha protecção !

Nadji ficou bastante surpreso com tal pedido; sua surpresa e admiração no emtanto, foram maiores : e Gran Iman o generalissimo e o chefe das cozinhas foram chegando successivamente a seu quarto e lhe confiaram identica missão.

— Que cousa tão exquisita ! — pensou Nadji. De que lhes valerá saber qual o defeito de meu real senhor ?

Como, porém, o seu maior desejo era rever o principe, montou a cavallo e partiu. O principe, muito satisfeito de tornar a ver seu favorito, abraçou-o e não mais o deixou.

— Estou muito triste, meu querido Nadji, por não haver podido assistir aos ultimos momentos de meu pae. Além disso, me preoccupam bastante as responsabilidades que vou assumir. Os ministros foram sempre fieis e leaes para meu pae; serão tambem para mim ? Não sou perfeito, reconheço, e tenho defeitos como todo mundo. Quem sabe então se esses defeitos não serão explorados por algum que os conheça ?

Essa duvida do principe foi para Nadji um raio de luz. Nada disse, mas architectou um plano. Regressou a Bagdad e foi immediatamente visitar os quatro personagens, para lhes dar contas do resultado de sua missão. Ao Grão Vizir, que era um homem muito velho, disse que o principe era um enthusiasta da elegancia. Ao Gran Iman, homem de costumes rigorosamente morigerados, fez saber que o principe em suas viagens adquirira uma paixão desordenada pelo vinho. Ao generalissimo disse Nadji que o novo rei voltava louco pela dansa, e ao chefe das cozinhas scientificou que o grande sonho do novo Califa, o seu unico enthusiasmo, era o manejo das armas.

No dia seguinte o principe chegou á cidade, onde o povo o acclamou com delirio. Uma vez no palacio, no salão do throno, houve a recepção á Côrte.

O Grão Vizir apresentou-se em primeiro logar, affectando uns modos de joven elegante. Levava roupas claras, bem talhadas, flor ao peito e o turbante graciosamente cahido sobre a orelha direita. Seu aspecto era tão ridiculo que todo o mundo, apezar da etiqueta, desatou a rir. Foi mais surprehendente, no emtanto, a entrada do Gran Iman. Este velho fidalgo, de costumes tão morigerados, vinha cambaleando, dando encontrões e com o nariz mais vermelho que um tomate. Entrou depois o generalissimo. O terrivel e feroz guerreiro chegou executando com os braços e as pernas movimentos rythmicos, cadenciosos, de um ridiculo incomparavel. Mas as gargalhadas, contidas durante muito tempo, estalaram francas e estrepitosas, quando entrou o chefe das cozinhas armado de alfange, revólveres, facas, pistolas, etc. O pobre homem carregava tanto ferro que quasi não podia andar.

Quando, naquella mesma noite, Nadji contou ao principe as razões daquellas cousas tão absurdas e tão grotescas, o novo Califa, após uma gostosa gargalhada, abraçou-o e disse :

— Já que soubeste tão bem desmascarar os falsos e os hypocritas, serás encarregado de formar o meu ministerio. De amanhã em diante serás o Grão Vizir.

A LENDA DO SANDALO

— Uma historia, vovó, conte-nos uma historia! gritaram as quatro creanças cercando a velhinha.

— E vocês não têm feito travessuras? perguntou ella.

— Nenhuma, responderam as creanças.

— Não têm amarrado lata velha na cauda dos gatos para os ver penar nas ruas?

— Não.

— Não têm mettido o dedo no doce?

Os meninos entreolharam-se, mas resolveram responder negativamente.

— Então lá vae a historia, disse a velha.

E começou:

Havia, ha muitos annos, muitos, na India, um lenhador que ganhava penosamente a sua vida. Todos os dias, ao nascer do sol, sahia elle em caminho da floresta, á procura de arvores para cortar. Trabalhava até tarde e, cansado, voltava á casa ao escurecer. Mas a lenha mal lhe dava para sustentar a familia, e na casa do lenhador reinava uma grande miseria.

Uma manhã estava elle cortando os galhos de um formoso baobab, arvore de fructo muito agradavel. Quando elle foi dando o primeiro golpe com o machado, appareceu um velho de longas barbas brancas que falou:

— Que fazes, homem? Não sabes que é prohibido tocar nas arvores sagradas? Mereces um grande castigo pela tua audacia.

— Senhor, balbuciou o lenhador, perdoai-me. A miseria me impelliu a cortar o baobab. A sua madeira é vendida como reliquias e eu pensei que alguns galhos me bastariam para remediar a minha miseria.

— A tua situação é tão angustiosa? perguntou o velho.

— Horrivel. Tenho apenas um pedaço de pão para dar aos meus filhos.

— A tua culpa merece perdão. Vaes

prometter-me não mais tocar nos baobabs.

— Prometto.

— Bem, continuou o velho, em paga de tua promessa toma estas sementes. Planta-as em frente a tua cabana. Dellas sahirá uma arvore que assegurará o teu bem estar e a tua felicidade.

O lenhador voltou á sua pobre choça e, cheio de esperança, plantou as sementes. Os dias e os mezes iam passando e a planta foi crescendo prodigiosamente.

Passou o inverno, passou a primavera e a arvore foi crescendo, crescendo até que ficou uma grande arvore. Mas, oh! desillusão! nem a flor maravilhosa, nem a fructa rara appareciam. Era como todas — de abundantes folhas, de largos ramos; mas nada de extraordinario havia nella.

O lenhador perdeu a esperança que o fazia vibrar no momento em que plantou a semente. Agora vivia a maldizer-se e maldizia a promessa que fizera de não tocar num só dos baobabs da floresta.

— Que valem uns galhos? dizia com os seus botões. Irei ao bosque e cortarei a arvore sagrada. Mas, antes disso, murmurou, lançando um olhar rancoroso á arvore que plantara e que enganara a sua illusão — eu te cortarei a raiz, arvore maldita.

Tomou o machado e descarregou um forte golpe sobre o tronco. Rangeram as ramas, cairam as folhas e um perfume suavissimo espalhou-se pelo ar.

O lenhador deteve-se surprehendido; approximou-se, arrancou o machado, saltaram estilhaços que, cahindo nas suas roupas, a impregnaram de um cheiro delicado e perturbador.

Nesse momento passou um sopro de brisa. O lenhador ouviu distinctamente a arvore dizer:

— Em mim está a tua riqueza. Eu sou o sandalo, que perfuma a mão de quem me fere.

C. V.

Em muitas das cidades dos Estados Unidos, no dia da abertura das aulas, as creanças prestam os seguintes juramentos:

Juro:

1º—Nunca destruir as arvores nem as flores, e não lhes fazer o mais pequenino damno;

2º—Proteger e cuidar dos pequenos passaros;

3º—Respeitar a propriedade alheia, para que se respeite a minha;

4º—Usar sempre de linguagem correcta, delicada, sem pedantismo nem empafia;

5º—Ser sempre respeitoso com os velhos, guardar ás mulheres a consideração que ellas merecem; acceitar com prazer o conselho dos homens e ser attento com os meus superiores;

6º—Não cuspir nos bondes, nem na escola, nem nas egrejas, nem nas ruas, em parte alguma, a não ser nos logares destinados ao dito fim;

7º—Não atirar pedras, papeis ou qualquer outra cousa semelhante que possa sujar ou estragar os logradouros publicos.

Vejam os meninos que lindos juramentos! Deviam ser adoptados no Brasil.

PANNO VELHO SEMPRE SERVE — A MEIA VELHA TEM SEMPRE UTILIDADE

As meias em geral gastam-se em primeiro logar no pé e ficam com toda a perna perfeita. Mas inutilisado o pé é claro que a meia já não serve mais para o uso e tem que ser atirada fóra.

Isto faz toda a gente; mas as minhas leitoras, que são habilidosas e trabalhadoras, vão aprender a aproveitar a parte da meia que não se estraga, fazendo com ellas varias cousas.

Póde-se fazer, por exemplo, um excellente peitilho para creança, desses que são muito commodos para as creanças de collo, que ainda babam e se molham no peito quando bebem qualquer cousa. Um peitilho de tecido de meia tem a dupla vantagem de deixar livres todos os movimentos e evitar resfriados.

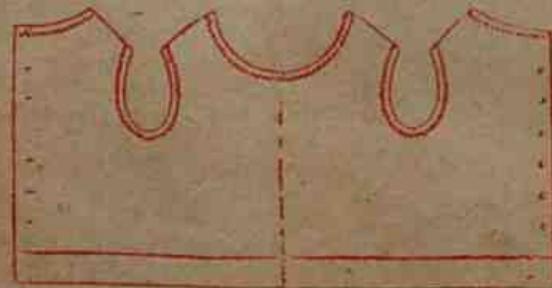



Figura 1

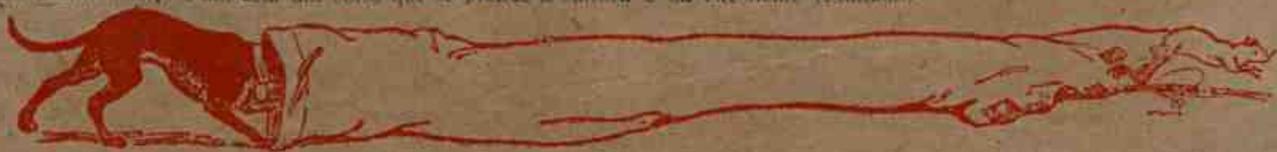
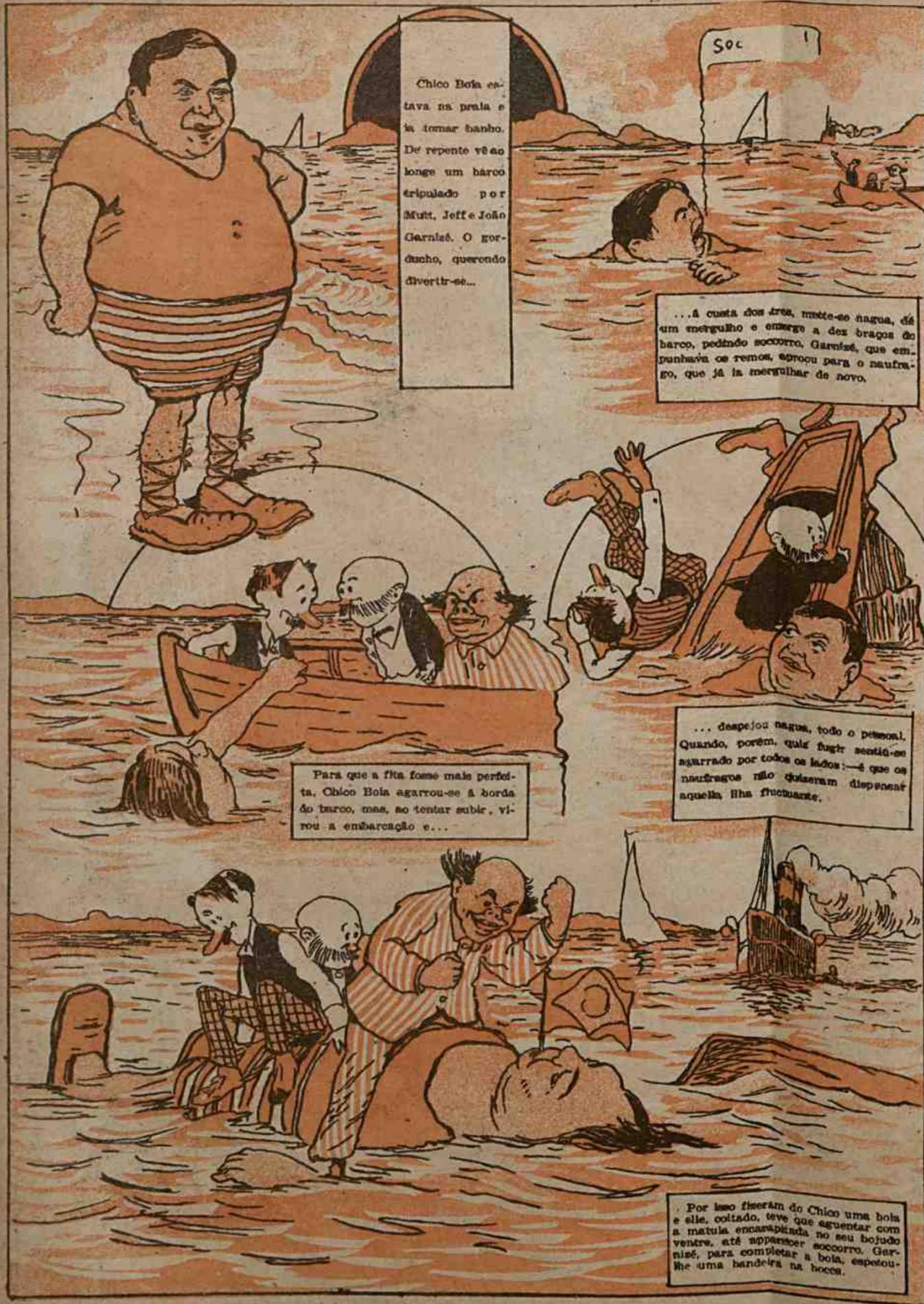
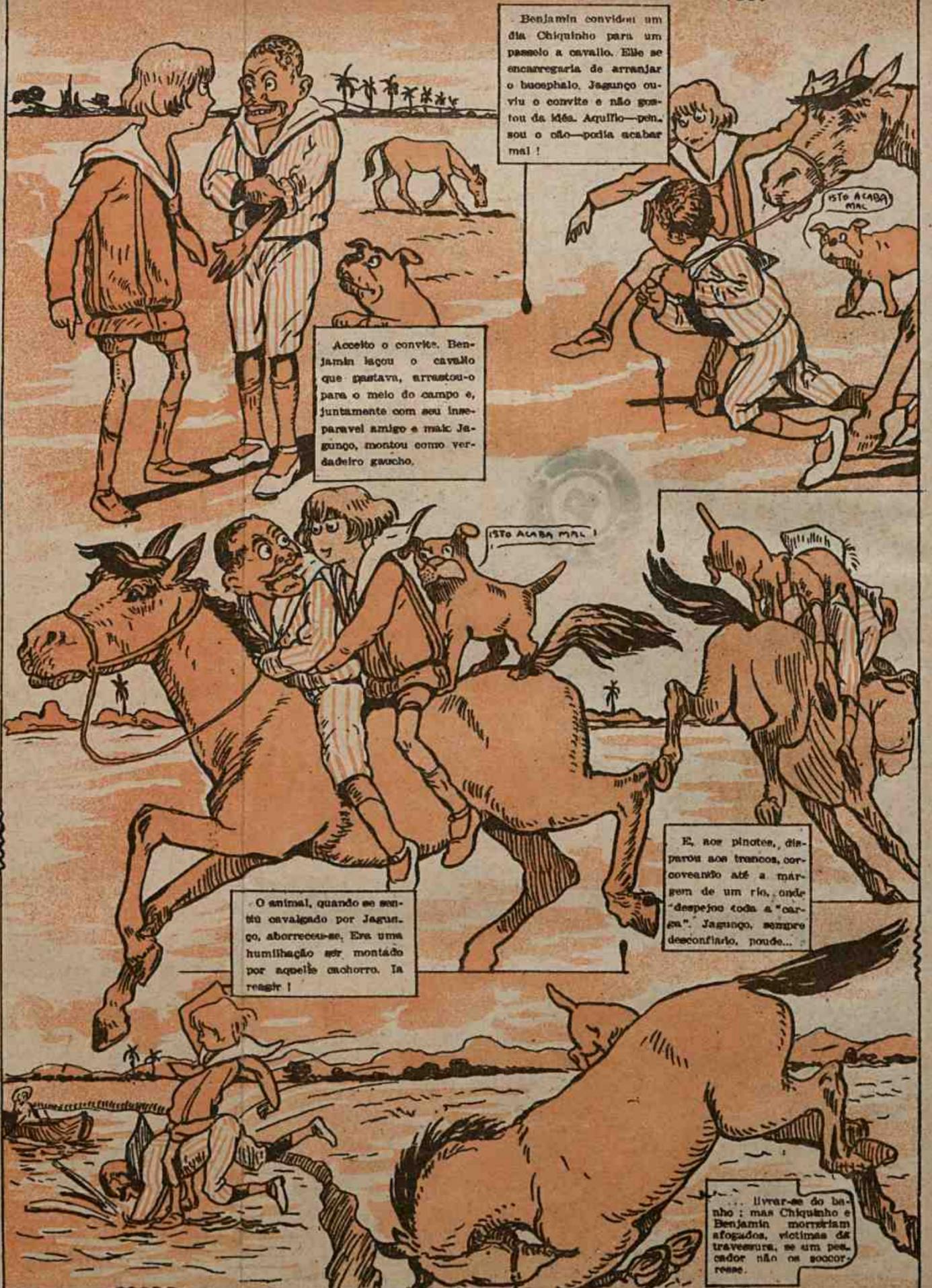
Figura 2

Peguem em um par de meias de senhora, cortem a parte de cima do joelho até a bainha, desmanchem cuidadosamente a costura que cada uma das meias tem do lado de traz; obtidos assim dois pedaços quasi quadrados cose-se um no outro e corta-se então igual ao molde que é a figura 1.

Por baixo já está prompta a bainha, que é a propria bainha da meia. Depois resta apenas cozer os hombros, fazer casas de um lado, botões do outro e ahi está o peitilho muito elastico e confortavel. Se por acaso a meia se estragar na perna, no joelho, por exemplo, como ás vezes acontece com as meninas travessas, tambem se póde aproveitar o pé. Sabem para que servem? Para fazer um bolso de segurança, no qual ninguem conseguirá metter a mão disfarçadamente. Neste caso corta-se o pé, dá-se de um lado um corte de alto a baixo deixando fechada a parte destinada a guardar objectos, faz-se uma dupla costura como mostra a figura 2, colloca-se de um lado e outro um cadarço e ahi está um bolso que se prende á cintura e dá excellente resultado.

Margarida e Lulú e suas roupinhas

Margarida e Lulú devem ser collados em papelão fino e todas as roupas e chapéos em cartolina tambem fina. A collocação dos chapéos obtem-se, dando com canivete bem afiado talhos nas partes superiores internas de cada um delles.

Tudo bem cortado e collado, terão os leitores do Almanach com que passar as horas de recreio.

O CHICO BOIA... BOIANDO
Chico Boia estava na praia e ia tomar banho. De repente vê ao longe um barco tripulado por Mutt, Jeff e João Garnisé. O gorducho, querendo divertir-se...
SOC !
...á custa dos tres, mette-se nagua, dá um mergulho e emerge a dez braços do barco, pedindo soccorro. Garnisé, que empunhava os remos, aproou para o naufrago, que já ia mergulhar de novo.
Para que a fita fosse mais perfeita, Chico Boia agarrou-se á borda do barco, mas, ao tentar subir, virou a embarcação e...
... despejou nagua, todo o pessoal. Quando, porém, quiz fugir sentiu-se agarrado por todos os lados: — é que os naufragos não quizeram dispensar aquella ilha fluctuante.
Por isso fizeram do Chico uma boia e elle, coitado, teve que aguentar com a matula encarapitada no seu bojudo ventre, até apparecer soccorro. Garnisé, para completar a boia, espetou-lhe uma bandeira na bocca.
UM BANHO COMO CASTIGO
Benjamin convidou um dia Chiquinho para um passeio a cavallo. Elle se encarregaria de arranjar o bucephalo. Jagunço ouviu o convite e não gostou da idéa. Aquillo — pensou o cão — podia acabar mal !
ISTO ACABA MAL
Acceito o convite, Benjamin laçou o cavallo que gastava, arrastou-o para o meio do campo e, juntamente com seu inseparavel amigo e mais Jagunço, montou como verdadeiro gaucho.
ISTO ACABA MAL !
O animal, quando se sentiu cavalgado por Jagunço, aborreceu-se. Era uma humilhação ser montado por aquelle cachorro. Ia reagir !
E, aos pinotes, disparou aos trancos, corcoveando até a margem de um rio, onde "despejou toda a "carga". Jagunço, sempre desconfiado, poude...
... livrar-se do banho ; mas Chiquinho e Benjamin morreriam afogados, victimas da travessura, se um pescador não os soccorresse.

A AGUIA E O CORVO

DRAMA EM 8 ACTOS

ACTO I

SCENA: — Pincaro de um alto monte. Apparece a Aguia profundamente pensativo, sustendo-se num só pé. Chega voando o Corvo.

CORVO — Quá! Quá! Quá! como vae você amiga? (*A Aguia olha-o com desdem*).

CORVO — Está hoje de máo humor, já o percebi! (*A Aguia continúa olhando-o com frieza*).

CORVO — Máo humor!... Quem não o tem ás vezes? Todos. Aborrecimentos não faltam á vida! E eu sinto bastante, que logo hoje, esteja a amiga de máo humor. Queria uma liçãozinha... Olhe, lá em baixo, no campo, ha uns cordeirinhos tão lindos que parece estarem a dizer — Comam-me! Bem quiz agarrar um, mas não sei de que maneira poderia pilhal-o. (*Pausa*). Primeiramente enterrarei as garras na lã do bichito e depois... arribarei com elle... Não é assim que se faz, cara amiga? (*A Aguia olha-o ainda fixamente, impassivel*).

CORVO — Oh! cara amiga, parece mais um pato nesta immobilidade. Quem a visse, num pé só, julgal-a-ia uma estatua ou uma aguia... de papelão, a quem não enthusiasmam os cordeiritos appetitosos dos prados. Bom, amiga, não posso perder tempo. Vou visitar os cordeiros!... (*Parte, voando. O panno cae lentamente sem que a Aguia o deixe de olhar fixamente*).

ACTO II

Um prado. Uma ovelha e varios cordeiros pastam tranquillamente. Numa arvore, o Corvo.

CORVO — Decididamente é muito tola a Aguia. Muito tola e egoista. Pois não podia a melancolica papar um destes cordeiros, cuja carne está a parecer boa delicia? E depois os cordeiros são malcreados e saltadores. Não ficam quietos um só instante.

PRIMEIRO CORDEIRO — Méé, méé. Estou aborrecido, mamãe! Méé, méé.

OVELHA — Ficas ao meu lado, filho, porque mal algum te advirá.

PRIMEIRO CORDEIRO — Méé, méé. Deixa-me brincar, mamãe. Quero saltar pelo campo.

SEGUNDO CORDEIRO — Deixa-nos, mamãe, brincar pelo campo. Queremos jogar a *cabra-céga*.

PRIMEIRO CORDEIRO — Sim, mamãe, deixa-nos ir! E' tão divertida a *cabra-céga*. Olha, mamãe, começa assim:

— Cabra-céga!
— Senhor meu amo.
— De onde vieste?
— Do moinho...

OVELHA — Quietos aqui, tolinhos. Já lhes disse que não!!

PRIMEIRO E SEGUNDO CORDEIROS — Um

minuto só, mamãe, um instante apenas. (*Neste momento a Aguia, que apparecera inesperadamente, cahe sobre os cordeiros e leva o primeiro delles. Ha indescriptivel confusão*).

SEGUNDO CORDEIRO — Mamãe! Mamãe! Levaram Thomazinho. Olha-o, mamãe, a voar aos pés da Aguia!

OVELHA — Béé. Béé. Vem tu para junto de mim, tonto, bobinho!

CORVO (*Na arvore, a rir*) — Muito bem feito! Onde se viu cordeiro de peito andar aos saltos longe da ovelha... Bem feito!!!

SEGUNDO CORDEIRO — Nunca mais veremos Thomazinho, mamãe?

OVELHA — Nunca, meu filho. E tu não esqueças o fim do teu irmão. Fica a meu lado sempre e sempre. A guarda materna e a defesa sem par.

CORVO (*Da arvore, tomando ares de... aguia*) — Agora já sei como se agarra um cordeiro. Abrem-se as azas, distendem-se as garras e... zás!... (*Panno lento*).

ACTO III

Prado. Ovelhas. Cordeiros e o Corvo como na scena anterior.

PRIMEIRA OVELHA — Foi sim, meus filhos. A malvada Aguia cahiu sobre os cordeiros e antes que pudessemos gritar o Thomazinho foi pilhado e levado para pasto da traiçoeira inimiga.

SEGUNDA OVELHA — Sempre tive o presentimento de que o Thomazinho acabaria mal. Era tão levado, tão traquinas, tão desobediente, o pobrezito.

SEGUNDO CORDEIRO — Mamãe, ha aguias tambem hoje aqui no prado?

PRIMEIRA OVELHA — Não, meu filho, não se vê tão malvado animal hoje.

SEGUNDO CORDEIRO (*Apontando para o Corvo*) — Aquelle bicho não é uma aguia, mamãe?

PRIMEIRA OVELHA — Não, tolinho. E' um corvo, que mal algum te póde fazer.

CORVO — O que? Não posso fazer mal? Espera ahi, cordeiro atrevido! (*Distende as azas e cae sobre o Segundo Cordeiro*) Despede-te da vida, pobrezinho! E' inutil resistir. Vou carregar-te!!

SEGUNDO CORDEIRO — Oh! *pinto* preto! Que pretenção! Vaes agora dar um passeio montado num cordeirinho!... (*Sae correndo, dando saltos com o corvo preso pelas patas na lã emmaranhada*).

CÔRO DE CORDEIROS — Bravos! Bravos! Muito bem! Sacode o pretencioso! Méé! méé.

CORVO (*Fazendo esforços inauditos para se desvencilhar do lombo do cordeirinho*) — Solta-me! Solta-me, diabinho de lã, solta-me senão pagarás caro a tua audacia.

CÔRO DE CORDEIRINHOS — Fóra o bobo!!! (*Depois de desesperados esforços o Corvo desprende-se da lã que lhe aprisiona as patas e voa até a arvore, onde pousa, cançado. Ovelhas e cordeiros cercam a arvore e, cantam em côro*):

— Fóra! Fóra o corvozinho!
Fóra! Fóra o coitadinho!
— Quiz ser aguia o tal bichinho!
Fóra! Fóra o corvozinho!

PANNO

UMA AVENTURA DE PESCA NA BAHIA DE NAPOLES — (Historia Muda)

PHOCA

por Mrs. DANSON SCOTT
extrahido de uma velha lenda
Traducção de ALVARO CASTILHO

PERSONAGENS

PHOCA — MORGAN — PEROLA — O PESCADOR

A scena representa a sala de uma casa de pescador á tarde, á beira do mar. Ao fundo uma porta que dá para o mar e voltada para o poente. A' esquerda o fogão. Em um canto, á direita, uma cama de palha. Vê-se tambem á direita a porta de um quarto. Mobilia pouca e simples.

Ao levantar-se o panno, Phoca está sentada junto de uma róca.

SCENA I

PHOCA (*Suspende o trabalho, levanta-se e vae á porta do fundo. Depois olhando para o mar, pensativa*) — Como o mar me convida, como está me chamando! (*Voltando á róca, recomeça o trabalho e canta*).

As ondas que vão ter ás praias do occidente
E arrebentam formando grinaldas de espuma
Têm todas uma voz que as distancias vencendo,
Meus ouvidos alcança e me lembra que o mar
E' o meu lar.

SCENA II

PHOCA E PEROLA

PEROLA (*Entrando com uma das mãos na cabeça*) — Mamã, a minha cabeça está doendo.

PHOCA (*Voltando-se carinhosa*) — Está doendo, filhinha? Hoje o dia esteve tão quente para você andar por ahi.

PEROLA — Deixa encostar-me a você, mamã?

PHOCA — Pois sim; vá então buscar o seu banquinho e sente-se ahi.

PEROLA (*Reclinada ao joelho de Phoca*) — Ah! Assim é melhor. Eu gosto mais de estar sempre junto de você (*pausa*). Si mamã me contar uma historia, a minha dor de cabeça passará.

PHOCA (*Rindo-se*) — Ora, que lembrança!

PEROLA — Ora, você esteve trabalhando toda a tarde; agora deve parar para descansar um pouco, um minutinho só, emquanto me conta a historia. Pára, mamã...

PHOCA (*Accedendo*) — Pois vá lá. Qual é a historia que você quer?

PEROLA — A das phocas.

PHOCA (*Perturbada*) — Você quer sempre que eu conte essa mesma historia.

PEROLA — Quando você conta uma outra, cada vez que eu pergunto sobre uma cousa que não conheço você me diz que tambem não sabe; mas, quando é com as phocas me diz tudo, tudo... *tudinho*.

PHOCA (*Com brandura*) — E' porque eu penso que sei.

PEROLA — E assim me faz parecer que tudo é verdade.

PHOCA — Essa historia é tão triste...

PEROLA — Todas as outras tambem são tristes até chegar ao fim, mas depois são alegres.

PHOCA — Mas a historia das phocas não tem fim.

PEROLA — Algum dia ha de ter. Começa então, mamãzinha... "No fundo do mar...

PHOCA (*Continuando*) — ... é que está o paiz das phocas e havia lá uma que era feliz, muito feliz; nadava, mergulhava e vinha depois boiar á tona daquella tepida agua azulada.

PEROLA — Como era ella, mamã?

PHOCA — Tinha olhos pardos...

PEROLA — Assim como os de você?

PHOCA — Assim mesmo, minha filhinha e ella passava os dias inteiros brincando com as outras e á noite dormia emballada pelas ondas. Era assim que ella passava todo o anno, até a madrugada do Dia dos Mortos. Diz-se que em outros tempos as phocas foram gente e que nessa noite ellas se transformavam em homens e mulheres. Então sahiam todas do mar, tiravam fóra a pelle e começavam a dansar ao luar, até o sol nascer.

PEROLA — Que cousa interessante. Você as viu assim alguma vez, mamã?

PHOCA — Eu... eu vi...

PEROLA — Conta mais, mamã.

PHOCA — Em uma dessas occasiões, porém, minha filhinha, essa phoca que era tão feliz na companhia das outras veiu com ellas a uma praia solitaria e ahi dansaram, dansaram, até que chegou a hora de vestir outra vez a pelle que tinham tirado e quando ella foi buscar a que lhe pertencia... não a encontrou mais... tinha desapparecido...

PEROLA — E que foi que ella fez?

PHOCA — Começou com os seus companheiros de dansa a procurar em todos os cantos e buracos das pedras, por todos os logares, mas não houve meio de encontrar a tal pelle.

PEROLA — E depois?

PHOCA — Veiu a aurora, o sol appareceu e — como era de regra — as outras todas voltaram a ser phocas e nadaram para longe da praia e ella, entretanto, ficou só, abandonada.

PEROLA — Coitada da phoca! Ficou sózinha...

PHOCA — Ficou sendo mulher, mas o seu coração estava preso aos companheiros que estavam no mar e por isso passou todo o dia sentada em uma pedra, pensando que fosse morrer. (*Fica pensativa*).

PEROLA (*Sacudindo Phoca*) — Foi, mamã?

PHOCA (*Voltando a si*) — Foi, filhinha.

PEROLA — E depois?

PHOCA (*Suspirando*) — Havia um homem bom, um pescador...

PEROLA — Assim como papae?

PHOCA (*Affirmando com um movimento de cabeça*) — Exactamente como elle e, como ficasse com muita pena della, trouxe-a para casa e casou-se com ella.

PEROLA — E ella tem uma filhinha assim como eu?

PHOCA — Sim, Perola, uma filhinha igualzinha a você.

PEROLA — E um menino crescido como Morgan?

PHOCA — Isso mesmo. Um menino crescido assim como Morgan.

PEROLA — Ah! Então eu creio que ella é feliz, muito feliz.

PHOCA — Você é ainda muito pequena para entender disto. A phoca não póde se esquecer da outra vida que tinha antes. Ella o que quer é encontrar a pelle que desappareceu e voltar para o mar. (*Dirige-se inquieta para a porta do fundo e olha para o mar*).

PEROLA — Mas, mamã, si ella fizer isso, os filhinhos ficam tristes.

PHOCA (*Pondo as mãos nos ouvidos*) — Oh! Oh!... Não!... (*Perola começa a gritar. Phoca olha para Perola, hesita e volta novamente para junto della*). Que é isso, que tens?

PEROLA — Estou tão contente, mamã...

PHOCA — Contente?

PEROLA — Sim. Estou contente por ver que isso é historia, que isso não é verdade. (*Phoca beija-a*).

SENA III

PHOCA, PEROLA E MORGAN

MORGAN (*Typo de pescador ainda rapaz, entra apressado, carregando uma pelle de phoca*).

PHOCA (*Levantando-se*) — Hoje é a vespera do Dia dos Mortos... Ellas virão dansar logo...

MORGAN — Encontrei uma cousa. Não são capazes de dizer o que é.

PEROLA — Ora, não amolle, Morgan. Garanto que o que você achou não vale nada.

MORGAN — Pois ahi está! Encontrei isto escondido entre as pedras.

PHOCA (*Com admiração*) — O que foi que você achou?

MORGAN — Foi isto, minha mãe. (*Mostrando a pelle de phoca*). Veja, já é velha.

PHOCA — Dá-me esta pelle.

PEROLA — Oh! Não, não. Morgan não lhe dá esta pelle, sinão a historia fica sendo verdade.

MORGAN (*Olhando ora para uma, ora para a outra*) — Que quer dizer isso? Minha mãe póde ficar com a pelle? As meninas têm cada tolice. Que é isso, minha mãe?

PHOCA (*Em extase*) — A minha pelle... a minha capa... a que perdi...

MORGAN — A sua?... Mas como é isso possivel? Isso... isso não tem feitio de capa.

PHOCA (*Sem attender ao que elle diz*) Ah! Agora posso voltar... O mar... Oh!... o mar!

PEROLA (*Chorando*) — Mamã! Mamã!

PHOCA — Na vespera do Dia dos Mortos... (*Vae escurecendo a scena, a noite se approxima*)... Ellas esperam por mim... Ouço as suas vozes me chamando: Phoca! Phoca!... (*Com voz mais forte*). Já vou! (*Lança a pelle sobre os hombros, mas Perola segura-lhe no vestido*)

PEROLA (*Supplicando*) — Oh! Não, mamã! Não!

PHOCA (*Sem prestar attenção a Perola e com voz estranha*) — Não me seguram... nada conseguem... hei de ir. (*Afasta Perola para o lado e sae pela porta do fundo*).

PEROLA (*Nessa mesma porta, em pran-

to desesperado) — Oh! Mamã! Mamã!

MORGAN — Que é isso Perola? Não posso atinar o que você tem? Aonde foi nossa mãe e porque foi correndo assim?

PEROLA — Foi-se embora e nunca mais tornaremos a vel-a.

MORGAN — Oh? Que despropósito você está dizendo!

PEROLA — Ella é do mar e estava aborrecida de viver presa nesta casa pequena e agora, agora que você achou essa pelle feia, voltou para lá. (*Chorando*) Deixou-nos a mim, a você e a papae.

MORGAN (*Com energia*) — Papae não consentirá; elle vae buscal-a. Isto póde ser uma casa pequena, mas é um lar que tambem é della.

PEROLA — Não, Morgan, o della é o mar, o mar largo e profundo e ella nunca mais o deixará.

MORGAN (*Chamando*) — Papae!...

PEROLA — Nem elle será capaz de fazel-a voltar... salvo... salvo si ella quizer.

SCENA IV

MORGAN, PEROLA E O PESCADOR

O PESCADOR (*Entrando pela porta do fundo, carregando as redes*) — Phoca! Phoca! Vê que carga eu trouxe. Temos lenha para todo o inverno. (*Voltando-se para Morgan e Perola*). Onde está sua mãe?

PEROLA (*Soluçando*) — Foi-se embora...

O PESCADOR (*Hesitante*) — Para a aldeia? (*Sacudindo a cabeça de Perola*) Pela estrada a fóra?

PEROLA — Não!

O PESCADOR (*Correndo á porta ao fundo*) — Aonde foi ella então? Responde já, Perola.

PEROLA (*Chorando*) — Ella voltou...

O PESCADOR — (*Olha para um e para outro, a examinal-os com o olhar*).

MORGAN — Estava apanhando mariscos nos rochedos e encontrei debaixo de um...

O PESCADOR — Depois de tantos annos! Hein, Morgan?

MORGAN — ...uma pelle de phoca.

O PESCADOR — Debaixo do rochedo vermelho?

MORGAN (*Attonito*) — Sim, meu pae.

O PESCADOR — Onde está essa pelle?

MORGAN — Trouxe-a para casa e... entreguei a minha mãe...

O PESCADOR — Quando?

MORGAN — Agora mesmo (*continuando, emquanto o pescador vae até a porta*) e ella foi para o mar.

O PESCADOR (*Sahindo pela mesma porta*) Phoca! Phoca!

MORGAN — A maré sóbe. Ella terá pouco que andar. Meu pae chegará a tempo.

O PESCADOR (*Voltando*) — Já está fóra de vista. Muito tarde! Oh! Cheguei tarde de mais. (*Cae em uma cadeira, com o rosto entre as mãos*)... Queria tel-a... roubei, enganei e menti para obtel-a... e agora... quando é tão querida... (*Cae em pranto convulso*).

PEROLA (*agarrando-se aos joelhos do pescador*). Oh, papae!...

O PESCADOR — Tinha-a visto apenas uma vez, naquella noite em que fiquei por detraz do rochedo, observando; mas, quando no anno seguinte chegou a vespera do Dia dos Mortos, voltei ao mesmo rochedo. Tinha pensado muito, muito e sabia o que ia fazer. Eu a vi despir aquella pelle e logo que começaram a dansar arrastei-me para fóra do meu esconderijo e tomei-a (*Com uma alegria feroz*). Sim e ainda tenho prazer de ter feito isso; ainda estou contente. (*Olhando em torno*). Tive-a aqui... foi minha... (*Vendo as creanças*) foi nossa! Eis o que ella não poderá esquecer. Não ha mar algum tão profundo que possa afogar a memoria do que ella foi para nós e nós para ella.

PEROLA — Ella precisava de que a ajudassem, não podia ficar sozinha.

O PESCADOR (*Como que sonhando*) — Quando ella chorou eu fechei os olhos e quando me pediu auxilio pensei nesta casa e em vel-a aqui dentro... e não em vel-as ambas lá longe. Não podia deixar que ella se fosse embora e por fim parecia que estava satisfeita em ficar.

PEROLA — Mas o mar a estava sempre chamando...

O PESCADOR — Então ella podia dar-lhe ouvidos quando nós a amavamos tanto?!

PEROLA — Agora tem liberdade para escolher...

O PESCADOR (*Levantando o olhar*) — Antes não havia logar algum, nenhum, para onde ella pudesse ir e assim ficou aqui.

PEROLA (*Com ternura*) — Pobre mamã.

O PESCADOR — E ficou emquanto pudemos contel-a, mas depois... não se demorou mais um só momento.

PEROLA — Não.

O PESCADOR — Trabalhou para nós, deu-nos sorrisos e caricias e durante todo esse tempo seu coração só almejava nos deixar.

PEROLA — Mas agora... agora...

O PESCADOR — Que é?

PEROLA — Póde ser que volte...

O PESCADOR — Não ha nada que a traga aqui novamente. (*Levantado-se*). Venham, creanças, já vae ficando tarde. (*Vae até a porta do fundo e fecha-a*).

PEROLA — Oh papae, não feche!

O PESCADOR — Que é?

PEROLA — Não feche a porta para ella!

O PESCADOR (*Deixando a porta aberta*). — Ah!

PEROLA (*No limiar da porta chorando*) — Mamã! Mamã!

MORGAN (*Por detraz de Perola, soluçando*) — Volta! Volta!

PEROLA — Nós estamos sós!

O PESCADOR (*Afastando Morgan e Perola da porta*) — Ella não nos ouve. Não vale a pena chamal-a. Cá por mim nada ouço; ella tambem agora tapou os ouvidos. Não quer ouvir.

PEROLA — Ella nos tem amor e por isso ha de vir. (*Com energia*). Ha de vir... Ha de vir...

O PESCADOR (*Tristonho*) — São horas de dormir, creanças. Vem, Morgan. (*Morgan sae pela direita, Perola veste uma camisola de domir e deita-se na cama de palha*). Boa noite, Perola.

PEROLA (*Soluçando*) — Ella vinha sempre me cobrir... (*O pescador compõe as cobertas da cama*) e me beijava depois... (*Soluça nos braços do pescador*). Oh papae!

O PESCADOR — Ah! As creanças! Não posso soffrer isso! (*Sae apressadamente pela direita, deixando a porta ligeiramente aberta*).

SCENA V

PEROLA (*Soluçando e procurando embalar-se para dormir*) — Como póde a sua filhinha dormir sem você? Oh! Mamã! Mamã. (*Adormece. O luar brilha sobre o mar*).

SCENA VI

PHOCA (*Vem caminhando lentamente, olhando para traz, mas sempre se approximando da casa*). — Os meus pés tornaram-se pesados e já não posso dansar. A minha voz é rouca e já não posso cantar. O que me aconteceu e porque deixei as minhas companheiras virem aqui? (*Entra pela porta ao fundo e olha em redor*). Aqui? O que é que me impelle a voltar? (*Perola agita-se no somno e balbucia palavras incompletas*). Ah! a minha filhinha! (*Caminha rapidamente para a cama de palha e retira a creança*).

PEROLA (*Voltando-se alegre nos braços de Phoca*) — Mamã!

PHOCA (*Com angustia*) — Minha filhinha! Minha filhinha! Vem cá.

PEROLA (*Adormecida*) — Não... fica...

PHOCA (*Segurando Perola*) — Cá fora ao luar...

PEROLA — Está frio, tão frio. Fecha a porta, mamã. (*Phoca obedece*).

PHOCA — Não; não posso.

SCENA VII

O PESCADOR (*Da porta á direita, com brandura*) — Phoca! (*Phoca estremece e deixa cahir a metade da pelle com que está coberta*). Não tenhas receio. Não te quero deter aqui; não o faria agora, nem mesmo que pudesse.

PHOCA — Não o farias?

O PESCADOR — Não! Queres ir, queres nos deixar? Pois bem...

PHOCA — Quero a gente que é minha.

O PESCADOR — Pois sim.

PHOCA — Lá fóra estão as ondas bravias e as tempestade e os ventos. Oh! a canção do vento!

O PESCADOR — Eu tambem costumava ouvir essa canção antes... antes de teres vindo para aqui.

PHOCA — E depois que vim?

O PESCADOR — Depois, ouvia somente o teu canto em torno da casa.

PHOCA — Então eu canto? Oh! Não, não... não poderia esquecer tão facilmente...

O PESCADOR — A' vezes tu apenas me lembravas...

PHOCA (*Desviando a attenção*) — Ouves o que ellas dizem lá fóra? "Phoca!... Phoca!"

O PESCADOR (*Friamente*) — Por que voltaste?

PHOCA (*Perturbada*) — Não queria voltar. Havia uma força que governava os meus pés... as creanças...

O PESCADOR (*Com amargura*) — Ah, sim; as creanças.

PHOCA — E por que havia de ser outrem?

O PESCADOR — Já esperava por isso. Perfeitamente, chegamos ao fim.

PHOCA — Podia eu pensar que todo aquelle tempo em que parecia que me ajudavas a procurar a pelle de phoca...

O PESCADOR (*Com arrogancia*) — Pensar que fui eu... eu... que a escondi!

PHOCA — Nunca suspeitei; oh, nunca, nunca. Crer que tinhas sido tu... tu, tão honrado...

O PESCADOR (*Baixando a voz*) — Eras para mim mais do que a honra.

PHOCA — Se os meus companheiros soubessem que foste o autor desse furto, teriam tirado a tua vida.

O PESCADOR — Era para mim mais do que a vida.

PHOCA — E agora...

O PESCADOR — Estás aqui, mas não te posso deter. Tentei prender-te e fui mal succedido.

PHOCA — Usaste da força.

O PESCADOR (*Abrindo as mãos como que exprimindo que o caminho está livre*). — Vae!

PHOCA (*Caminhando para a porta ao fundo*) — O mundo do mar... as aguas

A MOSCA DOMESTICA

A mosca commum, ou domestica, não é em si propria perigosa para a saude. Infelizmente, porém, não ha meios de conhecer-se o que ella traz para dentro de casa, porque cada uma póde transportar varios milhões de microbios. Nem todos são microbios de doença, fe-

Um transmissor da tuberculose.

lizmente, porém alguns bacillos de Koch, tomados do escarro, são o bastante para causar tuberculose.

Nutre-se a mosca de tudo que encontra: leite, assucar, escarro, fezes, etc. Na occasião de tomar o alimento, não sómente absorve o que deseja, como tambem cobre de comida as pernas e as azas, de modo que os microbios que nella ficaram adherentes vão ser depositados no objecto onde ella vae em seguida pousar: pratos, fructos, pão, rosto, etc. Assim, a mosca transporta microbios e dissemina doenças, pelo que é preciso impedir a sua entrada no domicilio e reduzir ao minimo o seu numero, na vizinhança. O combate ás moscas consta de quatro partes: evitar a procreação do insecto, destruir a mosca adulta, proteger as casas contra sua invasão e impedir seu accesso aos materiaes contendo microbios de doenças.

As moscas se creiam nas materias em fermentação. O estrume de cavallo ou de boi, ou as fezes humanas; residuos vegetaes em decomposição; restos domiciliares em putrefacção; todos estes materiaes fornecem esplendidos meios de procreação de moscas, quando estão humidos.

A mosca põe cerca de 120 pequeninos ovos, brancos e alongados. Em boas condições de temperatura e humidade, cada ovo dá sahida a um filhote, chamado "larva", pequenino corpo branco, movel, como um verme, que, ao fim de alguns dias, se transforma em "pupa", immovel, e, depois, em mosca adulta.

Para evitar a procreação da mosca deve-se procurar eliminar ou proteger os materiaes que ella busca para nelles desovar, ou atacar e destruir esses fócos de procreação, pelo que devem o estrume e o lixo ser guardados em depositos fechados.

Um bom meio de combater a procreação das moscas é tratar o estrume por substancias chimicas que envenenam as larvas, convindo preferir as que não impedem o esterco de servir de adubo para jardins, hortas e fazendas. O borax em pó serve para esse effeito, quando bem dissolvido em agua, na dose de 1 kilo para o maximo de 120 litros, o que basta para tratar 1 metro cubico de estrume. São precisos 8 a 10 litros dessa solução para tratar o estrume diario de um cavallo ou de uma vacca. O estrume tratado com borax não deve ser usado como fertilisante em proporção superior a 30 toneladas por hectare, porque é, então, capaz de fazer mal ás plantas. O borax presta-se para tratamento do lixo, sendo tambem empregado em pó, no chão dos estabulos e cocheiras.

O combate ás moscas adultas é sobretudo feito por meio de papeis agglutinantes, onde os insectos ficam presos ao pousar, ou de mosqueiros e pega-moscas, de que ha varios modelos. Um dos mais simples e efficazes é o que se póde construir em casa com uma caixa de madeira, applicando téla metallica na parte de cima e em dois lados oppostos e abrindo, na parte de baixo, levantada do chão por 4 pés de 2 a 3 centimetros, um buraco circular de uns 10 centimetros de diametro, sobre o qual se fixa um funil de téla, invertido, com uma abertura de 1 centimetro na parte de cima, que corresponde ao bico. Uma boa isca, como uma cabeça de peixe, é collocada debaixo da caixa, para attrahir as moscas que, voando para cima, á procura da luz, penetram no funil de téla, e, por fim, na caixa, onde morrem, e de onde são retiradas por uma abertura no fundo, fechada por porta corrediça.

Para impedir a entrada das moscas no domicilio, principalmente na cozinha e na sala de jantar, nos logares onde ha muita mosca, torna-se necessario proteger as portas e janellas, por meio de télas metallicas bem applicadas, sendo preciso nunca deixar as portas abertas, como revistar frequentemente toda a installação, para corrigir os defeitos.

Para impedir, finalmente, que possam as moscas alimentar-se dos dejectos e secreções humanas, enchendo-se de microbios que ellas vão transportar, é indispensavel combater o nefasto habito de escarrar no chão, exigindo, ao contrario, o uso de escarradeiras providas de tampa e contendo desinfectantes, o que concorre para evitar a tuberculose, que tanto mal nos causa. — (*Publicação da Inspectoria de Prophylaxia da Tuberculose*).

Vae-te, mosca feroz!

---

profundos... a minha gente... (*Pára. Dá uns passos para traz; vae levantando a voz*). Não posso; não posso. O meu logar já está tomado e elles se esqueceram de mim. Ainda são os mesmos, mas eu... eu mudei...

O PESCADOR (*Tremulo*) — Mudaste?

PHOCA — Aqui... é o lar.

O PESCADOR — O meu lar...

PHOCA — Nosso lar.

O PESCADOR (*Balouçando a cabeça*) — Não, não ficarias satisfeita e amanhã, quando eu sahisse, o teu lar ficaria vasio.

PHOCA (*Approximando-se mais*) — Nunca mais o farei.

O PESCADOR — Eu não teria forças para soffrer tanto...

PHOCA (*Chegando-se mais*) — Agora sei a razão por que voltei.

O PESCADOR — Sim?

PHOCA — Para te dar... Por minha propria vontade... isto. (*Entrega-lhe a pelle de phoca*).

O PESCADOR (*Olha para a pelle, examina-a e com arrebatada alegria*) — Minha..., és minha... emfim?

PHOCA (*Com satisfação, nos braços do pescador*) — Aqui me trouxe, aqui me prenderá para sempre...

O PESCADOR — O amor?

PHOCA — Sim... o teu amor.

(CAE O PANNO)

FIM

O tordilho marchador

EXPLICAÇÃO

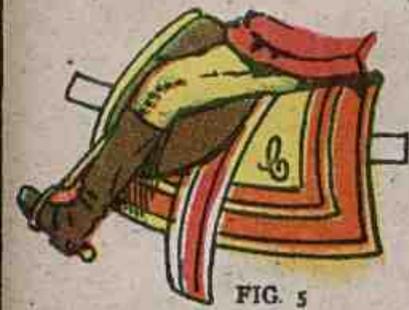
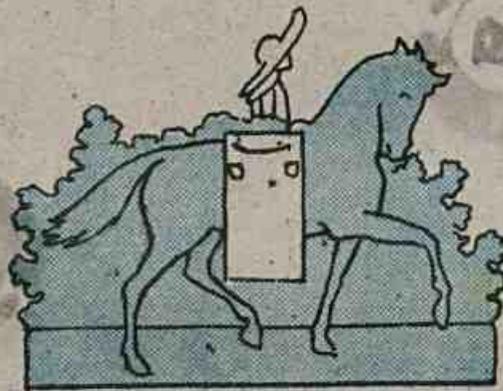
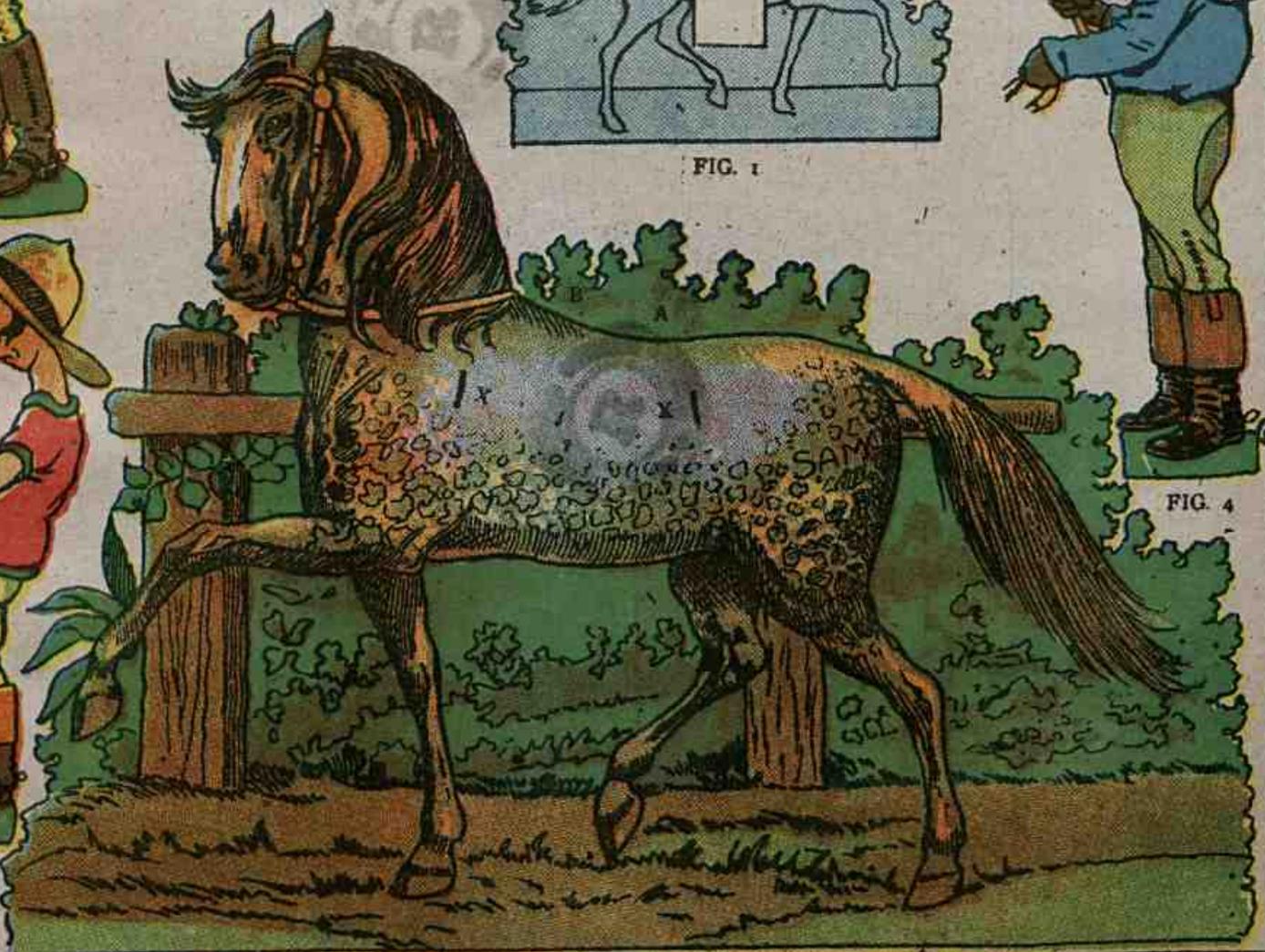
Preguem toda a pagina em cartolina. Recortem a Fig. 1 sem separar o cavallo da paizagem. Abram a canivete a linha A. B. no dorso do cavallo e, tambem, os pequenos traços ao lado das letras X X.

Depois colloquem este desenho recortado sobre uma cartolina mais grossa (ou papelão), risquem o contorno para recortal-a como fizeram ao primeiro desenho e assim obterão um fôrro ou contraforte para o cavallo. Isto feito, collem esses dois recortes, deixando sem collar o centro na parte que abrange a linha A. B. e os traços X X, formado por um quadrado que se vê, marcado no schema, em branco. E ahi temos o cavallo prompto para receber os cavalleiros.

Cortem depois os sellins, conservando os pedacinhos em branco. Estes pedacinhos são as presilhas para enfiar nos pequenos cortes X X já feitos no cavallo.

Cortem as figuras dos cavalleiros para enfial-as no dorso do cavallo, onde existe o córte A. B.

O quadrado branco que se vê no schema é uma especie de sacco para esconder as pernas dos cavalleiros.

O cavallo receberá os cavalleiros e seus respectivos sellins.

As aventuras do Gato de botas (Fim)

A carruagem do rei seguiu e adiante della o gatinho, que, encontrando alguns agricultores lhes disse: — Se não disserem que estas terras pertencem ao marquez de...

...Carabas serão mortos amanhã. Os agricultores immediatamente começaram a gritar: — Viva el-rei que passa pelas terras do marquez de Carabas!

Depois o gatinho foi a casa de um gigante muito rico, que o recebeu com muitas attenções e respeito. Momentos depois, porém, o gigante transformou-se num...

...grande leão e o gatinho teria sido devorado se não fugisse para uns telhados vizinhos. Mas as botas do gatinho fizeram que o leão se transformasse num rato e...

...fosse devorado pelo gatinho. Morto o gigante, o gatinho installou-se no seu palacio, onde seu amo recebeu a visita do rei e...

...da princeza. O rei e a princeza foram então para a mesa, onde se serviram de um lauto banquete, preparado pelo gigante...

...para uns amigos. Tão captivo ficou o rei pelo acolhimento que teve em casa do marquez que, depois do jantar lhe offereceu...

...a filha em casamento. O marquez de Carabas em pouco tempo era principe e o gato de botas tornou-se grande fidalgo da côrte.

As aventuras do Gato de botas

Um moleiro, ao morrer, legou ao mais velho de seus filhos o moinho que possuia, ao segundo um burro e ao mais moço um gato.

O mais moço ficou bastante triste porque não sabia como viver, tendo como herança apenas um gato. O gatinho legado, no...

...emtanto, consolou seu novo amo, predizendo-lhe melhores dias e pediu-lhe um sacco e um par de botas. Recebendo o que...

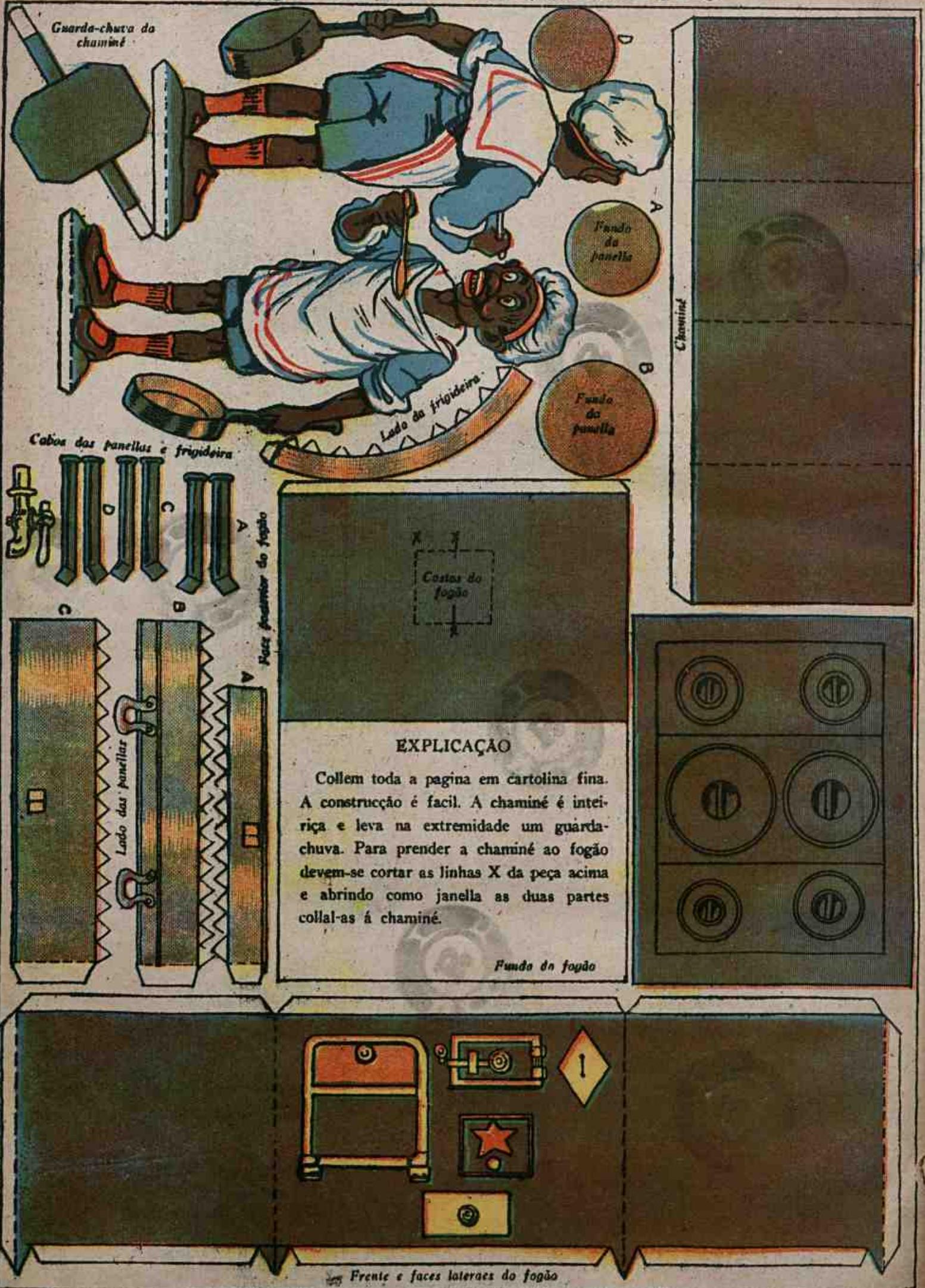
...pedia, foi ao campo e apanhou um coelho branco, que foi por elle levado ao rei, da parte de seu senhor, o marquez de Carabas.

No dia seguinte o gato voltou ao palacio, levando para o rei duas bellas perdizes que o marquez de Carabas enviava. Tão obsequiado, o rei manifestou desejos de conhecer...

...o marquez. O gatinho correu a aconselhar seu senhor que se fosse banhar no rio e gritasse por soccorro quando o rei passasse. O amo acceitou o...

...conselho e, estando no rio e vendo o rei, gritou por soccorro. O soberano ordenou que seus pagens salvassem o marquez, a quem foi emprestado um...

...habito riquissimo. Elegante e ricamente vestido, o marquez de Carabas estava tão lindo que a filha do rei sentiu desde logo por elle grande affeição.

Benjamin cozinheiro

OS SERÕES DOS BÉBÉS

O hospede da noite de Natal

Bramindo e roncando, por cima da charneca cheia de neve, gritava o rei Vendaval: — Uhuhu ! Uhuhu ! Fujam de mim ! Os pinheiros, que formavam um bosquezinho ao pé da cabana de Edith, curvavam-se humildemente, á sua passagem e tremiam, ouvindo-o assobiar com estridor nas verdes e escuras ramarias.

— Uhuhu ! Quem és tu ? — rosnou o rei Vendaval, ao dar com os olhos num Trasgozinho, que estava abrigado na cavidade do tronco de uma carvalheira. — Que fazes ahi ! Vae-te ou mando ao Vento Norte que te leve e te sepulte debaixo da neve.

O Trasgo, da figura de um homem muito pequenino, estava vestido de verde e tinha calçados uns sapatinhos de ouro.

— Pé... peço perdão a Vossa Magestade, sr. rei Vendaval, — balbuciou elle muito assustado. — Eu já me tinha ido embora se soubesse o caminho para o reino das Fadas.

— Vae-te dahi ! Vae-te dahi ! — berrou o Vendaval, soprando e resfolegando com mais furia.

— Aqui estou eu ! Vou já leval-o ! — gritou o cruel Vento Norte, barafustando em volta da arvore, mugindo e uivando com perversa alegria.

— Tem dó de mim ! Se estou aqui, não é por minha culpa ! — disse o Trasgo muito afflicto e de mãos postas. — Fóra deste abrigo, o que me espera?... A ventania e a neve acabam-me com certeza !

— Que me importa ! Não tens ahi que fazer ! O verão já lá vae ! — tornou-lhe o rei Vendaval.

A minha historia conta-se depressa — disse o Trasgo.

Rugindo e roncando quiz ver se arrancava do chão a carvalheira, mas a arvore tinha já resistido muitos e muitos annos e não se deixou vencer.

— Pio ! Pio ! Pio ! Pio ! — piou um Pintarroxo do meio da folhagem. — Protege esse desgraçado até eu voltar, sra. Carvalheira, que já descobri meio de lhe valer.

E o passarito voou direito ao pinhal que havia ao pé de uma cabana, feita de turfa e de granito. Em companhia do pae, um pobre trabalhador, ali morava Edith, meiga e bonita rapariguinha, que tinha passado toda a vida no meio daquelles valles e outeiros. A chaminé da cabana deitava um fumozinho azul, o que era signal de que Edith estava em casa. As aves e outros habitantes da charneca e dos bosques, companheiros dos brinquedos da pequena, tanta amizade sentiam por ella, que lhe tinham ensinado a sua linguagem.

Abriu-se o postigo mal o Pintarroxo bateu com o bico na janella.

— Vem depressa ! — chilreou o passaro. — Um dos nossos companheiros de charneca está em perigo. — E contou-lhe a afflicção do Trasgozinho.

Edith embrulhou-se num chale, pegou num cestinho em que levava os ovos para o mercado e sahiu a correr pela porta fóra.

O rei Vendaval bem a quiz deter, fustigando-lhe as faces rosadas, enfunando-lhe o chale, desgrenhando-lhe o cabello. Edith arrostou-o sem medo e chegou afinal ao pé do carcomido tronco, onde o pobre coitado estava encolhido com medo, debaixo de umas folhas seccas.

— Dá-nos muita honra vindo para a nossa choupana — disse-lhe Edith com timidez, porque naquelles logares havia muito respeito pelos Trasgos. — Dentro deste cestinho póde ir sem perigo.

Elle acceitou muito reconhecido e dahi a minutos estava sentado num grande banco de carvalho, aquecendo-se ao vivo lume que ardia na lareira da cabana.

— Que bom !... — exclamou o Trasgo, muito satisfeito. — Se não fosses tu... tremo só de o pensar... estava a estas horas nas garras do Vendaval. Fica certa de que hei de recompensar-te pela tua bondade e coragem !

Edith trouxe-lhe pão e leite que elle foi saboreando, ao mesmo tempo que seguia com os olhos a pequenita nas voltas que dava pela cozinha. Por fim perguntou-lhe:

— Em que mez estamos ? Desde que ando sumido perdi a conta do tempo.

— Em Dezembro, na noite de Natal.

— Deveras !... Ai ! Quantas cousas eu tinha para fazer, se agora estivesse no paiz das Fadas. E' obrigação dos Trasgos nesta noite dar aos bébés sonhos encantadores. Das creanças mais crescidas não tratamos nós.

— Ah ! Sim ?

— Pois nunca vieram trazer-te brinquedos no Natal ? Talvez porque não tens meias, onde os deitassem — accrescentou elle olhando-lhe para os pés descalços.

A pequena disse que nunca tinha tido nenhum brinquedo, a não ser um barquinho que o pae lhe fizera e que ella deitava a boiar no ribeiro.

O Trasgo perguntou-lhe se queria que lhe contasse a historia de quem lhe poderia trazer presentes pelo Natal, porém Edith pediu-lhe que antes contasse a delle.

— A minha conta-se depressa — tornou-lhe o Trasgo. Quando principia o bom tempo eu e os meus companheiros sahimos do reino das Fadas e vimos aos milhares para os bosques e charnecas. De dia estamos escondidos na folhagem ou no musgo, e colhemos o mel das flores doiradas do tojo e das flores purpurinas de urze, ou andamos a brincar entre as hastes esguias do silvado. E quando as folhas cahem voltamos para o reino das Fadas.

— Então porque se deixou ficar ?

— Eu ?... A rainha tinha-me dado ordem para não me ir embora antes de murcharem as ultimas campainhas das dedaleiras. Numa noite de temporal, perdi-me na charneca e deitei-me a dormir dentro de uma flor de tojo. Quando acordei vi, afflictissimo, que tinham nascido as espigas, formando uma gaiola onde fiquei detido. Só depois de ficar secca a flor é que pude sahir da prisão. Ai ! Não vi um só dos meus companheiros. Já tinham todos abalado da charneca. Desde então debalde tentei descobrir o caminho por onde hei de voltar para o reino das Fadas. Se m'o indicasses, ficar-te-ia ainda mais grato.

— Por mim não posso — respondeu Edith — mas tenho muitos amigos na floresta e amanhã sem falta vamos consultal-os.

— Deixa-me ajudar-te a cozinhar. Que tens ahi dentro ? — perguntou o Trasgo, apontando para uma panella que estava ao lume.

— Batatas.

— Pff !... Fraca ceia para a noite de Natal. E' que tens cousa melhor no forno.

— No forno só tenho pão.

— Que grande peta ! — disse o Trasgo, rindo e batendo as palmas. — Vae lá ver.

Edith abriu a porta do forno e ficou muito pasmada vendo a assar um bello perú. Deitava um cheirinho que consolava !

— E vê tambem o que estará dentro da panella.

A pequena assim fez e achou um grande pudim, que cheirava melhor ainda que o perú.

— E procura no armario — continuou o Trasgo, rindo muito satisfeito.

Edith, ainda mais admirada e contente, encontrou nas prateleiras muitas maçãs e outras fructas, e uma boneca de cera, além de varios outros brinquedos.

O pae, que chegou mais tarde naquelle dia, por ter ido a casa de um freguez que morava longe, tambem ficou pasmado e satisfeitissimo com a fortuna que lhe tinha entrado pela porta dentro. Depois de dar mil agradecimentos ao hospede, sentaram-se os tres á mesa e ceiaram com a alegria propria da noite de Natal.

E emquanto o camponez e o Trasgo iam conversando estopinhas, Edith, muito abraçada á boneca e de bocca aberta e olhos fechados, sonhava que já tinha mil bonecas e que andavam todas bailando pelo ar, como bailam as moscas nos dias quentes do verão.

Afinal o pae acordou-a e ambos foram deitar-se nas suas pobres camas, e o Trasgo aninhou-se no macio feno que forrava o fundo do cesto. Dali a pouco todos tres dormiam a somno solto, sem ouvir o rei Vendaval, que lá fóra continuava a roncar:

— Uhuhu ! Uhuhu !

II

No dia seguinte o céo estava limpido e azul, o sol brilhava, e um matiz purpurino esbatia-se no horizonte, por entre as encostas verdejantes dos outeiros. Já não havia neve, excepto em um ou outro cume, e no bosque as arvores sussurravam inclinando-se umas para as outras, como se estivessem a conversar a respeito da futura primavera.

Mal acabou os arranjos da casa, Edith foi para o bosque em companhia do hospede da noite de Natal, afim de consultar os seus amigos de pello e de pennas.

— Pio ! Pio ! Trri ! Ti ! Ti ! — pipilaram os passaritos, correndo para ella. — Ahi vem a nossa querida Flor da Urze ! — E esvoaçando-lhe em volta, pousaram-se-lhe na cabeça e nos hombros e foram depenicar os grãos de trigo que Edith lhes offerecia na palma da mão.

— Pip ! Pip ! Cui ! Cui ! — chiaram os ratinhos do campo, escarreirando atraz della, trepando-lhe pelos pés descalços, e tasquinhando uns bocadinhos de pão que a sua amiga lhes atirava.

— Hook ! Hank ! — gritaram as lebres e os coelhos, e, furando por entre a urze queimada do frio, vieram apresentar-se á dona, alguns postos em pé na ancia de a verem melhor.

Quando se acabou a provisão de folhas de couve, cenouras, trigo e de outros petiscos, sentou-se Edith num tronco de pinheiro derribado pelo Vendaval, e, tendo offerecido ao Trasgozinho um logar a seu lado, disse aos habitantes da floresta que formassem na frente delles em semicirculo, os passaros adeante, por serem mais pequenitos, e mais atraz os coelhos e as lebres. Cumprida a ordem promptamente, Edith fez saber aos ouvintes o motivo daquella visita e pediu-lhes com toda a instancia que valessem ao seu hospede. Mas nenhum, infelizmente, sabia o caminho para o reino das Fadas.

— Porque não vaes consultar os Gnomos ? — perguntou, deitando a cabeça por entre duas lebres, uma Toupeira, que tinha chegado sem ser presentida. — Elles estão ao facto de todas as passagens secretas que ha por baixo do chão. Talvez alguma dellas vá dar ao reino das Fadas. Os Gnomos são doidos pela musica. Basta, certamente, ouvirem-te a cantiga que te ensinou o rouxinol, para attenderem a quantos pedidos lhes fizerem.

— Irei consultal-os, se me acompanhares até lá — respondeu a pequena á Toupeira.

— Um dos meus tunneis — disse esta — vae ter á caverna dos Gnomos. Anda commigo !

— Sabes o que receio ? E' que o meu tamanho não me deixe entrar pela porta — lembrou Edith, quando viu a Toupeira encaminhar-se para um monticulo de terra, que havia ali perto.

— Esfrega os pés e as mãos com este unguento magico — disse-lhe o Trasgo, dando-lhe uma bocetinha feita de uma casca de avellã — e verás como ficas logo do meu tamanho.

A rapariguita seguiu o conselho, e fez-se tão pequenina que já podia entrar. Foi então seguindo á Toupeira ao longo de um extenso agulheiro, forrado de pyrilampos e de madeira phosphorescente, e chegou finalmente a uma escada, por onde se subia para a caverna dos Gnomos. Mal chegou lá soltou um grito de admiração, porque o tecto e as paredes eram de ouro e prata e deslumbravam a vista com a scintillação de infinitos brilhantes e crystaes.

— Nesta sala dão os Gnomos os seus banquetes — explicou a Toupeira, quando entraram na immensa caverna, illuminada pelas radiações de milhares e milhares de pedras preciosas. A uma comprida mesa, estava posto um repasto magnifico, viam-se sentados os Gnomos, que eram uns corcunditas de barba até aos joelhos, vestidos de tunica e calções encarnados. Em frente de cada um havia copos e calices de ouro encrustados de pedrarias, pratos de ouro e prata e variados manjares. Manifestavam todos ruidosa alegria e olharam com espanto para Edith, que a Toupeira lhes apresentou como pessoa da sua amizade e cuja pretenção explicou em poucas palavras. A Toupeira tinha muita popularidade entre os Gnomos, e por isso foi escutada com a maior attenção.

— Podemos, com effeito, ensinar-te o caminho do reino das Fadas — disse-lhe o rei dos Gnomos, sujeito de bom humor, adornado com um manto côr de fogo e uma corôa de rubis — mas sinto muito dizer-te que não está ao nosso alcance o ajudar-te a ir até lá. A porta verde por onde se entra no reino magico, é situada num outeiro relvoso erguido no meio de um pantano. As fadas escolheram aquelle logar na parte mais solitaria da charneca, afim de não serem incommodadas pelos mortaes. Todos os que se aventuraram approximar-se de lá morreram engulidos pelas aguas traiçoeiras do paul antes de chegarem ao outeiro.

— Obrigada — replicou Edith. — Mas não pódem ensinar-me algum modo de ir ter á ilhota ?

— Só te poderá ajudar a Feiticeira das Aveleiras. E' bondosa e tem muito saber. Vou dar-te uma prenda para lhe offereceres. E o rei dos Gnomos entregou a Edith um magnifico brilhante, que scintillava como as mais reluzentes estrellas.

Edith encontrou nas prateleiras muitas fructas, uma linda boneca e outros brinquedos.

— Em paga de tanta amabilidade — disse a Toupeira — a minha amiguinha vae cantar.

E logo Edith cantou com um grande mimo a canção do Rouxinol.

Ficaram tão enthusiasmados os Gnomos, que lhe pediram muito que não se fosse embora. Prometteram-lhe os mais lindos brinquedos de ouro e prata, e que jogariam com ella, todos os dias, ás escondidas e o jogo dos quatro cantinhos. Lembraram-lhe que no seu reino, situado no interior da terra, ficaria livre do rei Vendaval, do frio, da neve e da geada.

Porém Edith recordou-se da encantadora luz do sol, que se gosava lá em cima, do ar livre, do céo azul, das brancas nuvens, dos verdes outeiros e campinas e disse que não poderia viver em cavernas, embora deslumbrantes como aquella.

Os Gnomos, muito desgostosos, disseram-lhe adeus, e Edith, sempre acompanhada pela Toupeira e pelo Trasgo, voltou para o bosque onde os seus amigos ainda a esperavam.

Edith, num carrinho de marfim puxado por borboletas, foi levada por ares e ventos até o final.

— Sempre deu algum resultado a visita — disse a Lebre. — Sei onde é o esconderijo da tal feiticeira, e estou prompta a ensinar-te o caminho.

A Lebre, acompanhada por Edith e pelo Trasgo, foi ter junto de uma formosa aveleira, que havia no meio da floresta. Bateu-lhe na casca tres vezes, e logo sahiu da arvore uma creatura muito ligeira, quasi vaporosa, que era a feiticeira em que os Gnomos lhe tinham falado. Os cabellos loiros fluctuavam-lhe em redor como um feixe de raios de sol, os olhos tinham o azul da saphira, e o vestido, que lhe cingia as formas gracis, era de um tecido feito com filandras de prata. Acolheu Edith com muito agrado, e, tendo ouvido o que ella pedia e agradecido a offerta do brilhante, disse-lhe :

— Aqui tens um trevo de quatro folhas. Guarda-o no seio com muita cautela, e elle te encaminhará de modo que atravesses o pantano e chegues á ilhota sem difficuldade. Acceita igualmente esta varinha de condão, para te livrares de qualquer perigo que te ameace. Se as bruxas do Cume do Outeiro te virem, hão de fazer todo o possivel para te roubarem o trevo de quatro folhas. Acautela-te.

Edith e o Trasgo deram muitos agradecimentos á linda e bondosa feiticeira, e continuaram na sua peregrinação.

III

Depois de caminharem durante algum tempo, os dois, foram ter finalmente a uma parte mais bravia e solitaria da charneca, cercada de carrancudos montes e de asperos despenhadeiros, onde não se viam ovelhas nem vaccas pastando pelas encostas silenciosas. Na sua frente estendia-se, coberto de juncos e de canniços, um escuro e sombrio pantano, em cujo centro se levantava o Morro das Fadas.

Caminharam atrevidamente em direcção ao perfido atoleiro, e já tinham avançado por elle dentro boa extensão, quando sentiram um estridor medonho. Edith olhou aterrada em volta de si e avistou as bruxas do Cume do Outeiro, que vinham acommettel-os, montadas em cabos de vassouras. Soltando berros e guinchos de feroz alegria, cada vez se approximavam mais, de sorte que a pobre pequena poude observal-as melhor. Eram calvas e barbudas, magras como esqueletos, corcovadas em arco, e tinham garras como os abutres e falripas soltas chicoteando o ar. Uma das bruxas trazia uma cobra enroscada no ossudo pescoço; outra apertava com ambos os braços um enorme sapo verde-negro, e no hombro de uma terceira vinha empoleirado um gatarrão preto, que miava e bufava de um modo assustador.

— Depressa ! A varinha de aveleira ! — gritou o Trasgo. Edith agitou logo a varinha para o lado do esquadrão das bruxas.

Desappareceram todas num abrir e fechar de olhos, soltando rugidos de desespero e passados poucos minutos os dois peregrinos chegavam ao Morro das Fadas.

Mãos invisiveis abriram-lhes uma porta muito larga e muito alta, e avistou-se um comprido corrêdor verde, tambem illuminado por myriades de vagalumes. Ao cabo desta passagem brilhava uma claridade, que se foi tornando mais forte á medida que Edith e o Trasgo se lhe approximavam. A' sahida viram o céo e o sol, conhecendo a pequenita, cheia de espanto, que tinham chegado emfim ao reino das Fadas. Para todos os lados avistavam-se moitas de um verde de esmeralda, valles atapetados de lindas flores e delicados fetos; pelo ar adejavam os mais deliciosos aromas, e soltavam cantos harmoniosos innumeras avezinhas, que espannejavam ao sol as lindas plumagens.

Na base de um outeiro verdejante e á beira de um crystalino lago erguiam-se rutilantes os zimborios de ouro e as torres magestosas do palacio das Fadas, cujos tectos de diamantes, batidos pelos raios solares, reverberavam as côres do arco-iris.

Milhares de duendes e trasgos, envoltos em roupagens feitas com as petalas odoriferas das flores, esvoaçavam como um bando de esplendidas borboletas, ou retoiçavam e dansavam alegremente na avelludada alfombra relvosa.

Afinal Edith avistou no ar, deslisando para ella, um gracioso carrinho de ouro e madreperola, puxado por duas pombas alvas de neve. Dentro, reclinada em macias almofadas de seda e debaixo de um docel de rosas, vinha uma creaturinha encantadora, vestida com um traje de finissimo brocado de ouro. Tinha na cabeça um diadema de narcizos e na mão um sceptrozinho de ouro e pedrarias.

Numa voz melodiosissima deu as boas vindas a Edith e ao Trasgo e ouviu com o maior interesse a narração da aventurosa viagem. Levou-os depois á sala dos festins, onde já estava servida uma delicada refeição sobre mesas feitas de cogumelos. Convidou a ambos para se sentarem a seu lado num banco estofado de teias de aranha, com o acolchoado de folhas de rosa, e emquanto os duendes, que faziam de pagens, serviam deliciosos fructos e doces, e orvalho com mel, os menestreis das fadas iam executando melodias suavissimas.

Nesta occasião Edith lembrou-se de que o pae estaria esperando por ella na choupanazinha do pinhal. Levantou-se e disse que tinha de voltar para casa. Então a rainha das Fadas, em agradecimento ao que a pequena tinha feito ao Trasgozinho seu subdito, disse-lhe que escolhesse, de entre tudo o que via, o que mais lhe agradasse, pois que logo lhe ficaria pertencendo, quer fosse de ouro, de prata ou de pedras preciosas.

— Joias, não posso usal-as — respondeu Edith. — Cá para mim não ha nada mais lindo que a luz do sol; julgar-me-ia feliz se ella nunca deixasse de alumiar a nossa cabana.

— Será satisfeito o teu desejo — disse a rainha das Fadas e deu ordem a uma das suas damas para que lhe trouxesse uma roda de fiar.

E apenas a rainha recebeu da sua dama a roda, offereceu-a a Edith, dizendo-lhe: "Esta roda ha de fiar unicamente raios de sol. Possam ellas dar-te a felicidade !"

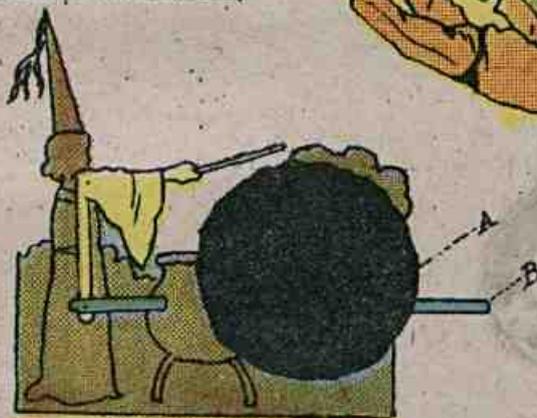
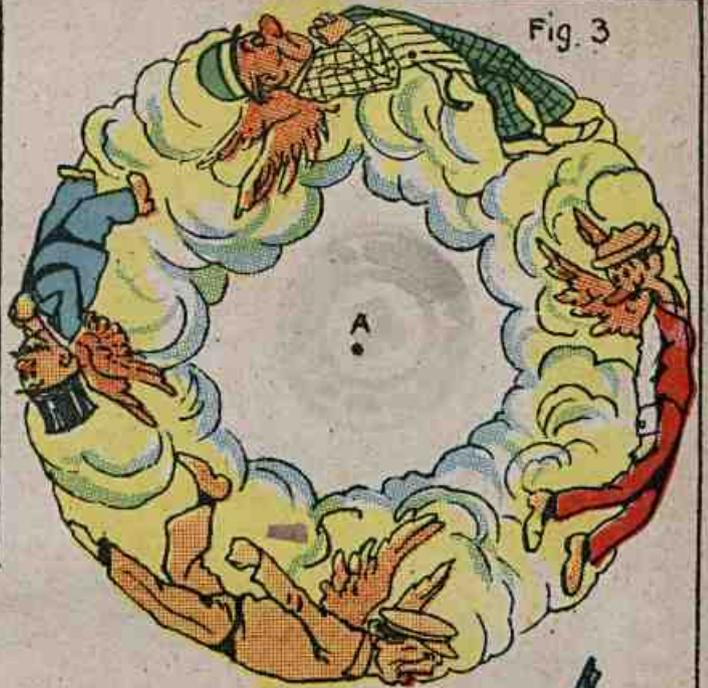
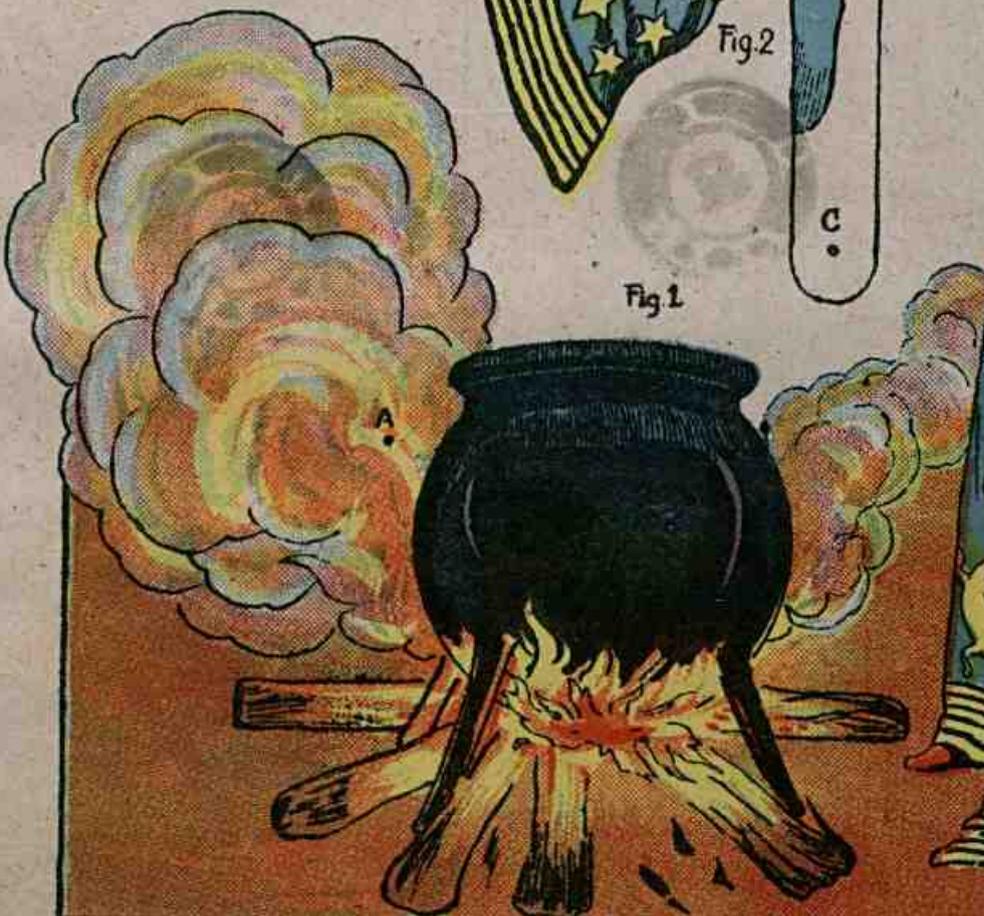
O Chiquinho magico

EXPLICAÇÃO

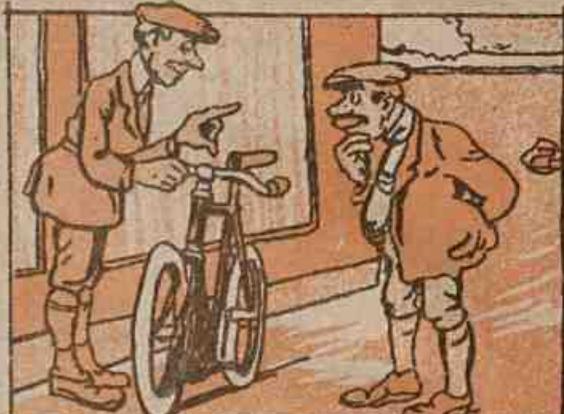
Preguem toda a pagina em cartolina e recortem, depois, as figuras 1, 2, 3 e 4 Com fio de barbante fino liguem, formando eixo, o furo A da figura 1 ao furo A da figura 3. Esta roda (fig. 3) deverá passar atraz da fig. 1.

Depois procedam do mesmo modo, ligando o ponto B da fig. 2 com o B da fig. 1 e assim o C da fig. 2 com o C da fig. 4

No caldeirão vêem-se dois riscos brancos, que deverão ser abertos a canivete, para que por elles passe a fita com os diabinhos (fig. 4), como mostra o schema.

Depois de armado, o leitor moverá, á esquerda, a roda (fig. 2) e ao mesmo tempo fará levantar o braço do m a g i c o, movendo a fita (fig. 4).

CHICO PELOTA REPOUSA

Chico Pelota achava que trabalhava muito. Seu serviço, no emtanto, não era dos peores: era elle "experimentador de *fauteuils*" em casa de um vendedor de moveis. Devia elle, sentando-se...

...nos *fauteuils* que o patrão vendia, dizer se nos mesmos se podia dormir á vontade sem machucar os ossos. — Que trabalho exhaustivo! — queixava-se elle sempre. Quando poderei descansar?!

Mas um dia o acaso fez com que Chico Pelota acordasse rico. Herdara de um parente uma fortuna. — Ah! exclamou, vou emfim passar uma vida folgada! E, vestindo, vou comprar uma bicycleta.

Deu longos passeios pelas estradas, mas tal genero de repouso lhe curvava muito a espinha e, assim, resolveu elle passar a outros exercicios.

Desde manhã cedo dedicava-se a todos os exercicios para esquecer as fadigas de sua antiga profissão. Experimentou a equitação e o automobilismo sem grande successo e...

...com alguns accidentes. — Mas, em todo, dizia elle, estou descansando. E proseguia em sports.

Andou de balão, de aeroplano, ficou mesmo um dia preso á ponta de um para-raio porque seu biplano o atirou pelos ares.

Não perdia a coragem, porém, o Pelota. Praticou a canoagem, escapando de morrer afogado. Salvou-se num barco virado, mas passou grande...

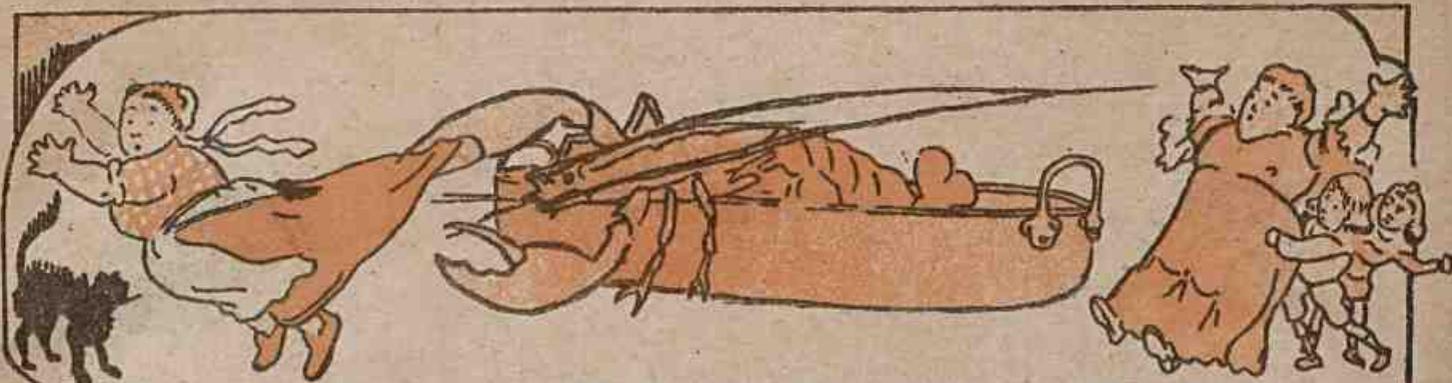
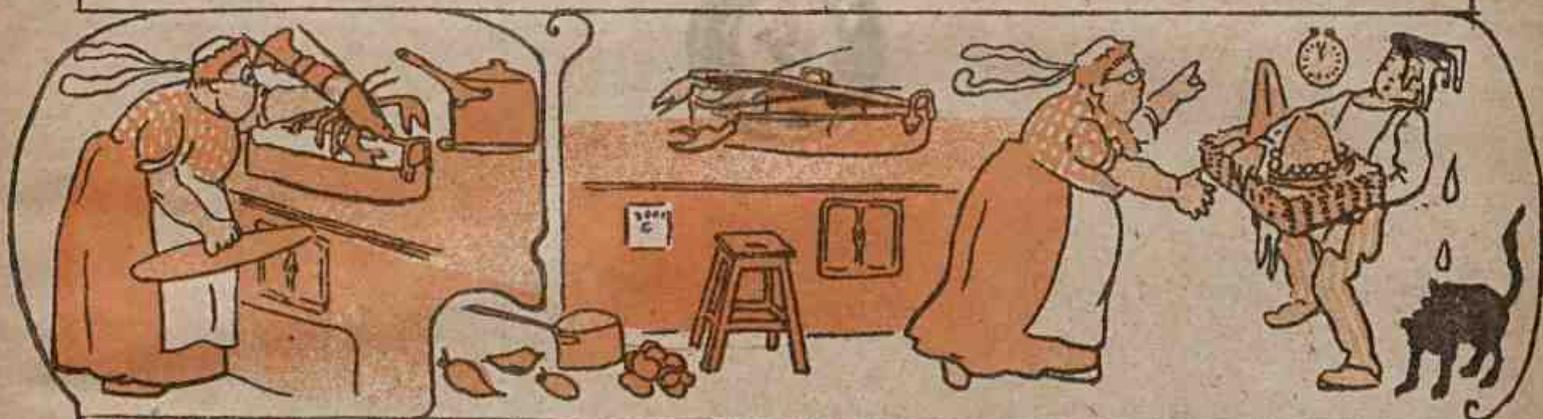
...susto por que uns tubarões que appareceram esfaimados ouviram-lhe dizer:

— Oh! tristes emoções! Quanto custa o repouso do corpo!

Emmagreceu muito com tal regimen, mas um dia se lembrou de ir á Africa caçar elephantes, girafas, rhinocerontes e leões. Quasi morreu. Muito fraco e magro, resolveu ir a um medico.

— Veja, doutor, que a vida que passo é de repouso! — Pois é preciso voltar ao trabalho — aconselhou o medico. Chico Pelota attendeu &...

...primitiva occupação e ficou bom. Não deixa, no emtanto, de repetir que seu trabalho é exhaustivo.

A VINGANÇA DA LAGOSTA

D. Pafuncia dá hoje um grande jantar. — Sinhá Maria — diz ella á cozinheira — quero um jantar supimpa!
— Póde confiar em mim, patroa, farei um jantar de se lamber os beiços e para começar prepararei uma lagosta guisada, que é deliciosa!

Sinhá Maria corre ao mercado e compra uma lagosta phenomenal. O pobre crustaceo, que parece adivinhar o supplicio que lhe está preparado, agita desesperadamente as unhas. Sinhá Maria...

...não se incommoda com isso e, pegando-o pelo corpo, atira-o, vivo, no panellão de agua a ferver. Neste momento batem á porta. Sinhá Maria vae attender. E' o confeiteiro que traz um pudim de abacaxi encommendado para a sobremesa; o doce vem amassado e a cozinheira recusa-o, exigindo do confeiteiro, zangada, que lhe traga um outro em condições.

O quitandeiro chega, a cozinheira vae comprar legumes e, lesta, corre daqui, corre dali, tempera uma panella, mexe outra, prova ainda outra. Emquanto isto a lagosta... — A lagosta — lembra-se Sinhá Maria, e dirige-se para o panellão de agua a ferver.

Destampa-o e solta um grito de surpresa. A lagosta desappareceu!... O sangue da pobre cozinheira gela-se-lhe nas veias; torna-se pallida, muda de cor, sente-se desfallecer.

— Patroa! Patroa! — grita ella correndo — Patroa, a lagosta fugiu, o jantar está perdido! Aos gritos da cozinheira acóde...

...D. Pafuncia. — Que é, Maria, estás doida? — Não, minha senhora, é a lagosta que desappareceu. Ha cinco minutos estava no panellão, a cozinhar e emquanto fui ás compras o *bicho* fugiu!... D. Pafuncia está consternada, Sinhá Maria chora,...

...as creanças tambem choram... De repente um grito de dor se ouve e Sinhá Maria pula com uma das pernas levantada. Presa com uma das unhas á perna da cozinheira, a lagosta, a famosa *lagosta guisada*, semi-cozida, vinga-se do supplicio a que tinha sido condemnada.

Artistas de cinema

Elsi e Ferguson, em seus principaes papeis

As figuras devem ser colladas em cartolina. Com canivete afiado devem se talhar as linhas ponteadas das figuras E e B, bem como o chapéo A.

OBSERVAÇÕES CURIOSAS

A VIDA DAS FORMIGAS

HA QUEM PENSE QUE, DEPOIS DO HOMEM, SÃO AS FORMIGAS OS ANIMAES MAIS INTELLIGENTES; SÃO, CERTAMENTE, DEPOIS DO HOMEM, OS MAIS INTELLIGENTEMENTE FEROZES. E' O QUE SE DEPREHENDE DO ARTIGO A SEGUIR. —

As formigas, escreveu uma vez um homem de sciencia italiano, têm, sem duvida, a capacidade de aprender, isto é, de tirar da experiencia das cousas recordações e ensinamentos valiosos para dirigirem-se em acções futuras; são pois insectos intelligentes, ou pelo menos de instinctos tão racionaes e aguçados que quasi pódem ser comparados á intelligencia humana. Uma arte — é essa a denominação que lhe damos — que exige um grande uso da experiencia e tambem a applicação de uma alta, attenta, paciente e perspicaz intelligencia, é arte da guerra. E' triste, mas é assim; e os homens emprestam com mais enthusiasmo as forças da sua mente ao estudo dos meios de destruição e de morte do que aos de solidariedade e auxilio.

Pois, si as formigas dão provas cabaes de saberem fazer a guerra com tanta sciencia, sinão com tanta crueldade como os homens, podemos deprehender dahi que ellas sejam dotadas de uma intelligencia notavel, superior certamente á dos

Formigas amazonas de volta de uma expedição contra as formigas escuras, carregando as larvas, presas de guerra.
Formiga sanguinea bombardeia, á distancia de 50 centimetros, com acido formico, tres formigas pardas.

cães, dos cavallos, dos bois, animaes pacificos e socegados, alheios á guerra e... ás aventuras guerreiras.

Todas as especies de formigas têm um profundo instincto de guerra, mas nem todas as especies cuidam da sua organisação methodica com o mesmo ardor e a mesma solicitude. Ha formigas escuras que têm tendencias pacificas e não fazem a guerra senão forçadas. As vermelhas são, ao contrario, bellicosas e saqueiam de bom grado os ninhos alheios. As escuras dedicam-se, de preferencia, em ordenhar os pulgões (as vaccas) que se encontram nas arvores; contam mais com a caçada, têm escravas, e, quando se sentem fortes, fazem verdadeiras expedições guerreiras com o fito de arranjar alimento, ou de raptar escravas ás especies inimigas. O ataque de guerra das sanguineas é energico e rapido: approximam-se do inimigo em ordem esparsa; mantêm sempre o contacto com o adversario, mas atacam só quando se julgam seguras da victoria.

Formiga amazona esmagando entre as suas mandibulas a cabeça de uma formiga escura.

Cinco pequenas formigas da especie "exsecta" seguram pelas pernas uma "sanguinea" ao passo que uma sexta "exsecta" subiu sobre o dorso da adversaria e está a serrar-lhe o pescoço.

Mas a verdadeira formiga de guerra, a mais aggressiva e a mais cruel, é a formiga amazona. Ruiva, grande, forte, é mais bem armada do que qualquer outra especie de formigas. Ao passo que as mandibulas das formigas são em geral grandes e armadas de grandes dentes proprios para cavar a terra e fazer outros trabalhos semelhantes, as mandibulas das amazonas têm a forma de agudos punhaes com os quaes são capazes de transpassar a cabeça das adversarias, perfurando o seu cerebro. O ataque das amazonas é impetuoso e irresistivel. Avançam compactas, em linha recta, exploram o terreno onde se deve desenvolver a acção aggressiva, e, descoberto o formigueiro adversario de escuras, de sanguineas ou de barbarinas — entram dentro delle resolutamente, apoderam-se das larvas e sahem pelos diversos buracos, resistindo aos contra-ataques dos inimigos e repellindo-os continuamente. As outras especies defendem-se do terrivel ataque das amazonas, ora fazendo barricadas nos proprios formigueiros, ora nos combates singulares, lançando á distancia de cerca de sessenta centimetros uma porção de veneno formico, que sae do seu abdomen, que mata ou pelo menos atordoa o inimigo que o recebe.

Uma femea da especie pensylvanica atacada por sete formigas sanguineas, despedaça o thorax de uma dellas, emquanto que as outras a seguram pelas pernas.

Um combate de formigas é a cousa mais interessante que se possa ver; os pequeninos insectos batem-se esforçadamente, com raiva e com furor humanos, atacam-se e matam-se nos grupos e isoladamente, perseguem-se, mutilam-se, aleijam-se, no cégo instincto da destruição, até que, exhaustas e dizimadas, recolhem-se aos seus formigueiros, para voltarem talvez no dia seguinte á luta mortal, sem quartel, emquanto não destruirem completamente o formigueiro inimigo ou forçarem a colonia que o habita a emigrar para longe do feroz e cruel vencedor.

Na Africa existem formigas pardas e negras, ageis, aggressivas no mais alto grão, que andam em bandos, espalhando o terror á sua passagem, especialmente entre animaes pequenos.

O proprio homem é obrigado, diante dessas formigas, a abandonar a sua casa, e a abrir a estrebaria e o gallinheiro para que os animaes domesticos se possam pôr a salvamento, fugindo.

Luta de duas formigas escuras agarradas pelas mandibulas. Essas duas mesmas lutadoras, tendo cahido durante o combate, as formigas dos dois campos inimigos procuraram separal-as.

Estas formidaveis formigas, chamadas inominadas, fazem as suas expedições de caçada e de saque á noite, ou nos dias chuvosos ou nublados, porque não pódem supportar o calor do sol. Chegando ao logar da expedição as formigas espalham-se em todos os sentidos, exploram tudo, as rachas e os buracos do chão, as plantas, os formigueiros, atacam tudo que tem vida animal, mordem com furia, e com repetidas mordidelas sangram, matam insectos grandes e fortes, atacando-os em grande numero. Depois de matarem um animal, ou impossibilitarem-no de se mexer, despedaçam-no e transportam-no para o formigueiro. Estas formigas precisam mudar frequentemente de formigueiro, porque acabam com tudo na sua visinhança e depois de duas semanas não têm mais recursos para viver.

Não parece que estes insectos, tão trabalhadores e intelligentes na direcção da sua actividade e organisação social, se esforcem por imitar os homens, sem todavia os poder vencer, na cêga e mortal ferocidade?

A. F.

COLLEGIO ALDRIDGE

Modelar Estabelecimento Inglez de Ensino

PRAIA DE BOTAFOGO, 374 - RIO DE JANEIRO

Fachada do magestoso edificio onde funcciona o Collegio Aldridge

Os antigos, na alvorada do mundo, cuidavam do corpo dos adolescentes antes de lhes ensinar o dever e sciencia.

A educação moral surgia naturalmente, depois da saude e da belleza, e ella facilitava a comprehensão de tudo.

Voltamos a esse entendimento.

A' vida nova com as suas actividades numerosas, com os diversos rumos por onde se aventura, não basta a lição dos livros. A lição dos livros esclarece, guia. Na tremenda luta das competições, na avançada da victoria, um homem de intelligencia bem trabalhada terá, de certo, vantagem melhor, mas terá o definitivo triumpho, se possuir, tambem, a força e energia, a vontade que realisa, a crença que não conhece temores. E estas, só a cultura physica póde dal-as. Sem cultura physica não haverá cultura moral. Os timidos e os enfermiços, por muito que saibam, chegarão sempre depois dos fortes e dos desembaraçados.

Assim sentiu a Inglaterra, e fez da sua raça um modelo para a humanidade.

A capital da Republica, entre os seus estabelecimentos de ensino, conta, no primeiro plano, um, dirigido por mestres experimentados, seguidores dos preclaros mestres inglezes: o COLLEGIO ALDRIDGE.

Esta modelar casa de educação foi fundada em 1913 pelos illustres educadores Mrs. A. R. Aldridge e W. L. Aldridge, na aprazivel Chacara do Paraiso, no logar denominado Sete Pontes, em S. Gonçalo de Nictheroy, Estado do Rio.

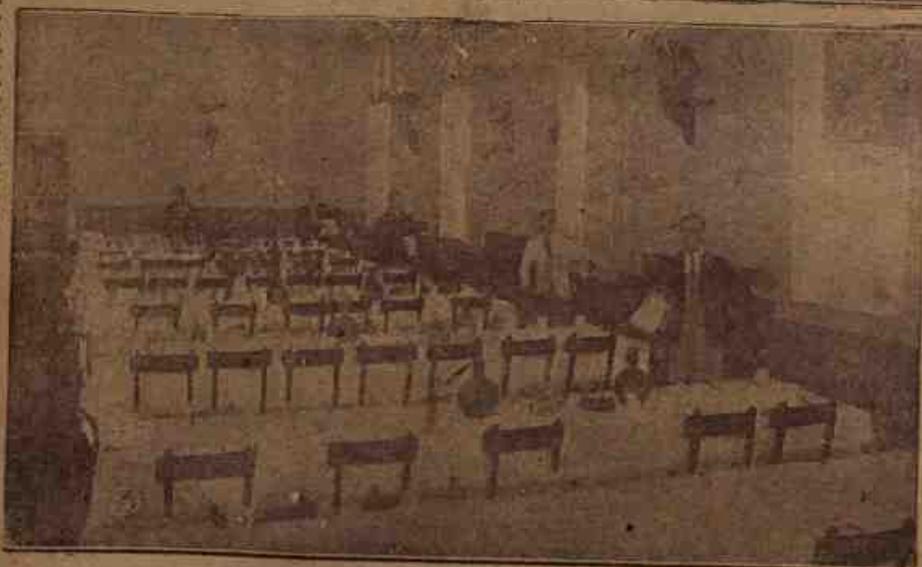
A frequencia que logo obteve, os applausos dos chefes de familia e a repercussão grandiosa do criterio do seu bem

Um confortavel dormitorio

O refeitorio

elaborado programma, vasado nos moldes mais perfeitos da pedagogia hodierna, tornaram necessario transferil-o para esta cidade, ponto mais central, menos difficil de accesso aos alumnos.

E ha perto de cinco annos que o COLLEGIO ALDRIDGE está installado no magnifico palacete n. 374 DA PRAIA DE BOTAFOGO.

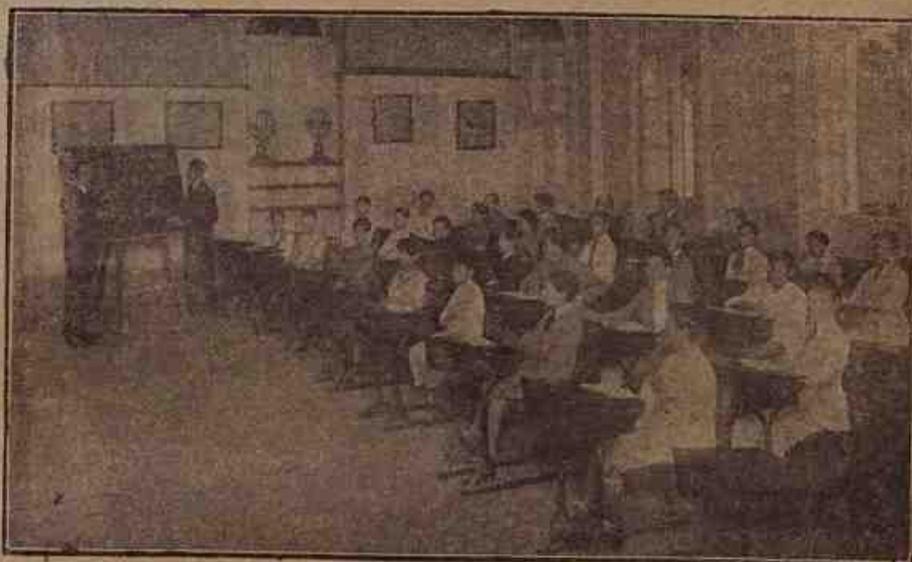
Bairro de gosto e selecção, em que se harmonisam, a par da esthetica local, as vantagens naturaes do clima, temperado pela ventilação marinha e pelo ar puro das montanhas proximas, o COLLEGIO ALDRIDGE apresenta solidas garantias de situação e afiança, aos Srs. paes, as vantagens reclamadas pela intransigencia de seus cuidados.

PRAIA DE BOTAFOGO, 374 - RIO DE JANEIRO

O COLLEGIO ALDRIDGE tem instituido cinco bem organisados cursos: o JARDIM DE INFANCIA, PRELIMINAR, SECUNDARIO, PREPARATORIO E COMMERCIAL, comportando administrativamente, INTERNATO, SEMI-INTERNATO E EXTERNATO, sob a criteriosa direcção, desde seu inicio, dos Mrs. A. R. ALDRIDGE E W. L. ALDRIDGE, de uma tradiccional estirpe de educadores inglezes, obedecem ao espirito britannico de administração, que se faz sentir, directa e intensiva, sobre todos os departamentos da vida collegial, numa fiscalisação intelligente e systematica.

O predio, todo aberto em janellas, tem magnificas, espaçosas e arejadas salas destinadas ás aulas, esplendidos dormitorios e refeitorios, além de magnificos gabinetes de physica e chimica, de clinica dentaria, enfermaria, banheiros e enorme pateo para recreio, etc.

Todos os discipulos do COLLEGIO ALDRIDGE, que póde offerecer aos chefes de familia uma installação desta natureza, matriculados que sejam nos cursos JARDIM DE INFANCIA, instituto que ha sido organisado no corrente anno, sob a mais rigorosa observancia, ou nos demais, a cargo de notaveis professores, alguns delles cathedraticos do Collegio Pedro II, todos são obrigados aos exercicios physicos e á instrucção militar, que lhes ajudam o desenvolvimento normal a formação do caracter e do espirito, desviando-os dos perigos da existencia sedentaria, preparando-os para os embates futuros.

Restringindo-se a uma norma de alta racionalidade, os illustres directores do COLLEGIO ALDRIDGE organisaram o plano geral dos estudos para os fins praticos de cultura, e moldaram os seus diversos cursos ás necessidades geraes da vida. O ensino pratico e as applicações praticas desse ensino invadem todo o programma, das linguas ás sciencias; forçam os alumnos aos exercicios systematicos de suas faculdades; levam-nos a exercel-as com precisão, justeza e facilidade. Livres de accumulações e sobrecargas prejudiciaes, os cursos que se succedem e se desdobram, vão implantando nos espiritos, com suavidade e fortaleza, a instrucção delineada, cujos resultados trouxeram ao COLLEGIO ALDRIDGE a bella fama que merecidamente desfructa e que o alçou á gratidão dos brasileiros. Dahi o motivo de se acharem á sua guarda meninos e jovens de todos os Estados da União.

E se aos Srs. paes occorre o appello de sua matricula, accudindo ao seu nome e prestigio — esta recommendação só póde ser a resultante dos direitos que ha conquistado pelos optimos resultados que têm alcançado os seus alumnos, em pról de quem o esforço da sua direcção é sempre patenteado.

Os alumnos em aula

Como prova desse esforço temos o relatorio dos resultados que têm alcançado os seus alumnos preparatorianos no Collegio Pedro II, pelo qual se vê que, em 1915, obteve o COLLEGIO ALDRIDGE, 85 °|° de approvações, em 1916 86 °|°, em 1917 90 °|°, em 1918 100 °|°, em 1919 87 °|° e, finalmente em 1920 83 °|°, conforme publicações feitas em revistas e jornaes desta capital.

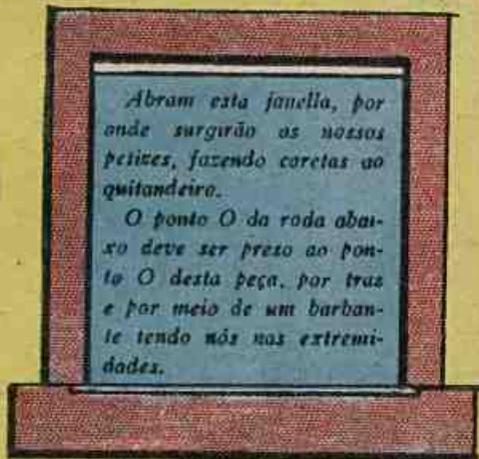
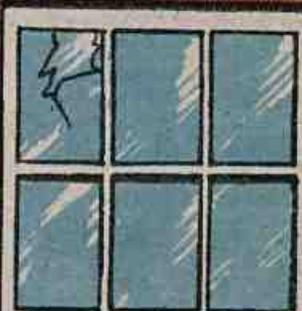
Com tamanha provas de sua benemerencia, o COLLEGIO ALDRIDGE tem direito a um dos primeiros logares entre os seus pares, supposto de que os Srs. paes o auxiliarão nesta cruzada em pról do ensino nacional, honrando o magisterio e, outrosim, a cultura dos seus filhos.

Os alumnos numa aula de exercicios suecos

O espaçoso pateo do collegio

A VAIA NO QUITANDEIRO — Pagina de armar

Abram esta janella, por onde surgirão os nossos petizes, fazendo caretas ao quitandeiro.

O ponto O da roda abaixo deve ser preso ao ponto O desta peça, por traz e por meio de um barbante tendo nós nas extremidades.

F

O

Colloquem aqui E o quitandeiro.

Dobrem as linhas ponteadas.

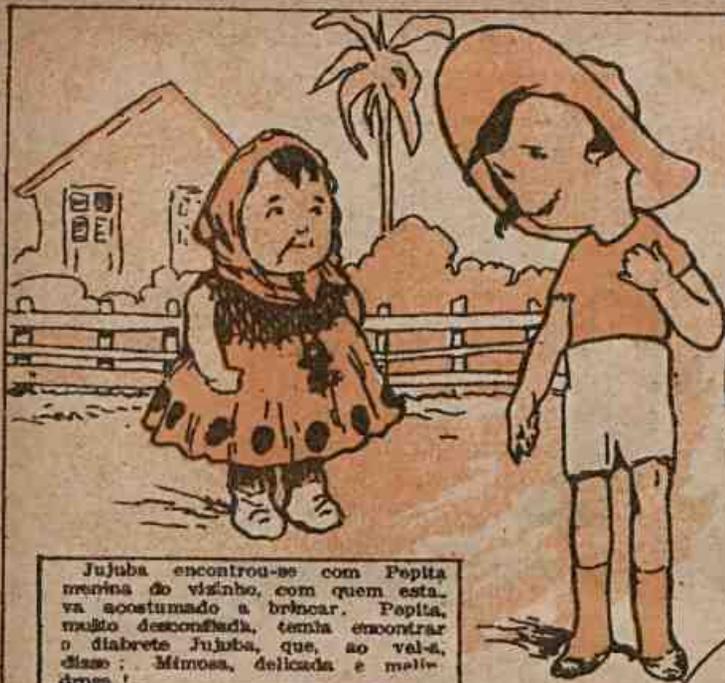
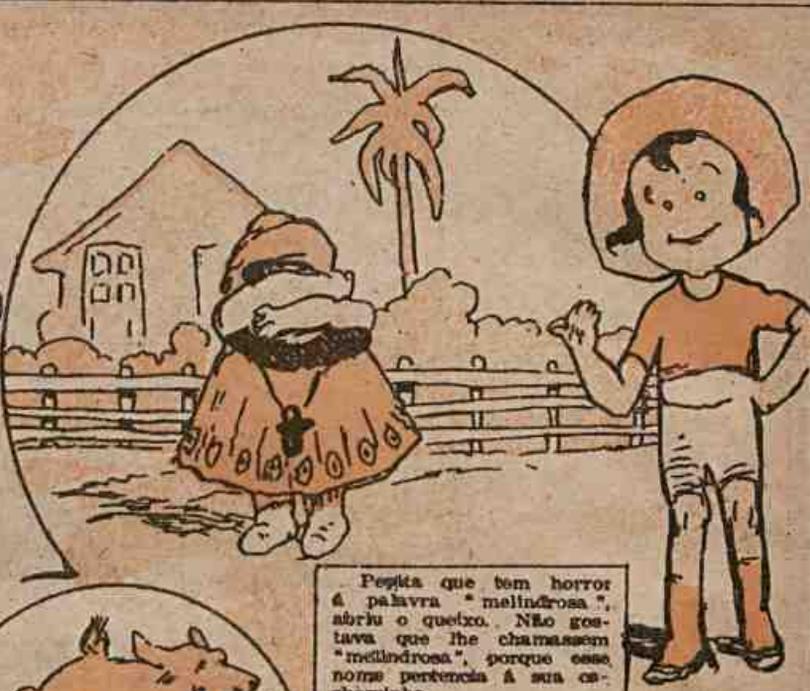
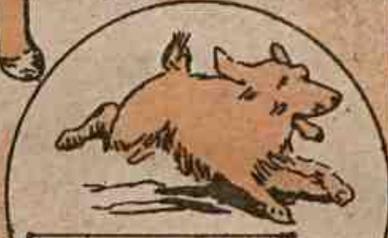
F

Esta peça será pregada nas costas do quitandeiro e na parede onde se vê a letra F.

O

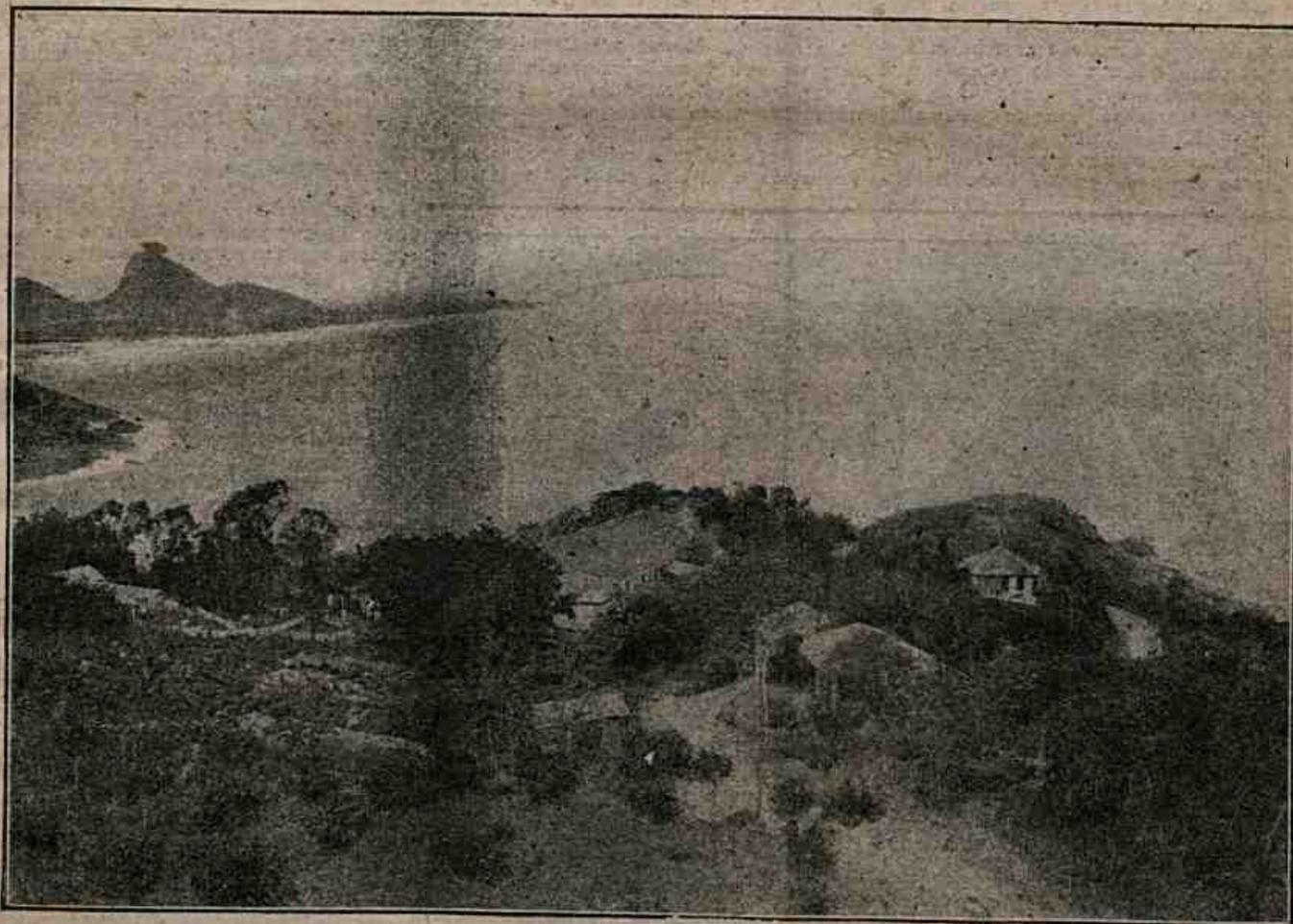
E

O quitandeiro.

"MELINDROSA!"

Jujuba encontrou-se com Pepita menina do visinho, com quem estava acostumado a brincar. Pepita, muito desconfiada, temia encontrar o diabrete Jujuba, que, ao vel-a, disse: Mimosa, delicada e melindrosa!
Pepita que tem horror á palavra "melindrosa", abriu o queixo. Não gostava que lhe chamassem "melindrosa", porque esse nome pertencia á sua cachorrinha.
A cachorrinha, porém, ao ouvir o choro da menina, acudiu a ladrar.
Jujuba, temendo que "Melindrosa" se vingasse, fugiu. O delicado animal gostava de brincar, mas Jujuba...
... de repente atirou-se ao chão. A bichinha com o impulso que trazia pulou por cima...
... do menino e foi esbarrar de focinho na parede. Como Jujuba gritasse muito, appareceu...
...Carrapicho empunhando um cacete. "Melindrosa", porém, innocente, sentou-se graciosamente. Carrapicho poupou-a.
A cachorrinha correu depois a festejar Pepita, a sua amiguinha inseparavel, por quem se arriscava a levar uma surra.

GYMNASIO ANGLO-BRASILEIRO

Chacara e Praia do Vidigal - Leblon

CAIXA POSTAL 46 TEL. IPANEMA 789

Directores: -- Charles W. Armstrong e Stanley B. Allan

VISTA DO LOCAL ONDE FUNCCIONA O GYMNASIO ANGLO-BRASILEIRO

CURSOS PRIMARIO, SECUNDARIO,
COMMERCIAL E DE PREPARATORIOS

Exercicios militares - Gymnastica sueca - Equitação - Natacão - Football - Tennis, etc.

**PROSPECTOS E TODAS AS INFORMAÇÕES NA CASA CRASHLEY,
RUA DO OUVIDOR 58 - RIO DE JANEIRO**

Felicidade que nasce de uma consciencia pura

UMA tarde, um pescador, veneravel por sua idade e por suas virtudes, subia em um botezinho com seu filho e chegou proximo ao mar para arremessar suas rêdes nos canniços que pellulavam á margem de varias ilhas vizinhas. O sol mergulhava no seio do mar, e as ondas pareciam estar em fogo.

"Ah! como tudo é bello ao redor de nós! — disse o joven. Vêde como o cysne, cercado de sua alegre ninhada, mergulha no reflexo dourado do céo! Vêde como elle voga, como elle desenha os sulcos nas ondas e alarga suas brancas azas! Neste arvoredo que rodeia a margem, que agradavel murmurio ouve-se dos altos choupos! E, nesta ilha, como os trigos ainda verdes se agitam e se dobram lentamente ao sopro do vento! Como é bella a natureza! quanto ella nos torna contentes e felizes!

— Sim, respondeu o pae, a natureza nos concede prazeres numerosos. Gozáras sempre destes prazeres, meu filho, si fores honrado, si as paixões violentas ou culpaveis não vierem perturbar a tranquillidade e doçura da tua vida. Oh! meu caro filho! Uma consciencia serena é o mais precioso de todos os bens. Isto é o meu consolo, e por isso tenho vivido feliz até hoje.

Depois do momento ditoso em que nasci, 60 vezes a floresta que cerca nossa cabana torna-se das muitas verduras que constituem a nossa principal alimentação; esta longa vida se tem passado como um bello dia de primavera, no meio da calma e dos prazeres. Todavia não estive isento de afflicções. Muitas vezes, acutilando o mar no meu bote, fui surprehendido por varias tempestades. Numa destas vezes a minha barca, não sei como, ficou suspensa no cume de uma montanha d'agua; subito, com estrondo enorme e espantoso, as ondas tombavam, e eu com ellas! Os mudos habitantes do mar abalavam-se uando o estrondo do trovão e das vagas tombavam acima delles, e comprehendendo o que se passava, procuravam refugio no fundo do abysmo; eu cria ver cada onda abrir para mim uma sepultura humida, o vento soprava com furor, e parecia que os rios desaguavam sobre a minha cabeça, e eu inerte, com uma unica esperança: a morte! Que mais poderia eu esperar senão edda? A salvação? Sim! a salvação! Mas para isso precisava da bondosa intervenção da Divindade! Rezei, e Deus ouviu as minhas supplicas fervorosas e ardentes!

O vento acalmou pouco depois, o céo tornou-se sereno e eu vi então no manso espelho das ondas a imagem dulcissima do céo. Immediatamente um grande estorjão de costas azuladas e olhos vermelhos sahiu do meio das hervas marinhas e afastou-se do seu asylo como para certificar-se da bonança; depois abundantes peixes sahiram tambem do seu refugio, saltavam e pulavam alegres sobre as ondas, onde se reflectiam ao sol. A calma e a alegria renasceram em meu coração! Oh! meu filho! és tu a quem mais devo a minha felicidade! Tens sido sempre docil ás minhas lições; segue-as sempre e a natureza será tambem sempre bella a teus olhos".

IVA FARIA LEIVAS

(Traducção)

PARA QUE SERVE O PÓ

O pó é essencial para a vida dos animaes e das plantas. E' o meio atravez do qual chega até nós diffusa a luz do dia, pois toda a atmosphera está carregada de diminutas particulas, que reflectem o sraios solares. Segundo parece, é tambem ao pó que se deve o vermos o espaço da côr azul, que é a unica que as ditas particulas reflectem, e até as differentes côres do mar se attribuem ao mesmo agente. As particulas mais pesadas, que occupam na atmosphera o nivel mais inferior, absorvem os raios azues e reflectem os vermelhos, os verdes e os alaranjados, côres que vemos no céo ao pôr do sol e quando, por alguma erupção vulcanica, ha no ar um excesso de pó.

Sem o pó, que ha em suspensão na atmosphera, a terra não geraria as chuvas que a fertilisam, pois o vapor dagua necessita algum nucleo para agglomerarar-se e descer em forma de chuva.

Emfim, outra utilidade do pó, e não a menos importante, consiste em ser um excellente daubo superficial para o sólo.

Durante uma aotopsia, o cirurgia Schachner encontrou a bagatella de 14.000 calculos no figado do cadaver.

GEOGRAPHIA ATRAPALHADA

LIMA—Fructa que é sobrenome.

MACHADO — Sobrenome que corta lenha.

COSTA — Parte do corpo que é sobrenome.

PERU' — Paiz que se come assado.

PIRES — Louça que é sobremesa.

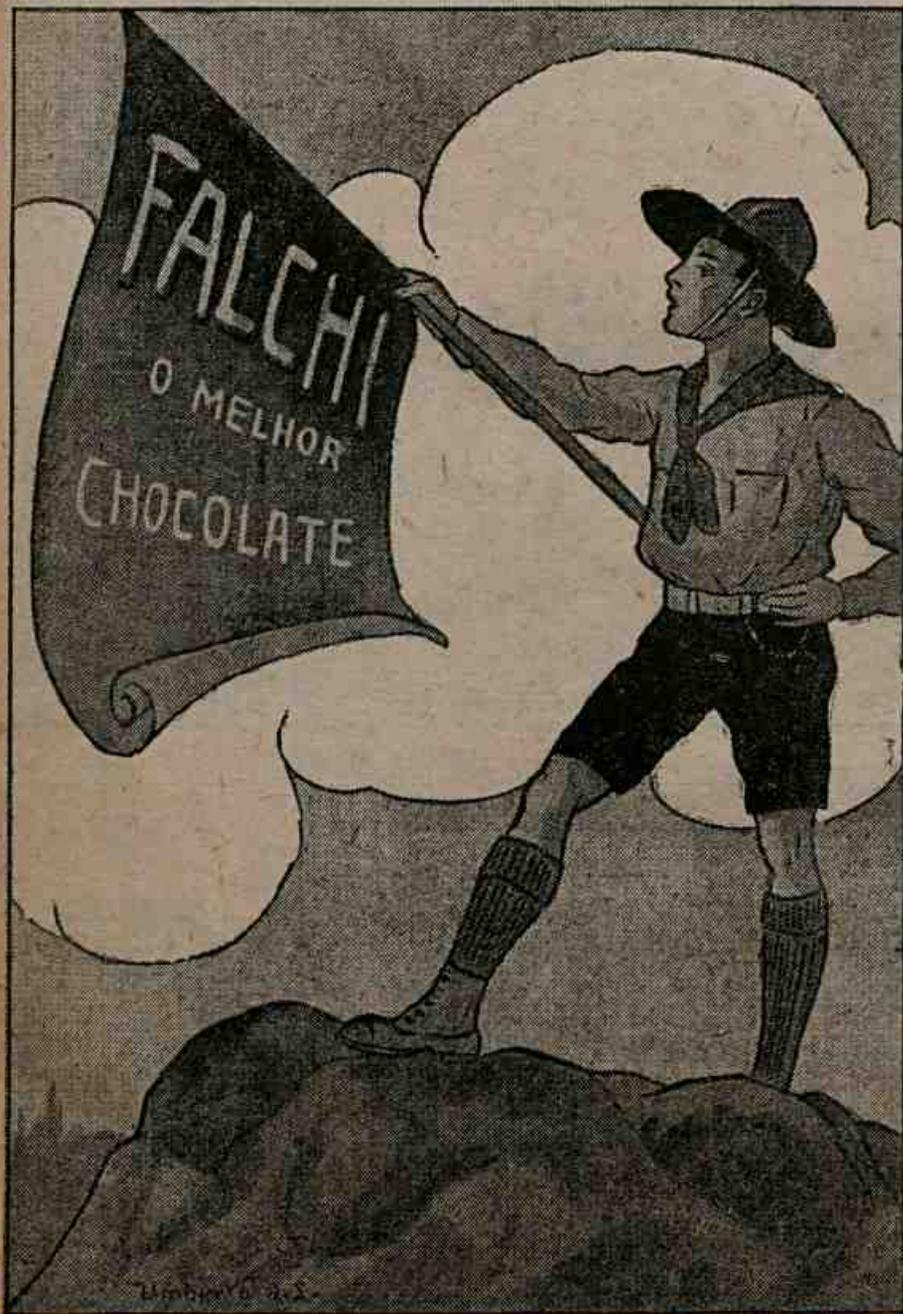
JACINTHA — Nome que está nas flores.

LEITE — Alimento que é sobrenome.

DOMINO' — Jogo que é fantasia.

SERRA — Morro que é sobrenome.

PAPAGAIO — Ave que se solta com linha.

PENNA — Sobrenome que escreve.

OCTAVIO AZEVEDO

O Elixir de Inhame, meus amigos, é e será sempre o melhor depurativo. Vejam a divisa: Depura — Fortalece — Engorda.

CHIQUINHO E SEU AMIGO JAGUNÇO

**Subiram ao alto desta pagina
só para dizerem aos leitores:**

Tosse?... Bromil!

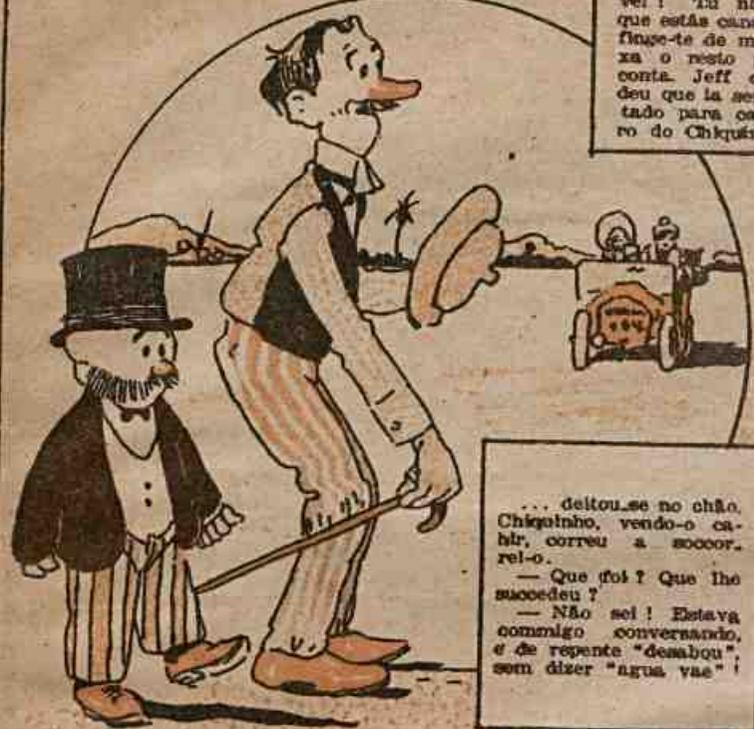
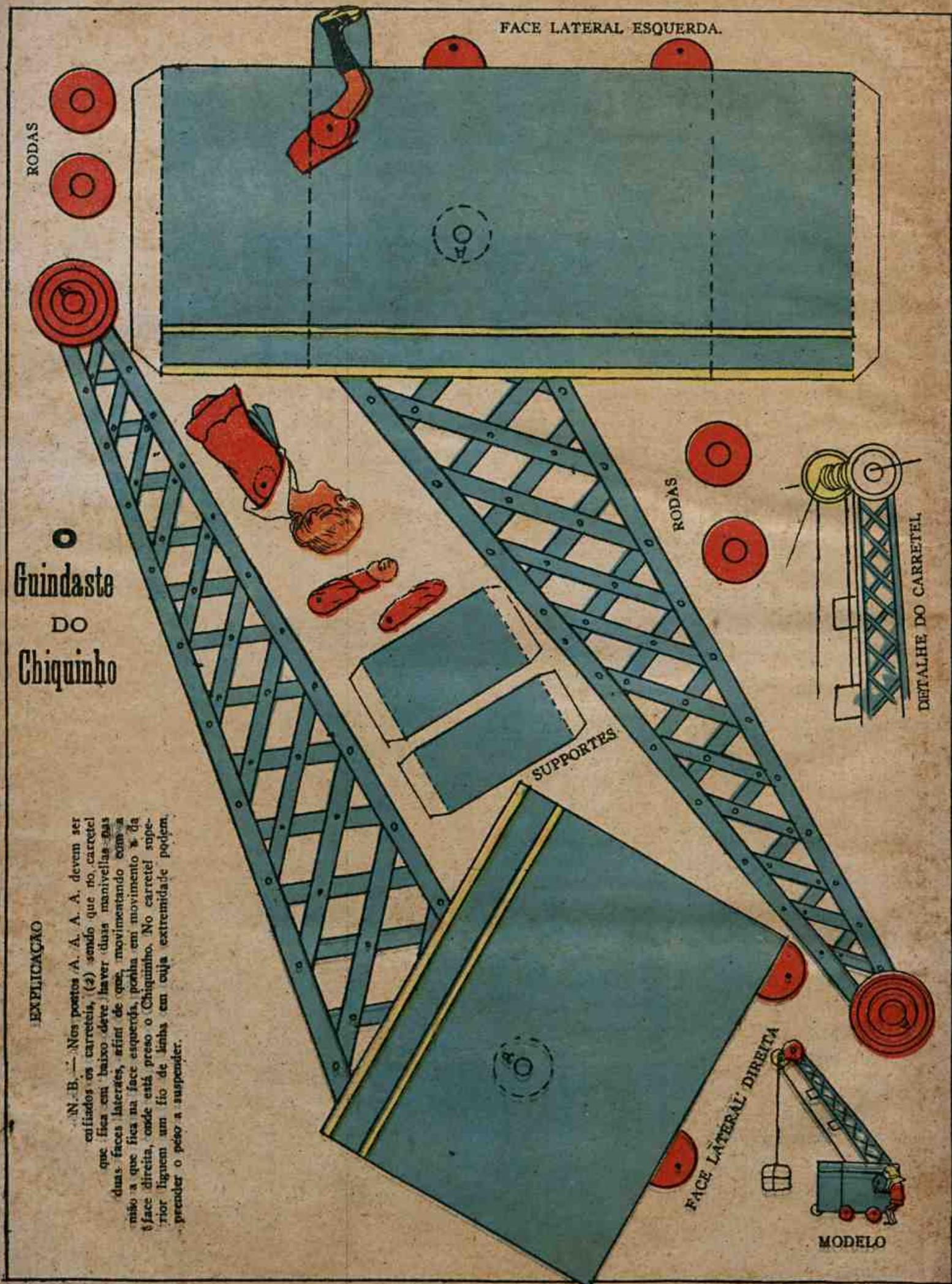
Chiquinho tem um motivo muito sério para recommendar o "Bromil", pois elle, em pessoa, já experimentou os seus bons resultados: atacado de uma tosse muito violenta, curou-se apenas com o uso do "Bromil", sem ser preciso ir para a cama nem ter resguardo. Ora, isso, para um pequeno travesso como o Chiquinho, *é o succo*... E Jagunço, como bom camarada, tambem é igualmente grato ao "Bromil", por ter elle curado tão facilmente o seu amigo inseparavel. Por essa razão é que elle veiu, com o Chiquinho, até o alto desta pagina, para aconselhar o "Bromil" a todos os que tiverem tosse.

O "Bromil", de facto, é o melhor xarope para curar, não só a tosse, como tambem as demais doenças do peito e dos pulmões.

O "Bromil" cura qualquer tosse, cura bronchite, cura rouquidão, catarrho, dôres nos pulmões, oppressão; faz cessar as suffocações da asthma e combate os accessos da coqueluche.

O "Bromil" permitte ao doente sentir os seus beneficios desde as primeiras dóses, havendo casos em que a cura se opera com as primeiras colheradas do precioso xarope.

O "Bromil" reune em si propriedades sedativas, balsamicas, desinfectantes e febrifugas. Eis porque o "Bromil" cura e allivia qualquer tosse, combate as excitações nervosas, solta o catarrho, fortifica os pulmões e regularisa a respiração.

A "LIÇÃO" DE BENJAMIN
— Jeff, Jeff ! Ahi vem Chiquinho de automovel ! Tu não disseste que estás cansado ? Pois, finge-te de morto e deixa o resto por minha conta. Jeff comprehendeu que ia ser transportado para casa no carro do Chiquinho e...
... deitou-se no chão. Chiquinho, vendo-o cahir, correu a soccorrel-o.
— Que foi ? Que lhe succedeu ?
— Não sei ! Estava commigo conversando, e de repente "desabou", sem dizer "agua vae" !
ASSISTENCIA
Benjamin desconfiou, mas ajudou por fim Chiquinho a pôl-o no carro. Mutt, que não embarcara, disse que Jeff morava no Pão de Assucar n. 3.000. Benjamin não ouviu a pilheria e achou mais prudente "voar" para a Assistencia. Ahi chegando, Jeff passou um máo quarto de hora
EU NADA TENHO!
OLEO DE RICINO
Muitos medicos acudiam e um queria cortar-lhe uma perna, outro dizia ser um caso de appendicite, outro de barriga d'agua. Para se ver livre das ameaças de cura Jeff confessou estar apenas "brincando". Por castigo deram-lhe a beber oleo de ricino.

O Guindaste do Chiquinho
EXPLICAÇÃO
N. B. — Nos pontos A. A. A. A. devem ser enfiados os carreteis, (2) sendo que no carretel que fica em baixo deve haver duas manivellas nas duas faces lateraes, afim de que, movimentando com a mão a que fica na face esquerda, ponha em movimento a da face direita, onde está preso o Chiquinho. No carretel superior liguem um fio de linha em cuja extremidade podem prender o pêso a suspender.
RODAS
FACE LATERAL ESQUERDA.
A
A
SUPPORTES
RODAS
FACE LATERAL DIREITA
MODELO
DETALHE DO CARRETEL

A fraternidade

João e Antonio eram dois lavradores muito amigos. João era casado e Antonio solteiro.

Ambos procuravam dispensar um ao outro as melhores provas de affecto, e por isso viviam em completa harmonia.

Certa vez João propoz a Antonio comprarem de sociedade uma pequena fazenda, a que Antonio promptamente accedeu.

Na época da safra, á noite, os dois amigos carregavam as suas carroças com fructos, para no dia seguinte irem vender no mercado da cidade os productos, e repartiam entre si os lucros.

Uma noite, depois de terem carregado as carroças com fructas, Antonio e João dirigiram-se para os seus aposentos para descansarem do trabalho do dia.

Antonio, sentado na cama, dizia de si para si: "João é casado e tem filhos, e por isso necessita de mais dinheiro do que eu; é justo que todas as noites eu carregue a sua carroça com mais fructas do que a minha, para que o seu lucro seja maior".

Entretanto, lá no outro quarto, João dizia á esposa: "Antonio é solteiro, e por esse motivo não te... por elle, e quando estiver doente não receberá como eu os carinhos dedicados pela familia. E' de direito que eu ponha mais fructas na sua carroça, para que tenha mais dinheiro, que servirá para uma dessas occasiões".

Na manhã do dia seguinte notaram com aborrecimento que uma pessoa desconhecida fôra desarrumar as fructas que estavam nas carroças, e que havia em ambas a mesma quantidade.

Os dois não falaram nada sobre esse acontecimento que se repetia todas as noites, até que uma noite resolveram espreitar, para verem quem era o audacioso desarrumador das fructas.

Estava João de alcatéa, quando viu Antonio com um cesto de fructas approximar-se da carroça do amigo e em seguida despejar o conteudo do cesto na carroça.

João, comprehendendo quanto Antonio lhe dedicava amisade, sahiu do esconderijo e abraçou entre lagrimas de affeição o amigo, tornando-se dahi por diante mais estreita a amisade de ambos. — ROQUE MENDES DE MARCOS

Conto de Natal

Chorava o pobrezinho á beira da estrada. Orphão, abandonado, todo lamacento e roto, ali estava sob aquella antiga arvore desfolhada. Ao longe o bimbalhar sonoro dos sinos da capellinha da aldeia festeja o nascimento de Jesus.

A tarde já cahira de todo.

A via-lactea sublime reluzia no infinito anilino, destacando-se da myriade de constellações.

A brisa, tangendo as palmas dos coqueiraes, fazia duetto com o pranto do pequenino abandonado.

Tremendo de frio, misero, com fome, sozinho, adormeceu soluçando tristemente o orphãozinho.

Adormeceu, e sonhou !...

Sonhou ! mas... ó sonho !...

Estava numa rica sala. Varias creanças bonitas, limpas e bem vestidinhas, sentadas ao redor de uma enorme arvore de Natal, em banquinhos estufados, aguardavam anciosas o badalar da meia noite, hora em que pápá Noel viria, pela chaminé, repartir-lhes os brinquedos graciosos que pendiam da immensa arvore, tal fructos doirados.

Do seu escuro canto, elle não ousava approximar-se.

Fazia mal aos outros o seu todo mendicante.

Afinal, no velho relogio da capella, lentamente soaram doze horas.

O brazeiro do fogão se extinguiu e eis pápá Noel que surge, destacando-se-lhe a barba côr da neve, que lhe dava á physionomia um aspecto meigo de velho amigo dos meninos bons.

Todos se levantaram.

Após breves instantes, desfilaram em ordem por pápá Noel, que lhes dava um brinquedo e lhes fazia uma caricia.

Depois, sahiram todos, satisfeitos, sobraçando um cavallinho, uma boneca, etc.

A elle, ao pobre, pápá Noel não vira. Mas, depois que todos se foram, pápá Noel, ouvindo um soluçar sentido, buscou-o pelos cantos e encontrando-o perguntou-lhe: "Por que não foste como os outros receber um brinquedo ?"

Entre lagrimas, o timido pequenino respondeu: "Elles zombariam de mim..."

— Venha então commigo, tornou o bom pápá Noel; eu te darei muitos outros brinquedos. E, tomando-o pelas mãosinhas, levou-o pelos ares áfóra...

....

No dia seguinte, um transeunte matutino, passando pela estrada, encontrou-o hirto, coberto de neve. Estava morto !

Pápá Noel levára-o para o céo.

MOACYR ARAUJO.

TERRIVEL DUVIDA

A CABRA: — Desculpe-me, D. Phoca, tenho uma duvida terrivel: qual de nós duas tem a cabeça para baixo ?

PRETENÇÕES DE CEGONHA

A CEGONHA (olhando a lua reflectida nas aguas do lago): — Se fosse de noite, juraria que tinha posto um ovo na agua.

O NARIZ E AS ROSAS

Dois orientaes exaltavam as maravilhas da creação, e estavam de accordo em que a natureza não tem adorno, nem encanto, nem primor comparavel á rosa. Depois, falaram do corpo humano, que tambem lhes parecia digno de admiração, embora lhe encontrassem defeitos graves.

— Comprehendo — disse um delles — que tinhamos necessidade dos olhos para ver, e tambem comprehendo a grande formosura dos olhos; mas creio que o corpo do homem ganharia muito, supprimindo-se-lhe o seu indecoroso nariz.

— Não concordo — respondeu-lhe o outro. — E' nelle que se revela, precisamente, a piedade suprema de Allah. Este inventou o nariz depois de ter sentido o bem que cheiravam as rosas.

✣ ✣ ✣

Ha sempre pretextos para alongar as viagens e para encurtar as cartas.

✣ ✣ ✣

Sempre felicidade, deixa de ser felicidade; mas sempre infortunio é infortunio sempre.

MANIFESTO
AOS MENINOS INTELLIGENTES
DO BRAZIL:
O XAROPE DAS CREANÇAS, agradece, muito penhorado, a todos os seus innumeros pequenos e intelligentes propagandistas do Brazil e chama a attenção para o seguinte :
LINDO BRINDE DE 1921
A todos os amiguinhos, espalhados pel grande Brazil, enviará um lindo e precios recordação desde que preencham as segui dicções : 1.º Enviar uma lista de todos os me residentes na sua cidade ou villa; 2.º Enviar um lista de todas as pharmacias existentes na sua cidade ou villa; 3.º Communicar quaes as pharmacias que já tem á venda o celebre XAROPE DAS CREANÇAS e quem é o fornecedor da pharmacia.
Tudo isto é muito facil de conseguir, pois as duas distinctas classes de medicos e pharmaceuticos do Brazil inteiro, são grandes amigos da infancia. Os amiguinhos que se distinguirem na propaganda em todos os estados, receberão tambem no fim do anno, uma medalha-diploma de merito, como lembrança do glorioso XAROPE DAS CREANÇAS.
ACRE
AMAZONAS
CEARA
ACRE
PERNAMBUCO
ESPIRITO SANTO
S. CATHARINA
PARA
S. PAULO
MINAS GERAES
E. DO RIO DE JANEIRO
RIO G. DO SUL
- IMPORTANTE -
Todas as cartas devem ser endereçadas á Sec. de Propaganda — L. Queiroz — Rua de São Bento 21 - S. Paulo, e devem trazer o endereço certo e o estado onde reside o amiguinho
— Á OBRA !!